

**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO E DOUTORADO**

Felipe Nopes

**A RETEXTUALIZAÇÃO EM SALA DE AULA COMO PRÁTICA
POTENCIALIZADORA DA ESCRITA**

Santa Cruz do Sul
2022

Felipe Nopes

**A RETEXTUALIZAÇÃO EM SALA DE AULA COMO PRÁTICA
POTENCIALIZADORA DA ESCRITA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Leitura: estudos linguísticos, literários e midiáticos, Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Gabriel

Coorientadora: Profa. Dra. Sabrine Amaral
Martins Townsend

Santa Cruz do Sul

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Nopes, Felipe

A retextualização em sala de aula como prática
potencializadora da escrita / Felipe Nopes. – 2022.

228 f. : il. ; 29 cm.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Santa Cruz
do Sul, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Rosângela Gabriel.

Coorientação: Profa. Dra. Sabrine Amaral Martins Townsend.

1. Retextualização. 2. Gêneros Textuais. 3. Escrita. 4. Ensino
Médio. I. Gabriel, Rosângela. II. Townsend, Sabrine Amaral
Martins. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UNISC
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Felipe Nopes

**A RETEXTUALIZAÇÃO EM SALA DE AULA COMO PRÁTICA
POTENCIALIZADORA DA ESCRITA**

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Leitura: estudos linguísticos, literários e midiáticos, Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Dra. Rosângela Gabriel

Professora orientadora - Unisc

Dra. Sabrina Amaral Martins Townsend

Professora coorientadora - Unisc

Dra. Ângela Cristina Trevisan Felippi

Professora examinadora - Unisc

Dra. Rosemari Lorenz Martins

Professora examinadora - Feevale

Santa Cruz do Sul

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder saúde e sabedoria para concluir mais essa etapa em minha vida.

Aos meus familiares, pelo apoio incondicional e pelas palavras de incentivo nos momentos em que mais precisei.

Às professoras Rosângela Gabriel e Sabrine Amaral Martins Townsend, pela orientação, paciência, dedicação, motivação e, principalmente, pelos desafios lançados e por acreditarem no meu potencial.

Aos professores do PPGL, pelos ensinamentos compartilhados durante todo o percurso do mestrado.

À secretária do PPGL, Luana Cristina Pranke, pela atenção e prestatividade sempre que necessitei de auxílio.

Aos colegas, pelo apoio mútuo e por partilharem suas conquistas e suas angústias, mesmo que a distância.

À diretora Cláudia Kappaun, por permitir a realização da pesquisa na escola.

À professora Áquelle Schneider, pelo acolhimento carinhoso, pela atenção dispensada e pela generosidade em ceder espaço nas suas aulas para que a pesquisa fosse colocada em prática.

À Capes, pela concessão da bolsa de estudo, o que possibilitou a concretização do sonho de cursar o mestrado.

À Unisc, pela estrutura disponibilizada à comunidade acadêmica.

Aos meus amigos, pela compreensão nos momentos em que estive ausente.

Por fim, a todos que, de uma forma ou de outra, torceram para que eu vencesse esse desafio.

Os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano. (MARCUSCHI, L. A., 2008)

RESUMO

As práticas de retextualização no ambiente escolar assumem papel importante no sentido de oferecer ferramentas para aprimorar e desenvolver a capacidade de expressão por meio da língua escrita. A transformação do texto de um gênero para outro requer compreensão, uso de estratégias de síntese, adequação de estruturas sintáticas e de vocabulário, entre outras habilidades. Por outro lado, transitar de um gênero para outro pressupõe o desenvolvimento de uma série de competências. Sendo assim, esta dissertação trata do modo como as atividades de retextualização podem instrumentalizar os alunos para o aprimoramento da escrita e contribuir para a construção do conhecimento. Nosso objetivo geral foi investigar de que forma o processo de retextualização, realizado em sala de aula, pode contribuir para potencializar a habilidade de escrita de estudantes do Ensino Médio. Para essa finalidade, utilizamos duas metodologias: bibliográfica e experimental. A pesquisa bibliográfica buscou reconstruir o estado da arte dos estudos sobre gêneros textuais no contexto brasileiro. Já a pesquisa experimental envolveu 25 alunos de uma turma do 1º ano do Ensino Médio de uma escola na zona urbana do município de Santa Cruz do Sul (RS). As atividades propostas abrangeram quatro gêneros textuais midiáticos: artigo de opinião, crônica, notícia e *post*, e possibilitaram a produção de dois textos, sendo o segundo uma retextualização. Assim, a pesquisa é de natureza qualitativa, com alguns dados quantitativos. A análise dos textos foi feita de forma individual e avaliou a habilidade dos participantes em produzir retextualizações, considerando a presença dos elementos de textualidade, as características correspondentes ao gênero de cada texto, o uso de linguagem adequada ao gênero, a presença da ideia principal do texto-base, a ortografia e a pontuação. Os resultados evidenciam que os estudantes apresentaram dificuldade de compreensão e de produção textuais, além de pouco domínio dos gêneros e da retextualização. Diante disso, é necessário que a prática da retextualização entre gêneros seja desenvolvida e intensificada em sala de aula, por meio de atividades que envolvam a diversidade dos gêneros textuais existentes, principalmente em turmas do Ensino Médio, visto que tais atividades podem instrumentalizar os alunos para potencializar a língua escrita não só para as tarefas escolares, mas para a vida.

Palavras-chave: Retextualização. Gêneros textuais. Escrita. Ensino Médio.

ABSTRACT

Retextualization practices in the school environment assume an important role in providing tools to improve and develop the ability to express themselves through written language. The transformation of text from one genre to another requires comprehension, use of synthesis strategies, adaptation of syntactic and vocabulary structures, among other skills. On the other hand, moving from one genre to another presupposes the development of a series of skills. Therefore, this dissertation deals with the way in which retextualization activities can equip students to improve writing and contribute to the construction of knowledge. Our general objective was to investigate how the retextualization process, carried out in the classroom, can contribute to enhance the writing ability of high school students. For this purpose, we used two methodologies: bibliographic and experimental. The bibliographic research sought to reconstruct the state of the art of studies on textual genres in the Brazilian context. The experimental research involved 25 students from a 1st year high school class at a school in the urban area of the municipality of Santa Cruz do Sul (RS). The proposed activities covered four media textual genres: opinion article, chronicle, news and post, and enabled the production of two texts, the second being a retextualization. Thus, the research is qualitative in nature, with some quantitative data. The analysis of the texts was carried out individually and evaluated the ability of the participants to produce retextualizations, considering the presence of textuality elements, the characteristics corresponding to the genre of each text, the use of language appropriate to the genre, the presence of the main idea of the base text, spelling and punctuation. The results show that the students had difficulty in understanding and producing texts, in addition to having little mastery of genres and retextualization. Therefore, it is necessary that the practice of retextualization between genres be developed and intensified in the classroom, through activities that involve the diversity of existing textual genres, especially in high school classes, since such activities can equip students to enhance written language not only for school tasks, but for life.

Keywords: Retextualization. Textual genres. Writing. High School.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadros

Quadro 1 –	Composição textual	19
Quadro 2 –	Capacidades da linguagem	44
Quadro 3 –	Gêneros textuais selecionados	54
Quadro 4 –	Aspectos envolvidos nos processos de retextualização	62
Quadro 5 –	Aspectos envolvidos no processo de retextualização <i>escrita-escrita</i>	63
Quadro 6 –	Gêneros textuais produzidos nas atividades 1 e 2	108

Figuras

Figura 1 –	Exemplo de coerência	23
Figura 2 –	Exemplo de incoerência	24
Figura 3 –	Exemplo de coesão	27
Figura 4 –	Exemplo de intencionalidade	30
Figura 5 –	Exemplo de aceitabilidade	31
Figura 6 –	Exemplo de situacionalidade	33
Figura 7 –	Exemplo de informatividade em texto formal	35
Figura 8 –	Exemplo de informatividade em texto informal	35
Figura 9 –	Exemplo de intertextualidade	37
Figura 10 –	Exemplo de gênero definido por sua função (1)	42
Figura 11 –	Exemplo de gênero definido por sua função (2)	43
Figura 12 –	Pintura em tela da Santa Ceia	61
Figura 13 –	Charge da Santa Ceia	61
Figura 14 –	Questão 1. Você gosta de ler?	78
Figura 15 –	Questão 2. Você gosta de escrever?	78
Figura 16 –	Questão 3. Quais dessas atividades você costuma fazer pelo menos uma vez por semana?	79
Figura 17 –	Questão 4. Assinale uma ou mais opções de materiais impressos que você tem acesso na sua casa.	79
Figura 18 –	Questão 5. Na sua casa, você possui acesso à internet?	80
Figura 19 –	Questão 6. Você possui celular, computador e/ou tablet?	81

Figura 20 –	Questão 7. Se você possui celular, computador e/ou tablet, o que costuma fazer quando o(s) utiliza?	81
Figura 21 –	Questão 8. De que forma você acessa a internet com mais frequência?	82
Figura 22 –	Questão 9. Sua família possui assinatura digital de algum periódico (jornal ou revista)?	82
Figura 23 –	Questão 10. Sua família possui assinatura de jornal ou revista impressos?	83
Figura 24 –	Questão 11. Você costuma ler jornais impressos?	84
Figura 25 –	Questão 12. Você costuma ler jornais de forma online no computador, no tablet ou no celular?	84
Figura 26 –	Questão 13. Se eu lhe der um jornal impresso agora, quais partes você leria?	85
Figura 27 –	Questão 14. Você costuma ler revistas impressas?	86
Figura 28 –	Questão 15. Você costuma ler revistas de forma online no computador, no tablet ou no celular?	86
Figura 29 –	Questão 16. Qual ou quais dos tipos abaixo de revistas você costuma ler?	87
Figura 30 –	Questão 17. Você costuma ler livros?	88
Figura 31 –	Questão 18. Quando você lê para estudar, o que você costuma fazer?	88
Figura 32 –	Questão 19. Quais dos tipos de texto abaixo você costuma ler para estudar?	89
Figura 33 –	Questão 20. Durante a aula, você costuma	89
Figura 34 –	Extrato do texto 1 (retextualização/Anexo D) de P1 (1)	92
Figura 35 –	Extrato do texto 1 (retextualização/Anexo D) de P1 (2)	93
Figura 36 –	Extrato do texto 2 (retextualização/Anexo D) de P2 (1)	94
Figura 37 –	Extrato do texto 2 (retextualização/Anexo D) de P2 (2)	94
Figura 38 –	Extrato do texto 2 (retextualização/Anexo D) de P2 (3)	95
Figura 39 –	Extrato do texto 3 (retextualização/Anexo D) de P3	95
Figura 40 –	Extrato do texto 4 (retextualização/Anexo D) de P4	96
Figura 41 –	Extrato do texto 5 (retextualização/Anexo D) de P5	97
Figura 42 –	Extrato do texto 6 (retextualização/Anexo D) de P6 (1)	98
Figura 43 –	Extrato do texto 6 (retextualização/Anexo D) de P6 (2)	99
Figura 44 –	Extrato do texto 7 (retextualização/Anexo D) de P7 (1)	100
Figura 45 –	Extrato do texto 7 (retextualização/Anexo D) de P7 (2)	101

Figura 46 – Extrato do texto 8 (retextualização/Anexo D) de P8	102
Figura 47 – Extrato do texto 9 (retextualização/Anexo D) de P9 (1)	103
Figura 48 – Extrato do texto 9 (retextualização/Anexo D) de P9 (2)	103
Figura 49 – Extrato do texto 10 (retextualização/Anexo D) de P10 (1)	104
Figura 50 – Extrato do texto 10 (retextualização/Anexo D) de P10 (2)	105
Figura 51 – Extrato do texto 11 (retextualização/Anexo D) de P11 (1)	106
Figura 52 – Extrato do texto 11 (retextualização/Anexo D) de P11 (2)	106
Figura 53 – Extrato do texto 11 (retextualização/Anexo D) de P11 (3)	107

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 Texto e textualidade	17
2.1.1 Características gerais do texto	17
2.1.2 Fatores textuais	20
2.1.2.1 Coerência: estabelecendo o sentido do texto	21
2.1.2.2 Coesão: harmonia entre os elementos textuais	24
2.1.2.3 Intencionalidade e aceitabilidade	28
2.1.2.4 Situacionalidade	32
2.1.2.5 Informatividade	34
2.1.2.6 Intertextualidade	36
2.2 Gêneros Textuais	38
2.2.1 Conceito e estilos	38
2.2.2 Tipos Textuais	46
2.2.3 Gêneros textuais e a prática da língua escrita na escola	48
2.3 Retextualização	56
2.3.1 O que é retextualização?	56
2.3.2 Processos de retextualização	62
2.3.3 A retextualização no contexto escolar	64
3 METODOLOGIA: PRÁTICAS DE RETEXTUALIZAÇÃO	67
3.1 Objetivos	68
3.1.1 Objetivo geral	68
3.1.2 Objetivos específicos	68
3.2 Questões de pesquisa	68
3.3 Características da pesquisa	69
3.4 Participantes da pesquisa	71
3.5 Desenvolvimento das atividades na escola	71

3.6 Instrumentos e procedimentos para análise dos dados	74
4 RESULTADOS	77
4.1 Apresentação e análise dos dados	77
4.2 Discussão dos resultados	109
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS	121
Apêndice A – Carta de Aceite da Instituição Parceira	126
Apêndice B – Termo de Assentimento de Menor ou Incapacitado	127
Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	130
Apêndice D – Termo de Consentimento para Responsabilizado	133
Apêndice E – Questionário sobre Práticas de Leitura e de Escrita	136
Apêndice F – Desenvolvimento das atividades com a turma	142
Apêndice G – Slides apresentados sobre Gêneros Textuais	146
Apêndice H – Slides apresentados sobre Retextualização	157
Apêndice I – Atividade 1 – Produção de texto	159
Apêndice J – Atividade 2 – Retextualização	160
Anexo A – Parecer Consubstanciado do CEP da Unisc	161
Anexo B – Textos selecionados e disponibilizados aos participantes	166
Anexo C – Textos produzidos pelos participantes (Atividade 1)	206
Anexo D – Textos retextualizados pelos participantes (Atividade 2)	219

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda um dos importantes temas da linguística textual e da prática de produção textual, a retextualização, demanda com a qual nos deparamos nas mais variadas situações. Trata-se de um fenômeno comum no nosso cotidiano, em suas múltiplas possibilidades, porém, nem sempre muito bem compreendido, principalmente quando trabalhado em sala de aula (NUNES, 2019). Essencialmente, o ato de retextualizar se caracteriza pela adaptação (ou passagem) de um determinado gênero textual para outro gênero textual, podendo ser realizada tanto por meio da linguagem escrita quanto da linguagem oral.

No caso do texto escrito, que é o foco deste estudo, a estrutura organizacional e o nível de formalidade serão definidos pelas condições de produção que envolvem tema, contexto, gênero textual e interlocutores, por exemplo. Deste modo, os aspectos de textualidade se tornam fundamentais para a realização da retextualização, assim como a habilidade de manuseio dos elementos que constituem os gêneros textuais em pauta. Nesse contexto, verifica-se a necessidade de refletir sobre a forma como os estudantes lidam com o texto para que a prática da escrita, de modo geral, faça parte do seu dia a dia.

Estudiosos como Silva (2018) e Bouzada, Faria e Silva (2013) apontam, em suas pesquisas, que as atividades de retextualização não só implicam diretamente no processo de leitura e produção de texto, como também possibilitam aos alunos a reflexão sobre o uso de diferentes gêneros textuais. Ao transformarem um texto de determinado gênero textual em outro, os estudantes precisam “lidar com sequências discursivas variadas, reformulação de ideias e adequação das características do texto-base para o texto em novo gênero, pautando-se nos critérios de textualização e abarcando todas as possibilidades da língua escrita para elaboração do novo texto” (SILVA, 2018, p. 62).

A retextualização também pode ser vista como uma atividade eficaz no aprimoramento da língua escrita, visto que, por meio dela, os alunos podem compreender textos de diferentes gêneros com mais eficácia, assim como as suas características e a sua estrutura composicional. Além disso, com a prática da retextualização em sala de aula, espera-se que os estudantes compreendam os fatores linguísticos, textuais e não textuais que compõem os textos.

A produção de um novo texto a partir de um texto-base torna-se relevante porque proporciona aos alunos o contato com a diversidade de gêneros, a interação textual e a estimulação da criatividade, contribuindo, também, para o desenvolvimento da cognição, dos aspectos gramaticais do texto e dos fatores linguísticos. Por exemplo, retextualizar uma matéria jornalística para uma crônica, ou transformar a resenha de um livro em uma publicação para as redes sociais vai exigir do aluno muito empenho e originalidade para excluir as características do gênero original e manter a ideia, ou ideias mais relevantes, no novo gênero.

A apropriação dos gêneros textuais é fator determinante para a inserção dos estudantes nos circuitos sociais, acadêmicos e profissionais, cabendo “à educação formal criar as condições e oportunidades para o desenvolvimento de atividades que permitam ao aluno perceber como os textos funcionam no mundo” (BOUZADA; FARIA; SILVA, 2013, p. 48). Mais do que isso, trabalhar com os gêneros textuais em sala de aula é de suma importância para que os estudantes desenvolvam habilidades com a língua escrita, principalmente na produção de textos de diferentes gêneros. Tanto que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), idealizada pelo Ministério da Educação (MEC), recomenda que, nas aulas de Língua Portuguesa, a partir dos anos finais do Ensino Fundamental, o contato dos estudantes com os gêneros textuais seja expandido, apropriando-se das práticas de linguagem já vivenciadas pelos alunos e aprofundando o tratamento dos gêneros que circulam nos campos jornalístico-midiático e de atuação na vida pública, o que inclui, inclusive, a prática de atividades de retextualização.

A habilidade com a língua escrita também é exigida dos adolescentes fora da escola, como nas redações de vestibulares e do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Nessas provas, os candidatos devem produzir um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da Língua Portuguesa sobre um dos temas propostos, além de terem que selecionar, organizar e relacionar, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defenderem um ponto de vista.

Além da BNCC, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998), também elaborados pelo MEC, sugerem um ensino pautado pelo conceito de gêneros, como forma mais adequada para favorecer o ensino de leitura e de produção de textos escritos e orais nas escolas de Educação Básica. O documento aponta que, nas aulas de Língua Portuguesa, a diversidade de textos e de gêneros deve ser

contemplada, visto que textos de diferentes gêneros são organizados de formas distintas.

Partindo do pressuposto de que um mesmo tema pode ser abordado de maneiras distintas, ou seja, o texto de um gênero textual pode ser retextualizado para outros gêneros textuais, o presente estudo identificou o seguinte problema de pesquisa: As atividades de retextualização instrumentalizam os alunos para o aprimoramento de habilidades da língua escrita, como, por exemplo, aspectos gramaticais do texto e fatores linguísticos, e contribuem para a construção do conhecimento? Neste sentido, o objetivo da pesquisa foi investigar de que forma o processo de retextualização, realizado em sala de aula, pode potencializar a habilidade de escrita de estudantes do Ensino Médio.

Considera-se, aqui, que muitos adolescentes estão habituados a escrever textos cujos gêneros são informais e, muitas vezes, não exigem a observação da norma-padrão da Língua Portuguesa, como, por exemplo, os textos publicados nas redes sociais e os bate-papos por aplicativos. Sendo assim, nesta dissertação desenvolvemos uma pesquisa de natureza qualitativa, com alguns dados quantitativos, por meio de atividades práticas de produção textual e de retextualização com uma turma do 1º ano do Ensino Médio de uma escola estadual, localizada em um município de porte médio do interior do estado do Rio Grande do Sul.

Nas seções seguintes, serão apresentados o referencial teórico que embasa o presente estudo, com abordagens sobre texto e textualidade, gêneros textuais e retextualização (capítulo 2); a metodologia aplicada na pesquisa para a realização das atividades na escola (capítulo 3); a análise dos dados produzidos, seguida da discussão dos resultados dos trabalhos elaborados pelos estudantes (capítulo 4); e as considerações finais (capítulo 5). Ao final do trabalho, encontram-se os apêndices e os anexos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Três seções compõem este capítulo, que são: *Texto e textualidade*, *Gêneros Textuais* e *Retextualização*. Na primeira, tratamos sobre os aspectos que envolvem a produção de um texto, suas características gerais e os fatores responsáveis pela construção da textualidade, entre eles a coerência e a coesão. Na segunda seção, o foco são os gêneros textuais e a sua diversidade de estilos, tão presentes no nosso cotidiano. Também são explicitados os tipos textuais que constituem os diferentes gêneros e a prática da língua escrita na escola associada aos gêneros textuais, destacando a sua importância como atividade a ser trabalhada em sala de aula, sugerida em documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Já na terceira e última seção, abordamos os conceitos de retextualização, os processos que abrangem a sua prática, especialmente de um texto escrito para outro, e a sua realização no contexto escolar.

2.1 Texto e textualidade

Esta seção está dividida em duas partes: *Características gerais do texto* e *Fatores textuais*. A primeira apresentará os conceitos de texto e textualidade atribuídos por diversos estudiosos, entre eles Val, Koch e Santaella, assim como alguns aspectos que compõem o texto. Já a segunda parte apontará e explicará os sete fatores envolvidos na construção da textualidade do discurso, a saber: coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade, com base nos fundamentos de autores como Koch e Travaglia, Martins e Pinto, Beaugrande e Dressler, Marcuschi, Val, entre outros.

2.1.1 Características gerais do texto

Pode-se definir como texto o conjunto de palavras escritas de forma coerente e coesa, com a finalidade de expressar as ideias de um autor, podendo ser considerado como “um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas” (BEAUGRANDE, 1997 apud MARCUSCHI, 2008, p.72).

Também pode ser definido como “qualquer produção linguística, falada ou escrita, de qualquer tamanho, que possa fazer sentido numa situação de comunicação humana, isto é, numa situação de interlocução” (VAL, 2004, p. 113). Ainda conforme essa autora, o texto consiste em uma unidade da linguagem em uso, a qual cumpre uma função que pode ser identificada numa determinada circunstância sociocomunicativa. Diversos fatores pragmáticos que auxiliam na construção de seu sentido possuem função determinante em sua produção e recepção, permitindo que o texto seja reconhecido como um emprego normal da língua (VAL, 2006).

Seguindo a perspectiva de interação, para Koch (2004), o texto é considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que as pessoas se comunicam por meio de textos e existem vários fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto. “O texto é muito mais que a simples soma das frases (e palavras) que o compõem: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; é sim, de ordem qualitativa” (KOCH, 2004, p. 11).

Para Santaella (2007), a definição de texto é mais do que uma sequência coesa e coerente de signos linguísticos com regras combinatórias. “A semiótica expandiu enormemente o sentido da palavra ‘texto’ para abranger, além da linguagem verbal, a pintura, peças ou fragmentos musicais, sinais de tráfego, cidades, vestimentas etc.” (SANTAELLA, 2007, p. 285).

Em poucas palavras e de forma bastante sucinta, pode-se dizer ainda que o texto é “a materialização máxima da língua” (ROCHA; SILVA, 2017, p. 27), ou, ainda, “a expressão de uma atividade social”, uma vez que, “além de seus sentidos linguísticos, reveste-se de uma relevância sociocomunicativa, pois está sempre inserido, como parte constitutiva, em outras atividades do ser humano” (ANTUNES, 2010, p. 31).

Por sua vez, Koch e Elias (2016) defendem a ideia de que o texto é um objeto complexo que abrange não somente operações linguísticas, mas também cognitivas, sociais e interacionais. “Isso quer dizer que na produção e compreensão de um texto não basta o conhecimento da língua, é preciso também considerar conhecimentos de mundo, da cultura em que vivemos, das formas de interagir em sociedade” (KOCH, ELIAS, 2016, p. 15).

Sobre o texto e sua composição, Marcuschi (2008), baseado em Beaugrande (1997), destaca alguns fatores importantes no quadro abaixo.

Quadro 1 – Composição textual

Aspectos do texto	Exemplificação
É visto como um sistema de conexões entre vários elementos.	Sons, palavras, enunciados, significações, participantes, contextos, ações etc.
É construído numa orientação de multissistemas.	Envolve tanto aspectos linguísticos como não-linguísticos no seu processamento (imagem, música) e se torna, em geral, multimodal.
É um evento interativo e não se dá como um artefato monológico e solitário, sendo sempre um processo e uma coprodução.	Coautorias em vários níveis.
É composto por elementos que são multifuncionais sob vários aspectos e deve ser processado com esta multifuncionalidade.	Um som, uma palavra, uma significação, uma instrução etc.

Fonte: Adaptado de Marcuschi (2008, p. 80).

Para que um texto seja considerado texto, há um conjunto de características conhecido como *textualidade* (VAL, 2006). O termo foi definido por Robert-Alain de Beaugrande e Wolfgang Dressler, na obra *Introduction to Text Linguistics* (1981). Anos depois, em 1997, o próprio Beaugrande verificou que um texto produzido com os elementos de textualidade que o constituem não possui em si mesmo seu sentido e suas particularidades, não podendo, desta forma, ser compreendido diante de circunstâncias para as quais ele não foi produzido. Então, Beaugrande reformulou o conceito de textualidade, que passou a ser tratado como um processo, denominado *textualização*. Mesmo assim, outros autores ainda usam o termo *textualidade* ao invés de *textualização*, como será visto no decorrer deste trabalho. Pelo fato de estar presente em grande parte da bibliografia pesquisada, o termo *textualidade* é preferido pelo presente estudo, ainda que estejamos cientes e de acordo com a

ressalva de Beaugrande e consideremos a textualidade o resultado do processo de textualização.

Assim como Val (2006), Koch e Travaglia (2011) seguem a mesma linha de pensamento de que a textualidade é o que torna uma sequência linguística um texto, e não uma sequência aleatória de palavras ou frases soltas. Desse modo, “a sequência é percebida como texto quando aquele que a recebe é capaz de percebê-la como uma unidade significativa global” (KOCH; TRAVAGLIA, 2011, p. 27-28). No entanto, é evidente que o conceito de texto passou (e continua passando) por transformações intensas desde que as tecnologias de informação e comunicação (TICs), mais precisamente a internet, entraram em uso. Nesse sentido, Santaella (2007, p. 286) argumenta que

A integração do texto, das imagens dos mais diversos tipos, fixas e em movimento, e do som, música e ruído, em uma nova linguagem híbrida, mestiça, complexa, que é chamada de ‘hipermídia’, trouxe mudanças para o modo como entendíamos não só o texto, mas também a imagem e o som. (SANTAELLA, 2007, p. 286)

Frequentemente, deparamo-nos com vários textos que são compostos, além da escrita, por mais de um material semiótico, como fotos, imagens, infográficos etc. Segundo Garcia (2015), é preciso considerar que os textos escritos também possuem natureza multimodal, levando-se em conta o tamanho da letra, as cores, as fontes etc. Além dos tipos de semioses mencionados, os gestos também podem ser citados como exemplo, no caso da linguagem oral.

Para que um texto seja considerado como uma unidade, no entanto, uma das características são os fatores de textualidade, cada qual com suas funções e peculiaridades específicas. Nesta dissertação, nossa atenção estará voltada prioritariamente ao texto verbal escrito, portanto, aos elementos de textualidade que dizem respeito a esse tipo de texto, como veremos a seguir.

2.1.2 Fatores textuais

Conforme Beaugrande e Dressler (1983 apud VAL, 2006, p. 5), Marcuschi (2008), Val (2006), entre outros, sete fatores são responsáveis pela construção da textualidade de um discurso: a *coerência* e a *coesão*, que estão relacionadas ao material conceitual e linguístico do texto, e a *intencionalidade*, a *aceitabilidade*, a

situacionalidade, a *informatividade* e a *intertextualidade*, que estão associadas aos fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo.

Em sua obra intitulada *Texto e coerência* (2011), Koch e Travaglia abordam mais oito fatores textuais – *conhecimento linguístico*, *conhecimento de mundo*, *conhecimento partilhado*, *inferências*, *fatores pragmáticos*, *focalização*, *consistência* e *relevância* –, além dos sete já mencionados. Porém, como em praticamente toda a literatura pesquisada os demais autores mencionam somente os sete fatores citados no parágrafo anterior, consideraremos e discutiremos esses mesmos sete elementos de textualidade no presente estudo, os quais serão detalhados nas próximas seções.

2.1.2.1 Coerência: estabelecendo o sentido do texto

A coerência está ligada à boa formação do texto em termos da interlocução comunicativa, sendo, portanto, estabelecida na interação, numa situação de comunicação entre dois sujeitos (KOCH; TRAVAGLIA, 2011) ou um grupo de sujeitos. De acordo com os autores, é a coerência que faz com que o texto tenha sentido para os usuários, uma vez que funciona como um princípio de interpretabilidade e compreensão do texto.

Assim, ela pode ser vista também como ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor do texto (que o interpreta para compreendê-lo) tem para calcular o seu sentido. A coerência seria a possibilidade de estabelecer, no texto, alguma forma de unidade ou relação. Essa unidade é sempre apresentada como uma unidade de sentido no texto, o que caracteriza a coerência como global, isto é, referente ao texto como um todo. (KOCH; TRAVAGLIA, 2011, p. 13-14)

Para que um texto seja considerado coerente, é fundamental que suas sentenças estejam interligadas umas às outras, imprimindo significado às ideias e aos conceitos apresentados pelo autor, sem que haja contradições. Martins e Pinto (2017) compartilham o mesmo pensamento ao afirmarem que a coerência está conectada à possibilidade de estabelecer o sentido de um texto, de modo que ele possa ser interpretável. “Um texto é coerente quando apresenta uma continuidade semântica e quando todos os enunciados produzidos pertencem à mesma unidade comunicativa” (MARTINS; PINTO, 2017, p. 221). Conforme os autores, a coerência depende das relações de sentido que se formam explicitamente entre as palavras.

Tais relações devem obedecer a três princípios: o da relevância, que elimina a representação de circunstâncias que não estejam relacionadas entre si; o da não contradição, que exclui a representação de situações que não são compreensíveis; e o da não redundância, segundo o qual um texto não pode ser nulamente informativo (MARTINS; PINTO, 2017).

Os estudos sobre coerência, conforme apontam Koch e Travaglia (2011), são quase unânimes ao estabelecerem que ela depende: a) de elementos linguísticos (seu conhecimento e uso), bem como do contexto linguístico (como e onde cada elemento se encaixa numa cadeia linguística); b) do conhecimento de mundo e do grau em que esse conhecimento é compartilhado pelo produtor e pelo receptor do texto, o que se reflete na estrutura informacional do discurso; c) de fatores pragmáticos e interacionais (como o contexto situacional, os interlocutores em si e a função comunicativa do texto).

A coerência está associada à(s) ideia(s) do texto, aos conceitos e às relações entre conceitos que esse texto apresenta, ou seja, de que tópicos o texto fala, o que diz sobre eles e como o autor organiza e articula esses tópicos. “Ouvir ou ler um texto e entendê-lo, considerá-lo coerente, significa conseguir processá-lo com os conhecimentos e a habilidade de interpretação que se tem e, então, avaliá-lo como compatível com esses conhecimentos” (VAL, 2004, p. 115).

A coerência também pode ser vista como a continuação de sentidos perceptível no texto, o que ocasionaria uma *conexão conceitual cognitiva* entre os elementos do texto, conforme explica Koch e Travaglia (2011, p. 14):

Essa conexão não é apenas de tipo lógico e depende de fatores socioculturais diversos, devendo ser vista não só como o resultado de processos cognitivos, operantes entre os usuários, mas também de fatores interpessoais como as formas de influência do falante na situação de fala, as intenções comunicativas dos interlocutores, enfim, tudo o que se possa ligar a uma dimensão pragmática da coerência. Os processos cognitivos caracterizam a coerência à medida que possibilitam criar um mundo textual em face do conhecimento de mundo registrado na memória, o que levaria à compreensão do texto.

Além disso, a coerência está relacionada ao sentido do texto e é fundamental na produção textual, pois estabelece conexão com a ordem das ideias e dos argumentos e também com a coesão. Portanto, um texto sem coerência torna-

se impossível de ser compreendido pelo leitor/ouvinte e, conseqüentemente, incapaz de comunicar algo.

Com relação à coesão, que será detalhada na próxima seção, a sua definição nem sempre foi compreendida de forma clara, visto que o seu conceito se confundia, muitas vezes, com o de coerência, fazendo com que ambos fossem usados indiferentemente (KOCH; ELIAS, 2006). Porém, ao longo do tempo, as noções de coesão e de coerência sofreram alterações significativas à medida que a concepção de texto também se modificava. Sendo assim, pode-se assegurar que

a coesão não é condição necessária nem suficiente da coerência: as marcas de coesão encontram-se no texto ('tecem o tecido do texto'), enquanto a coerência não se encontra no texto, mas constrói-se a partir dele, em dada situação comunicativa, com base em uma série de fatores de ordem semântica, cognitiva, pragmática e interacional. (KOCH; ELIAS, 2006, p. 186, grifos das autoras)

Para exemplificar o que afirmam as autoras, vamos analisar a tirinha abaixo.

Figura 1 – Exemplo de coerência



Fonte: Veja São Paulo (www.vejasp.abril.com.br), 29 out. 2013.

No breve diálogo estabelecido entre Magali, Cebolinha e o vendedor de pipocas, há coerência, porém, ela é construída a partir do texto, por meio da situação comunicativa, conforme pontuam Koch e Elias (2006). Para que ocorra a produção de sentido do texto, é necessário que o leitor resgate certos conhecimentos armazenados na memória, como: a Magali é uma personagem das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, criada por Maurício de Sousa, é gulosa, comilona e tem uma fome insaciável. Com base nesse contexto, a resposta que ela dá ao vendedor, dizendo que quer “o que sobrar”, ou seja, o restante das

pipocas, se justifica e o leitor estabelece sentido para a tirinha que acaba de ler. Vejamos, agora, um exemplo de incoerência:

Figura 2 – Exemplo de incoerência



Fonte: *Blog Biblioamigos* (<http://biblioamigos2010.blogspot.com>), 19 jul. 2010.

Na referida placa, possivelmente de algum estabelecimento comercial, a incoerência está explícita e, de imediato, chama a atenção de quem lê o aviso sobre os dias de atendimento. Ao lermos a frase “Aberto todos os dias”, fica claro que o local funciona de segunda-feira a domingo, ou seja, todos os dias da semana. Contudo, a surpresa vem na segunda frase, logo abaixo da primeira, que diz “Descanso semanal terça-feira”. Se for assim, então o estabelecimento não funciona às terças-feiras, o que torna o aviso totalmente incoerente, uma vez que já ficou entendido, na primeira frase, que o tal local abre todos os dias. A não ser que os proprietários do estabelecimento e responsáveis pela placa não considerem a terça-feira como um dia da semana ou descansem trabalhando, o que é pouco provável.

2.1.2.2 Coesão: harmonia entre os elementos textuais

A coesão conecta palavras, frases e parágrafos e, juntamente com a coerência, tem como função agir para dar sentido ao texto (ROCHA; SILVA, 2017). Do mesmo modo que a coerência, a coesão também é um fator importante a ser considerado na leitura e na escrita de um texto. Ela se manifesta por meio de marcadores textuais, isto é, índices formais na estrutura da sequência linguística e

superficial do texto, possuindo, assim, caráter linear. Nesse sentido, ela é sintática, gramatical e semântica,

pois, como afirma Halliday e Hasan (1976), a coesão é a relação semântica entre um elemento do texto e um outro elemento que é crucial para sua interpretação. A coesão é, então, a ligação entre os elementos superficiais do texto, o modo como eles se relacionam, o modo como frases ou partes delas se combinam para assegurar um desenvolvimento proposicional. (KOCH; TRAVAGLIA, 2011, p. 15)

Beaugrande e Dressler (1981 apud KOCH; TRAVAGLIA, 2011, p. 17) afirmam que a coesão corresponde ao modo como os elementos que constituem a superfície textual se encontram relacionados entre si, numa sequência, por meio de marcas linguísticas. Em outras palavras, trata-se, na maioria das vezes, da ligação entre os elementos superficiais do texto. Já na visão de Silva (2018, p. 58), a coesão consiste na “representação lexical de conceitos e relações no texto, os quais são apresentados na superfície textual para dar unidade de sentido ao texto”.

A coesão é importante para garantir a harmonia do texto e possibilitar que a mensagem seja transmitida com clareza, fazendo sentido para o leitor, seja por meio da retomada pronominal, do uso de advérbios, de conjunções, de preposições ou de outros elementos e expressões que vão além do uso de classes gramaticais variadas, tais como a retomada lexical, cuja finalidade é estabelecer a interligação entre os segmentos do texto, tornando-o uma unidade.

Segundo Koch (2004) e Marcuschi (2008), existem dois tipos de coesão: a referencial (realizada por aspectos mais semânticos) e a sequencial (realizada mais por elementos conectivos). A coesão referencial abrange as seguintes formas:

- **Formas remissivas referenciais:** referem-se a “todos os elementos linguísticos que estabelecem referências a partir de suas possibilidades referidoras” (MARCUSCHI, 2008, p. 109), como os sinônimos, os nomes genéricos, os grupos nominais definidos, as elipses, entre outros;

- **Formas remissivas não-referenciais:** são as formas que não possuem autonomia referencial, entre elas os artigos e os pronomes. “Eles podem de maneira mais clara co-referir, isto é, estabelecer uma relação de identidade referencial com o elemento remetido. Ou então referir algo por analogia, associação etc.” (MARCUSCHI, 2008, p. 109).

Já a coesão sequencial pode ser dividida em:

- **Sequenciação parafrástica:** refere-se à repetição lexical, paralelismos, paráfrases e recorrência de tempo verbal;

- **Sequenciação frástica:** envolve a progressão temática, o encadeamento por justaposição (como os marcadores espaciais e os marcadores conversacionais) e o encadeamento por conexões (como as relações lógico-semânticas e as relações argumentativas) (MARCUSCHI, 2008).

Há, ainda, cinco mecanismos de coesão bastante usados nos mais variados tipos de texto. São eles:

1. Coesão por referência: ocorre pela menção de elementos que já apareceram no texto (anáforas) ou que ainda vão aparecer (catáforas), utilizando pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos ou expressões adverbiais de lugar.

2. Coesão por substituição: usa palavras, expressões e conectivos para substituir verbos, substantivos, períodos ou trechos que já foram mencionados no texto, evitando repetições e deixando a escrita menos maçante e mais dinâmica.

3. Coesão por elipse: ocorre quando algumas palavras, como nomes, pronomes, verbos e frases inteiras, são omitidas da oração sem que a clareza das ideias seja comprometida, isto é, elimina elementos que são facilmente identificados ou que já tenham sido mencionados no texto. Essa omissão geralmente acontece com a substituição por uma vírgula.

4. Coesão por conjunção: acontece quando o emprego de uma conjunção estabelece relação de sentido entre os termos no texto.

5. Coesão lexical: ocorre quando uma palavra é substituída por outra dentro do texto, por meio de sinônimos, hiperônimos, hipônimos, entre outros, os quais constituem sentido e fazem remissão às mesmas ideias através de diferentes termos.

A seguir, vejamos um exemplo de texto que contém alguns elementos de coesão. Trata-se de um parágrafo da matéria intitulada *Como emagrecer mudando apenas os hábitos à mesa*, publicada no site da revista Seleções.

Figura 3 – Exemplo de coesão

Passe a usar pauzinhos

Eis outra maneira de garantir que se coma mais devagar. Comece comprando um par de hashis bem bonito cujo uso frequente lhe dê alegria. Depois, faça com eles até as refeições não asiáticas. Isso desacelera a refeição porque, com os pauzinhos, pegamos porções bem menores do que com o garfo. Eles também exigem mais destreza e concentração. Se achar os pauzinhos frustrantes demais, tente segurar o garfo ou a colher com a mão não dominante.

Fonte: Revista Seleções (www.selecoes.com.br/saude-bem-estar), 20 out. 2021.

Entre os elementos de coesão encontrados no texto acima, temos, na primeira frase, o “que”, atuando como conector para ligar as duas orações. Na segunda frase, há o termo “cujo” se referindo ao substantivo “hashis”, ou seja, está exercendo a função de coesão por substituição. Na mesma frase, temos ainda o pronome pessoal oblíquo “lhe”, que se dirige ao leitor do texto e funciona como coesão por referência. A terceira frase inicia com o advérbio de tempo “depois”, o qual dá continuidade à ideia proposta na sentença anterior e atua como conector das duas frases. Na sequência, o pronome pessoal “eles” se refere novamente ao termo “hashis” e exerce a função de coesão por referência (anáfora).

No início da quarta frase, o pronome demonstrativo “isso” faz a conexão com a ideia da sentença anterior e, novamente, há a presença da coesão por referência por meio de anáfora. Na mesma frase, a conjunção explicativa “porque” funciona como coesão por conjunção e liga as orações, explicando o motivo pelo qual comer usando os hashis desacelera a refeição. Logo em seguida, a palavra “pauzinhos” é usada para que não haja repetição do termo “hashis”, culminando numa coesão por substituição.

O pronome pessoal “eles”, no começo da quinta frase, é mais um caso de coesão por referência, pois faz menção aos “hashis”. Na sequência, a conjunção aditiva “e” conecta as palavras “destreza” e “concentração”, estabelecendo relação de adição por meio da coesão por conjunção. Esse mesmo mecanismo de coesão também está presente na sexta frase, representado pela conjunção alternativa “ou”, que indica a possibilidade de substituição dos pauzinhos pelo garfo ou pela colher, porém, segurando-os com a mão não dominante.

A seguir, abordaremos outros dois fatores que compõem a textualidade, a intencionalidade e a aceitabilidade, analisando a forma como ambos se manifestam nos textos.

2.1.2.3 Intencionalidade e aceitabilidade

As noções de intencionalidade e aceitabilidade têm como função dar conta dos objetivos dos emissores e das atitudes dos receptores. Nessa perspectiva, o autor, ao produzir um texto, estabelece se pretende informar, impressionar, convencer etc. o seu leitor/ouvinte, ou seja, especifica qual a sua intenção ao abordar determinado assunto. Ao ler um texto, o leitor avalia se aquele conteúdo é coerente, coeso, relevante e se contribui para a construção do conhecimento, a fim de estabelecer uma ponte entre o autor e o leitor final, tornando a aceitabilidade um fator a se considerar na estrutura de um texto.

Nesse contexto, entra em jogo a Teoria da Relevância, elaborada por Dan Sperber e Deirdre Wilson na década de 80. Trata-se de um modelo de comunicação e de cognição humana cujo objetivo é “explicar como a informação é mentalmente representada e inferencialmente processada em situações comunicativas intencionais da vida real” (NAZÁRIO, 2011, p. 60). A autora ressalta que essa abordagem se baseia em dois princípios básicos: o *lógico* e o *cognitivo*. O primeiro está fundamentado nos moldes da lógica formal para a construção das hipóteses interpretativas, ou seja, a partir de formas lógicas (enunciados), elabora premissas e conclusões semelhantes ao modelo formal. Já o segundo princípio está apoiado nos preceitos da psicologia cognitiva, que considera o processo do raciocínio humano como algo dinâmico e ligado a fatores como atenção, memória e representação conceitual, o que é essencial para o processamento de inferências.

De acordo com Beaugrande e Dressler (1981 apud KOCH, 1997, p. 18), a intencionalidade refere-se à intenção dos autores de fazer com que o conjunto de elementos verbais componha um texto que seja coeso e coerente, capaz de realizar as suas intenções, isto é, os seus objetivos definidos quando o texto foi planejado. De modo mais específico, a intencionalidade envolve todas as formas como os sujeitos usam textos para perseguir e atingir suas metas. Já a aceitabilidade está associada à atitude cooperativa dos interlocutores no momento em que concordam

com o que foi proposto pelos autores dos textos e encaram a contribuição do parceiro como coerente e adequada para que os objetivos apontados sejam realizados.

Segundo Paul Grice (1987 apud FINGER, 1996, p. 20-21), durante um diálogo, as contribuições feitas pelos participantes no discurso seguem uma ordem lógica, sendo que ambos assumem, de forma consciente ou inconscientemente, um conjunto de regras aceitas para conduzir a conversa, denominado de Princípio Cooperativo, desdobrado nas quatro máximas da conversação: qualidade, quantidade, relação e modo. São elas “que especificam as convenções que os interlocutores deveriam obedecer, e geralmente obedecem, numa situação de conversação” (FINGER, 1996, p. 21). Enquanto as categorias de qualidade, quantidade e relação dizem respeito ao que é dito, a de modo se refere a como o que é dito deve ser dito.

Do ponto de vista de Marcuschi (2008), a intencionalidade está vinculada aos objetivos pretendidos pelo autor do texto, ou seja, “construir uma comunicação eficiente, capaz de proporcionar um discurso tanto coerente quanto coeso e, assim, satisfazer os objetivos de ambos os interlocutores” (ROCHA; SILVA, 2017, p. 40). Porém, muitas vezes torna-se difícil identificar a intencionalidade, tendo em vista que o leitor não sabe ao certo o que observar no texto.

Também não se sabe se ela se deve ao autor ou ao leitor, pois ambos têm intenções. Mas o problema fica ainda maior quando queremos analisar a intencionalidade como um critério da textualidade. Seria mais conveniente vê-la integrada no plano global do texto e nos processos produtores de coerência. (MARCUSCHI, 2008, p. 127)

Por sua vez, a aceitabilidade está conectada à intencionalidade e diz respeito à atitude do receptor do texto. Ela “analisa o nível de coerência e coesão que o texto utiliza, sendo capaz de levar o receptor a aceitar o texto produzido e, conseqüentemente, ampliar os seus conhecimentos” (ROCHA; SILVA, 2017, p. 42).

Para exemplificar o que foi dito sobre intencionalidade, trouxemos um texto do gênero piada:

Figura 4 – Exemplo de intencionalidade

13

ROMEU E JULIETA

Na bilheteria do cinema, a atendente pergunta a um casal que está na fila:

- Ingressos para Romeu e Julieta?

O homem, então, responde:

- Não! Para mim e para minha esposa mesmo.

Fonte: Piadas para Todos (www.portaledicase.com).

No diálogo presente na piada, quando a atendente pergunta ao casal se querem ingressos para “Romeu e Julieta”, a intencionalidade está implícita no questionamento feito, pois a sua intenção é saber se os dois desejam comprar ingressos para o filme “Romeu e Julieta”. Tal pergunta foi mal interpretada pelo homem, que respondeu “Não! Para mim e para minha esposa mesmo”, inferindo que a atendente havia perguntado se os ingressos eram para um homem chamado Romeu e para uma mulher chamada Julieta.

Neste caso, a comunicação não foi clara e eficiente, fazendo com que o receptor (o homem) não compreendesse o enunciado (a pergunta da atendente). Vale destacar também que o texto é coerente e coeso e que a intenção do autor com o gênero piada foi divertir o leitor por meio de um texto com humor.

Vejamos, agora, um exemplo de aceitabilidade:

Figura 5 – Exemplo de aceitabilidade



Fonte: Reprodução Twitter (www.twitter.com/joicehasselmann), 16 jan. 2022.

Trata-se de uma *fake news* (notícia falsa) que circulou em várias redes sociais e foi compartilhada por dezenas de pessoas. O aspecto da publicação é semelhante ao da coluna do médico e escritor Drauzio Varella no jornal Folha de S. Paulo, e o suposto texto, que ensina como socorrer uma criança em caso de mal súbito, teria sido escrito por ele e publicado no dia 12 de janeiro de 2022. Além disso, a falsa notícia induzia os leitores a acreditarem que as vacinas contra a Covid-19 para crianças são prejudiciais à saúde delas, visto que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) já havia informado que as vacinas são seguras.

Sabemos que *fake news* como essa se espalham rapidamente na internet, principalmente nas redes sociais, e podem facilmente levar os leitores a aceitarem-nas como verdadeiras, concordando com o que propuseram os supostos autores dos textos. Mas caso os leitores julguem certas notícias como incoerentes e com conteúdo duvidoso, podem não aceitar o texto produzido, ou seja, não haverá, neste caso, a aceitabilidade. Por isso, é crucial que os leitores, diante das notícias recebidas por meio das redes sociais ou por e-mail, por exemplo, chequem dados como títulos sensacionalistas ou tendenciosos, grande quantidade de palavras com

erros de ortografia, data da publicação, veracidade das fontes, entre outros, antes de aceitar tais matérias e compartilhá-las.

2.1.2.4 Situacionalidade

A situacionalidade é a adaptação da manifestação linguística a uma situação comunicativa do texto. Está relacionada ao contexto e sempre se refere ao fato de interligar o evento textual à situação comunicativa (ROCHA; SILVA, 2017). Em outras palavras, “a situacionalidade refere-se ao conjunto de fatores que tornam um texto relevante para dada situação de comunicação corrente ou passível de ser reconstituída” (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981 apud KOCH; TRAVAGLIA, 2011, p. 76).

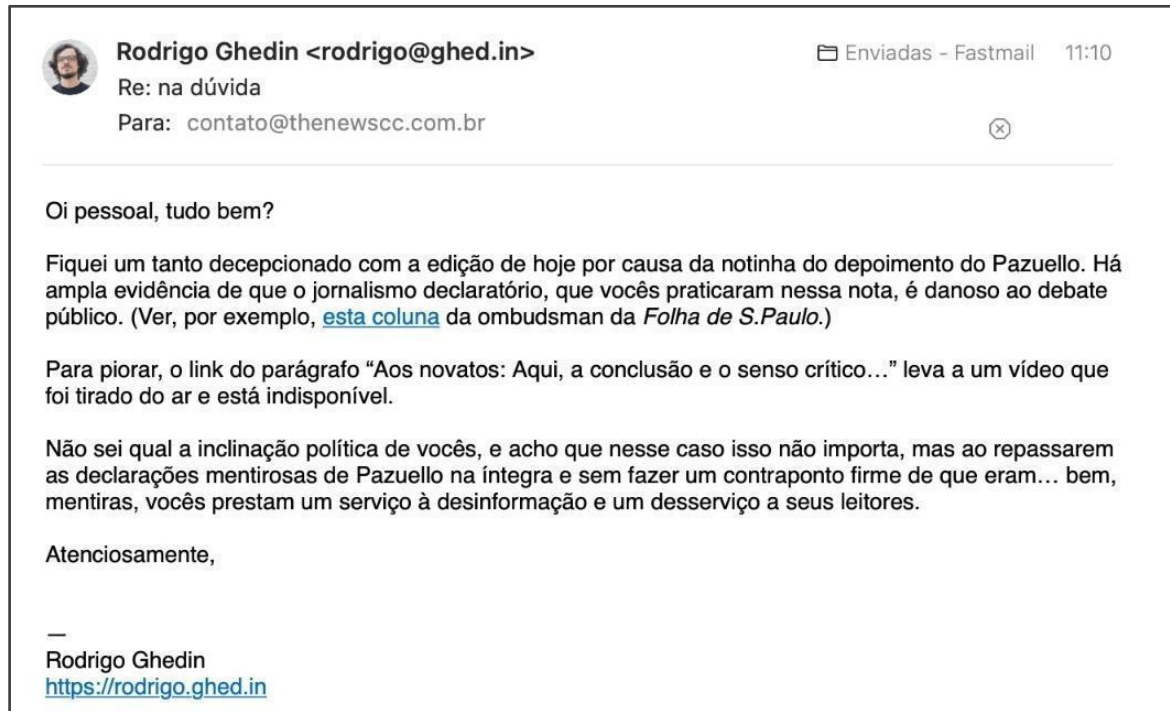
Nessa perspectiva, Val (2006, p. 12) enfatiza que a situacionalidade está relacionada “aos elementos responsáveis pela pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre. É a adequação do texto à situação sociocomunicativa”. Para a autora, o contexto pode definir o sentido do texto, assim como orientar a sua produção e a sua recepção.

Ao elaborar um texto, é preciso que o autor verifique o que é adequado àquela situação específica, como o grau de formalidade e o tratamento a ser dado ao tema, por exemplo. Todos os dados situacionais vão influir na produção do texto e na sua compreensão, entre eles o lugar e o momento da comunicação, os papéis que os interlocutores desempenham e seus pontos de vista, o objetivo da comunicação etc.

Para que a compreensão textual ocorra, Kintsch (1998 apud GIRALDELLO, 2017, p. 25) aponta que são ativadas, na memória de longo prazo, as informações relacionadas à situação narrada no texto. Segundo o autor, essas informações consistem em representações cognitivas que o leitor tem de eventos, pessoas, ações, contextos e de situações em geral, que são usadas “para se fazer inferências e preencher lacunas de sentido no texto” (GIRALDELLO, 2017, p. 25). Desse modo, os pontos essenciais do texto são integrados ao conhecimento prévio do leitor, construindo-se mentalmente um modelo da situação (ou modelo situacional).

Como exemplo de situacionalidade, podemos citar o e-mail, cuja linguagem (formal ou informal) adaptamos de acordo com o destinatário e o contexto da mensagem. Vejamos o exemplo abaixo:

Figura 6 – Exemplo de situacionalidade



Fonte: Reprodução Twitter (<https://twitter.com/ghedin>), 20 maio 2021.

Como podemos perceber, trata-se do e-mail de um leitor descontente enviado a um veículo de comunicação on-line. Para evidenciar a sua decepção com o conteúdo ao qual teve acesso, o leitor utilizou a linguagem informal para redigir a mensagem, possivelmente com o objetivo de estabelecer proximidade com o grupo de pessoas até então desconhecidas e também para deixar o texto um pouco mais leve. Neste caso, houve uma adequação textual à situação sociocomunicativa em questão. O remetente iniciou o texto com uma saudação (“Olá pessoal, tudo bem?”), expôs seus argumentos e pontos de vista sobre os fatos que o decepcionaram e terminou a mensagem com uma despedida (“Atenciosamente”), seguida da sua assinatura.

Além disso, vale destacar que a estrutura do e-mail é padronizada e, geralmente, todos os provedores contêm as mesmas informações no cabeçalho da mensagem, como: nome/e-mail de quem a enviou, nome/e-mail do(s) destinatário(s),

assunto, dia da semana, data e hora do envio, isto é, requisitos situacionalmente definidos e que facilitam a sua identificação como e-mail.

2.1.2.5 Informatividade

Na concepção de Silva (2018, p. 59), a informatividade consiste nas “informações que o texto traz em seu contexto, à qualidade de tais informações e ao grau de novidade que o autor consegue exprimir ao longo de sua composição textual”. Já para Beaugrande e Dressler (1981 apud KOCH; TRAVAGLIA, 2011, p. 80-81), “a informatividade designa em que medida a informação contida no texto é esperada/não esperada, previsível/imprevisível. [...] Assim, o texto será tanto menos informativo, quanto maior a previsibilidade; e tanto mais informativo, quanto menor a previsibilidade”.

Rocha e Silva (2017) observam que a informatividade faz com que o texto seja coerente no desenvolvimento dos tópicos referentes ao conteúdo.

Temos, no entanto, que tomar bastante cuidado, pois o conhecimento sobre os temas a serem abordados precisam ser aprofundados. Também devemos observar que o excesso de informações pode desmotivar o leitor por não poder armazená-las na totalidade. É importante que o texto trate de informações que tragam novidades, mas que sejam compreensíveis. (ROCHA; SILVA, 2017, p. 41)

Portanto, é a informatividade “que vai determinar a seleção e o arranjo das alternativas de distribuição da informação no texto, de modo que o receptor possa calcular-lhe o sentido com maior ou menor facilidade” (KOCH; TRAVAGLIA, 2015, p. 88).

Um exemplo de informatividade bastante frequente em textos de diversos gêneros é o aposto, usado para esclarecer, exemplificar ou complementar uma expressão que o antecede, ou seja, é uma informação a mais referente àquilo que já foi enunciado. Para uma melhor compreensão, trouxemos exemplos de apostos explicativos presentes no trecho de um texto formal (jornalístico), publicado no site Gaúcha ZH, sobre a volta do Monumento ao Laçador ao seu tradicional sítio, na Avenida dos Estados, em Porto Alegre (RS), após ter sido restaurado.

Figura 7 – Exemplo de informatividade em texto formal

É necessária a liberação da Infraero, devido à proximidade com o Aeroporto Internacional Salgado Filho, para o monumento ser recolocado, em horário entre as 16h e às 17h. A viagem, que demorou cerca de 20 minutos, foi monitorada pela EPTC. O Laçador, por seu tamanho avantajado — 4,4 metros de altura e 3,8 toneladas —, teve de ser transportado em um caminhão-guincho, deitado.

Fonte: Gaúcha ZH (www.gauchazh.clicrbs.com.br), 11 jan. 2022.

Neste trecho da matéria há, pelo menos, três apostos explicativos que remetem à presença da informatividade no texto. O primeiro explica o porquê da necessidade de liberação da Infraero para que o Monumento ao Laçador fosse recolocado no seu tradicional ambiente (“devido à proximidade com o Aeroporto Internacional Salgado Filho”). O segundo complementa a informação sobre a viagem para o transporte da estátua, especificando o seu tempo de duração (“demorou cerca de 20 minutos”). Já o terceiro aposto refere-se ao Laçador e explica o motivo pelo qual o monumento teve que ser transportado em um caminhão-guincho (“por seu tamanho avantajado – 4,4 metros de altura e 3,8 toneladas”).

Agora, vejamos um exemplo de aposto explicativo num texto informal, publicado no perfil do então governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, na rede social *Twitter*:

Figura 8 – Exemplo de informatividade em texto informal



Fonte: *Twitter* Eduardo Leite ([@EduardoLeite_](https://twitter.com/EduardoLeite_)), 11 jan. 2022.

Na postagem feita pelo ex-governador, ele recorreu ao aposto explicativo (em destaque) para trazer duas informações a mais referentes a Thalís: a primeira é que se trata do seu namorado e a segunda, que esteve com ele até a manhã do dia anterior. Se o fator de informatividade não estivesse presente no texto por meio do aposto, um leitor desavisado ou que não costuma acompanhar as notícias que envolvem a vida de Leite não saberia a quem o governador estava se referindo (“Quem é Thalís?”, certamente se perguntaria). Essa situação impediria que o leitor compreendesse o enunciado e tornaria a postagem sem sentido para ele.

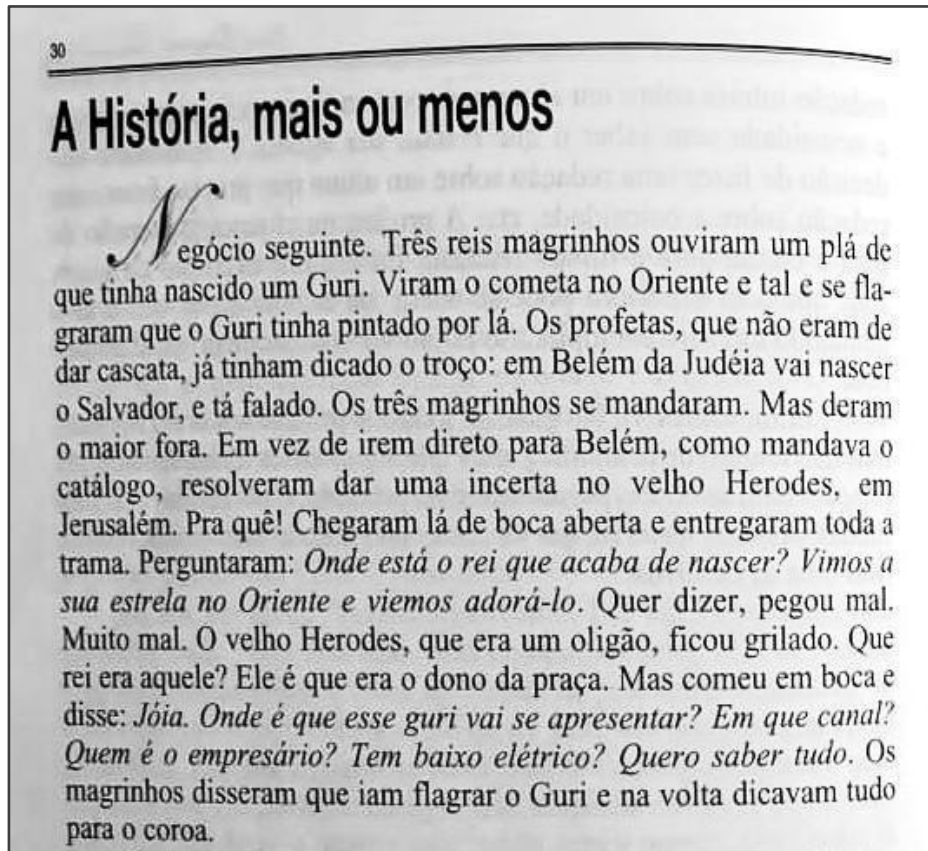
2.1.2.6 Intertextualidade

A intertextualidade está associada ao conhecimento de mundo do leitor e sua capacidade de relacionar o texto que está lendo no momento a outros textos que tenha lido (SILVA, 2018). Segundo Val (2004, p. 116), “cada texto retoma textos anteriores, reafirmando uns e contestando outros e, utilizando sua ‘matéria-prima’, se inclui nessa ‘cadeia verbal’, pedindo resposta e se propondo como ‘matéria-prima’ para outros textos futuros”.

A mesma ideia é partilhada por Rocha e Silva (2017) ao afirmarem que não existem textos que não possuam algum aspecto intertextual, uma vez que nenhum texto encontra-se isolado. “Todos os textos têm uma relação com outros textos já ditos, dos quais absorve algumas características para atribuir outra feição” (ROCHA; SILVA, 2017, p. 39). Já Marcuschi (2008, p. 130) ressalta que a intertextualidade nada mais é do que “uma propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinados mantém com outros textos”.

Como exemplo de intertextualidade, vejamos o primeiro parágrafo da crônica *A História, mais ou menos*, de Luis Fernando Verissimo.

Figura 9 – Exemplo de intertextualidade



Fonte: VERÍSSIMO, L. F. O Nariz & Outras Crônicas, Editora Ática, 2003, p. 30.

No trecho acima, é possível perceber diversas semelhanças entre a crônica de Verissimo e a história bíblica sobre o nascimento de Jesus Cristo, marcando a forte presença da intertextualidade. Expressões como *três reis magrinhos*, *cometa no Oriente* e *Guri* fazem referência aos três Reis Magos, à Estrela de Belém e ao Menino Jesus, respectivamente. O autor emprega uma linguagem informal e faz uso do humor e de gírias como *plá*, *dar cascata*, *dicado*, *tá falado* e *grilado*, a fim de transformar a história contada na Bíblia numa narrativa contemporânea. Desse modo, se o leitor não tiver conhecimento da história original, possivelmente terá dificuldade em compreender os fatos narrados pelo autor.

Até aqui, vimos que um texto é muito mais do que a soma de frases e de palavras, pois consiste em um evento comunicativo de manifestação da linguagem, seja ela oral ou escrita, e envolve sete fatores essenciais para a construção da textualidade. No entanto, os textos podem se apresentar em diferentes estilos e formatos, visto que a situação comunicativa na qual estão inseridos faz com que

adquiram características específicas para cada gênero, assunto que será abordado na seção seguinte.

2.2 Gêneros Textuais

Nesta seção, abordaremos, na primeira parte, os conceitos e os estilos dos gêneros textuais sob a ótica de diversos autores. Já a segunda parte tratará dos tipos textuais que compõem os gêneros, divididos em seis categorias (narração, argumentação, exposição, descrição, injunção e dissertação). Por fim, na terceira parte, discutiremos a importância do trabalho com gêneros textuais em sala de aula e a prática da língua escrita na escola.

2.2.1 Conceitos e estilos

Entende-se por gêneros textuais os textos materializados em situações comunicativas frequentes (MARCUSCHI, 2008). Na concepção de Dell’Isola (2007, p. 17), os gêneros textuais são “formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais típicas e em domínios discursivos específicos”. Muito mais do que as diversas formas de expressão (orais ou escritas) com as quais nos deparamos diariamente e que possuem função exclusivamente comunicativa, os gêneros textuais

apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na interação de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. [...] são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

Inúmeros são os gêneros textuais existentes e presentes no nosso cotidiano, praticados, muitas vezes, sem que percebamos. Alguns exemplos de gêneros relacionados à escrita são: e-mail, conversas por aplicativos, postagens em sites e redes sociais, bilhete, reportagem, notícia jornalística, horóscopo, charge, história em quadrinhos, receita culinária, bula de remédio, resenha, artigo científico, artigo de opinião, crônica, edital de concurso, piada, entre outros.

Todas as nossas produções orais e escritas se baseiam em formatos padrões estáveis de estruturação de um todo, os quais denominamos *gêneros*. “Longe de serem naturais ou resultado de ação de um indivíduo, essas práticas comunicativas são modeladas/remodeladas em processos interacionais dos quais participam os sujeitos de uma determinada cultura” (KOCH; ELIAS, 2010, p. 55). Além disso, também podemos dizer que os gêneros são modelos que correspondem “a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação em que ocorrem” (MARCUSCHI, 2008, p. 84). Esse aspecto se refere às inúmeras situações de comunicação com as quais nos deparamos frequentemente, tendo que adaptar a nossa linguagem conforme a exigência da ocasião. Por exemplo, se enviamos uma mensagem para um amigo via aplicativo de bate-papo, sentimo-nos à vontade em utilizar uma linguagem informal, podendo fazer uso de palavras abreviadas e até mesmo de gírias. Todavia, se precisamos elaborar um e-mail para o reitor da instituição, a linguagem usada terá que ser formal, seguindo a norma-padrão da língua portuguesa.

A lista de gêneros textuais é tão numerosa ao ponto de estudiosos, que objetivaram fazer o levantamento e a classificação desses gêneros, terem desistido da tarefa, “em parte porque os gêneros existem em grande quantidade, em parte porque os gêneros, como práticas sociocomunicativas, são dinâmicos e sofrem variações na sua constituição, que, em muitas ocasiões, resultam em outros gêneros, novos gêneros” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 101).

Desta forma, podemos dizer que os gêneros textuais são ilimitados, sendo igualmente infinitas as situações comunicativas que exigem a sua utilização (KÖCHE; BOFF; MARINELLO, 2010). O mesmo pensamento é seguido por Severo (2018, p. 23) ao assegurar que os gêneros surgem das necessidades comunicativas das esferas sociais e, por isso, “é impossível calcular seu número total, tampouco determinar quando um novo gênero vai surgir”. Diante de inúmeras possibilidades de gêneros textuais, o autor de um texto, ao definir o estilo da sua produção, deve ter muito claro o público que deseja atingir, de que forma, com que finalidade e em que contexto histórico.

Conforme Marcuschi (2008), da mesma forma como a língua sofre modificações no decorrer da história, os gêneros textuais também se transformam e se renovam, podendo até desaparecer quando caem em desuso ou ser substituídos

por novos gêneros, de acordo com as transformações da sociedade. Como exemplo, podemos citar os gêneros digitais e multimodais, que surgiram com a popularização da internet, como o e-mail, o bate-papo virtual, as postagens em sites, *blogs* e redes sociais, as videoconferências, as aulas e eventos on-line e muitos outros. A título de ilustração, podemos buscar na memória quando recebemos a última carta de um amigo ou parente, ou quando enviamos cartões pelo correio por ocasião do Natal ou de um aniversário. Se isso ocorreu, possivelmente deve ter sido há bastante tempo, pois esses hábitos não são mais comuns nos dias de hoje.

Alguns desses novos gêneros derivam de outros gêneros já existentes. É o caso do e-mail, que se originou a partir das cartas pessoal e comercial e do bilhete, assim como o *blog*, procedente do diário pessoal, das anotações e da agenda, e a videoconferência, oriunda da conferência/reunião de grupo realizada na forma presencial, entre outros exemplos. Para Sardinha (2011), o fator responsável pelo surgimento ou pelo desaparecimento de um gênero é a necessidade comunicativa ligada às práticas de interação social. “Sendo assim, os gêneros norteiam as interações sociais e, ao mesmo tempo, são por elas norteados” (SARDINHA, 2011, p. 2118). Deste modo, cada vez mais os gêneros atuam como uma ferramenta que está à disposição dos interlocutores e, por meio das escolhas linguísticas realizadas, os emissores buscam guiar e controlar seus discursos com a intenção de atingirem os seus objetivos.

Ao explorar os gêneros textuais que emergiram (e continuam emergindo) no contexto da tecnologia digital em ambientes virtuais, Marcuschi (2010b) observa que todos os gêneros ligados à internet são eventos textuais baseados na escrita, visto que, “na internet, a escrita continua essencial apesar da integração de imagens e de som” (MARCUSCHI, 2010b, p. 22). A afirmação de Marcuschi em 2010 talvez não se sustente na mesma medida em 2022, visto que gêneros como o *podcast* e vídeos no YouTube se tornaram mais populares na última década. Ainda assim, em concordância com o autor, não trataremos aqui o hipertexto como um gênero, pois entendemos que se trata de um “modo de produção textual que pode estender-se a todos os gêneros dando-lhes neste caso algumas propriedades específicas” (MARCUSCHI, 2010b, p. 31).

Essa integração da linguagem verbal (oral e/ou escrita) com a linguagem não verbal (em especial, a visual) deu origem a textos multimodais, os quais

oferecem ao leitor/ouvinte mais possibilidades de produção textual, seja por meio da escrita, de imagens, de gráficos, de infográficos, ou da criação de vídeos e de *podcasts*, por exemplo. Segundo Ribeiro, em virtude da multimodalidade, “talvez, nunca se tenha escrito tanto” (RIBEIRO, 2016, p. 26). A autora comenta que, se olharmos os materiais que estão em nossa volta, perceberemos com facilidade que “quase não há textos compostos por apenas uma modalidade” (RIBEIRO, 2016, p. 26).

A respeito da nova relação com os usos da linguagem, instaurada pelos gêneros digitais, Marcuschi (2005) aponta que tais gêneros possibilitam que certos aspectos centrais na observação da linguagem em uso sejam redefinidos, como a relação entre a oralidade e a escrita, por exemplo, rompendo cada vez mais as suas fronteiras.

Esses gêneros que emergiram no último século no contexto das mais diversas mídias criam formas comunicativas próprias com um certo *hibridismo* que desafia as relações entre oralidade e escrita e inviabiliza de forma definitiva a velha visão dicotômica ainda presente em muitos manuais de ensino de língua. Esses gêneros também permitem observar a maior integração entre os vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento. (MARCUSCHI, 2005, p. 21, grifo do autor)

Os gêneros também se caracterizam por serem “formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e de produção de sentidos”, o que faz com que o gênero não seja “estático nem puro” (MARCUSCHI, 2006, p. 25). Quanto mais conhecemos os gêneros textuais, mais livremente os aplicamos em diferentes contextos e descobrimos neles a nossa individualidade.

Conforme Koch e Elias (2006), os gêneros se distinguem por sua composição, pelo conteúdo temático e pelo estilo. A composição (ou construção composicional) refere-se à estrutura característica de cada gênero definida por sua função, isto é, um plano comunicacional que organiza os seus conteúdos; o conteúdo temático corresponde ao tema esperado no tipo de produção em evidência; e o estilo está relacionado ao tema e ao conteúdo da produção textual. Com relação a esses três fatores, Koch e Elias (2006, p. 113) afirmam que:

- a noção de gêneros textuais é respaldada em práticas sociais e em saberes socioculturais, porém os gêneros podem sofrer variações em sua unidade temática, forma composicional e estilo;

- todo e qualquer gênero textual possui estilo; em alguns deles, há condições mais favoráveis (gêneros literários), em outros, menos favoráveis (documentos oficiais, notas fiscais), para a manifestação do estilo individual;
- os gêneros não são instrumentos rígidos e estanques [...];
- os gêneros não se definem por sua forma, mas por sua função.

Com relação ao último tópico apontado pelas autoras na citação acima, vejamos os seguintes exemplos extraídos de um perfil na rede social *Facebook*:

Figura 10 – Exemplo de gênero definido por sua função (1)



Fonte: Reprodução *Facebook* (www.facebook.com/brunofelixoficial), 24 set. 2016.

Figura 11 – Exemplo de gênero definido por sua função (2)

01 veículo
zinha e 01
ocial, área
ro social,
ro social,
, banheiro
a, 2 vaga
a.
a, edícula
i, sala de
para 02
a ampla,
banheiro
elevisão,
área de

VINÍCIOS PEDROSO
ENGENHEIRO CIVIL
CREA MG: 211.300

FAÇA UM ORÇAMENTO S
EXCELENTES CONDIÇÃO!

RUA MARIANA AMARAL, 206 - LAGOINHA - (PRÓXIMO À PREFEITURA) SÃO SEB

REMOÇÃO DE TATUAGEM

É preciso arrancar essa flor-de-lis
Marcada a ferro quente
É preciso amanhecer um novo dia
Com uma nova cicatriz
Mesmo que custe um corte rente
Aos ossos
É preciso arrancar pela raiz
E suportar uma nova dor
Superar essa marca ardente
Talvez arrancando-a do couro
Essa marca também se apague
No coração de quem a desenhou.

• VAG referê zenda exige- Contat ou (19
• FAX com l Tratar
• PRO GEN como pecia para. cozin a nov 9-97 @ya

"Poemas Classificados"
BRUNO FELIX

Fonte: Reprodução Facebook (www.facebook.com/brunofelixoficial), 28 jul. 2018.

Ambos os exemplos das Figuras 10 e 11, publicados originalmente na página de Classificados de um jornal e reproduzidos no *Facebook*, parecem ser, numa primeira impressão, anúncios de venda de imóvel e de serviço de remoção de tatuagem, tendo em vista o espaço onde foram publicados e o formato dos textos, muito semelhantes aos anúncios divulgados nos Classificados de jornais. Somente após a leitura dos textos é que se percebe que, na verdade, ambos são poemas que se apropriaram da linguagem visual dos anúncios classificados.

Sendo assim, os dois exemplos aqui apresentados condizem com a ideia de Koch e Elias (2006) de que os gêneros textuais não se definem por seu formato, mas por sua função, uma vez que um poema publicado em forma de anúncio classificado continuará pertencendo ao gênero textual poema, sem perder as características específicas que o definem como tal. O mesmo aconteceria com a divulgação de um conto no formato de receita culinária, por exemplo, em que o gênero do texto permaneceria sendo o conto, mesmo que esse fosse apresentado numa estrutura visualmente diferente da que estamos acostumados, com o texto corrido contendo um ou mais parágrafos.

Se analisarmos textos que pertencem a um mesmo gênero, possivelmente conseguiremos evidenciar as características desse gênero e saber como ele se organiza, o que permitirá que nos apropriemos dele e o utilizemos em nosso meio social (DIAS; LOUSADA, 2018). Nesse sentido, Dias (2017, p. 35) destaca que os gêneros são entendidos

não apenas como um instrumento através do qual nos comunicamos, mas, sobretudo, como um instrumento psicológico que permite o desenvolvimento de capacidades de linguagem. Quando o aluno compreende a organização e o funcionamento de um texto, ele pode desenvolver as capacidades de linguagem necessárias para a sua produção; tais capacidades podem ser usadas para a produção desse texto de um gênero específico, mas também para a produção de textos de outros gêneros para os quais as mesmas capacidades desenvolvidas são igualmente necessárias.

Ao analisarmos o contexto de produção de um texto e buscarmos nos adequar a ele na criação de um determinado gênero textual, estamos envolvendo nesse processo as chamadas *capacidades da linguagem* (TOCAIA, 2010). De acordo com o referido autor, toda produção textual é influenciada por essas capacidades, que se dividem em três tipos, conforme mostra o quadro abaixo.

Quadro 2 - Capacidades da linguagem

Tipo	Exemplificação
Capacidade de ação	Representações sobre a situação e mobilização de conteúdos.
Capacidade discursiva	Atividades relacionadas com a organização geral do texto (tipos de discurso e de sequência).
Capacidade linguístico-discursiva	Atividades relacionadas com aspectos linguísticos: vozes, modalizações, coesão e conexão.

Fonte: Adaptado de Tocaia (2010, p. 35).

O autor afirma que, nessa organização, as representações sobre o contexto e a situação de produção do gênero textual se encontram na capacidade de ação.

Para ele, “trabalhar com gêneros requer, também, conhecer as formas assumidas por tais instrumentos no ‘corpo’ do texto, bem como escolher e selecionar elementos pertinentes ao seu ensino” (TOCAIA, 2010, p. 35).

A escolha do gênero textual, seja para expressão por meio da oralidade ou da escrita, carrega consigo uma série de consequências formais e funcionais, conforme explica Marcuschi (2008, p. 85):

Na realidade, se observamos como agimos nas nossas decisões na vida diária, dá-se o seguinte: primeiramente, tenho uma atividade a ser desenvolvida e para a qual cabe um discurso característico. Esse discurso inicia com a escolha de um gênero que por sua vez condiciona uma esquematização textual.

Neste esquema ao qual o autor se refere, o gênero é apresentado como um tipo gerador de atividades discursivas esquematizantes:

[...] que resultam em escolhas dentro de uma prática que nos levaria a pensar em esquematizações resultantes. Assim, muitas decisões de textualização (configuração textual com suas estruturas, ordenamento parágrafo etc.) devem-se à escolha do gênero. Deste modo, o gênero inscreve também formas textuais que se manifestam no artefato linguístico. (MARCUSCHI, 2008, p. 85-86)

Um exemplo dessa situação é a elaboração da bula de um medicamento, que exige uma determinada configuração e ações discursivas com informações precisas e detalhadas para serem transmitidas ao usuário. Também podemos citar como exemplo a produção de um artigo científico, cujo autor precisa seguir uma espécie de roteiro (título, identificação do(s) autor(es), resumo, palavras-chave, introdução, desenvolvimento, considerações finais, referências...), que dará origem a um conjunto de esquemas e de configurações coerentes.

No papel de falantes ou de ouvintes, de escritores ou de leitores, todos nós construímos, ao longo de nossa existência, uma *competência metagenérica*, que está relacionada ao conhecimento de gêneros textuais, à sua caracterização e à sua função. De acordo com Koch e Elias (2010), é essa competência que nos permite escolher de forma adequada o que produzir textualmente nas situações comunicativas das quais participamos.

Ainda, é essa competência que possibilita aos sujeitos de uma interação não só diferenciar os diversos gêneros, isto é, saber se estão diante de um

horóscopo, um bilhete, um diário [...] ou de uma anedota, um poema, um telegrama, uma aula, uma conversa telefônica etc., como também identificar as práticas sociais que os solicitam. (KOCH; ELIAS, 2010, p. 55)

Para as referidas autoras, ter contato com os textos da vida cotidiana, como notícias jornalísticas, artigos de opinião, crônicas, anúncios, receitas culinárias, receitas médicas, manuais etc., “exercita a nossa **capacidade metatextual**, que vai nos orientar quando da construção e inteligência de textos” (KOCH; ELIAS, 2010, p. 55, grifos das autoras). Em outras palavras, quanto mais nos apropriarmos de diferentes gêneros de textos, maior será a nossa capacidade de elaborar e de compreender produções textuais de gêneros distintos.

Na visão de Wittke e Marins (2020), os gêneros textuais também podem ser considerados os (mega)instrumentos que facilitam o trabalho com a língua em uso, enquanto interação verbal. As autoras entendem que

todo texto que circula socialmente se corporifica em um determinado gênero, e isso exige que sejam trabalhados aspectos enunciativos e discursivos, transcendendo o conhecimento de elementos gramaticais, textuais e linguísticos do texto.” (WITTKE; MARINS, 2020, p. 2)

Na seção seguinte, apresentaremos os tipos textuais que compõem os gêneros e que estão relacionados ao conteúdo e à construção teórica dos textos.

2.2.2 Tipos Textuais

Os gêneros são compostos por um conjunto de sequências subjacentes aos textos, definidas pela natureza linguística de sua composição, como aspectos lexicais e sintáticos, tempos verbais, relações lógicas e estilo (MARCUSCHI, 2008; PEREIRA, 2013). Essas sequências são conhecidas como *tipos textuais* e, em geral, abrangem sete categorias: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção, dissertação e diálogo.

a) Sequência narrativa: conta e apresenta acontecimentos verídicos ou fictícios. Predominam os verbos de ação, os advérbios temporais e os locativos. Exemplos: notícia, biografia, conto, romance, filme etc.

b) Sequência argumentativa: avalia e comenta sobre determinado tema, apresentando argumentos que defendem um ponto de vista. Nesta sequência,

predominam orações subordinadas, principalmente as adverbiais, bem como verbos no tempo presente e verbos introdutórios de opinião. Exemplos: artigo de opinião, ensaio, resenha crítica, carta do leitor etc.

c) Sequência expositiva: apresenta uma explicação ou compreensão acerca de fatos, processos. Predominam as orações subordinadas e os verbos conceituadores. Exemplos: enciclopédia, entrevista, palestra, seminário etc.

d) Sequência descritiva: caracteriza um objeto, um indivíduo, uma situação. Há predomínio de substantivos, adjetivos e verbos de ligação. Exemplos: anúncio de classificados, lista de compras, currículo, resenha etc.

e) Sequência injuntiva: fornece instruções para a realização de algo desejado, indicando ou ordenando um comportamento ou uma ação. Destacam-se os verbos no modo imperativo. Exemplos: manual de instruções, receita culinária, receita médica etc.

f) Sequência dissertativa: apresenta uma tese ou uma opinião sobre um assunto específico, valendo-se de argumentação coerente e consistente, fundamentada em dados, pesquisas, conceitos etc. Geralmente emprega-se o presente do indicativo na construção do texto. Exemplos: artigo de opinião, artigo científico, editorial de jornal ou de revista, monografia, dissertação, tese etc.

g) Sequência dialogal: é estruturada em turnos de fala e ocorre em meio a dois, ou mais, interlocutores. Materializa-se através dos diálogos e consiste em “uma unidade de composição textual, uma forma particular de encadeamento poligerida de enunciados na oralidade e uma representação de enunciados poligeridos na escrita” (ADAM, 2019, p. 212). Exemplos: conversa informal, debate e entrevista, na forma oral, e conto, romance e piada, na forma escrita.

É importante destacar que cada gênero textual vai exigir o emprego de algumas, ou de uma, dessas sequências para a sua constituição, o que se torna decisivo para a classificação da tipologia pertencente ao texto. Deste modo, por exemplo, possivelmente vamos encontrar numa crônica não somente sequências narrativas, responsáveis pelo enredo, mas também sequências descritivas, podendo ser de ambientes, de situações, de personagens etc., e expositivas, por meio das intromissões do narrador. Da mesma forma, uma receita culinária conterá tanto sequências descritivas (dos ingredientes) quanto injuntivas (instruções para o preparo da receita).

Em seu estudo intitulado *O domínio dos tipos textuais no Ensino Básico em Portugal: relato de uma experiência pedagógica*, desenvolvido na Universidade do Minho (UMinho), em Portugal, Ramos e Ramos (2018) descrevem e refletem sobre atividades e estratégias promotoras do conhecimento acerca da composição dos textos, especialmente sobre o que define e distingue diferentes tipos textuais, debruçando-se sobre a questão do domínio da tipologia e dos gêneros textuais desde os primeiros anos de escolaridade. A pesquisa foi realizada numa escola do concelho de Braga (Portugal), em duas turmas do Ensino Fundamental, sendo uma do 1º ano e outra do 6º ano.

Os autores selecionaram textos expositivos e compararam as suas características e o seu funcionamento face a textos narrativos e instrucionais (na primeira turma) e face a textos narrativos (na segunda turma). Após as intervenções, concluíram que os estudantes do 1º ano já tinham noção da existência de diferentes tipos de texto, com características e objetivos distintos, o que não foi possível verificar anteriormente, pois os alunos ainda não haviam adquirido os conceitos de frase e de texto. Já em relação aos estudantes do 6º ano, os autores observaram que houve melhorias no conhecimento dos alunos a respeito da estrutura dos dois tipos de textos abordados (expositivos e narrativos).

2.2.3 Gêneros textuais e a prática da língua escrita na escola

Responsável pela permanência da informação e significativa por perdurar no tempo, a escrita representa um marco na história da humanidade, visto que, antes da sua invenção, as informações eram passadas de pai para filho de forma oral (ROCHA; SILVA, 2017). Assim, a memória coletiva dos povos passou a se materializar por meio dos hieróglifos e dos papiros, e, na modernidade, através dos jornais, das revistas, dos livros e da internet.

Consequentemente, junto com a escrita surgiu uma infinidade de novos gêneros textuais, além dos gêneros orais já existentes. Por meio da escrita, se estabelece o processo de comunicação entre produtor e receptor de forma coerente e coesa, assim como já ocorria através da oralidade. “Na produção de um texto, as frases e as palavras não funcionam isoladamente, uma a uma, mas estabelecem uma conexão de sentido. O texto é um jogo de perguntas e respostas entre os termos” (ROCHA; SILVA, 2017, p. 30). Os autores salientam ainda que a produção

textual consiste numa interação entre sujeitos com objetivos sociocomunicativos, sendo a comunicação o principal deles.

Produzir um texto é lidar com várias situações relevantes, tais como: expectativa, crenças, as mais diversas visões de mundo, pré-conhecimentos, pressuposições, convicções, entre outras. E, ao considerar todas essas situações, o produtor usa o texto como instrumento mediador para atingir a sua principal meta, a de comunicar. (ROCHA; SILVA, 2017, p. 31)

Nesse contexto, é fundamental que a prática da produção textual, tanto oral quanto escrita, seja atividade permanente entre os conteúdos previstos nas aulas de Língua Portuguesa das escolas de Educação Básica, iniciando no Ensino Fundamental e percorrendo todos os anos do Ensino Médio. Para que isso aconteça de forma satisfatória, o professor considera alguns fatores que são imprescindíveis para a produção textual realizada pelos estudantes, como a leitura, que deve sempre ser prioridade, e a escrita, que direciona o caminhar das ideias no processo ensino-aprendizagem.

Além disso, o domínio das regras que norteiam a língua, por parte do autor, contribuirá ainda mais para que o texto produzido seja coerente e coeso, pois, do contrário, é provável que se torne incoerente diante do tipo de situação e de leitor/ouvinte ao qual é destinado (ROCHA; SILVA, 2017).

Produzir um texto na escola é, pois, realizar uma atividade de elaboração que se apura nas situações interlocutivas criadas em sala de aula; é um trabalho de reflexão individual e coletiva e não um ato mecânico, espontaneísta ou meramente reprodutivo. (AZEVEDO; TARDELLI, 2004, p. 45)

Garcia (2015) também frisa a importância de se trabalhar a noção de gêneros textuais na escola, o que auxilia na concepção de uma intensa relação entre as práticas de linguagem e o ensino de produção de textos. Quando desenvolvidas em sala de aula, as atividades que envolvem os diferentes gêneros exercem um importante papel no aprendizado dos estudantes, conforme aponta Silva (2018, p. 61):

No contexto escolar, a noção de gênero permite que o aluno entenda o funcionamento da língua e possibilita a prática de atividades culturais e sociais, ao passo que contribui também com seu desenvolvimento cognitivo quando se trata do texto escrito, permitindo que sejam feitos ajustes em

qualquer tipo de texto, pois, embora o gênero possua um padrão, não é impedido que o aluno faça ajustes conforme dita seu intelecto.

Marcuschi (2008, p. 213) reforça a relevância da execução de tarefas na escola que envolvam os gêneros textuais, pois eles “se tornam um ponto de referência concreto para os alunos, operando como ‘entidades intermediárias que permitem estabilizar os elementos formais e rituais das práticas’”. O autor diz ainda que os gêneros garantem um quadro de estratégias destinadas à análise e à produção textual, visto que “os gêneros são tidos, pois, como as unidades concretas nas quais deve dar-se o ensino” (MARCUSCHI, 2008, p. 213).

Durante o processo de produção textual, os estudantes precisam saber *para quem, quando, sobre o quê e com que objetivo* se escreve, pois são essas características que fazem com que o produtor defina o gênero textual mais apropriado à situação sociocomunicativa. Também é importante que os educandos sejam sensibilizados para os elementos de textualidade (coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade), que os auxiliarão na produção textual.

O texto a ser construído deve ter finalidades específicas, conforme cada interlocutor, situação ou meio em que irá circular. Há que se observar também o propósito comunicativo, ou seja, o que se quer transmitir, utilizando uma linguagem adequada, levando-se em conta o conhecimento de mundo do provável leitor, para que haja a interação texto/leitor. (GARCIA, 2015, p. 35).

Desde 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa, sugerem um ensino pautado pelo conceito de gêneros, como forma mais adequada para favorecer o ensino de leitura e de produção de textos escritos e orais nas escolas de Educação Básica. O documento, elaborado pela Secretaria de Educação Fundamental, vinculada ao Ministério da Educação (MEC), ressalta que, nas aulas de Língua Portuguesa a partir das séries finais do Ensino Fundamental,

é necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um

gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social. (BRASIL, 1998, p. 23-24)

Os PCN ainda destacam que “a frequência a diferentes textos de diferentes gêneros é essencial para que o aluno construa os diversos conceitos e procedimentos envolvidos na recepção e produção de cada um deles” (BRASIL, 1998, p. 66). Já a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento também elaborado pelo MEC e que define o conjunto das aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, recomenda, para as aulas de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental, que o contato dos estudantes com os gêneros textuais deve ser ampliado, partindo-se de práticas de linguagem já vivenciadas pelos alunos para a expansão dessas práticas, rumo a novas experiências. Para isso, deve-se aprofundar “o tratamento dos gêneros que circulam na esfera pública, nos campos jornalístico-midiático e de atuação na vida pública” (BRASIL, 2018, p. 136).

No primeiro campo são privilegiados os gêneros jornalísticos (informativos e opinativos) e os publicitários, com foco em estratégias linguístico-discursivas e semióticas voltadas para a argumentação e a persuasão. Já no segundo campo, de atuação na vida pública, são trabalhados os gêneros legais e normativos, com destaque para aqueles que regulam a convivência em sociedade, desde regimentos, estatutos e códigos, como o Estatuto da Criança e do Adolescente, o Código de Defesa do Consumidor etc., até os de ordem mais geral, como a Constituição e a Declaração dos Direitos Humanos, entre outros.

Ressalta-se, ainda, a proposição de objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que concorrem para a capacidade dos estudantes de relacionarem textos, percebendo os efeitos de sentidos decorrentes da intertextualidade temática e da polifonia resultante da inserção – explícita ou não – de diferentes vozes nos textos. A relação entre textos e vozes se expressa, também, nas práticas de compartilhamento que promovem a escuta e a produção de textos, de diferentes gêneros e em diferentes mídias, que se prestam à expressão das preferências e das apreciações do que foi lido/ouvido/assistido. (BRASIL, 2018, p. 138-139)

Com relação ao Ensino Médio, na subseção da disciplina de Língua Portuguesa, a BNCC fornece algumas orientações relacionadas aos gêneros textuais, como é possível observar no fragmento a seguir:

Ao chegar ao Ensino Médio, os estudantes já têm condições de participar de forma significativa de diversas práticas sociais que envolvem a linguagem, pois, além de dominarem certos gêneros textuais/discursivos que circulam nos diferentes campos de atuação social considerados no Ensino Fundamental, eles desenvolveram várias habilidades relativas aos usos das linguagens. Cabe ao Ensino Médio **aprofundar a análise sobre as linguagens e seus funcionamentos**, intensificando a perspectiva analítica e crítica da leitura, escuta e produção de textos verbais e multissemióticos, e alargar as referências estéticas, éticas e políticas que cercam a produção e recepção de discursos, ampliando as possibilidades de fruição, de construção e produção de conhecimentos, de compreensão crítica e intervenção na realidade e de participação social dos jovens, nos âmbitos da cidadania, do trabalho e dos estudos. (BRASIL, 2018, p. 498, grifos originais)

Conforme esse trecho da BNCC, fica implícito que, na esfera do Ensino Médio, os estudantes já estão familiarizados com vários gêneros textuais, os quais foram trabalhados durante o Ensino Fundamental. Observa-se, ainda, que as orientações da BNCC ressaltam a importância de se trabalhar a compreensão crítica e a participação social dos educandos por meio dos gêneros.

Promover atividades em sala de aula que envolvam os gêneros textuais, conforme propõem os PCN e a BNCC, também é fundamental para que os estudantes sejam sensibilizados a desenvolverem as suas habilidades na língua escrita, tornando-se capazes “de interpretar e produzir textos com facilidade, de acordo com o contexto social” (SILVA, 2018, p. 61).

Conforme Coscarelli (2007, p. 82), essa ideia “tem muito a contribuir para o desafio do professor de fazer com que seus alunos sejam leitores fluentes e escritores de bons textos”. Porém, a autora acredita que a noção de gênero textual tem sido tratada pelos docentes de forma muito simplista em sala de aula, uma vez que saber a que gênero pertence um texto ou destacar as características de vários gêneros textuais não é o mais importante. Para ela, mais do que saber para quem estão escrevendo, o que querem dizer e com que objetivo estão escrevendo, os estudantes precisam perceber a finalidade do texto, os recursos linguísticos usados e o efeito de sentido que visam provocar, assim como identificar quem está falando no texto, para quem, em que situação e com que objetivo.

É preciso que percebam a ironia ou o humor, quando o autor lança mão desses elementos, é preciso que a metáfora seja compreendida metaforicamente. É preciso estabelecer a relação entre o texto e os recursos não linguísticos usados no texto, entre muitas outras operações de construção de sentido que o leitor precisa fazer para compreender o texto. (COSCARELLI, 2007, p. 82)

Com relação à atuação do professor ao abordar os gêneros textuais em sala de aula, cabe a ele auxiliar o aluno “a construir sentido, a perceber o propósito do texto, a desvendar as escolhas linguísticas feitas pelo autor, a ter uma reação ao texto” (COSCARELLI, 2007, p. 84). Essa atitude do docente fará com que se concretize uma situação em que a comunicação acontece de fato. Também é compromisso do professor levar para a sala de aula diferentes textos e proporcionar momentos para que o aprendiz estude, compreenda e seja capaz de fazer uso de variados gêneros textuais, tendo em vista que “o objetivo das aulas de línguas consiste em desenvolver a capacidade comunicativa, quer dizer, realizar exercícios de práticas de linguagem, de interação entre os sujeitos” (WITTKE, 2018, p. 2).

Em se tratando do processo ensino-aprendizagem dos diversos tipos de gêneros textuais, Koch e Elias (2010, p. 74) reforçam que é dever da escola:

- possibilitar ao aluno o domínio, primeiramente, para melhor conhecê-lo ou apreciá-lo, de modo a ser capaz de compreendê-lo, produzi-lo na escola ou fora dela; para desenvolver capacidades que ultrapassam o gênero e são transferíveis para outros gêneros próximos ou distantes. Para realizar tais objetivos, torna-se necessária uma transformação, ao menos parcial, do gênero: simplificação, ênfase em determinadas dimensões etc.;
- colocar os alunos, ao mesmo tempo, em situações de comunicação o mais próximo possível das verdadeiras, que tenham para eles um sentido, para que possam dominá-las como realmente são.

Assim, acredita-se que, quanto mais os gêneros forem explorados pelo professor, por meio da leitura e da reflexão de diferentes textos, mais eles se tornarão acessíveis aos estudantes, tanto nas práticas languageiras de aprendizagem quanto em situações concretas de interação pela linguagem. Acredita-se, também, “que o ensino de leitura/produção textual com base nos gêneros poderá trazer importantes contribuições para a mudança da forma de tratamento da produção textual na escola” (KOCH; ELIAS, 2010, p. 74).

Como já mencionamos, os gêneros textuais se manifestam de diversas formas no nosso cotidiano, em diferentes situações comunicativas, tanto por meio da linguagem oral quanto da escrita. Com o constante avanço da tecnologia e das possibilidades de comunicação, surge a necessidade da criação de novos gêneros, sendo que alguns derivam de outros já existentes. No âmbito escolar, o trabalho com os gêneros por meio de atividades com base em situações reais e que

estimulem a prática da leitura e da escrita são fundamentais para desenvolver, por exemplo, a habilidade dos estudantes em manusear textos de diferentes estilos.

Cientes da impossibilidade de abordarmos, em sala de aula, todos os gêneros textuais existentes com os alunos participantes da presente pesquisa, devido à sua quantidade imensurável, selecionamos quatro gêneros midiáticos para que fossem discutidos e trabalhados com a turma: artigo de opinião, crônica, notícia e *post*, cujos conceitos e características estão descritos, resumidamente, no quadro abaixo.

Quadro 3 – Gêneros textuais selecionados

Tipo	Conceito/características
Artigo de opinião	<p>Texto dissertativo-argumentativo no qual o articulista, a partir de uma questão polêmica e num tom/estilo de convencimento, apresenta o seu ponto de vista sobre determinado assunto, usando o poder da argumentação, defendendo, exemplificando, justificando ou desqualificando posições.</p> <p>Para saber mais sobre práticas pedagógicas envolvendo artigos de opinião, sugerimos o seguinte plano de aula disponível no site Nova Escola: https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/9ano/lingua-portuguesa/genero-artigo-de-opiniao-uma-analise-do-uso-das-conjuncoes-coordenativas/4747</p>
Crônica	<p>Narração curta, breve, simples, de interlocução direta com o leitor, com marcas típicas da oralidade. Trata de acontecimentos do cotidiano e está situada entre o jornalismo e a literatura, pois pode conter elementos reais e/ou fictícios. Conforme a esfera social que retrata, pode receber o nome de crônica literária, policial, esportiva, política, jornalística etc.</p> <p>Para saber mais sobre práticas pedagógicas envolvendo crônicas, sugerimos o seguinte plano de aula disponível no site Nova Escola: https://novaescola.org.br/conteudo/5882/cronica-entre-o-jornalismo-e-a-literatura</p>

<p>Notícia</p>	<p>Texto jornalístico sem teor opinativo, que consiste no relato ou na narrativa de fatos, acontecimentos e informações, recentes ou atuais, do cotidiano, que sejam relevantes para o público leitor. Abrange diversas áreas, como educação, economia, política, saúde, meio ambiente, esporte, cultura, entre outras. A linguagem empregada na notícia deve ser objetiva, acessível e impessoal.</p> <p>Para saber mais sobre práticas pedagógicas envolvendo notícias, sugerimos o seguinte plano de aula disponível no site Nova Escola: https://novaescola.org.br/conteudo/6350/leitura-critica-de-noticia</p>
<p>Post</p>	<p>Conteúdo criado exclusivamente para publicação em alguma plataforma da internet, como as redes sociais e os <i>blogs</i>, podendo ter o formato de texto, imagem, vídeo, áudio ou todos esses recursos juntos. Geralmente é um texto do tipo narrativo (relatos), descritivo e opinativo, que permite aos internautas a publicação dos seus comentários sobre a postagem feita.</p> <p>Para saber mais sobre práticas pedagógicas envolvendo <i>posts</i>, sugerimos o seguinte plano de aula disponível no site Nova Escola: https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/8ano/ingles/reescrevendo-um-relato-pessoal-para-transforma-lo-num-post-de-blog/2560</p>

Fonte: Baseado em Costa (2014).

Mais do que saber manipular os inúmeros gêneros textuais que fazem parte do nosso dia a dia, em certas situações é preciso transformar um gênero em outro, fazendo as devidas adaptações da estrutura organizacional e do nível de formalidade do texto. Esse processo, conhecido como retextualização, é o tema da próxima seção.

2.3 Retextualização

Presença constante no convívio social e praticada, muitas vezes, de forma espontânea e até inconsciente, a retextualização envolve processos textuais (orais e/ou escritos) e se manifesta por meio dos inúmeros gêneros existentes. Um tipo de retextualização tradicionalmente exercitada na escola é a passagem de discurso direto para indireto, e vice-versa. Entretanto, a diversidade de gêneros que circulam na sociedade pode ensejar múltiplos ensaios de retextualização. Para aprofundar o assunto, essa seção discutirá a retextualização em três partes: a primeira tratará dos seus conceitos e de que maneiras ocorre; a segunda abordará os aspectos envolvidos no processo de transformação de um gênero textual para outro; e a terceira parte discorrerá sobre a prática da retextualização em sala de aula.

2.3.1 O que é retextualização?

A atividade de retextualização está presente no cotidiano das interações humanas, nas mais diversas situações, sendo bastante praticada por professores e alunos em sala de aula ou por profissionais das áreas de Letras e de Comunicação, por exemplo, bem como pela sociedade em geral. Entretanto, é importante explicar a diferença entre *textualizar* e *retextualizar*, visto que ambos envolvem processos textuais. Conforme foi visto na seção 2.1 sobre *Texto e textualidade*, o ato de textualizar consiste em produzir textos, a fim de materializar linguisticamente, de forma oral ou escrita, algo que se quer dizer, por meio de operações linguísticas, textuais e discursivas (NUNES; SILVEIRA, 2017).

Já a ação de retextualizar conjectura a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos já existentes, chamados de texto-base ou texto original.

Assim sendo, o fenômeno da retextualização configura-se como uma ação linguageira orientada por condições de produção diferentes daquelas do(s) texto(s)-base. Esse, possivelmente, é o cerne da ação de retextualizar, pois daí advém a possibilidade de haver mudança de modalidade linguística, mudança de gênero e implicações no plano da intertextualidade e da interdiscursividade. (NUNES; SILVEIRA, 2017, p. 118)

O termo *retextualização* foi utilizado pela primeira vez no Brasil em 1993, quando a pesquisadora Neuza Gonçalves Travaglia realizava um estudo de

tradução de uma língua para outra. Ela compreende a tradução como produção de um “mesmo/novo texto”, ou seja, como “processo de retextualização de um segmento linguístico (um texto) numa língua diferente daquela em que foi concebido” (TRAVAGLIA, [1993] 2003, p. 63).

Em seus estudos sobre fala e escrita, Marcuschi (2010) reconhece que a retextualização também se trata de uma tradução, mas de uma modalidade para outra, ainda que na mesma língua. Segundo ele, “as atividades de retextualização são rotinas usuais altamente automatizadas, porém não mecânicas, com as quais lidamos o tempo todo em reformulações dos mesmos textos numa variação de registros, gêneros textuais, níveis linguísticos e estilos” (MARCUSCHI, 2010a, p. 48). Podemos citar alguns exemplos de eventos linguísticos rotineiros em que se exerce a atividade de retextualização, como: uma secretária que anota informações orais do chefe para redigir um ofício ou e-mail, uma pessoa contando à outra o que leu em jornais, revistas e/ou sites, ou ainda o que ouviu no rádio ou na TV, alunos que fazem anotações do conteúdo transmitido pelo professor durante a aula, ou uma postagem no *WhatsApp* sobre os encaminhamentos de uma reunião, dentre outros.

Já na visão de Dell’Isola (2007, p. 10), a retextualização consiste no “processo de transformação de uma modalidade textual em outra, ou seja, trata-se de uma refacção ou reescrita de um texto para outro, processo que envolve operações que evidenciam o funcionamento social da linguagem”.

Apesar de alguns autores utilizarem os termos *refacção* e *reescrita* como sinônimos de retextualização, Marcuschi (2010) ressalta que ambos envolvem métodos distintos do processo de retextualização, pois “observam aspectos relativos às mudanças de um texto no seu interior (uma escrita para outra, reescrevendo o mesmo texto) sem envolver as variáveis que incidem no caso da retextualização” (MARCUSCHI, 2010a, p. 46). Sobre a diferença entre reescrita e retextualização, Matencio (2002, p. 113) explica que

a reescrita é atividade na qual, através do refinamento dos parâmetros discursivos, textuais e linguísticos que norteiam a produção original, materializa-se uma nova versão do texto. Já na retextualização, [...] opera-se, fundamentalmente, com novos parâmetros de ação da linguagem, porque se produz novo texto: trata-se, além de redimensionar as projeções de imagem dos interlocutores, de seus papéis sociais e comunicativos, dos conhecimentos partilhados, assim como de motivações e intenções, de espaço e tempo de produção/recepção, de atribuir novo propósito à produção linguageira.

D'Andrea e Ribeiro (2010) sugerem que a retextualização é uma modificação mais ampla do texto e que permite, inclusive, alterar o meio em que ele é produzido e veiculado. Por exemplo, do texto de um site para a notícia do telejornal, ou da entrevista oral para a reportagem impressa. Seguindo a mesma linha de pensamento de Marcuschi e de Matencio, os autores afirmam que, diferentemente da retextualização, a reescrita “só poderia ocorrer do escrito para o escrito” (D'ANDREA; RIBEIRO, 2010, p. 66), o que faz todo o sentido, pois a reescrita não pode ser realizada do escrito para o oral, nem do oral para o escrito, e tampouco do oral para o oral. Além disso, na reescrita mantém-se o mesmo gênero textual, ao passo que, na retextualização, o texto passa a ter um gênero diferente do original.

Conforme Dell'Isola (2007), ao se realizar a passagem de um gênero textual para outro, as atividades de retextualização envolvem diversas operações que favorecem o trabalho com a produção de texto.

Dentre elas, ressalta-se um aspecto de imensa importância que é a compreensão do que foi dito ou escrito para que se produza outro texto. Para retextualizar, ou seja, para transpor de uma modalidade para outra ou de um gênero para outro, é preciso, inevitavelmente, que seja entendido o que se disse ou se quis dizer, o que se escreveu e os efeitos de sentido gerados pelo texto escrito (DELL'ISOLA, 2007, p. 14).

A mesma ideia é compartilhada por Marcuschi (2010) quando o autor observa que, para que se possa produzir um texto em outro gênero ou modalidade com base no que foi dito ou escrito por alguém, é imprescindível compreender o que essa pessoa disse ou quis dizer, tendo em vista que esse aspecto, muitas vezes, é ignorado no processo de retextualização. “Portanto, antes de qualquer atividade de transformação textual, ocorre uma atividade cognitiva denominada *compreensão*” (MARCUSCHI, 2010a, p. 47, grifo do autor), ou seja, se o texto lido não for bem compreendido, a retextualização não se dará de forma adequada e, possivelmente, não manterá a ideia principal descrita pelo autor no texto-base.

Por outro lado, mesmo quando o texto original é compreendido, o autor do novo texto (retextualizado) pode acrescentar novas ideias, questionamentos e elementos que não foram apresentados ao leitor no texto-base, desde que mantenha a ideia principal do mesmo como norteadora da retextualização.

Bouzada, Faria e Silva (2013, p. 53-54), ao se referirem à prática da retextualização em sala de aula, complementam a afirmação de Marcuschi (2010a) citada acima ressaltando que “o trabalho de retextualização só será completo se o aluno compreender bem o texto-base”. Por sua vez, Matencio (2003, p. 3-4), salienta que retextualizar

envolve a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito trabalha sobre estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação, portanto um novo enquadre e um novo quadro de referência.

Por sua vez, Pereira (2013, p. 11) aponta que a retextualização consiste em uma atividade linguística que abrange “elementos extralinguísticos, uma vez que tanto aspectos relacionados à estrutura da língua quanto implicações e influências sociais relativas à ela são considerados relevantes nesse processo”.

No contexto escolar, as atividades de retextualização desenvolvidas em sala de aula, que envolvem a mudança de um gênero escrito para outro gênero escrito, instigam os estudantes a terem que “lidar com sequências discursivas variadas, reformulação de ideias e adequação das características do texto-base para o texto em novo gênero, pautando-se nos critérios de textualização e abarcando todas as possibilidades da língua escrita para elaboração do novo texto” (SILVA, 2018, p. 62).

Pelo fato de o mesmo texto ter a possibilidade de se manifestar de formas distintas e em diferentes gêneros e suportes, é possível afirmar que ele é mutável e pode ser adequado de acordo com o seu propósito de comunicação, o seu público-alvo e a situação de interação na qual autor e leitor estão inseridos (BOUZADA; FARIA; SILVA, 2013). Sendo assim, a retextualização também pode ser definida como a

produção de novo texto a partir de um texto já existente, com a proposta de que o novo texto seja elaborado em atividade que envolva mudança de gênero textual com características distintas do texto anterior e adequação à situação e ao contexto no qual irá atuar o novo texto. (SILVA, 2018, p. 61)

Nesse contexto, fica evidente que os gêneros textuais são fundamentais no processo de retextualização, pois é a partir deles que se torna possível a produção de todo e qualquer tipo de texto, levando em conta que todos os gêneros “possuem

suas individualidades e há uma grande variação de estilos, não sendo possível estabelecer um padrão a ser seguido” (SILVA, 2018, p. 63).

Seja por meio da língua falada ou da língua escrita, existem, pelo menos, quatro possibilidades de retextualização: da fala para a escrita, da fala para a fala, da escrita para a fala e da escrita para a escrita (MARCUSCHI, 2010a). Conforme Nunes e Silveira (2017), essas formas podem ser compreendidas da seguinte maneira:

(a) *da fala para a escrita*: a reformulação mais notável ocorre na mudança das modalidades linguísticas, como, por exemplo, na passagem de uma entrevista oral para uma entrevista impressa publicada em jornal ou revista;

(b) *da fala para a fala*: não há mudança de modalidade linguística, mas de outros níveis (de gênero, de estilo, de registro), como acontece, por exemplo, em uma conferência e sua respectiva tradução simultânea;

(c) *da escrita para a fala*: a transformação dá-se entre as modalidades linguísticas. Exemplo disso é a passagem de um texto escrito para a sua exposição oral;

(d) *da escrita para a escrita*: não há mudança de modalidade linguística, porém em outros níveis, assim como ocorre entre um texto escrito e o seu resumo, por exemplo.

Todavia, se considerarmos o hibridismo multimodal e a sua comunicação não verbal, teremos que ampliar a perspectiva de Marcuschi de que são quatro as possibilidades de retextualização, conforme já mencionadas. Por exemplo, uma imagem, seja ela ilustração ou fotografia, também é considerada um texto, mesmo que não verbal, devido à sua linguagem visual, a qual é capaz de transmitir informações sem o uso de palavras.

Sendo assim, a retextualização envolvendo uma imagem também se torna possível e pode ocorrer, por exemplo, de uma fotografia para o texto escrito, ou de uma pintura para uma charge, como mostram as Figuras 12 e 13 (abaixo). Ambas retratam a Santa Ceia, porém, a Figura 12 é uma pintura em tela da imagem mais popular da última ceia realizada por Jesus Cristo e seus 12 apóstolos, e a Figura 13 consiste numa charge que sugere como seria a Santa Ceia nos dias de hoje, com Jesus Cristo e seus apóstolos reunidos fazendo uma *selfie*. Ou seja, houve a retextualização da pintura para a charge.

Figura 12 – Pintura em tela da Santa Ceia



Fonte: Santhatela (www.santhatela.com.br).

Figura 13 – Charge da Santa Ceia



Fonte: *Blog Fiat Lux* (www.universobh.wordpress.com), 19 dez. 2015.

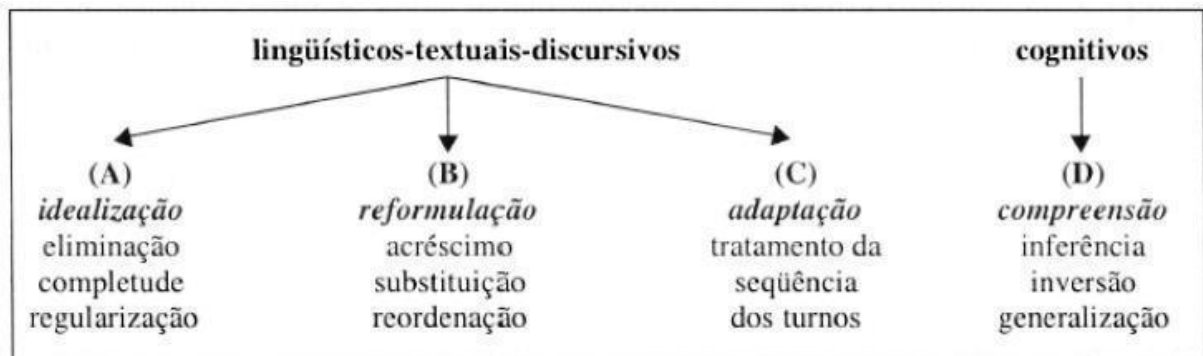
Ao abordarmos os gêneros textuais, exclusivamente nas condições de retextualização, podemos inferir que se trata de um processo no qual um texto, produzido numa certa modalidade, passa a ser modificado de acordo com a situação comunicativa em que o autor deseja inserir o conteúdo do texto-base, porém agora em “nova forma textual, idealizada em novo texto, com novo formato e que atuará

em um novo tipo de interação, a qual abranja perspectivas diferentes das que continha o gênero anterior” (SILVA, 2018, p. 60). E é sobre os aspectos envolvidos nos processos de retextualização que a seção seguinte irá tratar.

2.3.2 Processos de retextualização

Quando uma retextualização é realizada, vários são os aspectos envolvidos nesse processo. Dentre esses aspectos, Marcuschi (2010) aponta a eliminação, a completude, a regularização, o acréscimo, a substituição, a reordenação, o tratamento da sequência dos turnos, a inferência, a inversão e a generalização, como mostra o quadro abaixo.

Quadro 4 – Aspectos envolvidos nos processos de retextualização



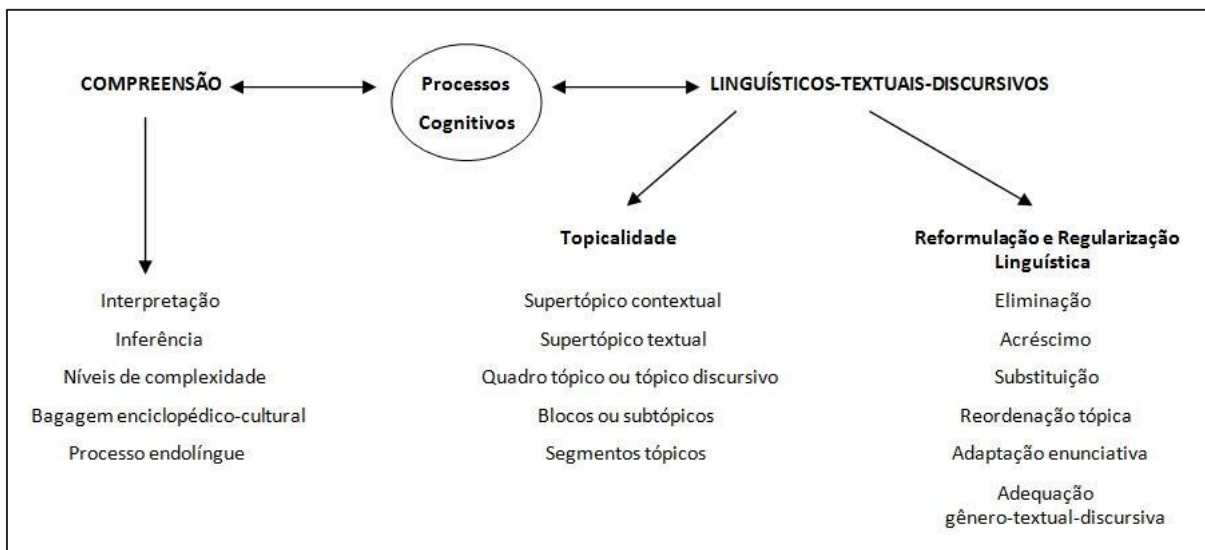
Fonte: Marcuschi (2010a, p. 69).

Como podemos analisar, os conjuntos A, B e C conduzem as operações e processos linguísticos-textuais-discursivos como um todo, sendo que A e B “se atêm às evidências empíricas, tais como as indicadas, atuando de forma mais pontualizada no código, mas com repercussão direta no discurso, já que ambos são aqui inseparáveis” (MARCUSCHI, 2010a, p. 69). O conjunto C, por sua vez, envolve atividades especiais que não são tão comuns, pois, “ao se tratar os turnos como falas ou ao se reportar às falas como conteúdos, pode-se usar um recurso metalinguístico em nada inofensivo” (MARCUSCHI, 2010a, p. 69). Já o conjunto D diz respeito às operações cognitivas e se distribui ao longo de todas as demais operações, tendo em vista que, “para poder transformar um texto, é necessário

compreendê-lo ou, pelo menos, ter uma certa compreensão dele” (MARCUSCHI, 2010a, p. 70).

Em seus estudos sobre retextualização, Dikson (2018) também apresenta um esquema com os aspectos que fazem parte desse processo, porém, específico da retextualização feita da escrita para a escrita.

Quadro 5 – Aspectos envolvidos no processo de retextualização escrita-escrita



Fonte: Adaptado de Dikson (2018, p. 510).

Ao observarmos o esquema criado por Dikson (2018), percebemos que os aspectos estão subdivididos em dois grandes movimentos, um denominado *compreensão* e outro direcionado aos níveis *lingüísticos-textuais-discursivos*, ambos associados aos *processos cognitivos*. Dentro desses movimentos há três blocos.

O primeiro está relacionado às atividades cognitivas da *compreensão*, sendo composto por ações que resultam em *interpretação*, *inferência*, *níveis de complexidade*, *bagagem enciclopédico-cultural* e *processo endolíngue*. O segundo, denominado *topicalidade*, apresenta-se ligado às atividades cognitivas dos aspectos *lingüísticos-textuais-discursivos* e se desdobra em *supertópico contextual*, *supertópico textual*, *quadro tópico ou tópico discursivo*, *blocos ou subtópicos* e *segmentos tópicos*. Já o terceiro bloco, também relacionado aos processos *lingüísticos-textuais-discursivos*, possui a denominação de *reformulação e regularização linguística* e conta com operações direcionadas a processos de

eliminação, acréscimo, substituição, reordenação tópica, adaptação enunciativa e adequação gênero-textual-discursiva (DIKSON, 2018).

Nesse contexto, o autor afirma que “compreender o texto-base, tê-lo bem apreensível, entendê-lo dentro de parâmetros sócio-histórico-culturais, interpretativos, inferenciais e linguístico-textuais” (DIKSON, 2018, p. 511) constituem ações imprescindíveis para que a topicalidade seja mantida durante o processo de reformulação, com as devidas características do gênero textual que será retextualizado.

Não compreender o texto-base implicaria, óbvia e necessariamente, problemas na escritura final dos manuscritos escolares, seja nas operações cognitivas de topicalidade ou nas de reformulação, dentro dos parâmetros linguísticos-textuais-discursivos, o que desencadearia, sem dúvida, falhas de sentido e significação do gênero-fim. (DIKSON, 2018, p. 512)

Para Fernandes e Ramos (2016), o processo de retextualização também envolve os seguintes aspectos: a relação entre as ideias do produtor do texto original e o transformador textual; a compreensão do que foi dito e até do que ficou implícito; a reorganização das estruturas e da topicalização dos parágrafos; e a ampliação ou redução de estruturas para expressão da ideia principal do texto-base.

A seguir, abordaremos a importância da prática da retextualização no ambiente escolar e os seus reflexos entre educadores e educandos.

2.3.3 A retextualização no contexto escolar

Como vimos até aqui, retextualizar não é uma tarefa simples, visto que exige diversas habilidades e conhecimentos específicos de quem for realizar tal atividade. No entanto, para que a retextualização se torne mais habitual, especialmente no ambiente escolar, um dos caminhos é introduzi-la nas aulas de Língua Portuguesa como conteúdo essencial a ser ensinado pelos professores aos estudantes, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio.

As aulas de Língua Portuguesa – quando o trabalho ativo com gêneros textuais é realizado a contento – se tornam muito mais consistentes quando a estratégia de retextualizar entra no jogo de aprendizagem. Isso porque essa prática de escrita instiga a entrada dos alunos nas características e estruturas textuais, seja do texto retextualizado ou daquele que se quer retextualizar. Quanto mais se mergulha na formatação seja de qual for o gênero textual, melhor é o aprendizado da leitura e escritura, aumentando

consideravelmente as questões relativas à reflexão crítica, compreensão daquilo que se lê e capacidade de escrever melhor – o texto, então, se mostra como o eixo mais relevante quando se trata de ensino e aprendizagem de leitura-escrita. (DIKSON, 2015, p. 1-2)

De acordo com o autor, é necessário que um trabalho eficaz e reflexivo seja realizado em sala de aula a partir dos inúmeros gêneros textuais, a fim de induzir os alunos a perceberem a real ligação dos gêneros com a vida em sociedade. Para que isso ocorra, os docentes, ao trabalharem os gêneros, precisam definir bem as atividades e seus objetivos, contextualizar com os estudantes, mostrar como e quando se utiliza este ou aquele gênero, explicar o porquê daquela atividade e qual a finalidade do gênero em questão (DIKSON, 2015).

Da mesma forma, Dell'Isola (2007, p. 11) pontua que as atividades de retextualização são um “excelente recurso para o trabalho com o gênero”, uma vez que, em consonância com as práticas de retextualização, os educandos terão a possibilidade de produzir textos de diversas modalidades a partir de reflexões acerca do uso dos gêneros e das características que os compõem, além de exercitarem a leitura, a compreensão e a escrita do texto retextualizado.

Considerando que retextualizar é uma atividade um tanto complexa, um dos grandes desafios dessa prática é manter, no novo texto, a essência do texto-base (ou a ideia principal do autor), o que envolve, principalmente, a compreensão. Na sala de aula, esse aspecto vai exigir do educador um trabalho muito bem articulado para que o objetivo final seja alcançado. “Caso o professor não conduza bem a atividade e o aluno não possua a habilidade de entender os textos a partir da leitura, a retextualização vai ficar comprometida devido à suposta má interpretação do texto-base que possa ocorrer” (DIKSON, 2015, p. 6). Nessa perspectiva, Marcuschi (2010, p. 70) afirma que

toda atividade de retextualização implica uma interpretação prévia nada desprezível em suas consequências. Há nessa atividade uma espécie de *tradução endolíngua* que, como em toda a tradução, tem uma complexidade muito grande. (2010, p. 70, grifos do autor)

No que diz respeito à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), apenas duas habilidades são sugeridas na subseção da disciplina de Língua Portuguesa, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. A primeira delas é retextualizar do discurso para o esquemático, isto é, transformar textos de divulgação científica em

infográficos, tabelas, ilustrações, gráficos etc., e também o contrário, transpondo o conteúdo esquemático para o texto discursivo. O objetivo dessa atividade é “ampliar as possibilidades de compreensão desses textos e analisar as características das multissemioses e dos gêneros em questão” (BRASIL, 2018, p. 151).

A outra habilidade sugerida pela BNCC é que os estudantes elaborem um texto teatral a partir da adaptação de romances, contos, mitos, novelas, crônicas, dentre outros, “retextualizando o tratamento da temática” (BRASIL, 2018, p. 159). Já na subseção de Língua Portuguesa direcionada ao Ensino Médio, não há nenhuma habilidade sugerida envolvendo práticas de retextualização, o que desfavorece o processo ensino-aprendizagem dos alunos dessa etapa da Educação Básica.

Além do mais, as atividades baseadas nas retextualizações também possibilitam que o professor desenvolva “um trabalho de grande relevância, interativo e produtivo” (DIKSON, 2015, p. 8). Nesse sentido, é preciso que o docente selecione ou elabore atividades que englobem textos reais e de uso no dia a dia, “pois são por estes textos que os alunos demonstram mais interesse, e são com estes textos que o aluno vai apreender seu uso em sociedade” (DIKSON, 2015, p. 8). Com base em ideias como essa é que o presente trabalho surge para investigar de que forma o processo de retextualização, realizado em sala de aula, pode contribuir para potencializar a habilidade de escrita de estudantes do Ensino Médio, por meio da produção de textos de diferentes gêneros aliados à prática da retextualização, como veremos no capítulo seguinte.

3 METODOLOGIA: PRÁTICAS DE RETEXTUALIZAÇÃO

As práticas de retextualização no ambiente escolar assumem papel importante no sentido de oferecer ferramentas para aprimorar e desenvolver a língua escrita. Conforme estudiosos da área, como Luiz Antônio Marcuschi, Ingedore Villaça Koch e Regina Lúcia Péret Dell'Isola, a transformação do texto de um gênero para outro requer compreensão, uso de estratégias de síntese, adequação de estruturas sintáticas, de vocabulário e do nível de formalidade, entre outras habilidades. Sendo assim, identificamos o seguinte problema de pesquisa: As atividades de retextualização instrumentalizam os alunos para o aprimoramento de habilidades da língua escrita, como, por exemplo, aspectos gramaticais do texto e fatores linguísticos, e contribuem para a construção do conhecimento?

Nessa perspectiva, o presente estudo previu a realização de atividades de produção de textos e de retextualização em uma turma do 1º ano do Ensino Médio de uma escola da rede pública de ensino, no município de Santa Cruz do Sul (RS), por meio de intervenções ministradas pelo pesquisador sobre os gêneros textuais midiáticos artigo de opinião, crônica, notícia e *post*, e também sobre os processos de retextualização. Os objetivos, as questões norteadoras e as características da pesquisa, bem como o desenvolvimento das atividades e os instrumentos utilizados para a coleta dos dados serão especificados a seguir.

Antes de entrarmos no detalhamento da pesquisa, é importante lembrar o contexto em que foi desenvolvida: tendo ingressado no curso de Mestrado em março de 2020 e dedicado o primeiro ano às disciplinas e ao planejamento do projeto de pesquisa, foi prevista a coleta de dados para o ano de 2021. Entretanto, o primeiro semestre de 2021 foi marcado, de um lado, pelo pico de mortes devido à pandemia de Covid-19 (chegando a mais de 4.000 mortes por dia no Brasil), e, de outro, pela gradual vacinação dos grupos mais vulneráveis, processo que tem continuidade ainda em 2022, com constantes doses de reforço. Portanto, a pesquisa que será descrita nas próximas seções passou por sucessivas reformulações, dada a necessidade de adequação às exigências sanitárias e às orientações da Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul (Seduc RS).

3.1 Objetivos

3.1.1 Objetivo geral

Investigar de que forma o processo de retextualização, realizado em sala de aula, pode contribuir para potencializar a habilidade de escrita de estudantes do Ensino Médio.

3.1.2 Objetivos específicos

- Contribuir para o desenvolvimento da compreensão textual nos estudantes a partir da temática proposta para a retextualização do texto escrito;
- Analisar a produção de retextualizações dos gêneros artigo de opinião, crônica, notícia e *post*, sobre a temática *Pandemia de Covid-19*, realizada por alunos do 1º ano do Ensino Médio;
- Identificar a presença dos fatores de textualidade (coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade) nos textos produzidos pelos estudantes, assim como as características correspondentes ao gênero de cada texto; o uso de linguagem adequada ao gênero; a presença da ideia principal do texto-base; a ortografia; e a pontuação;
- Investigar a relevância da retextualização do texto escrito como atividade desenvolvida em sala de aula.

3.2 Questões de pesquisa

São questões norteadoras da pesquisa:

- De que maneira as habilidades dos estudantes referentes à produção de textos escritos podem ser desenvolvidas e aprimoradas por meio da prática de atividades de retextualização?
- Qual o percurso realizado pelos estudantes ao transpor um texto de determinado gênero textual para outro?

- De que forma a prática de atividades de retextualização em sala de aula pode tornar a construção do conhecimento cada vez mais enriquecedora?
- Como os estudos realizados sobre a retextualização podem contribuir para que essa atividade seja praticada no ambiente escolar?

3.3 Características da pesquisa

A pesquisa é de natureza qualitativa, com alguns dados quantitativos, tendo sido desenvolvida em uma escola de Educação Básica, em Santa Cruz do Sul (RS). Segundo Godoy (1995), a investigação qualitativa não procura enumerar ou mensurar eventos e, geralmente, não se utiliza de instrumental estatístico para análise dos dados. Por meio do estudo qualitativo, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada (GODOY, 1995).

A respeito do educandário, a escolha ocorreu a partir da disponibilidade inicial para a pesquisa, estabelecida em um contato informal entre o pesquisador e a diretora, que sugeriu que conversássemos com a professora¹ de Língua Portuguesa e de Literatura da escola e acordássemos o período mais propício para a aplicação do estudo. Na conversa, a docente demonstrou disponibilidade em colaborar com o trabalho e ofereceu o horário da disciplina de Literatura que ministrava em uma turma do 1º ano do Ensino Médio, composta por 29 estudantes, para que colocássemos a pesquisa em prática.

A escola é uma das mais tradicionais instituições de ensino da rede pública estadual do município, agregando alunos do 1º ano do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Além disso, existe um cunho afetivo do pesquisador por ter sido aluno na instituição durante 12 anos.

O educandário, do mesmo modo que as demais instituições de ensino brasileiras, deparou-se com os imensos desafios decorrentes das medidas de sanitização contra o agravamento da pandemia de Covid-19. Em março de 2020, a escola fechou suas portas e, gradativamente, adaptou-se ao ano letivo on-line. Em agosto de 2020, por orientação da Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul (Seduc RS), implantou-se o modelo híbrido de ensino em todas as instituições da

¹ O nome da docente, assim como o da diretora da escola, foram mantidos no anonimato, seguindo orientações do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul (CEP/Unisc).

rede de ensino do Estado, que deveria ocorrer, simultaneamente, nos formatos presencial e remoto.

De acordo com a professora de Língua Portuguesa e de Literatura, o educandário recebeu nesse período, via Seduc RS, um documento para ser encaminhado aos pais ou responsáveis pelos estudantes, no qual poderiam optar se os filhos participariam das aulas presenciais ou remotas durante o período da pandemia de Covid-19. Os pais ou responsáveis que optaram pelas aulas presenciais entregaram na escola o referido documento assinado, autorizando os filhos a retornarem às aulas no educandário. No entanto, como naquele momento exigia-se o cumprimento dos protocolos de isolamento social para evitar qualquer tipo de aglomeração, as aulas seguiram no formato remoto até o final do ano letivo de 2020.

Após meses de debates entre os responsáveis sobre as medidas cabíveis para manter o ensino na instituição, a perspectiva de escolha pela volta das aulas presenciais (com as medidas protetivas antivírus) preparava estudantes, professores e funcionários para um possível retorno à normalidade. E foi a partir de 12 de março de 2021 que as aulas presenciais começaram a ser retomadas gradativamente. Nesse período, as turmas mantinham o ensino híbrido e eram formadas por dois grupos de alunos: um presencial e outro on-line, que assistia às aulas remotamente por meio da plataforma *Google Meet*.

Sendo assim, o mesmo conteúdo de cada disciplina era transmitido aos estudantes de ambos os grupos, que utilizavam a plataforma *Classroom*, da plataforma *Google*, para o envio dos trabalhos solicitados pelos professores e também para a realização das avaliações. Como os alunos do grupo on-line tinham menos períodos de aula por semana em comparação ao grupo presencial, precisavam fazer atividades extras publicadas pelos docentes na plataforma, sendo essas as mesmas atividades realizadas em sala de aula pelos estudantes do grupo presencial.

Para os alunos que não dispunham de acesso à internet em suas residências, a escola disponibilizava esse serviço nas próprias salas de aula, a fim de que os estudantes pudessem cumprir e enviar as tarefas solicitadas. No caso da turma na qual a pesquisa foi aplicada, todos os alunos possuíam acesso à internet em suas residências.

3.4 Participantes da pesquisa

O educandário onde o estudo foi realizado, localizado na zona urbana do município de Santa Cruz do Sul (RS), iniciou sua história em 14 de fevereiro de 1902 e, no ano de 2021, contava com 980 estudantes, 70 professores e 15 funcionários.

Em relação aos 25 alunos que participaram da pesquisa, matriculados no 1º ano do Ensino Médio, as idades variaram entre 15 e 18 anos, sendo 14 meninos e 11 meninas. Todos os estudantes eram falantes de língua portuguesa e residentes na cidade de Santa Cruz do Sul (RS), que possui, segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2021, aproximadamente 132 mil habitantes.

Inicialmente, a pesquisa contava com 29 estudantes. Entretanto, no decorrer do período de produção dos dados, um aluno deixou de frequentar as aulas, um teve a sua matrícula cancelada, outro foi transferido de turma (para o turno da tarde) e um quarto estudante possuía dificuldade intelectual e recebia atendimento diferenciado na escola, separado da turma. Deste modo, 25 alunos permaneceram aptos a participar da pesquisa. A fim de manter o anonimato, conforme orientações do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul (CEP/Unisc), referimo-nos aos participantes como P1 (participante 1), P2, P3 e assim por diante.

3.5 Desenvolvimento das atividades na escola

Para que a retextualização fosse trabalhada em sala de aula, a proposta foi realizar duas atividades práticas com os estudantes durante seis aulas ministradas pelo pesquisador, sendo a primeira tarefa uma produção textual (Apêndice J) e a segunda, a elaboração de um texto retextualizado (Apêndice K). Para ambas as atividades, definimos um único tema: *Pandemia de Covid-19*, em virtude do momento atípico em que vivíamos desde março de 2020, oportunizando aos alunos uma gama de ideias e de assuntos que poderiam ser abordados nos textos que produziram sobre a pandemia.

A fim de prepará-los e de instrumentalizá-los para criarem os textos, selecionamos os gêneros textuais midiáticos artigo de opinião, crônica, notícia e *post* para serem trabalhados com o grupo, de acordo com os conceitos retomados no capítulo 2, na seção 2.2.3. A escolha ocorreu pelo fato de o pesquisador ser jornalista e ter proximidade com esses gêneros, e também por estarem bastante presentes em nosso cotidiano e serem publicados com frequência em diversos meios de comunicação, tanto impressos quanto virtuais, como jornais, revistas, sites, redes sociais etc., possibilitando aos estudantes o acesso a textos dos referidos gêneros com facilidade.

Antes da realização da primeira aula na escola, elaboramos um questionário sobre os hábitos de leitura e de escrita que os alunos costumam praticar no dia a dia, intitulado *Questionário sobre Práticas de Leitura e de Escrita* (Apêndice E), o qual também serviu de instrumento para a coleta de dados. Por exigência do CEP/Unisc, sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 43936821.1.0000.5343, também foram preparados três termos para serem preenchidos e assinados pelos alunos e seus responsáveis, que são: *Termo de Assentimento de Menor ou Incapacitado* (Apêndice B), *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (Apêndice C) e *Termo de Consentimento para Responsabilizado* (Apêndice D).

As seis aulas ministradas na disciplina de Literatura ocorreram de 22 de setembro a 27 de outubro de 2021, sempre às quartas-feiras, das 10h06 às 10h53. Todos os encontros aconteceram de forma presencial, na própria escola. A cada aula, um gênero foi discutido. Seis alunos da turma assistiam às aulas de forma remota, por meio do *Google Meet*, em suas residências, já que, nesse período, as atividades presenciais ainda permaneciam de modo parcial, podendo o estudante optar em retornar para a escola ou continuar estudando em casa.

A sala virtual era sempre aberta e encerrada pela professora de Literatura em seu computador, porém, durante todas as aulas ministradas no período mencionado, nenhum dos seis alunos participou pelo *Google Meet*. Com a intenção de que todos os estudantes tivessem acesso aos materiais que apresentamos nas aulas, assim como aos documentos com as orientações para a realização das atividades práticas, os mesmos foram disponibilizados na plataforma *Classroom*, utilizada para a publicação dos materiais de todas as disciplinas, e enviados ao

grupo da turma no *WhatsApp*, criado pela professora de Literatura após a nossa primeira aula.

No primeiro encontro, apresentamos aos alunos o objetivo geral da pesquisa e as atividades que seriam desenvolvidas; os termos exigidos pelo CEP/Unisc; e o *Questionário sobre Práticas de Leitura e de Escrita*. O gênero textual crônica foi o assunto da segunda aula, com discussão do contexto e do vocabulário do texto *Quem é que reconhece alguém de máscara?*, de autoria de Martha Medeiros, publicado no site Gaúcha ZH em 28/05/2021, seguida da apresentação de slides com exemplos de crônicas e sua estrutura. No terceiro encontro, abordamos o artigo de opinião *A juventude na mira da pandemia*, escrito por André Sobrinho e Helena Wendel Abramo e publicado no site da Agência Fiocruz em 26/04/2021, com ênfase para a construção dos argumentos que os autores utilizaram para defender o seu ponto de vista. Também apresentamos slides com as principais características do artigo de opinião e sua estrutura.

O tema da quarta aula foi o gênero textual notícia, com debate sobre a sequência da narrativa e o uso da linguagem formal na matéria *Estudo mostra que máscara reduz em 87% o risco de contágio*, publicada no Portal Gaz em 22/03/2021. Em seguida, foram apresentados slides contendo exemplos de notícias divulgadas em veículo impresso e na internet, assim como suas principais características e estrutura. No quinto encontro, houve a análise e a discussão com a turma sobre a linguagem informal e a estrutura do gênero *post*, com base no texto *Tipos de Covid-19: conheça 6 deles descobertos por estudo*, publicado no *blog Sem Covid* em 25/05/2021. Na sequência, apresentamos slides com exemplos de diferentes tipos de *posts*, sua estrutura e suas características e entregamos aos alunos, de forma impressa, as orientações para a realização da primeira atividade, que consistiu na produção textual de um dos quatro gêneros apresentados nas aulas. O tema proposto foi *Pandemia de Covid-19* e o prazo estipulado foi de quatro dias para o envio dos trabalhos via plataforma *Classroom* e para o nosso e-mail.

Na sexta e última aula, levamos os textos enviados por e-mail pelos alunos, referentes à primeira atividade, e os distribuímos entre o grupo de forma aleatória, a fim de que cada um recebesse o trabalho de um colega e fizesse a leitura do mesmo. Em seguida, explicamos, por meio de slides, sobre o que é e como ocorre o processo de retextualização, e entregamos aos estudantes, de forma impressa, as

orientações da segunda atividade: realizar a retextualização do gênero original do texto do colega para outro gênero textual, isto é, produzir um novo texto (podendo ser artigo de opinião, crônica, notícia ou *post*) e manter a ideia e as informações principais do texto-base. O tema proposto permaneceu sendo a *Pandemia de Covid-19*. Desta vez, o prazo para o envio dos trabalhos foi de uma semana, devendo o envio ser feito novamente via plataforma *Classroom* e para o nosso e-mail (o quadro com todas as etapas das atividades realizadas encontra-se no Apêndice F).

3.6 Instrumentos e procedimentos para análise dos dados

Os instrumentos de pesquisa selecionados para a produção e a análise dos dados são:

- **Questionário sobre Práticas de Leitura e de Escrita** (Apêndice E): elaborado com o objetivo de caracterizar o perfil dos participantes por meio de um levantamento de 20 questões objetivas sobre as atividades de leitura e de escrita que costumam praticar no dia a dia. Tal instrumento, adaptado do questionário elaborado por Garcia (2015), foi disponibilizado através da plataforma *Google Forms*, visto que todos os participantes possuíam acesso à internet, facilitando, assim, o seu preenchimento e proporcionando mais praticidade.

- **Textos de apoio** (Anexo B): foram selecionados 20 textos de apoio e disponibilizados aos participantes, sendo cinco de cada gênero trabalhado em aula – artigo de opinião, crônica, notícia e *post*. A escolha ocorreu de forma aleatória por meio de pesquisas na internet, considerando que abordassem o tema *Pandemia de Covid-19* e não fossem todos do mesmo autor, nem extraídos todos do mesmo site ou *blog*. A única exceção foi com o gênero crônica, em que todos os textos são de autoria da escritora Martha Medeiros, pelo fato de a mesma ter publicado diversas crônicas sobre a temática mencionada e também por seus textos possuírem uma linguagem descontraída e acessível a vários públicos, o que poderia ser bastante atrativo para os participantes da pesquisa.

- **Orientações para a realização da Atividade 1 – Produção de texto** (Apêndice J): as orientações foram entregues de forma impressa aos participantes e também disponibilizadas na plataforma *Classroom*, a fim de orientá-los quanto aos procedimentos para a produção de um texto, cujo gênero deveria ser escolhido entre as quatro possibilidades apresentadas (artigo de opinião, crônica, notícia e *post*).

- **Textos produzidos pelos participantes – Atividade 1** (Anexo G): os textos sobre a temática *Pandemia de Covid-19* deveriam seguir as orientações da Atividade 1, com a finalidade de que praticassem a escrita de um dos quatro gêneros propostos e elaborassem os textos que serviram de base para a realização da *Atividade 2 - Retextualização*.

- **Orientações para a realização da Atividade 2 – Retextualização** (Apêndice K): as orientações foram entregues de forma impressa aos participantes e também disponibilizadas na plataforma *Classroom*, a fim de orientá-los quanto aos procedimentos para a produção do segundo texto, cujo gênero deveria ser diferente do gênero do texto do colega que cada um recebeu, proporcionando a realização da retextualização.

- **Textos retextualizados produzidos pelos participantes – Atividade 2** (Anexo H): textos sobre o tema *Pandemia de Covid-19*, produzidos de acordo com as orientações da Atividade 2. Esses textos foram analisados com o objetivo de identificar como ocorreu o processo de retextualização e de que forma esse tipo de atividade pode contribuir para potencializar a habilidade de escrita dos participantes.

A análise dos textos retextualizados produzidos pelos alunos foi feita de forma individual, apoiada no referencial teórico da presente pesquisa e nos textos-base que foram entregues aos estudantes, resultantes da realização da Atividade 1. Por meio da leitura de cada texto, buscamos identificar os seguintes aspectos: a presença dos elementos de textualidade (coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade), as características correspondentes ao gênero de cada texto, o uso de linguagem adequada ao gênero, a presença da ideia principal do texto-base, a ortografia e a

pontuação, como veremos no capítulo seguinte, juntamente com a discussão dos resultados.

4 RESULTADOS

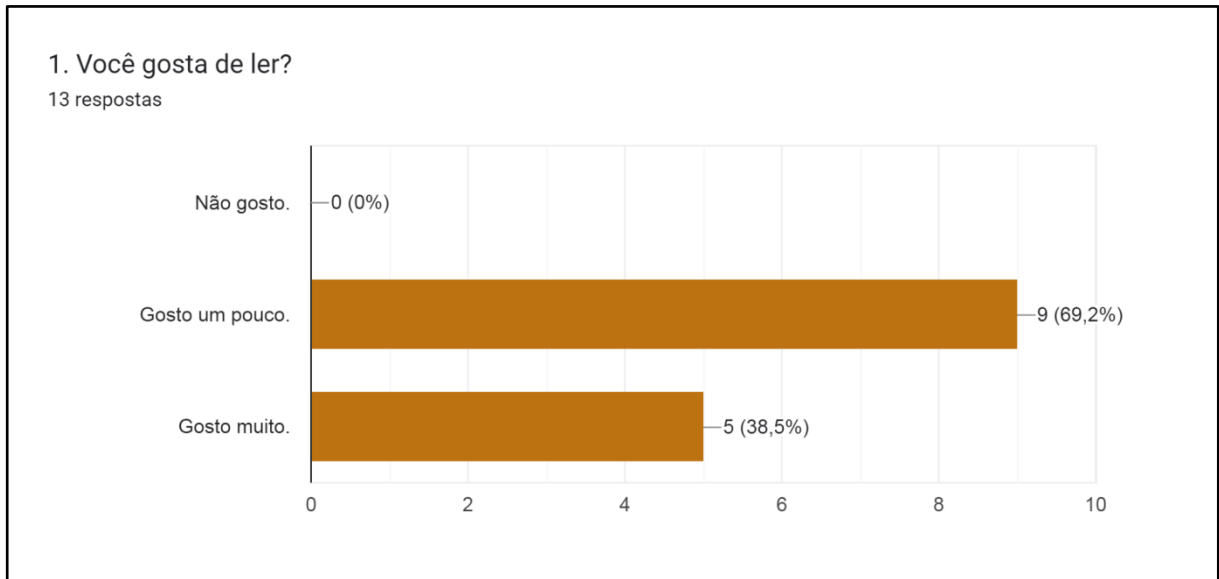
Este capítulo está dividido em duas seções: *Análise dos dados* e *Discussão dos resultados*. Na primeira, serão analisados todos os dados produzidos, ou seja, o *Questionário sobre Práticas de Leitura e de Escrita* respondido pelos participantes e os textos produzidos por eles na *Atividade 2 - Retextualização* (Anexo H), tendo como base os trabalhos da *Atividade 1 - Produção de texto* (Anexo G). Dos 25 alunos aptos a participar da pesquisa, 14 realizaram a Atividade 1 e, desses, 11 entregaram os textos da Atividade 2.

Já na segunda seção, os resultados da análise serão discutidos com base no referencial teórico, ou seja, nos conceitos e nas ideias propostos por diferentes autores sobre texto, gêneros textuais e retextualização, assim como suas respectivas peculiaridades, abordados no capítulo 2 deste trabalho.

4.1 Apresentação e análise dos dados

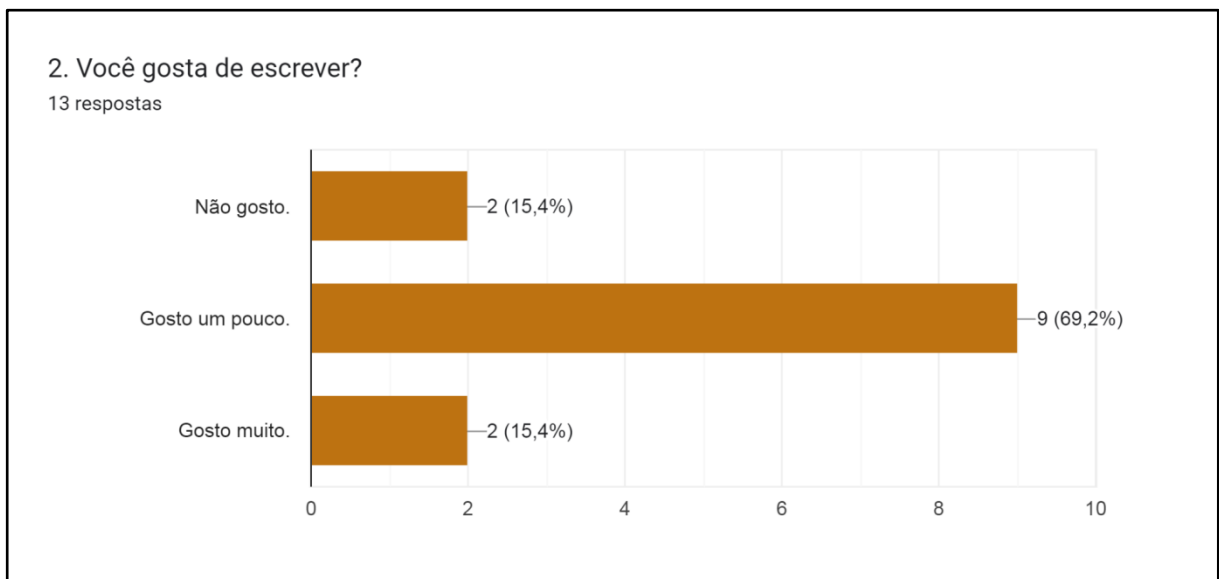
O primeiro instrumento usado para a coleta de dados foi o *Questionário sobre práticas de leitura e de escrita*, composto por 20 questões objetivas e respondido por 13 participantes. Nas questões 3, 4, 7, 13, 16, 18, 19 e 20 foi permitido assinalar mais de uma opção. Perguntados sobre o gosto pela leitura (Questão 1), 69,2% afirmaram que gostam um pouco e 38,5% que gostam muito de ler. Com relação ao gosto pela escrita (Questão 2), 69,2% também assinalaram que gostam um pouco, 15,4% gostam muito e 15,4% não gostam de escrever.

Figura 14 – Questão 1. Você gosta de ler?



Fonte: Autor

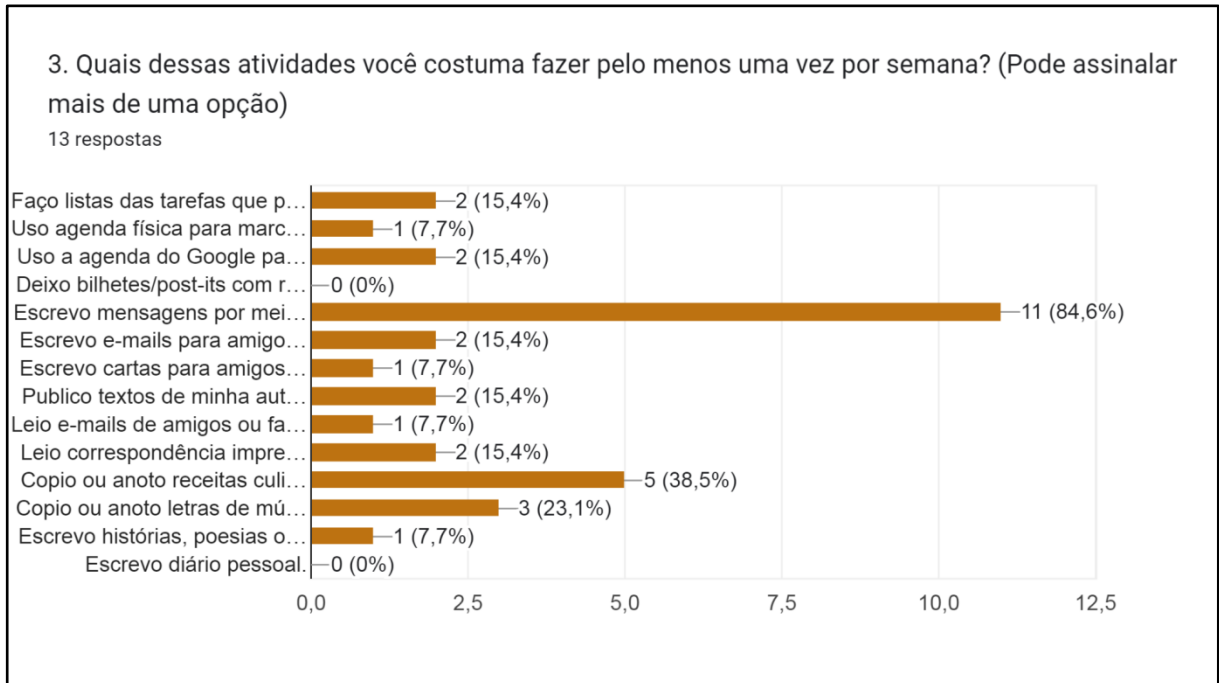
Figura 15 – Questão 2. Você gosta de escrever?



Fonte: Autor

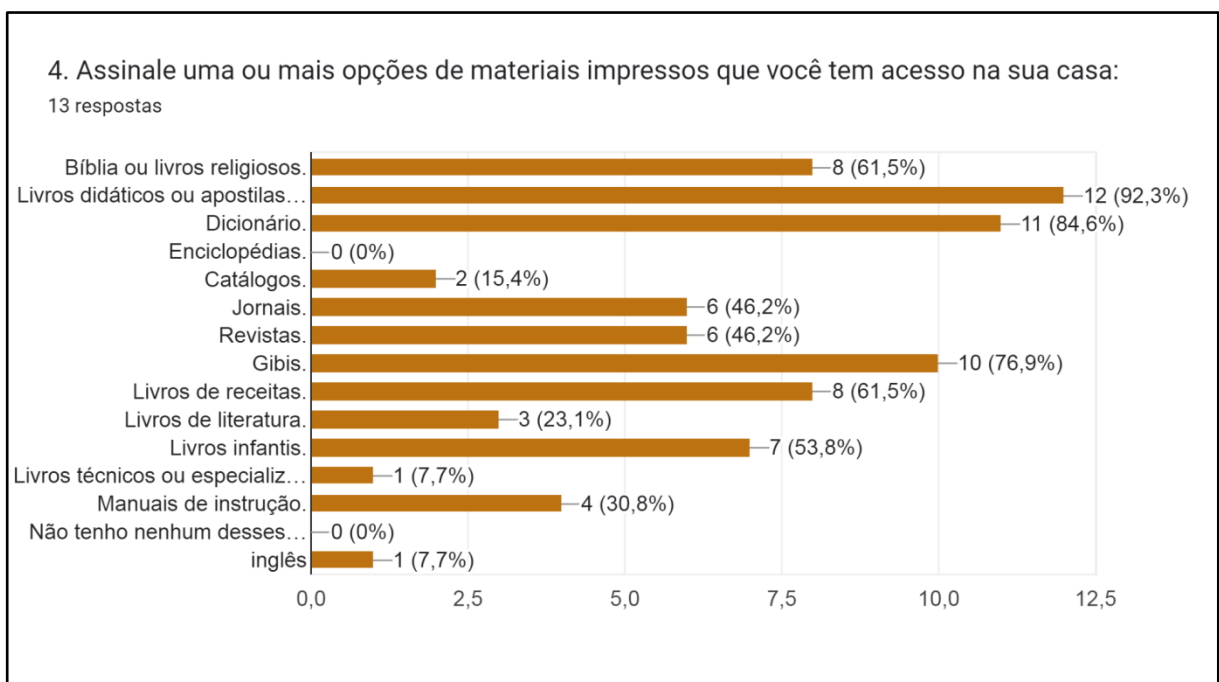
Das atividades que costumam fazer pelo menos uma vez por semana (Questão 3), 84,6% dos participantes escrevem mensagens por meio de aplicativos para amigos e familiares e 38,5% copiam ou anotam receitas culinárias no caderno, no computador ou no celular. Quanto aos materiais impressos que têm acesso em casa (Questão 4), as opções mais assinaladas foram: livros didáticos ou apostilas escolares (92,3%), dicionário (84,6%) e gibis (76,9%).

Figura 16 – Questão 3. Quais dessas atividades você costuma fazer pelo menos uma vez por semana? (Pode assinalar mais de uma opção)



Fonte: Autor

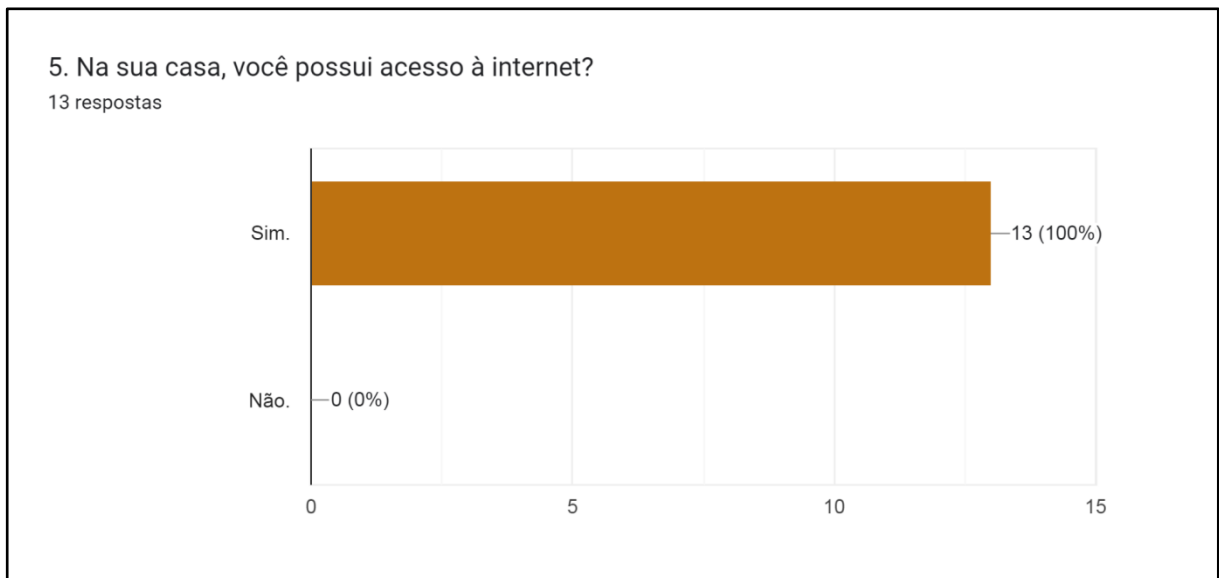
Figura 17 – Questão 4. Assinale uma ou mais opções de materiais impressos que você tem acesso na sua casa.



Fonte: Autor

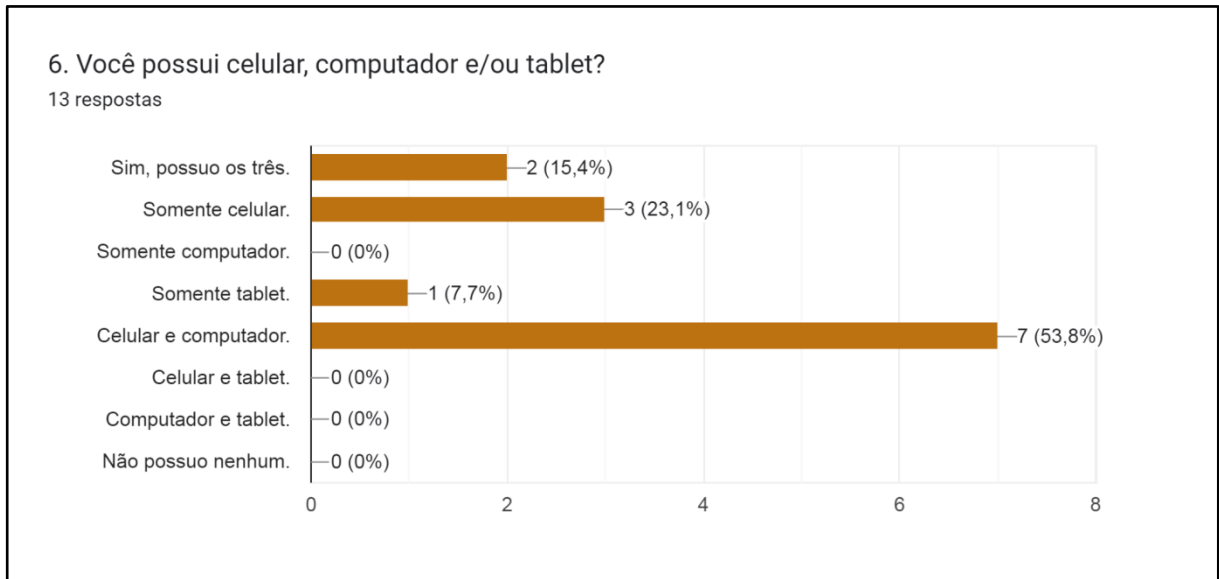
Todos os participantes responderam que possuem acesso à internet em suas residências (Questão 5), sendo que a maioria (53,8%) dispõe de celular e de computador (Questão 6), os quais são usados por todos (100%) para fazer atividades escolares (Questão 7). Os aparelhos também são utilizados pela maioria deles para realizar consultas e pesquisas (76,9%), acessar as redes sociais (76,9%), assistir filmes e/ou séries (76,9%) e ouvir músicas e/ou assistir clipes (76,9%). Observa-se, aqui, a forte presença de dispositivos eletrônicos e da internet como ferramentas usadas tanto para auxiliar no processo ensino-aprendizagem quanto para proporcionar momentos de lazer aos participantes.

Figura 18 – Questão 5. Na sua casa, você possui acesso à internet?



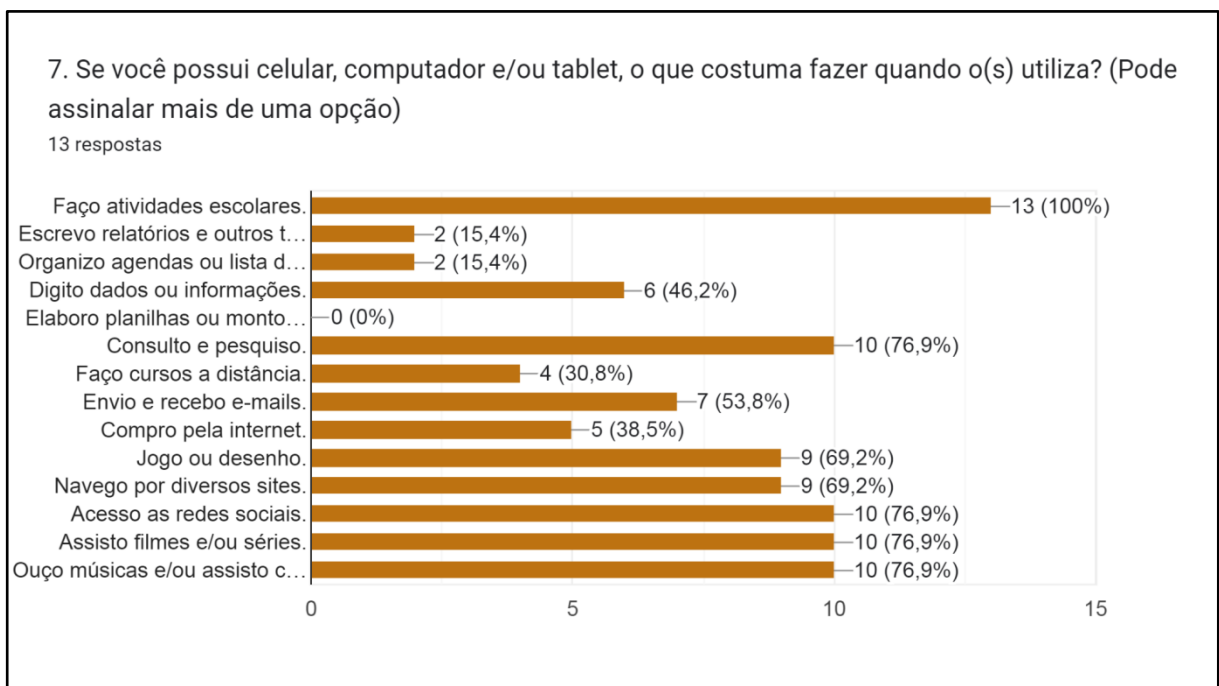
Fonte: Autor

Figura 19 – Questão 6. Você possui celular, computador e/ou tablet?



Fonte: Autor

Figura 20 – Questão 7. Se você possui celular, computador e/ou tablet, o que costuma fazer quando o(s) utiliza? (Pode assinalar mais de uma opção)

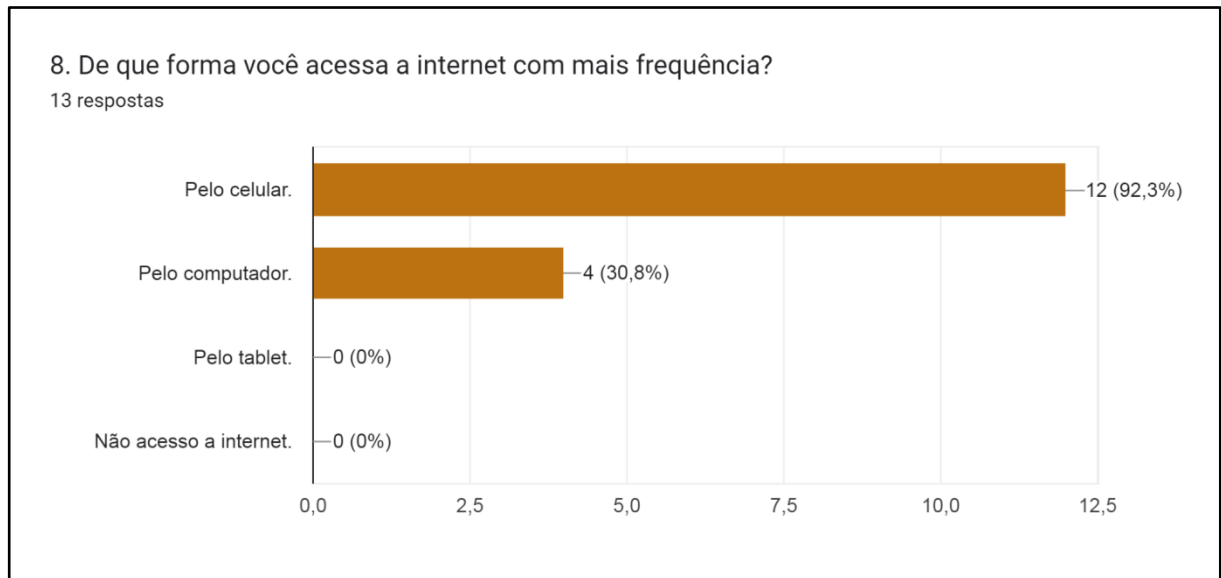


Fonte: Autor

A internet é acessada com mais frequência pelo celular (92,3%) (Questão 8). Por outro lado, a família dos participantes não possui assinatura de nenhum periódico on-line ou impresso (jornal ou revista) (Questões 9 e 10), o que faz com

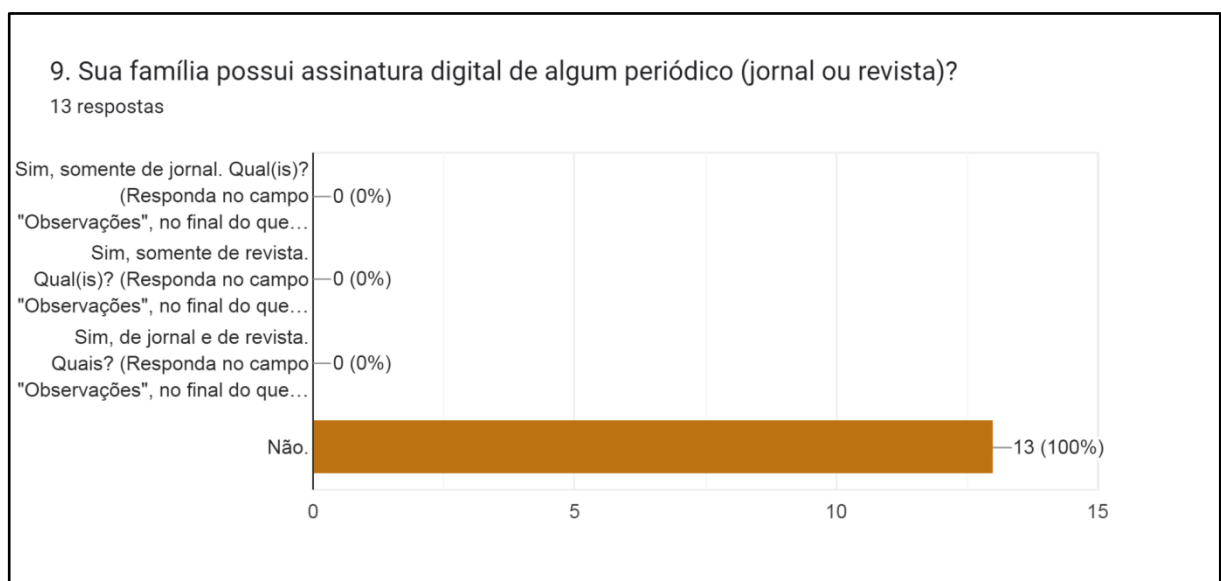
que, possivelmente, tenham que buscar o acesso à informação em sites de notícias gratuitos ou em periódicos impressos disponíveis em ambientes públicos, como a biblioteca da escola, por exemplo.

Figura 21 – Questão 8. De que forma você acessa a internet com mais frequência?



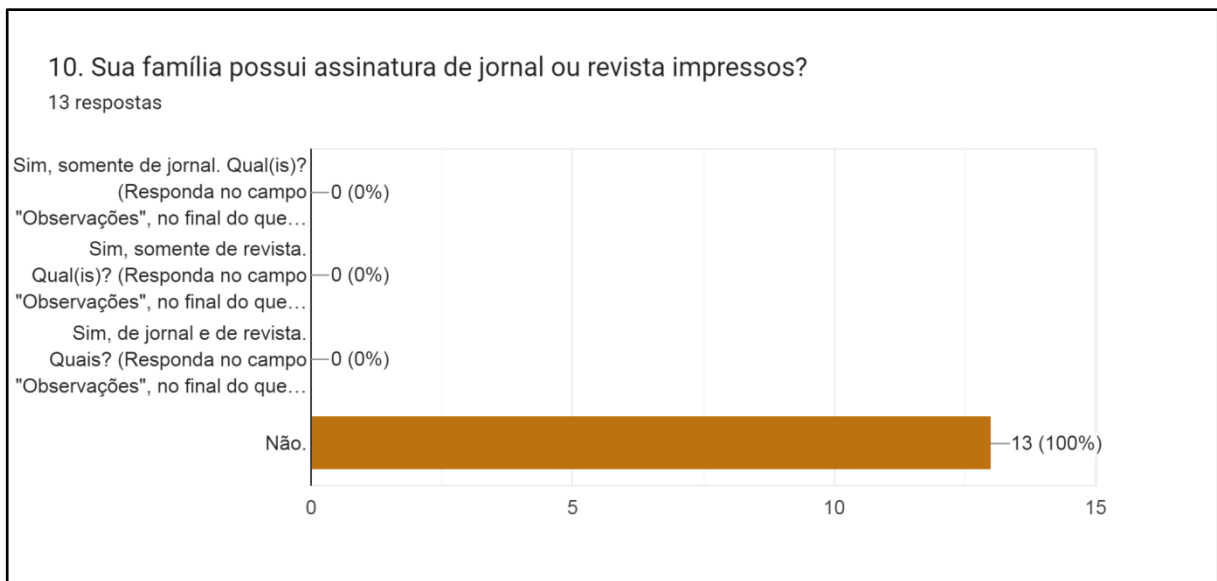
Fonte: Autor

Figura 22 – Questão 9. Sua família possui assinatura digital de algum periódico (jornal ou revista)?



Fonte: Autor

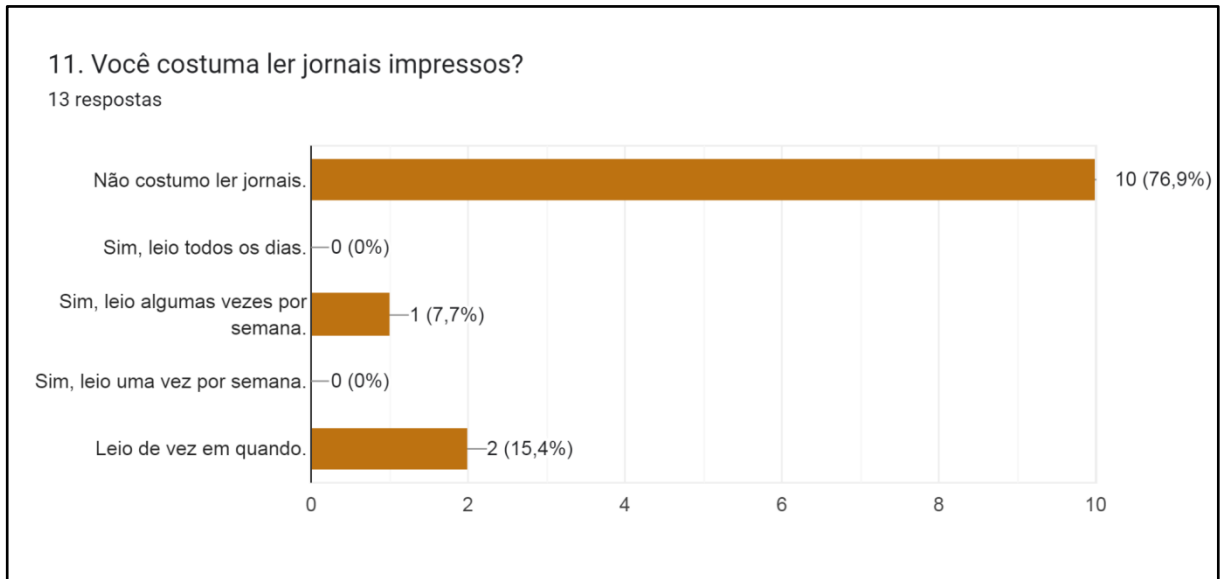
Figura 23 – Questão 10. Sua família possui assinatura de jornal ou revista impressos?



Fonte: Autor

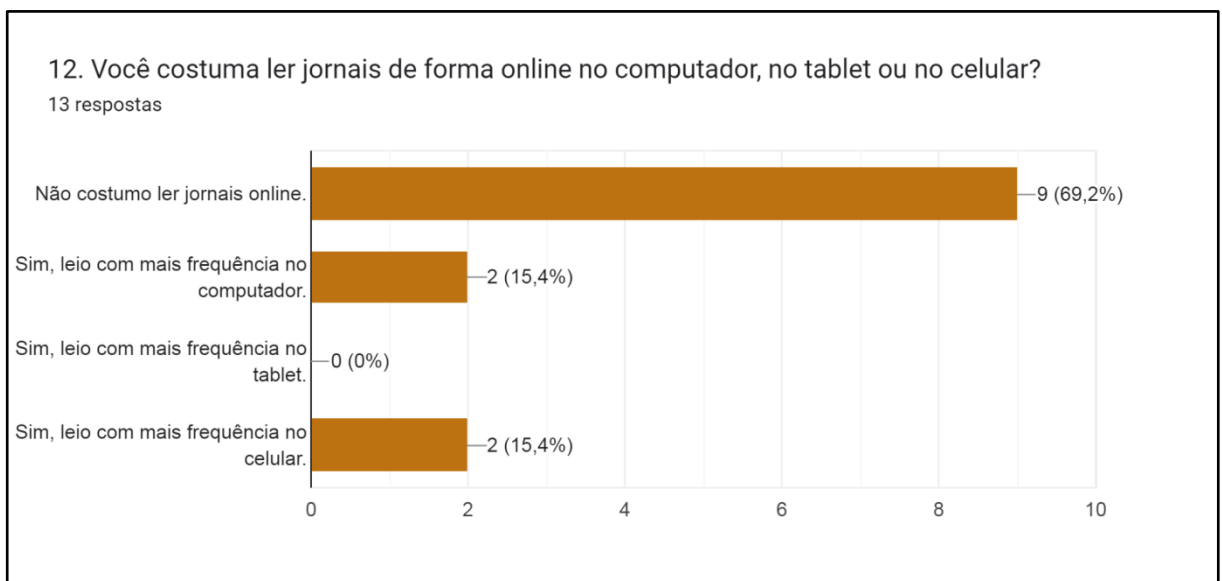
Quando perguntados se costumam ler jornais impressos (Questão 11), 76,9% responderam que não têm esse hábito, 15,4% leem de vez em quando e somente um participante (7,7%) lê algumas vezes por semana. Já em relação à leitura virtual de jornais (Questão 12), a maioria (69,2%) não pratica esse tipo de leitura. Quanto às partes de um jornal impresso que os participantes leriam (Questão 13), as mais assinaladas são: a primeira página (capa) e a previsão do tempo (ambas com 69,2%); as notícias internacionais, humor, quadrinhos, passatempos e palavras-cruzadas e o horóscopo (53,8%); e as notícias locais (46,2%). Nesse aspecto, chama a atenção o fato de que grande parte dos participantes não costuma ler jornais impressos ou on-line, e, quando leem, o interesse é maior pelas notícias internacionais do que pelas locais.

Figura 24 – Questão 11. Você costuma ler jornais impressos?



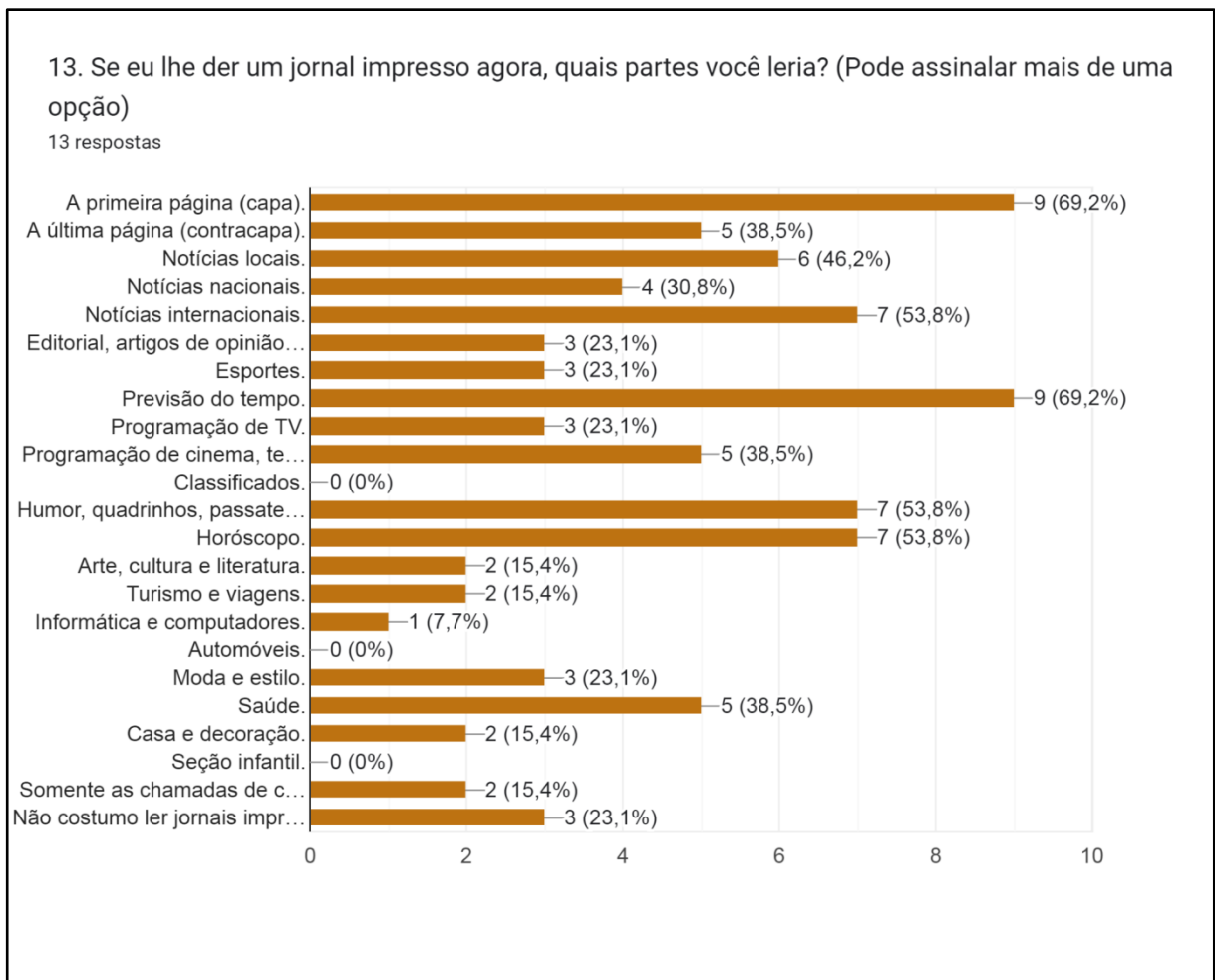
Fonte: Autor

Figura 25 – Questão 12. Você costuma ler jornais de forma online no computador, no tablet ou no celular?



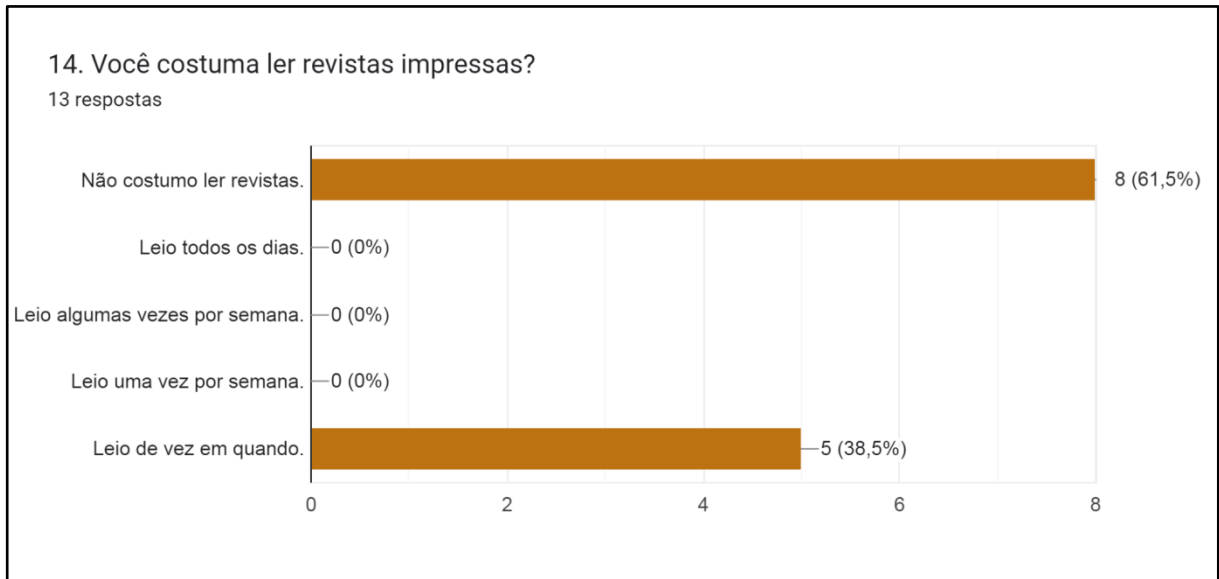
Fonte: Autor

Figura 26 – Questão 13. Se eu lhe der um jornal impresso agora, quais partes você leria? (Pode assinalar mais de uma opção)

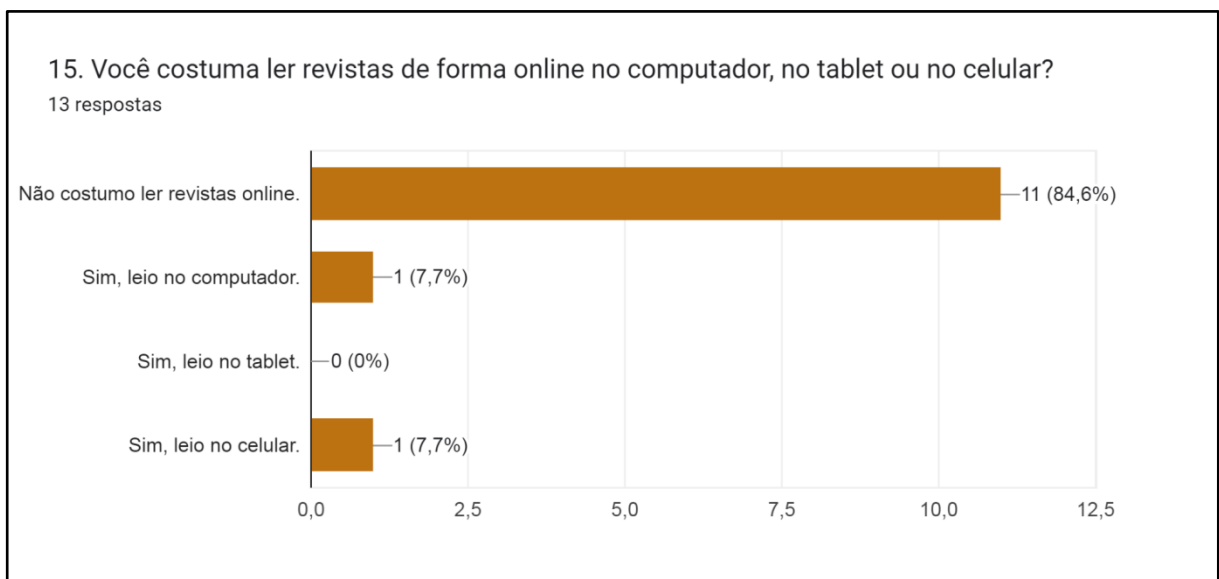


Fonte: Autor

A maioria dos participantes (61,5%) também não costuma ler revistas impressas, e 38,5% leem de vez em quando (Questão 14). Da mesma forma, 84,6% não costumam ler revistas on-line (Questão 15). Entre os que leem revistas, a preferência é pelas em quadrinhos (46,2%), seguidas pelas de fofocas e de novelas (38,5%) (Questão 16). Tais dados evidenciam que ler publicações com certa periodicidade, seja de forma impressa ou on-line, não está entre as práticas do público jovem que respondeu ao questionário.

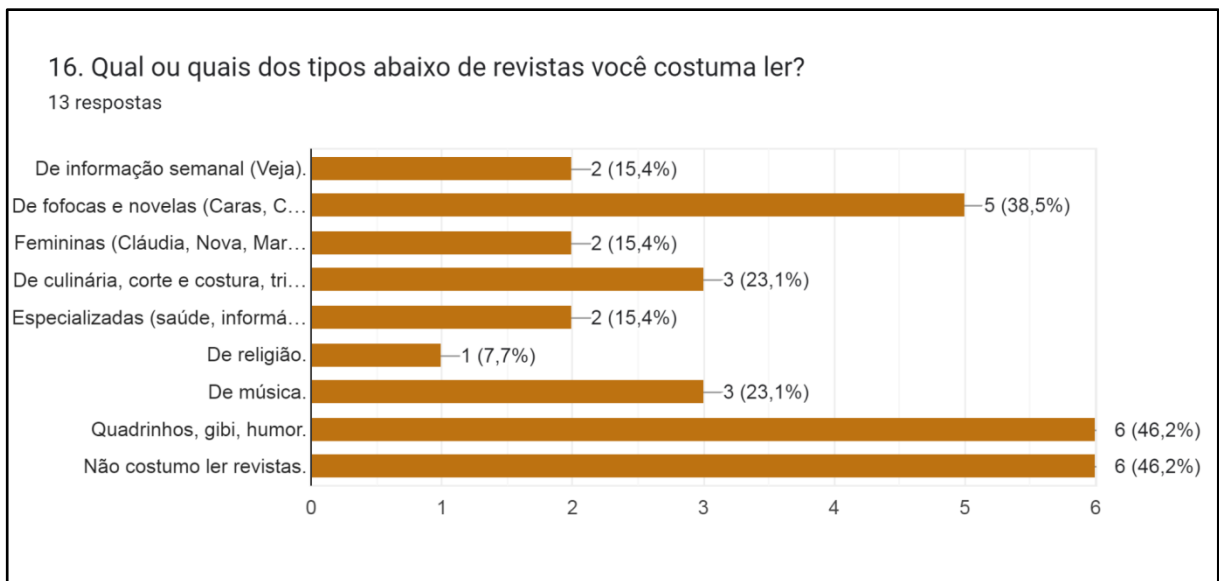
Figura 27 – Questão 14. Você costuma ler revistas impressas?

Fonte: Autor

Figura 28 – Questão 15. Você costuma ler revistas de forma online no computador, no tablet ou no celular?

Fonte: Autor

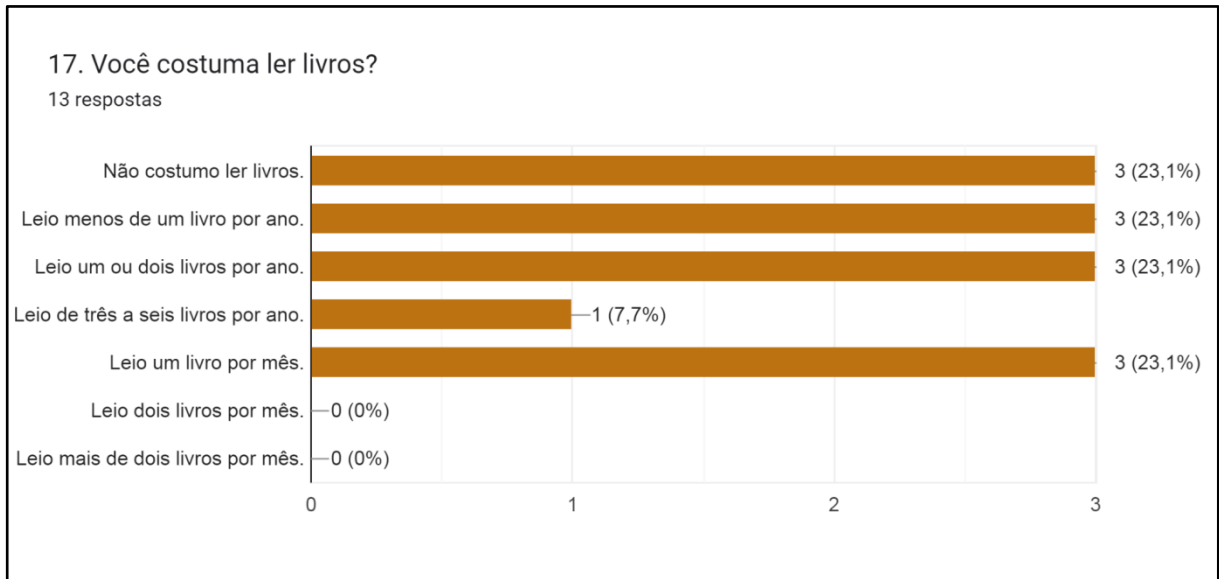
Figura 29 – Questão 16. Qual ou quais dos tipos abaixo de revistas você costuma ler?



Fonte: Autor

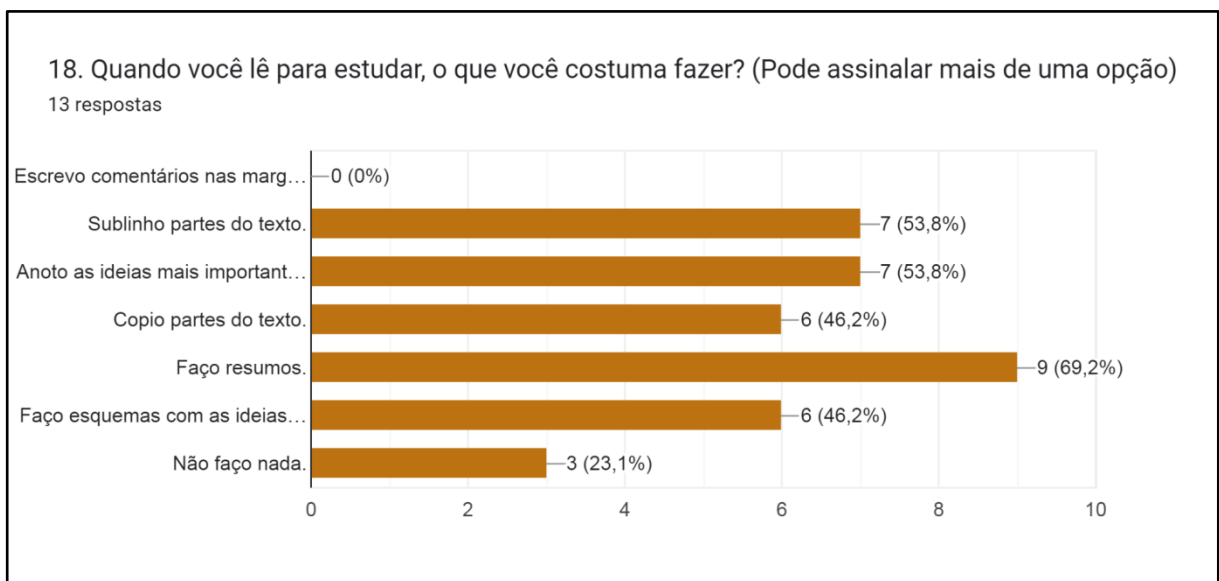
Sobre o hábito de ler livros (Questão 17), os participantes ficaram divididos entre os que leem menos de um livro por ano (23,1%), os que leem um ou dois livros por ano (23,1%), os que leem um livro por mês (23,1%) e os que não costumam ler livros (23,1%). Somente um participante afirmou que lê de três a seis livros por ano. Perguntados sobre o que costumam fazer quando leem para estudar (Questão 18), 69,2% responderam que elaboram resumos. Os demais participantes sublinham partes do texto e anotam as ideias mais importantes (53,8%); copiam partes do texto e fazem esquemas com as ideias principais (46,2%); ou não fazem nada (23,1%).

Figura 30 – Questão 17. Você costuma ler livros?



Fonte: Autor

Figura 31 – Questão 18. Quando você lê para estudar, o que você costuma fazer? (Pode assinalar mais de uma opção)

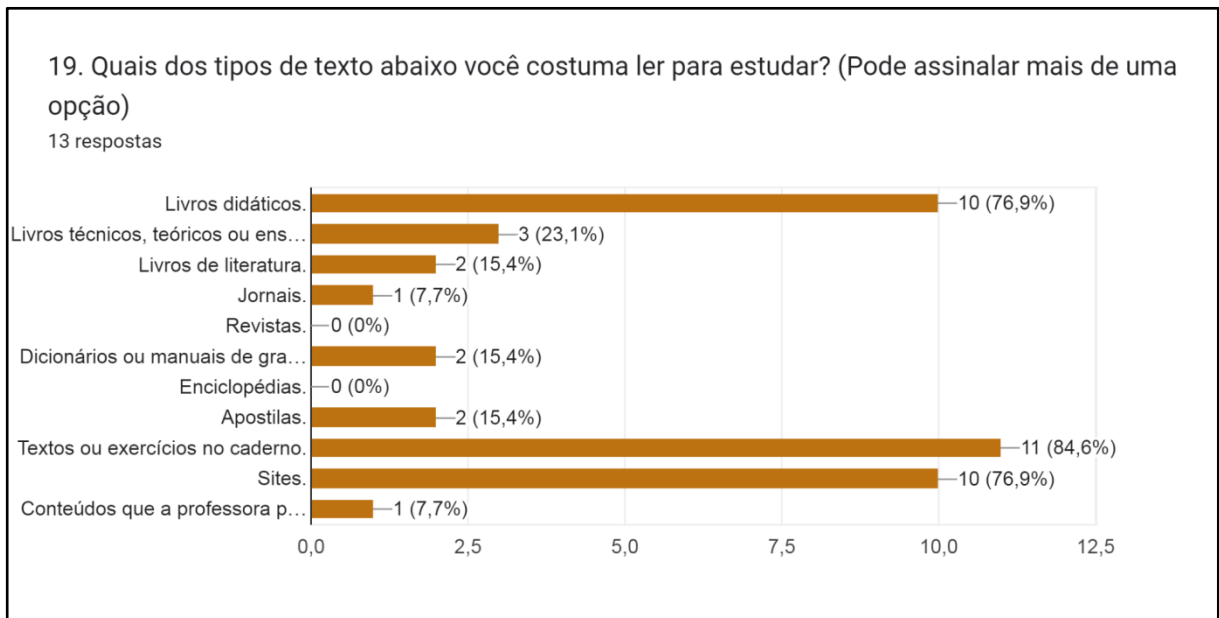


Fonte: Autor

Com relação aos tipos de textos que geralmente leem para estudar (Questão 19), grande parte se apropria dos conteúdos do próprio caderno (84,6%), enquanto que 76,9% recorrem a livros didáticos e a sites. Já durante as aulas, a maioria dos participantes costuma copiar a matéria ou os exercícios do quadro

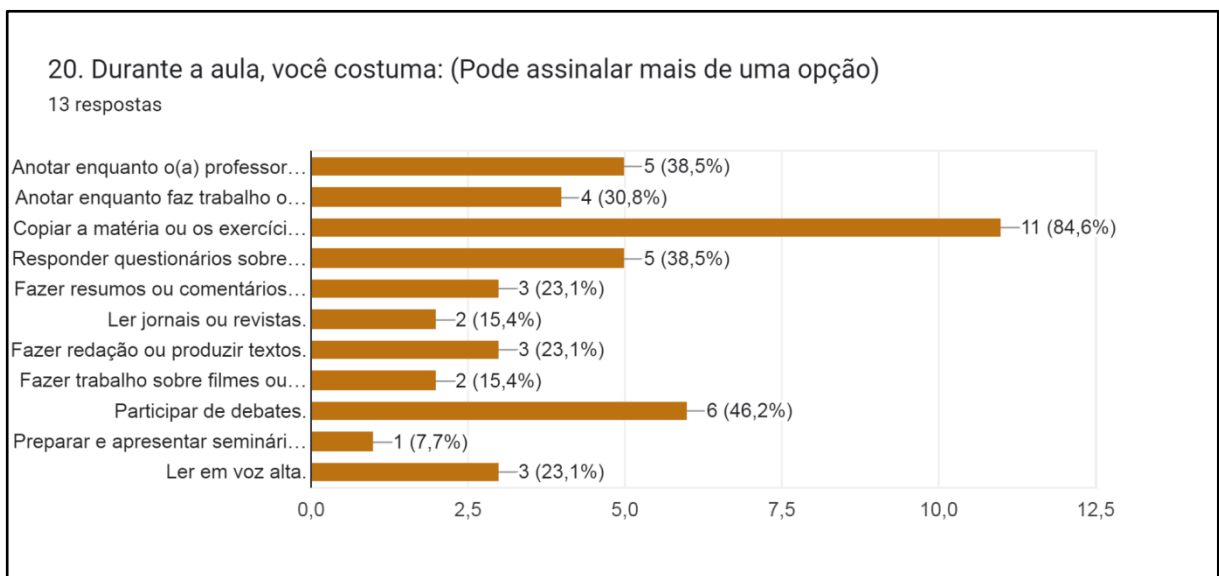
(84,6%) (Questão 20), o que propicia a prática da cópia e estimula o desenvolvimento da memória motora (procedural), características dessa atividade.

Figura 32 – Questão 19. Quais dos tipos de texto abaixo você costuma ler para estudar? (Pode assinalar mais de uma opção)



Fonte: Autor

Figura 33 – Questão 20. Durante a aula, você costuma: (Pode assinalar mais de uma opção)



Fonte: Autor

Diante das respostas apresentadas, podemos destacar que grande parte dos participantes gosta de ler e de escrever, visto que a escrita costuma ser praticada por meio de mensagens enviadas através de aplicativos para amigos e familiares. Já a leitura não é muito praticada entre os participantes, que não têm o hábito de ler jornais e revistas impressas e nem de modo on-line. No entanto, quando leem, essa prática costuma ocorrer por meio do computador ou do celular, e a preferência é por revistas em quadrinhos e de humor.

Todos os participantes têm acesso à internet e o fazem com mais frequência pelo celular, porém seus familiares não possuem assinatura digital de nenhum tipo de periódico (jornal ou revista), tampouco assinatura impressa. Quanto ao hábito de ler livros, os respondentes do questionário estão divididos entre não praticar esse tipo de leitura e ler menos de um livro por ano a um livro por mês. Já em relação aos estudos, a grande maioria prefere fazer resumos dos conteúdos das disciplinas para estudar, apoiando-se na leitura de textos e de exercícios do próprio caderno, enquanto que, durante as aulas, copiar a matéria ou os exercícios do quadro é o mais recorrente entre os estudantes.

No decorrer das aulas, os participantes foram questionados, informalmente, se já tinham conhecimento dos gêneros artigo de opinião, crônica, notícia e *post*, respondendo, quase que de forma unânime, que desconheciam os dois primeiros gêneros textuais, ao contrário da notícia e do *post*, apontados como sendo bastante conhecidos por eles.

Enquanto os conteúdos da pesquisa eram explicados e transmitidos à turma, percebemos pouco interesse dos alunos, que quase não interagem durante as aulas e, muitas vezes, conversavam com os colegas ou mexiam no celular de modo constante (hábito possivelmente adquirido durante a pandemia). Tais atitudes podem ter refletido na participação dos estudantes nas atividades propostas, visto que, do total de 25 alunos na turma, 14 realizaram a primeira tarefa (produção de texto de um dos quatro gêneros discutidos em aula) e apenas 11 entregaram os textos da segunda atividade (retextualização).

Sobre os 14 textos produzidos na Atividade 1 (Anexo C), todos abordaram a temática proposta, *Pandemia de Covid-19*, predominando os gêneros artigo de opinião e *post* (cinco de cada), seguidos da crônica e da notícia (dois de cada). Desses trabalhos, 11 corresponderam aos gêneros indicados pelos participantes e

nos outros três faltaram elementos característicos de cada gênero, como o fechamento do artigo de opinião e a impessoalidade na notícia, sem a manifestação da opinião do autor, por exemplo. Além disso, havia textos com frases copiadas da internet e também com problemas na escrita, com erros ortográficos e de concordância, assim como falta de coerência e de coesão e pontuação inadequada.

Somente um participante usou uma imagem para ilustrar o texto do gênero notícia (Anexo C - Texto 1), assim como apenas um participante criou uma arte semelhante a um *card* para acompanhar o texto do seu *post* (Anexo C - Texto 8), apresentando mais informações sobre o assunto abordado. Observamos, também, que um dos trabalhos (artigo de opinião) foi totalmente copiado da internet, o que caracteriza plágio e vai contra às orientações para a realização da Atividade 1 (Apêndice J), em que o texto deveria ser elaborado pelo próprio participante.

Em relação à *Atividade 2 - Retextualização* (Anexo D), os 11 textos produzidos foram analisados individualmente, tendo como base os textos elaborados pelos colegas na *Atividade 1 - Produção de texto* (Anexo C) e trocados entre eles, considerando os elementos de textualidade (coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade), as características correspondentes ao gênero de cada texto, o uso de linguagem adequada ao gênero, a presença da ideia principal do texto-base, a ortografia e a pontuação.

Como haviam sido entregues 14 textos na Atividade 1 e a turma contava com 25 alunos, alguns desses textos foram duplicados para que se obtivesse o mesmo número equivalente à quantidade de estudantes, a fim de que cada um recebesse um texto-base para a realização da Atividade 2. A seguir, serão apresentadas as observações mais relevantes, texto a texto, ordenados de acordo com o participante autor.

No texto produzido por P1, intitulado *As consequências da vacina contra a Covid-19* (Anexo D - Texto 1), pode-se dizer que houve uma retextualização parcial da notícia *Situação da Covid-19 em meio à vacina* (Anexo C - Texto 1) para o artigo de opinião, pois vários trechos do texto-base foram copiados de forma literal. De modo geral, observa-se pouca habilidade no uso dos recursos da modalidade escrita, com frases muito extensas e que misturam diferentes informações, o que

poderia ter sido solucionado com o uso do ponto final em certas sentenças e o emprego de elementos de coesão, como mostra o trecho abaixo:

Figura 34 – Extrato do texto 1 (retextualização/Anexo D) de P1 (1)

esses lugares estão indo na direção correta para isso. Algumas pessoas podem pensar que a pandemia já acabou e não importa mais os protocolos de proteção contra a Covid-19, como o uso de máscara ou o uso de álcool em gel, ou que apenas precisa de uma dose da vacina, ambas “opiniões” estão cientificamente incorretas, o vírus não sumiu, morreu ou deixou de existir e a vacina precisa da segunda dose para mostrar uma melhor eficácia e já estão discutindo a aplicação de uma terceira dose ou “dose de reforço”.

Fonte: Autor

Mesmo apresentando problemas na escrita, conforme apontado no parágrafo anterior, na Figura 34 é possível identificar um dos fatores de textualidade, a informatividade, como no trecho separado por vírgulas “,como o uso de máscara ou o uso de álcool em gel,” (terceira linha), constituindo-se em exemplos dos protocolos de proteção contra a Covid-19 mencionados no texto, certificando-se de que o leitor compartilhava desses conhecimentos prévios.

A informação de que estados do Brasil como Amazonas, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais “se encontram com a situação da Covid-19 em queda”, presente no texto-base, foi modificada para “alguns locais estão vencendo a Covid-19” no artigo de opinião, o que manteve a ideia do texto original de que os casos de Covid-19 estavam diminuindo nos estados citados. Ainda com relação a esses locais, o dado que consta na notícia de que tais estados possuem “o percentual de pessoas vacinadas mais alto em relação à população total” foi reescrito como “os estados acima citados são os mais altos na porcentagem de pessoas vacinadas e população total”, tornando a frase incoerente e dificultando a sua compreensão.

Houve também a substituição de algumas expressões da notícia para o artigo de opinião, como é o caso de “etc.” por “e outros”; “em contrapartida” por “no entanto”; “proporção de pessoas” por “porção de pessoas”; e “é claro que umas vacinas” por “é óbvio que algumas vacinas”. Tal ação pode ser vista mais como

reescrita do que como retextualização, pois P1 apenas mudou poucas palavras nas frases do artigo para dizer o mesmo que foi dito na notícia, sem que houvesse, por exemplo, adequação na linguagem escrita de um gênero para outro.

Ainda que seja uma reescrita da notícia, o texto contém a coesão por referência por meio dos pronomes demonstrativos *esses* e *isso*, os quais aparecem em “esses lugares estão indo na direção correta para isso”. *Esses* faz menção aos estados brasileiros citados anteriormente no texto, e *isso* se refere à queda dos casos de Covid-19 nesses estados. A coesão por referência é buscada na frase ilustrada na Figura 35 por meio do pronome pessoal *ela* (terceira linha), que retoma “a eficácia de uma vacina” (primeira linha). Entretanto, essa coesão é frágil, pois há outros substantivos femininos (capacidade, proteção, vacina) que concorrem como possíveis referentes, o que prejudica a fluidez da compreensão textual:

Figura 35 – Extrato do texto 1 (retextualização/Anexo D) de P1 (2)

vacinação completa que ficará doente. **L**a eficácia de uma vacina pode ser explicada pela capacidade do imunizante em garantir proteção imunológica a um determinado agente, que nesse caso é o vírus SARS-CoV-2, ela é observada em um ambiente controlado, normalmente em testes da fase 3, e é eficaz quando produz o efeito esperado. **E** é óbvio que

Fonte: Autor

Com relação aos elementos de coesão, foram empregados, no decorrer do artigo, algumas conjunções (coesão por conjunção), como “e”, “mas”, “ou”, “no entanto”, “portanto” e “que”, e alguns conectores, entre eles “enfim”, “de fato” e “apenas que”.

O texto de autoria de P2, *Retrospectiva Covid-19* (Anexo D - Texto 2), apesar de ser informativo, de abordar um assunto relevante e real e de ter uma linha de apoio abaixo do título (no caso, a frase “Muitas coisas aconteceram em um ano de Coronavírus”), transgride uma das principais características do gênero notícia: ser impessoal. Em alguns momentos, o autor manifesta a sua opinião sobre o tema abordado (retrospectiva da pandemia no mundo), conforme podemos observar nas frases abaixo extraídas do seu texto:

Figura 36 – Extrato do texto 2 (retextualização/Anexo D) de P2 (1)

mais de 190 países. É impossível não definir o ano de 2020, o ano deste novo agente infeccioso. Um ano extremamente desafiador para os profissionais da saúde, os cientistas e, principalmente para as pessoas comuns. A Ciência por sua vez avançou muito em pouco tempo. De uma pneumonia misteriosa até as primeiras vacinas já distribuídas e feitas até o presente momento contra a Covid-19 e devido a esses avanços o mundo melhorou bastante no combate ao SARS – CoV-2.

Fonte: Autor

Figura 37 – Extrato do texto 2 (retextualização/Anexo D) de P2 (2)

Atualmente, a estabilização da pandemia no Brasil deixa a impressão de que as coisas estão melhorando, mas ainda temos 6 mil casos diários e por isso necessitamos de medidas efetivas para diminuir a transmissão no Brasil.

Fonte: Autor

Como é possível perceber, expressões como “é impossível”, “ano extremamente desafiador”, “a ciência [...] avançou muito em pouco tempo” e “o mundo melhorou bastante”, na Figura 36, e “ainda temos 6 mil casos diários” e “necessitamos de medidas efetivas”, na Figura 37, indicam a opinião do autor do texto – ou seja, P2 – quando a notícia produzida deveria ter sido um texto jornalístico não opinativo. Além disso, os verbos “ter” e “necessitar” estão conjugados na primeira pessoa do plural (“temos” e “necessitamos”, na Figura 37), o que elimina a impessoalidade do texto, que também é uma característica do gênero notícia. Ainda que a neutralidade no gênero notícia possa ser considerada um ideal impossível, por outro lado há formas mais ou menos neutras de se usar a linguagem e, talvez, P2 ainda não tenha consciência dessas técnicas de redação.

A ideia principal do texto-base – o *post Retrospectiva* (Anexo C - Texto 2) –, isto é, a retrospectiva de alguns fatos causados em decorrência da pandemia de Covid-19, foi mantida no texto retextualizado, porém, com o acréscimo de novas informações sobre a situação da pandemia em 2021, como dados divulgados pela Universidade Johns Hopkins (Estados Unidos), pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e por uma pesquisa internacional publicada pela revista *Lancet*, entre outros.

Com relação à revista *Lancet*, mencionada no texto, o trecho “uma das mais importantes publicações científicas do planeta” (Figura 38) corresponde ao fator informatividade, visto que se trata de uma informação nova e complementar sobre a referida revista, não esperada (ou desconhecida) pelo leitor. Além disso, o texto ainda contém elementos de coesão por conjunção, como, por exemplo, “sendo que”, “segundo”, “de acordo com”, “e”, “uma vez que”, “ou”, “bem como” etc.

Figura 38 – Extrato do texto 2 (retextualização/Anexo D) de P2 (3)

Os números, de uma pesquisa internacional publicada pela revista *Lancet*, uma das mais importantes publicações científicas do planeta, e divulgados pelo *Jornal Nacional*, dão uma ideia de como seria o mundo hoje sem a influência e o poder das vacinas.

Fonte: Autor

Em seu texto intitulado *Pandemia* (Anexo D - Texto 3), P3 copiou todo o *post* de mesmo título (Anexo C - Texto 3), sem fazer nenhuma alteração ou adequação ao gênero artigo de opinião, o que fez com que, nos três primeiros parágrafos, a retextualização não acontecesse de fato. Somente a partir do quarto parágrafo, ou seja, da metade do texto em diante, é que ele expõe o seu ponto de vista sobre o posicionamento do atual presidente da República em relação à pandemia de Covid-19, um dos principais pontos abordados no artigo. No entanto, há erros de ortografia, falta de pontuação adequada e frases incoerentes, como nas sentenças abaixo:

Figura 39 – Extrato do texto 3 (retextualização/Anexo D) de P3

Não foi só uma crise de saúde que o país viveu e sim um grande crise sócio econômica, com está relatado, mas nosso Presidente a acha que não é nada que já passou a crise principalmente da saúde que não precisamos mais se preocupar.

Não e bem assim, já tem variantes que estão sendo descobertas, e ja esta atingindo alguns países e já esta no Brasil, que varias amostras foram dectadas em algumas pessoas que tiveram o sintoma da doença, a poulação tem que ficar atenta e se vacinar e não ir atrás de palavras do nosso presidente que é so uma simples gripezinha.

Fonte: Autor

Nessas frases, mesmo com a presença da coesão por conjunção por meio dos termos “que”, “e” e “mas”, é nítida a necessidade de mais elementos de coesão para conectar as ideias e dar sentido ao texto, tornando-o coerente e coeso, assim como o emprego do ponto final em alguns trechos, ao invés do uso da vírgula.

No texto de P4, cujo título também é *Pandemia* (Anexo D - Texto 4), não houve a retextualização do *post* (o mesmo recebido por P3, Anexo C - Texto 3) para a notícia, mas sim, uma síntese com as principais informações do texto-base, o que quer dizer que P4 transformou o *post* em uma nota jornalística. Além disso, a terceira e última frase do texto não apresenta coesão com as duas sentenças que a antecedem, visto que, assim como nos textos anteriores, há falta de conectores entre as ideias para tornar o enunciado coeso. A mistura de ideias, como o alto preço dos suprimentos e o fato de os presidentes terem contraído o vírus, também resultou num texto incoerente.

Por ser bastante sucinto, trouxemos na íntegra o texto produzido por P4:

Figura 40 – Extrato do texto 4 (retextualização/Anexo D) de P4

Pandemia

A pandemia do COVID-19 tem sido um grande problema mundial, afetando a economia dos países causando milhares de mortes por todo o mundo. Com a economia muito afetada, os suprimentos básicos como arroz, feijão, entre outros, ficaram muito caros. Os presidentes do Brasil e dos Estados Unidos, não perceberam a gravidade da situação, não se preocupando e acabaram contraindo o vírus da COVID-19.

Fonte: Autor

Acreditamos que as ideias apontadas no texto, como a situação da economia em meio à pandemia e o fato de os presidentes do Brasil e dos Estados Unidos terem testado positivo para a Covid-19, poderiam ter sido mais desenvolvidas e aprofundadas por P4, a fim de transmitir o maior número possível de informações ao leitor e enriquecer a notícia. Quanto aos fatores de textualidade, há a presença da informatividade quando o autor do texto se refere aos suprimentos básicos e cita, como exemplos, o arroz e o feijão (linha 3).

No texto *Momentos diferentes – um novo recomeço* (Anexo D - Texto 5), de autoria de P5, não houve a retextualização do artigo de opinião *Pandemia de Covid-*

19 (Anexo C - Texto 4) para a notícia. Por ser um texto opinativo escrito na primeira pessoa do plural, com uso da linguagem informal e objetivo, o gênero que mais se aproxima do texto retextualizado é o *post*. Uma notícia não pode ser de caráter opinativo, e o texto já começa com “Estamos juntos nessa...”, seguido de “É normal nos sentirmos tristes...”, “Quanto mais nos conhecemos, mais equilíbrio temos...”, “devemos ser nossa melhor pessoa...”, entre outras expressões, como mostra o trecho abaixo:

Figura 41 – Extrato do texto 5 (retextualização/Anexo D) de P5

É normal nos sentirmos tristes, deprimidos, assustados, ansiosos, com o distanciamento. Lutamos para manter nossas emoções no resto, devíamos ter 100% de fé o tempo todo.

Quanto mais nos conhecemos mais equilíbrio temos e na pandemia “surgiu” isso, devemos ser nossa melhor pessoa, se colocar no lugar do outro para podemos entender o que estamos passando.

Fonte: Autor

Para ser considerado do gênero notícia, é preciso que o texto tenha informações objetivas, dados relevantes que interessem à população ou a um público específico, e não o ponto de vista do autor e suas impressões sobre o assunto abordado. Apesar de problemas de pontuação, principalmente a falta de vírgula em certas frases, e alguns erros ortográficos, há coerência entre as orações do texto. Já os elementos de coesão foram pouco usados, ficando restritos ao emprego da coesão por conjunção, como “que”, “ou”, “e” e “quanto mais”, por exemplo.

Por sua vez, P6 fez a retextualização do gênero crônica para o gênero *post*. O título original, *Pandemia da Covid-19 aos olhos de uma adolescente* (Anexo C - Texto 5), foi modificado para *Pandemia da Covid-19 aos olhos de um jovem* (Anexo D - Texto 6), mantendo-se a ideia principal do texto-base – as consequências da pandemia sob o ponto de vista de um adolescente. Enquanto a crônica fora escrita em primeira pessoa, o *post* foi elaborado em terceira pessoa, com exceção da frase “Quanto tempo mais vai ter que demorar para nós podemos ter nosso cotidiano

normal de volta?”, que fez uso da primeira pessoa do plural. Com relação à coerência e à coesão do texto, o trecho abaixo carece dos elementos característicos da modalidade escrita, lembrando mais um desabafo que, na modalidade oral, poderia ser sustentado pela entonação:

Figura 42 – Extrato do texto 6 (retextualização/Anexo D) de P6 (1)

como que se lida com esse vírus, é apavorante. **Principalmente** para um jovem que acaba vendo sua vida passar em um piscar de olhos sem aproveitar NADA dela, apenas olhando para uma tela do celular ou TV, e se virando para entender os conteúdos passado pelos professores, aquele número enorme de mortes retratado na TV, como se fosse nada para algumas pessoas, quantas pessoas ainda precisam morrer para outras darem valor para a vida? **Quanto tempo mais vai ter que demorar para nós podermos ter**

Fonte: Autor

Como podemos observar, são várias ideias numa única frase, apenas separadas por vírgulas, visto que as orações deveriam ter sido separadas por ponto final e conectadas por elementos de coesão, como *além disso*, *sendo assim* ou *desse modo*, por exemplo, a fim de dar coerência e sentido ao texto. Ainda na Figura 42, a expressão “dela” (segunda linha) exerce a função de coesão por substituição, usada para que a palavra “vida” não fosse mencionada novamente. Já o pronome indefinido “outras” (penúltima linha) atua no texto como mecanismo de coesão por elipse, pois omite a palavra “pessoas” na oração sem comprometer a clareza das ideias.

Por se tratar de um *post*, P6 apresentou, além do texto, uma arte semelhante a um *card*, muito comum nas postagens feitas nas redes sociais, contendo a frase “Sua vida não é descartável, fique em casa”, numa espécie de alerta à população quanto à importância do isolamento social (abaixo).

Figura 43 – Extrato do texto 6 (retextualização/Anexo D) de P6 (2)



Fonte: Internet (<https://br.pinterest.com/pin/605452743644487531/>)

Na frase da Figura 43, é evidente a intertextualidade, uma vez que a expressão “Fique em casa” foi usada em diversas campanhas publicitárias, comerciais e ações que reforçavam a necessidade do isolamento social durante o período crítico da pandemia de Covid-19. Alguns exemplos são os *slogans* “Vai na sua. Vai com Elo. Mas fique em casa.”, da bandeira de cartões de crédito Elo; “Vida longa ao rock. Fique em casa.”, da rádio Kiss FM; “Fique em casa. Saia apenas quando for essencial.”, do Governo do Estado do Paraná; “Fique em casa e faça o bem!”, da Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão, entre outros. Por outro lado, o uso da palavra “descartável” no centro do *card*, em letra que remete à escrita manual, portanto, humana, funciona como um elemento mobilizador ao chamar a atenção para o valor da vida humana, em comparação com outros valores, que podem ser descartáveis.

Este *card*, que pensávamos ter sido elaborado de forma bastante criativa por P6, na verdade foi copiado por ele da internet. Bastou uma pesquisa na *web* para descobrirmos que a arte apresentada pelo participante está disponível no site <https://br.pinterest.com/pin/605452743644487531/>, inclusive com a assinatura da sua real autora. Essa situação serve de alerta para a necessidade de enfatizar

junto aos estudantes a importância da honestidade, do empenho pessoal e da autoria na realização de trabalhos escolares e na participação de uma pesquisa.

Em sua produção textual, P7 não realizou a retextualização conforme a atividade proposta para a turma, pois recebeu um artigo de opinião e elaborou outro artigo de opinião, quando deveria ter produzido uma crônica, uma notícia ou um *post*. Ele apenas criou um novo título – de *A saúde mental das pessoas na pandemia da covid-19* (Anexo C - Texto 6) para *Consequências da Covid-19* (Anexo D - Texto 7) – e reescreveu o texto-base, mudando algumas palavras e frases e copiando a maioria das sentenças do artigo original para o seu texto.

Mesmo que o texto de P7 não seja uma retextualização, vale observar a falta de coerência, de coesão, de pontuação adequada e de acentuação em algumas palavras, como podemos perceber no trecho a seguir do artigo de opinião:

Figura 44 – Extrato do texto 7 (retextualização/Anexo D) de P7 (1)

Diversos países entraram em recessão e, na avaliação de vários economistas a economia global deverá sofrer anos até se recuperar de suas perdas da crise, essa pandemia fez com que muitas pessoas ficassem com medo de perderem seus empregos e sua fonte de renda e ao mesmo tempo com medo de se infectar ou de seus familiares contraírem a doença e o pior de tudo, virem a obito

Fonte: Autor

Os mesmos problemas de escrita são identificados em outro trecho do artigo de opinião de P7, como mostra a Figura 45 (abaixo), principalmente a falta de coerência, de vírgula em certas sentenças e de acentuação nas palavras “porém”, “já”, “está”, “vários”, “irreversíveis” e “máscaras”, assim como a ausência de cedilha em “avanço”.

Figura 45 – Extrato do texto 7 (retextualização/Anexo D) de P7 (2)

Porem com a vacina, ja esta tendo um grande avanco e os casos de corona diminuíram assim as pessoas ficaram mais aliviadas, e ver seus parentes e amigos com mais tranquilidade. Porém infelizmente varios danos são irreversiveis, e temos que lembrar de o Covid não acabou 100% então temos que cuidar ainda e respeitar o uso de mascaras e sempre se higienizando

Fonte: Autor

Em ambos os trechos das Figuras 44 e 45, há um compilado de ideias emendadas umas nas outras sem o emprego de pontuação e de conectores entre as orações, resultando em frases muito longas, como na Figura 44, e tornando o texto, em certos momentos, incoerente e de difícil entendimento. Ao longo do artigo, alguns elementos de coesão foram utilizados, como as conjunções “que”, “e”, “ou”, “como”, “pois”, “assim”, “porém” e “então”.

O texto-base de P8, um artigo de opinião intitulado *Pandemia de Covid-19* (o mesmo recebido por P5, Anexo C - Texto 4), tem como ideia principal as consequências da pandemia para a saúde mental da população, o que ficou explícito no título do *post* produzido – *A saúde mental das pessoas piora durante a pandemia* (Anexo D - Texto 8). Podemos considerar que a afirmação de que a saúde mental piora foi uma inferência do próprio P8 ao ler o texto-base.

Para fazer a retextualização do artigo de opinião para o *post*, um novo texto deveria ter sido criado, mesmo que se mantivesse a ideia principal do texto original e algumas informações que fossem consideradas importantes. Entretanto, P8 elaborou um *post* copiando praticamente todas as frases do artigo de opinião e fazendo pequenos ajustes, como a exclusão de alguns trechos e a substituição de palavras por sinônimos e de determinadas expressões por outras semelhantes.

Alguns exemplos são as mudanças de “diversos profissionais” para “vários profissionais”; “que podem contribuir” para “que contribuem”; “cada pessoa deve ter em mente” para “todas as pessoas devem ter em mente”; “cada um de nós tem que aprender a encontrar uma maneira” para “todos nós devemos achar uma maneira”; “não tem como estar 100%” para “não há como ficar 100%”, entre outros.

Por outro lado, o *post* apresenta diversos elementos de coesão, como “uma vez que”, “com isso”, “além”, “devido”, “porém”, “e”, “então” e “mas”, os quais são fundamentais para proporcionar harmonia e clareza entre as orações do texto. Além disso, também há coerência entre os pontos abordados no *post*, possibilitando a sua compreensão e a fluidez da leitura, como é possível observar no trecho abaixo:

Figura 46 – Extrato do texto 8 (retextualização/Anexo D) de P8

É normal nos sentirmos tristes, assustados, ansiosos, com medo, e menos produtivos do que o habitual devido a pandemia e o isolamento social. Porém, temos que ter fé que novos sentimentos são esperados, e não há como ficar 100% o tempo todo.

Fonte: Autor

Mesmo com pequenas falhas gramaticais, como a vírgula inadequada após “medo” (primeira linha) e a falta da crase em “à pandemia”, do “ao” antes de “isolamento social” e do “de” depois de “fé” (segunda linha), é possível entender a abordagem feita por P8 a respeito do estado emocional das pessoas durante a pandemia e o isolamento social.

Tendo como texto-base um artigo de opinião intitulado *As consequências da Covid-19* (Anexo C - Texto 7), P9 optou por retextualizá-lo para o gênero notícia, o que não ocorreu de fato. O título do texto, *Covid-19* (Anexo D - Texto 9), não corresponde a um título de notícia, pois o mesmo precisa conter a informação mais importante da matéria que será lida na sequência, a fim de atrair a atenção do leitor. Apenas “Covid-19” como título não apresenta informações suficientes para aguçar a curiosidade ou estimular a leitura do texto que virá na sequência.

Em dois momentos, P9 se insere no texto para expor o seu ponto de vista sobre a pandemia, o que não é de praxe quando se trata do gênero notícia. Primeiro, ele inicia o texto com o verbo conjugado na primeira pessoa do plural (“Estamos no início de dezembro de 2021...”), e, no último parágrafo, usa o pronome possessivo *nosso* (“cerca de 55% da população do nosso país...”). Além disso, esse mesmo parágrafo inicia com um conectivo de conclusão, a palavra “Bem”, mecanismo que não é usado numa notícia, como podemos observar a seguir:

Figura 47 – Extrato do texto 9 (retextualização/Anexo D) de P9 (1)

Bem cerca de 55% da população do nosso país já está vacinado conta o vírus sendo que muitos pessoas discordam que a vacina é eficaz.

Fonte: Autor

O texto também apresenta problemas de incoerência e falta de coesão, conforme mostram as frases abaixo:

Figura 48 – Extrato do texto 9 (retextualização/Anexo D) de P9 (2)

Estamos no início de dezembro de 2021 numa pandemia causada pela Covid-19 (CORONAVIROS), em média foi registrado cerca de 243 milhões de infectados e quase 5 milhões de mortos . Hoje em dia a vacina da COVID já está em uso podendo se vacinar em 2 doses.

Sendo as pessoas que tiveram contato com esse vírus estão internado em hospitais com esperança de se salvar, pessoas que tiveram alta da internação saíram com sequelas EX: cansaço, fraqueza muscular, perda de olfato e paladar, tosse seca entre outras.

Levando a sério as consequências da COVID 19 são várias seja num âmbito econômico/político/social/cultural/histórico (como as crises econômicas em diversos países, o despreparo dos governos em frente à pandemia, a falta de auxílio à população em várias nações).

Fonte: Autor

Boa parte dessas sentenças foi copiada do texto-base, porém, não na íntegra, resultando em frases soltas e deslocadas no texto, que perdem o sentido por não estabelecerem conexão com as orações que as antecedem ou as sucedem. Exemplo disso é a frase que compõe o segundo parágrafo da Figura 48, que contém duas informações distintas sobre as pessoas que contraíram o coronavírus separadas apenas por uma vírgula, sem o emprego de nenhum elemento de coesão.

O mesmo ocorre na primeira frase do primeiro parágrafo, seguida por nova sentença que começa com um mecanismo de coesão (“Hoje em dia”), mas perde a coerência ao informar que “a vacina da COVID já está em uso podendo se vacinar em 2 doses”, sendo que pode provocar no leitor questionamentos como: Quem pode se vacinar? Toda a população? Ou somente uma faixa etária específica? Já o

terceiro parágrafo é composto por uma única frase copiada pela metade do texto-base, o que a deixou sem sentido, ficando nítida a ausência de mais informações para complementá-la.

Também chamam a atenção os erros ortográficos e de concordância (como, por exemplo, “população vacinado”, “muitos pessoas”, “coronaviros”, “estão internado” e “em frente à pandemia”) e a falta de vírgula (como após “Bem”, “em média”, “Hoje em dia” e “Levando a sério”, por exemplo) nas sentenças das Figuras 47 e 48.

O trabalho de retextualização feito por P10, *Delivery na Pandemia* (Anexo D - Texto 10), foi do *post Serviço de delivery é seguro* (Anexo C - Texto 8) para o artigo de opinião, mantendo a ideia principal do texto-base de que o serviço de *delivery* foi uma boa opção para a população durante o período de isolamento social. Mesmo que o autor tenha defendido essa ideia no artigo, ela poderia ter sido mais desenvolvida, com mais argumentos e dados relevantes sobre o serviço de *delivery*, visto que o texto ficou bastante sucinto para um artigo de opinião.

Apesar disso, o texto retextualizado é, de modo geral, coerente e coeso, com parte das ideias auxiliada por conectores entre as orações, como “mas”, “ou seja”, “além de”, “atualmente”, “ou” etc. Porém, é necessário ressaltar a falta de vírgula em diversos momentos do artigo de opinião, visto que esse sinal de pontuação não foi aplicado nenhuma vez em todo o texto. Como exemplo, destacamos o trecho abaixo:

Figura 49 – Extrato do texto 10 (retextualização/Anexo D) de P10 (1)

Atualmente os serviços de delivery vem aumentando gerando mais lucros com as entregas seja de alimentos produtos importados ou de itens específicos como itens de alta periculosidade como armamentos e etc.

Fonte: Autor

Na Figura 49, também observamos a repetição das palavras “itens” e “como” na mesma frase, o que poderia ter sido evitado com o emprego de mecanismos de coesão, como, por exemplo, o de coesão por substituição. Outro ponto analisado é que, no texto-base, a informação de que “o serviço de *delivery* está em alta” foi transformada em números no artigo de opinião, no qual P10 afirma que, antes da

pandemia de Covid-19, o *delivery* obtinha “3% de faturamento” e, após o início da pandemia, esse serviço “aumentou 30%”. Temos aqui a presença da informatividade, pois se trata de uma informação não esperada pelo leitor e que pode ser novidade para ele. No entanto, a fonte desses dados não foi citada no artigo e os números parecem ter sido inventados pelo autor. Resta saber se P10 apenas ilustrou um argumento usado em artigos de opinião ou se pensa que os dados percentuais podem ser imaginados pelo autor.

Com relação ao fechamento do artigo de opinião, o qual ocorre no último parágrafo e é semelhante à conclusão, apenas uma frase curta corresponde a essa etapa no texto de P10:

Figura 50 – Extrato do texto 10 (retextualização/Anexo D) de P10 (2)

Bom acho que o serviço de *delivery* muito importante.

Fonte: Autor

Somente essa simples frase, que precisa ser melhorada com a exclusão do “que” ou o acréscimo de um “é” após a palavra *delivery*, assim como a inserção de vírgula após “Bom”, não é suficiente para o fechamento de um artigo de opinião. O ponto de vista do autor em considerar o serviço de *delivery* muito importante mereceria ser mais desenvolvido, explicando o porquê da sua relevância e apontando os benefícios que esse serviço pode proporcionar à população em meio à pandemia, por exemplo. Da forma como exposta, a frase poderia integrar uma conversa presencial ou no *WhatsApp*, por exemplo.

Assim como P10, P11 também retextualizou o *post* sobre o serviço de *delivery* (Anexo C - Texto 8), só que para o gênero textual crônica, mantendo o mesmo título – *Serviço de delivery é seguro* (Anexo D - Texto 11). Também foi mantida a ideia principal do texto-base, isto é, que o serviço de *delivery* foi uma opção prática e segura para a população durante o período de isolamento social.

O texto foi bem escrito e desenvolvido de acordo com o gênero escolhido para a retextualização, apresentando características típicas da crônica, como adotar a linguagem culta, mas informal; ser constituído por elementos do cotidiano; e tratar

de um elemento que fez parte da vida de muitas pessoas durante a pandemia de Covid-19, ou seja, pedir comida com entrega a domicílio. Desse modo, percebemos a manifestação da situacionalidade, pois houve a adequação do texto à situação comunicativa do gênero crônica. Além disso, P11 se insere no contexto da narrativa e se diz adepto do serviço de *delivery*, como mostra o trecho abaixo:

Figura 51 – Extrato do texto 11 (retextualização/Anexo D) de P11 (1)

E não é que mesmo tendo sido uma medida tomada às pressas deu certo? foi algo que bombou, mesmo com o preço caríssimo das coisas e taxa de entrega, eu mesma cheguei a pedir várias vezes quando sentia vontade de comer algo diferente.

Fonte: Autor

Há também outro fator de textualidade, a informatividade, quando o autor transmite ao leitor uma informação não previsível sobre o serviço de *delivery* – a estabilidade dos pedidos feitos por aplicativos diante da diminuição das medidas de segurança decretadas pelo governo. O referido fator está presente na sentença a seguir:

Figura 52 – Extrato do texto 11 (retextualização/Anexo D) de P11 (2)

gel são necessários até mesmo para receber o que encomendou. Mesmo com a diminuição de restrições do governo, o número de pedidos feitos virtualmente por aplicativos, para *delivery* não diminuiu, parece que todos já se acostumaram com essa ideia de ter a comida do seu restaurante favorito dentro de casa. E isso não é ruim não, evitamos assim ficar em lugares

Fonte: Autor

A crônica é coerente e possui conectores entre as orações, os quais promovem a coesão do texto. Alguns exemplos são: “pelo fato de”, “e”, “assim”, “porque”, “mas”, “e isso”, entre outros. Porém, há um problema de pontuação com o uso excessivo de vírgulas e a não separação de algumas orações por ponto final, ocasionando frases muito extensas. Tal problema é demonstrado no seguinte trecho:

Figura 53 – Extrato do texto 11 (retextualização/Anexo D) de P11 (3)

pedir várias vezes quando sentia vontade de comer algo diferente. Não sei se realmente é uma medida 100% segura, porque não temos como ter certeza de nada, mas é uma boa solução para diminuir o contágio e as aglomerações, mas não é porque você vai receber o pedido na sua casa que precisa desrespeitar as normas de segurança, não seja bobo, máscara e álcool em gel são necessários até mesmo para receber o que encomendou.

Fonte: Autor

Essa única sentença (em destaque) poderia ter sido transformada em, pelo menos, três frases, caso o ponto final tivesse sido usado adequadamente, eliminando algumas vírgulas e tornando o texto mais coeso. Já na penúltima frase da crônica, P11 empregou a coesão por referência em duas ocasiões, ambas utilizando o pronome demonstrativo *isso* para fazer menção a elementos que já haviam aparecido no texto. Em “**isso** não é ruim não”, a referência é à “ideia de ter a comida do seu restaurante favorito dentro de casa”, mencionada na frase anterior. Já na oração “por mais que as empresas sejam aquelas que mais lucram financeiramente com **isso**”, o pronome em destaque se refere ao serviço de *delivery*, também citado anteriormente no texto.

No quadro a seguir, apresentamos os gêneros textuais que foram produzidos pelos participantes na *Atividade 1 – Produção de Texto* e na *Atividade 2 – Retextualização*.

Quadro 6 – Gêneros textuais produzidos nas atividades 1 e 2

Participantes	Atividade 1 – Produção de Texto	Atividade 2 – Retextualização (gênero texto-base – gênero retextualizado)
P1	Artigo de opinião	Notícia – Artigo de opinião
P2	Artigo de opinião	<i>Post</i> – Notícia
P3	<i>Post</i>	<i>Post</i> – Artigo de opinião
P4	Notícia	<i>Post</i> – Notícia
P5	Artigo de opinião	Artigo de opinião – Notícia
P6	<i>Post</i>	Crônica – <i>Post</i>
P7	Notícia	Artigo de opinião – Artigo de opinião
P8	Artigo de opinião	Artigo de opinião – <i>Post</i>
P9	<i>Post</i>	Artigo de opinião – Notícia
P10	<i>Post</i>	<i>Post</i> – Artigo de opinião
P11	Crônica	<i>Post</i> – Crônica
P12	<i>Post</i>	Não realizada
P13	Crônica	Não realizada
P14	Artigo de opinião	Não realizada

Fonte: Autor (2022)

Como podemos perceber, na Atividade 1, predominaram os gêneros artigo de opinião e *post*, com cinco textos de cada, além de duas notícias e duas crônicas. O artigo de opinião também figura entre os gêneros mais retextualizados na Atividade 2, juntamente com a notícia, resultando em quatro textos de cada, seguidos por dois *posts* e apenas uma crônica. Nesta tarefa, chama a atenção o fato de um participante ter elaborado o texto do mesmo gênero que o seu texto-base, o que não corresponde à retextualização.

4.2 Discussão dos resultados

Escrever não é uma tarefa simples, como pode parecer para algumas pessoas. Produzir um texto, independente do gênero, requer muito mais do que unir palavras e frases. Trata-se de uma atividade que exige conhecimento da ortografia, da gramática e do léxico da língua do escritor, adquirido no decorrer da vida nas diversas práticas comunicativas das quais participamos como sujeitos sociais e, de modo ordenado, na escola, conforme apontam Koch e Elias (2010). No caso da retextualização, outros fatores também estão envolvidos, como a compreensão do texto-base e o conhecimento do gênero do novo texto.

Analisando os trabalhos feitos pela turma do 1º ano do Ensino Médio, percebemos que alguns participantes da presente pesquisa tiveram dificuldade para realizar a retextualização de forma que estivesse adequada ao gênero textual escolhido, fugindo das características que configuram o gênero como tal. Dos 11 textos analisados, quatro são artigos de opinião, quatro são notícias, dois são *posts* e um é crônica, visto que cinco deles foram devidamente retextualizados e seis não corresponderam ao gênero escolhido pelos participantes. Esse aspecto demonstra que a maioria não entendeu corretamente o conteúdo transmitido nas aulas e/ou as orientações para realizar a retextualização.

Além disso, apenas um participante utilizou uma espécie de *card* para acompanhar o seu *post*, possivelmente porque mantém contato frequente com esse tipo de conteúdo por meio das redes sociais, ou porque estava ciente de que o *post* pode apresentar, além do texto, vários recursos multimídia, entre eles a imagem e a ilustração. Entretanto, o *card* foi copiado da internet, caracterizando tal ação como plágio. Esse tipo de atitude demonstra a falta de comprometimento do participante, que provavelmente pensou que poderia copiar uma arte pronta de um site e inseri-la no seu texto como se fosse de sua autoria, o que demanda menos tempo e não exige que a sua capacidade intelectual e a criatividade sejam colocadas em prática. Diante disso, ressaltamos a dificuldade em identificar a produção original dos estudantes, visto que, frequentemente, precisamos recorrer a pesquisas na internet, na tentativa de comprovarmos possíveis plágios.

Em três produções da Atividade 2, o que ocorreu foi a reescrita do texto-base, e não a retextualização, mantendo-se o mesmo gênero textual, porém,

reescrito com outras palavras (algumas substituídas por sinônimos) e com modificações na ordem em que certas frases e parágrafos foram apresentados no texto original, o que leva a crer que não houve, por parte de certos participantes, a compreensão necessária para conseguirem diferenciar um gênero do outro e realizarem a retextualização. Outra possibilidade é a falta de conhecimento prévio sobre o ato de retextualizar e de prática com esse tipo de atividade, que podem ter conduzido os participantes a reescreverem e, até mesmo, a copiarem trechos do texto-base ao invés de retextualizá-lo.

A produção de textos foi pequena (14 na Atividade 1 e 11 na Atividade 2) em relação ao número de estudantes aptos a participar da pesquisa (25). Ainda que a investigação tenha ocorrido em um momento atípico (pandemia), os resultados reforçam que os participantes apresentaram dificuldade de compreensão e de produção textuais, além de pouco domínio dos gêneros e da retextualização.

Com relação aos sete fatores de textualidade, cinco deles – coerência, coesão, informatividade, situacionalidade e intertextualidade – estiveram presentes nas retextualizações, tendo os dois primeiros elementos mencionados aparecido de forma mais expressiva. Os demais foram observados em dois artigos de opinião, duas notícias e uma crônica (informatividade); uma crônica (situacionalidade); e um *post* (intertextualidade). Já os outros dois fatores, intencionalidade e aceitabilidade, não foram identificados em nenhuma das produções.

Na maioria das retextualizações analisadas, muitas foram as inadequações ortográficas identificadas, assim como a falta de coerência e de coesão em algumas frases e a ausência de pontuação ou o seu uso inadequado, especialmente a vírgula e o ponto final. Por outro lado, alguns textos se destacaram por estarem bem estruturados, bem escritos, coerentes e coesos, por apresentarem pontos de vista relevantes e, principalmente, por terem mantido, na retextualização, a ideia principal do texto-base, um dos principais desafios nesse processo.

Em alguns trechos dos textos ocorreu o que Marcuschi (2010a) denomina de “falseamento”, ou seja, informações que não constam no texto-base e que foram inseridas na nova produção textual. Entretanto, esses acréscimos feitos pelos participantes não invalidam a retextualização, pois se referem a uma das características que podem ocorrer durante o processo de transformação de um gênero para outro.

Além disso, o desinteresse e a falta de atenção e de interação de alguns participantes durante as aulas podem ter interferido no processo de compreensão dos gêneros textuais e suas características no momento da produção dos textos e na realização da atividade de retextualização, bem como no entendimento das instruções das tarefas propostas. Como afirma Marcuschi (2010a), muitos problemas identificados nas retextualizações são causados pela falta de compreensão dos autores, ou seja, é necessário compreender o texto-base para poder transformá-lo em outro gênero. A não compreensão não impedirá que a retextualização seja feita, mas poderá resultar em uma transformação problemática.

Foi o que ocorreu em alguns textos produzidos e analisados na seção anterior, os quais contêm elementos e estrutura textual inadequados ao gênero apontado na retextualização. Nestes casos, ficou evidente a falta de compreensão em relação aos gêneros abordados em aula e ao texto recebido do colega (texto-base), uma vez que, de acordo com Pereira (2013), o processo de retextualização pressupõe que o autor do novo texto domine a quantidade mínima de informação sobre os dois gêneros em questão, a fim de que reconheça os elementos inerentes a cada um deles. Entretanto, o fato de alguns textos-base apresentarem problemas de escrita, como a falta de coerência e de coesão, por exemplo, pode ter dificultado a compreensão desses textos e, conseqüentemente, o processo de retextualização de certos participantes.

Durante o período em que a pesquisa foi realizada na escola, diversos textos de apoio, relacionados aos quatro gêneros abordados em sala de aula (artigo de opinião, crônica, notícia e *post*), foram disponibilizados aos participantes, tanto na plataforma *Classroom* quanto pelo *WhatsApp*, com o objetivo de auxiliar no momento da produção dos textos e proporcionar ainda mais familiaridade com cada gênero. Essa iniciativa vai ao encontro do pensamento de Antunes (2009), quando a autora ressalta que qualquer atividade de redação deve se iniciar por meio da consulta e do confronto com outros materiais referentes aos temas que se deseja comentar. Porém, após a análise dos trabalhos, constatou-se que a leitura dos textos de apoio foi realizada de forma muito rasa e desatenta pelos participantes, ou, então, não foi feita, tendo em vista os problemas de escrita e de adequação às características de cada gênero identificados em algumas produções elaboradas por eles.

Nesse sentido, o insucesso da escrita escolar é resultante não apenas do componente linguístico, do não saber a forma mais adequada de se escrever um texto específico, mas de outros fatores que estão ligados a momentos que antecedem a elaboração de um trabalho escrito, como a ausência de uma condição básica e imprescindível que é ter o que dizer sobre determinado assunto, conforme observa Antunes (2009). Esse insucesso talvez esteja enraizado numa moderada prática e estímulo da intertextualidade em sala de aula, que fornece um conjunto de dados, de conceitos e de outras narrativas. Outro possível motivo seria o pouco manuseio de textos de diferentes gêneros, prática que precisa ser cada vez mais intensificada por meio de um trabalho sistemático em sala de aula, assim como a discussão prévia de informações com a turma e a organização das ideias num rascunho, por exemplo, antes de iniciar o trabalho escrito.

O fato de a maioria dos participantes que respondeu ao *Questionário sobre Práticas de Leitura e de Escrita* não ter o hábito de ler jornais e revistas pode ter influenciado para que alguns textos apresentassem diversos erros ortográficos e falta de coerência, de coesão e de pontuação adequada, por exemplo, e não correspondessem ao gênero textual indicado nos trabalhos. Afinal, se os alunos não costumam ler periódicos, dificilmente saberão que não se manifesta a opinião numa notícia, ou que o título da mesma não deve se resumir a uma única palavra. Ainda de acordo com o referido questionário, 69,2% dos participantes responderam que, se tivessem um jornal em mãos, leriam a primeira página (capa) e a previsão do tempo. Ou seja, fica evidente que a maioria dos alunos não está interessada em fazer uma leitura mais aprofundada dos demais conteúdos do jornal, como as notícias, por exemplo.

Vale ressaltar que o estímulo à prática da retextualização na escola está presente de forma bastante tímida na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Na subseção da disciplina de Língua Portuguesa, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, apenas duas habilidades sugerem atividades de retextualização - a primeira consiste em retextualizar textos de divulgação científica para textos esquemáticos, como infográfico, tabela, gráfico, ilustração etc., e vice-versa, e a segunda é correlata à elaboração de um texto teatral a partir da adaptação de romances, contos, mitos, novelas, crônicas, dentre outros, retextualizando o tratamento da temática.

Ambas são sugestões de atividades interessantes, que vão aumentar as possibilidades de compreensão dos gêneros abordados e de suas características, porém, poderia haver mais indicações na BNCC de trabalhos envolvendo práticas de retextualização, relacionadas tanto à língua escrita quanto à oral. Além disso, habilidades voltadas à retextualização também deveriam integrar a subseção da disciplina de Língua Portuguesa do Ensino Médio da BNCC, tendo em vista que não há nenhuma atividade nesse sentido sugerida para essa etapa da Educação Básica, e que a retextualização é uma prática que precisa (e deve) ser continuada ao longo do Ensino Médio, com o propósito de potencializar, cada vez mais, a habilidade de escrita dos alunos.

Outro ponto a ser considerado é que, no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, os estudantes foram informados pela professora de Literatura que os textos elaborados nas atividades 1 e 2 seriam aproveitados como instrumentos de avaliação parcial da disciplina (o que, de fato, aconteceu). No entanto, segundo a docente, no período em que o estudo foi realizado, vários alunos já haviam obtido a média necessária para aprovação na disciplina por meio de outras avaliações aplicadas anteriormente, o que pode ter feito com que alguns não sentissem a necessidade de entregar os textos solicitados nas atividades 1 e 2, mesmo que tenhamos ressaltado a importância da participação de todos. Ou, talvez, o tema proposto para a criação dos textos (*Pandemia de Covid-19*) não tenha sido atrativo para todos os participantes. Da mesma forma, a escolha de outros gêneros textuais para serem trabalhados com a turma poderia ter gerado resultados mais satisfatórios, com maior participação dos alunos.

Na tentativa de possibilitarmos que os alunos tivessem mais tempo para produzir os textos e, conseqüentemente, para recebermos o maior número possível de trabalhos, prorrogamos o prazo de entrega tanto da Atividade 1 quanto da Atividade 2. Além disso, solicitamos diversas vezes, no grupo da turma no WhatsApp, para que os estudantes enviassem os textos por e-mail e respondessem ao Questionário sobre Práticas de Leitura e de Escrita – o link do documento sempre era encaminhado nas mensagens. Durante esse movimento, contamos com o auxílio da professora de Literatura, que também incentivava a turma a realizar as atividades propostas.

Não podemos deixar de mencionar, ainda, o impacto que a pandemia causou no retorno às aulas presenciais, pois após cerca de um ano e meio sem estarem na sala de aula, muitos dos estudantes podem ter apresentado problemas de motivação, lacunas na aprendizagem, desinteresse pelos estudos etc. É relevante destacar também que, em virtude da pandemia de Covid-19, que afetou a vida e o cotidiano de milhões de pessoas no Brasil e no mundo nos últimos dois anos, as metodologias de ensino precisaram ser modificadas e adaptadas à nova realidade que se apresentava, fazendo com que as aulas, antes presenciais, passassem a ser ministradas virtualmente ou de forma remota. Entre setembro e outubro de 2021, quando a pesquisa foi aplicada na escola, as aulas já haviam retornado ao modo presencial, porém, não em sua totalidade, visto que alguns estudantes permaneciam assistindo aos encontros remotamente, inclusive das turmas do 1º ano do Ensino Médio. Esse fator fez com que houvesse uma redução no número de participantes do estudo, pois quatro dos seis alunos do grupo remoto não participaram das aulas ou não realizaram as atividades propostas.

Quanto às questões norteadoras da pesquisa, a primeira delas, *De que maneira as habilidades dos estudantes referentes à produção de textos escritos podem ser desenvolvidas e aprimoradas por meio da prática de atividades de retextualização?*, evidenciou que os benefícios da assiduidade dessa prática vão do nível da palavra ao nível situacional do texto, considerando que a retextualização é uma atividade de escrita que pode permanecer como um requisito para a vida escolar e fora da escola. Em se tratando de nível de palavra, as práticas de retextualização estimulam a busca por novo vocabulário e por sinônimos/antônimos, bem como por adequações ortográficas. É uma oportunidade que pode ampliar o conhecimento lexical, ortográfico e de uso das palavras em textos. Em termos de frases, a prática auxilia na utilização adequada de pontuação, na concordância sujeito-verbo-objeto e na colocação pronominal, além de chamar a atenção para dissolver ambiguidades e incoerências. Em nível de parágrafo, amplia o contato com elementos de coesão, de textualidade e outros. Todos esses fatores se unem para dar fluidez e coerência ao texto. Desse modo, a prática da retextualização pode instrumentalizar os alunos para que façam produções com maior número de inferências, atingindo o nível situacional de um texto. O domínio de escrita de um

bom texto será utilizado pelos alunos ao longo da vida, em tarefas do trabalho, no seguimento dos estudos e no dia a dia em geral.

A respeito da segunda questão norteadora, *Qual o percurso realizado pelos estudantes ao terem que transpor um texto de determinado gênero textual para outro?*, observamos que alguns estudantes se valeram da reescrita como forma de retextualizar o texto-base, substituindo determinadas palavras por sinônimos e modificando a escrita e a ordem das frases. Também analisamos que outros alunos adequaram o texto de acordo com as características do gênero retextualizado, fazendo adaptações na linguagem e na estrutura textual e adicionando novas informações ao texto. E ainda houve aqueles que copiaram, na íntegra, diversos trechos do texto-base sem fazer nenhuma modificação, o que não se configura como retextualização. Sendo assim, podemos dizer que o percurso realizado pelos alunos foi heterogêneo.

A terceira questão, *De que forma a prática de atividades de retextualização em sala de aula pode tornar a construção do conhecimento cada vez mais enriquecedora?*, aponta para o trabalho contínuo dos professores com o maior número possível de gêneros em diferentes produções textuais, estimulando entre os estudantes, principalmente, a leitura, a compreensão, a escrita, a criatividade, o uso de estratégias de síntese e a adequação a níveis de formalidade, de estruturas sintáticas e de vocabulário.

Sobre a quarta questão norteadora, *Como os estudos realizados sobre a retextualização podem contribuir para que essa atividade seja praticada no ambiente escolar?*, acreditamos que essa contribuição ocorre por meio das evidências de que a retextualização é uma maneira de fazer com que os alunos se apropriem de diferentes gêneros textuais e saibam manuseá-los de acordo com determinada situação comunicativa, além de aprimorar as suas habilidades da língua escrita.

Em relação aos objetivos específicos, esses foram quatro. O primeiro, *Contribuir para o desenvolvimento da compreensão textual nos estudantes a partir da temática proposta para a retextualização do texto escrito*, foi atingido de modo parcial por meio dos slides apresentados e dos textos discutidos em aula e disponibilizados aos alunos, referentes aos gêneros artigo de opinião, crônica, notícia e *post*, todos relacionados ao tema *Pandemia de Covid-19*, tendo em vista

que nem todos os participantes compreenderam as características predominantes em cada gênero e seguiram as orientações para a produção das retextualizações.

O segundo objetivo era *Analisar a produção de textos dos gêneros artigo de opinião, crônica, notícia e post, sobre a temática Pandemia de Covid-19, realizada por alunos do 1º ano do Ensino Médio*, cuja análise ocorreu após a realização das atividades 1 e 2 com a turma, em que os trabalhos elaborados pelos alunos na Atividade 1 serviram como textos-base para que produzissem as retextualizações na Atividade 2, resultando em textos de outros gêneros, os quais foram analisados individualmente.

A respeito do terceiro objetivo, *Identificar a presença dos fatores de textualidade (coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade) nos textos produzidos pelos estudantes, assim como as características correspondentes ao gênero de cada texto; o uso de linguagem adequada ao gênero; a presença da ideia principal do texto-base; a ortografia; e a pontuação*, observamos que o mesmo foi alcançado no decorrer da análise individual dos 11 textos referentes à *Atividade 2 – Retextualização*, em que foram destacados os elementos mencionados acima presentes nas produções dos participantes.

O quarto e último objetivo era *Investigar a relevância da retextualização do texto escrito como atividade desenvolvida em sala de aula* e os dados desta investigação constam no Referencial Teórico deste estudo (capítulo 2, seção 2.3.3). Eles apontam que a prática da retextualização na escola instiga os alunos a se apropriarem das características e das estruturas de diferentes gêneros textuais, aprimora as habilidades com a língua escrita, proporciona o exercício da leitura, da compreensão textual e da escrita, possibilita a reflexão crítica acerca dos gêneros estudados, entre outros benefícios.

Por fim, o estudo teve como objetivo geral *Investigar de que forma o processo de retextualização, realizado em sala de aula, pode contribuir para potencializar a habilidade de escrita de estudantes do Ensino Médio*. Tal contribuição se dá a partir do momento em que os professores promovem atividades práticas de retextualização e proporcionam aos alunos o contato direto com a diversidade de gêneros textuais, estimulando-os a compreender os fatores linguísticos de cada gênero e a produzir textos com diferentes estruturas

composicionais e níveis de formalidade, adequados conforme as características do gênero retextualizado; e também envolvendo todos os fatores mencionados acima na discussão da primeira questão norteadora.

A presente pesquisa foi desenvolvida na escola durante seis aulas da disciplina de Literatura, limitando-se a trabalhar com quatro gêneros textuais para que houvesse um melhor aproveitamento dos conteúdos transmitidos à turma, tendo em vista o curto período para pôr o estudo em prática e a duração de 47 minutos de cada aula, uma vez por semana. Todavia, se o trabalho fosse realizado a longo prazo, uma quantidade maior de gêneros poderia ser abordada e discutida com os estudantes, com mais exemplos de diferentes tipos de texto, mais atividades práticas de retextualização e um maior aprofundamento nas técnicas e habilidades para se produzir bons textos.

Uma ideia seria a criação de um projeto para a implementação de um *blog* na escola sobre assuntos relacionados ao educandário e de interesse dos alunos, a fim de incentivar a escrita e a produção textual. Também poderiam ser criados dois tipos de oficinas extraclasse, sendo uma destinada a instrumentalizar os professores com propostas de atividades envolvendo gêneros textuais e retextualização, para serem trabalhadas em sala de aula, e outra com foco no aprimoramento da língua escrita dos alunos, mesclando teoria e prática sobre produção textual, gêneros, reescrita e retextualização. Assim, docentes e estudantes seriam beneficiados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar uma pesquisa em meio à pandemia de Covid-19, em que as formas de ministrar e de assistir às aulas tiveram que ser modificadas e o retorno à presencialidade total ainda era imprevisível, não foi uma tarefa fácil. Tivemos que aprender a lidar com incertezas, mudanças de planos e novas estratégias e ideias para que o estudo pudesse acontecer. E, mesmo diante dos desafios que a pandemia nos impôs, conseguimos desenvolver a pesquisa e alcançar, de forma parcial, os objetivos traçados.

Esta dissertação iniciou com a pesquisa bibliográfica, que embasou a composição e a análise do corpus, possibilitando a identificação do texto escrito como unidade de comunicação que reflete, na sua estrutura composicional, os elementos característicos de determinado gênero textual, de acordo com o contexto e a situação comunicativa em que está inserido. Para desenvolvermos a pesquisa, apoiamos-nos em conceitos e estudos de diversos autores sobre texto e textualidade, gêneros textuais e retextualização.

Quatro gêneros textuais midiáticos compuseram o corpus desta dissertação: o artigo de opinião, a crônica, a notícia e o *post*, e a aplicação da pesquisa ocorreu em uma escola estadual na zona urbana do município de Santa Cruz do Sul (RS), com uma turma do 1º ano do Ensino Médio, durante seis aulas. A cada encontro, um gênero era discutido com o grupo, sempre relacionado ao tema *Pandemia de Covid-19*. Após a contextualização dos quatro gêneros selecionados, foi proposta a primeira atividade prática à turma: produzir um artigo de opinião, uma crônica, uma notícia ou um *post*. Dos 25 estudantes aptos a participar da pesquisa, 14 realizaram essa tarefa.

No último encontro, a segunda atividade foi solicitada, que consistia na retextualização do texto de um colega, elaborado na atividade anterior. Tal tarefa foi concluída por um número menor de participantes e resultou em 11 textos, os quais foram analisados individualmente, considerando a presença dos elementos de textualidade (coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade), as características correspondentes ao gênero de cada texto, o uso de linguagem apropriada ao gênero, a presença da ideia principal do texto-base, a ortografia e a pontuação.

A análise apontou problemas de escrita na maioria das retextualizações, relacionados, principalmente, à adequação do texto ao novo gênero textual, juntamente com diversos erros ortográficos e a fragilidade no estabelecimento de coerência, de coesão e de pontuação adequada em várias sentenças. Em contrapartida, alguns trabalhos, em menor quantidade, apresentaram uma escrita condizente com o gênero escolhido para a retextualização, com coerência, coesão e poucos lapsos de ortografia. Mesmo assim, os resultados demonstram a premência de pesquisas sobre as necessidades dos estudantes no pós-pandemia, pois é evidente que existe uma demanda para ser atendida.

Diante das dificuldades apresentadas pela maioria dos participantes para realizar a retextualização, torna-se explícita a necessidade dessa prática ser desenvolvida e intensificada em sala de aula, por meio de atividades que envolvam a diversidade dos gêneros textuais existentes, principalmente em turmas do Ensino Médio, para as quais a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) não sugere nenhuma habilidade nesse sentido, e também levando-se em consideração que, nessa etapa, muitos alunos já se preparam para enfrentar as redações dos processos seletivos para o ingresso no Ensino Superior.

Como foi possível perceber ao longo do estudo, retextualizar não é uma tarefa simples, porém, a sua prática no ambiente escolar só tem a contribuir para potencializar as habilidades de escrita dos estudantes. A compreensão textual, que engloba importantes processos cognitivos, como a percepção, a memória e a inferência, entre outros, é fundamental para que a transformação de um gênero para outro seja possível. Mais do que isso, também são necessárias diversas habilidades e conhecimentos específicos dos gêneros compreendidos no processo de retextualização da escrita para a escrita.

Neste sentido, a maior contribuição deste estudo foi evidenciar, por meio da pesquisa bibliográfica e da produção de dados, a importância da prática da retextualização em sala de aula, visto que o contato com textos do cotidiano, de diferentes gêneros, também exercita a nossa capacidade metatextual, que vai nos conduzir nos processos de construção e de entendimento dos textos (KOCH; ELIAS, 2010). Desse modo, reiteramos que as atividades de retextualização podem instrumentalizar os estudantes para aperfeiçoar a língua escrita não só para as tarefas escolares, mas para a vida. Afinal, escrever é um processo, e quanto mais

for praticado, maiores as chances de produzirmos textos coerentes, coesos e criativos.

Esperamos que este estudo possa contribuir para melhorar o trabalho de professores, de pesquisadores e de outros profissionais que atuam na área da linguística textual, abrindo caminhos e apontando novas possibilidades para que as pesquisas sobre retextualização tenham continuidade, especialmente sobre a sua prática em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. *Textos, tipos e protótipos*. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante et al. São Paulo: Contexto, 2019.

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

AZEVEDO, Claudinéia B.; TARDELLI, Marlete C. Escrevendo e falando na sala de aula. In: CHIAPPINI, Lígia. *Aprender e ensinar com textos de alunos*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 25-47.

BOUZADA, Cristiane de Paula; FARIA, Marta Deysiane Alves; SILVA, Adriana da. A Retextualização como recurso didático para a produção textual. *The Specialist*, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 45-68, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/esp/article/view/13174>. Acesso em: 2 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 3 maio 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2021.

COSCARELLI, Carla Viana. Gêneros textuais na escola. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 78-86, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25208>. Acesso em: 23 abr. 2021.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. 3. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

D'ANDREA, Carlos F. B.; RIBEIRO, Ana Elisa. Retextualizar e reescrever, editar e revisar: reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial. *Veredas – Atemática*, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 64-74, 2010. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/08/ARTIGO-5.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2020.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DIAS, Ana Paula Silva; LOUSADA, Eliane Gouvêa. O trabalho com os gêneros textuais acadêmicos em sala de aula: desenvolvimento e transparência de capacidades de linguagem. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 7, n. 2, p. 10-25, maio/ago. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332700429_O_trabalho_com_os_generos_textuais_academicos_em_sala_de_aula

desenvolvimento_e_transferencia_de_capacidades_de_linguagem. Acesso em: 14 nov. 2021.

DIKSON, Dennys. A retextualização escrita-escrita. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 503-529, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/SjqVgcGcjLkbgfbhqJVsb6m/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 6 set. 2021.

DIKSON, Dennys. Apropriação de gêneros em sala de aula: a retextualização como recurso pedagógico. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2., 2015, Campina Grande. *Anais [...]*. Campina Grande: Realize Editora, 2015. p. 1-13. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/15476>. Acesso em: 25 out. 2021.

FERNANDES, Samara de Souza; RAMOS, Ana Adelina Lôpo. O texto motivador e o processo de reescrita em português como língua adicional – PLA. *Revista Letra Capital*, v. 1, n. 2, p. 72-94, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/lcapital/article/view/8587>. Acesso em: 24 out. 2021.

FINGER, Ingrid. *Metáfora e significação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

GARCIA, Roberta. *A retextualização como estratégia para o ensino de produção textual: de textos da mídia a contos policiais*. Orientador: Leandro Rodrigues Alves Diniz. 2015. 242 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-A4EGL7>. Acesso em: 2 nov. 2020.

GIRALDELLO, Ademir Paulo. Compreensão leitora: como se (re)constrói a significação textual? *Unoesc & Ciência*, Joaçaba, v. 8, n. 1, p. 23-28, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://files.core.ac.uk/pdf/12703/235124863.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2022.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.

KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KÖCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete Maria Benetti; MARINELLO, Adiane Fogali. *Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor*. Petrópolis: Vozes, 2010.

KÖCHE, Vanilda Salton; MARINELLO, Adiane Fogali. *Gêneros textuais: práticas de leitura, escrita e análise linguística*. Petrópolis: Vozes, 2015.

LEAL, Telma Ferraz, BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. *Produção de textos na escola: reflexões e práticas no ensino fundamental*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais & ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 23-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010a.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010b. p. 15-80.

MARTINS, Rosimari Lorenz; PINTO, Cíntia de Moura. Coesão e coerência em produções textuais de universitários. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 53, p. 212-240, 2017. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/178/130>. Acesso em: 22 out. 2020.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 109-122, 2002. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12453>. Acesso em: 19 abr. 2021.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 3., 2003, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. p. 1-11.

NAZÁRIO, Maria de Lurdes. Estudo pragmático: a Teoria da Relevância no processo comunicativo. *Ravelli*, Inhumas, v. 3, n. 2, p. 56-67, out. 2011. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/2879>. Acesso em: 7 jan. 2022.

NUNES, Valfrido da Silva. Processos de retextualização: aparato teórico-metodológico. *Letras Escreve*, Macapá, v. 9, n. 4, p. 61-72, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/3518/pdf>. Acesso em: 24 out. 2021.

NUNES, Valfrido da Silva; SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Da escrita para a escrita: processos de retextualização na carta do leitor. *Letras Raras*, Campina Grande, v. 6, n. 2, p. 115-131, 2017. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/761/518>. Acesso em: 21 fev. 2021.

PEREIRA, Wellington Souto. Retextualização: análise de estratégias e de mecanismos. Orientadora: Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues. 2013. 27 f. Monografia (Licenciatura em Letras Português) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: https://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/9472/1/2013_WellingtonSoutoPereira.pdf. Acesso em: 13 maio 2021.

RAMOS, Catarina; RAMOS, Rui. O domínio das tipologias textuais no Ensino Básico em Portugal: relato de uma experiência pedagógica. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 36, n. 4, p. 1419-1436, out./dez. 2018. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/57446>. Acesso em: 29 jun. 2022.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Textos multimodais: leitura e produção*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ROCHA, Max Silva da; SILVA, Maria Margarete de Paiva. A linguística textual e a construção do texto: um estudo sobre os fatores de textualidade. *A Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 18, n. 2, p. 26-44, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1866>. Acesso em: 21 fev. 2021.

SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SARDINHA, Tânia Fonseca da Rocha. O contexto da tecnologia digital e os gêneros textuais emergentes. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 15, 2011, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Cadernos do CNLF, v. 15, n. 5. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 2117-2122. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_3/176.pdf. Acesso em: 20 nov. 2021.

SEVERO, Cristina Machado. *Internetês e escrita padrão em sala de aula*. Orientadora: Rosângela Gabriel. 2018. 225 f. Dissertação (Mestrado em Letras) –

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/2123>. Acesso em: 20 maio 2021.

SILVA, Débora Torquato Neto. A importância da textualização e retextualização nas redações escolares: a correção de textos em língua portuguesa na sala de aula. *Crátulo*, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 56-66, dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/cratilo/article/view/1235>. Acesso em: 27 out. 2020.

TOCAIA, Luciano Magnoni. A carta do leitor como gênero midiático. In: GUIMARÃES, Elisa (org.). *Textualidade e discursividade na linguística e na literatura*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010. p. 31-47.

TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. *A tradução numa perspectiva textual*. 1993. 315 f. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993. In: TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. *Tradução retextualização: a tradução numa perspectiva textual*. Uberlândia: EDUFU, 2003.

VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e textualidade*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VAL, Maria da Graça Costa. Texto, textualidade e textualização. In: CECCANTINI, J. L. Tápias; PEREIRA, Rony F.; ZANCHETTA JR., Juvenal. *Pedagogia Cidadã: cadernos de formação - Língua Portuguesa*, São Paulo, v. 1, p. 113-128, 2004. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/sabriinad/texto-textualidade-textualizacaocosta-val>. Acesso em: 21 nov. 2020.

WITTKE, Cleide Inês. O ensino da escrita via texto na formação docente. *Organon*, Porto Alegre, v. 33, n. 64, p. 1-15, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/80975>. Acesso em: 21 nov. 2021.

WITTKE, Cleide Inês; MARINS, Ida Maria Morales. Gênero textual crônica como (mega)instrumento para desenvolver a capacidade de escrita do aluno. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 9, p. 1-19, e02026, 2020. Disponível em: <http://natal.uern.br/periodicos/index.php/DDL/article/view/2701>. Acesso em: 21 nov. 2021.

APÊNDICE A**Carta de Aceite da Instituição Parceira**

Santa Cruz do Sul, _____.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul, CEP-UNISC

Prezados Senhores,

Declaramos para os devidos fins conhecer o projeto de pesquisa intitulado: “A retextualização em sala de aula como prática potencializadora da escrita”, desenvolvido pelo acadêmico Felipe Nopes, do Curso de Mestrado em Letras, da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, sob a orientação da professora Rosângela Gabriel, bem como os objetivos e a metodologia da pesquisa, e autorizamos o desenvolvimento na _____ (nome da escola).

Informamos concordar com o parecer ético que será emitido pelo CEP-UNISC, conhecer e cumprir as Resoluções do CNS 466/12 e 510/2016 e demais Resoluções Éticas Brasileiras e a Norma Operacional 001/2013. Esta instituição está ciente das suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e no seu compromisso do resguardo da segurança e bem-estar dos pesquisados nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para tanto.

Atenciosamente,

Nome do responsável na instituição: _____

Cargo do responsável na instituição: _____

Assinatura do responsável na instituição: _____

APÊNDICE B

TERMO DE ASSENTIMENTO DE MENOR OU INCAPACITADO

A retextualização em sala de aula como prática potencializadora da escrita

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa *A retextualização em sala de aula como prática potencializadora da escrita*. Seus pais (ou tutores) permitiram sua participação. Nesta pesquisa, queremos:

- Investigar de que forma o processo de retextualização realizado em sala de aula pode contribuir para potencializar a escrita de estudantes do Ensino Médio;
- Analisar a capacidade dos alunos do 1º ano do Ensino Médio em produzir textos dos gêneros artigo de opinião, crônica, notícia e *post* sobre a temática Pandemia de Covid-19;
- Desenvolver a compreensão nos estudantes a partir da temática proposta para a retextualização;
- Avaliar a habilidade dos alunos com os recursos da língua escrita na produção dos gêneros retextualizados;
- Analisar a coerência e a coesão dos textos produzidos pelos estudantes, assim como os demais fatores envolvidos na produção textual.

Os estudantes que irão participar desta pesquisa têm de 15 a 18 anos de idade. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu. Não haverá nenhum problema se não participar ou se quiser desistir depois de iniciada a pesquisa. A pesquisa será feita na Escola Estadual de Educação Básica Estado de Goiás, onde o pesquisador fará a contextualização do grupo, por meio de conceitos teóricos e exemplos, com quatro tipos de gêneros textuais: artigo de opinião, crônica, notícia e *post*. Após a explicação e a discussão de cada gênero, os estudantes serão convidados a escolher um gênero textual para trabalhar dentre as quatro opções apresentadas. O tema será a pandemia de Covid-19, proposto pelo pesquisador. A atividade terá início em sala de aula e poderá ser concluída de forma extraclasse. Os alunos deverão enviar o trabalho finalizado via plataforma *Classroom* antes da aula seguinte. Nesse encontro, o pesquisador trará para a aula os textos impressos e realizará outra atividade com a turma. A ideia é que os alunos troquem os trabalhos entre si e realizem a retextualização do trabalho do colega para outro gênero textual, o qual será definido por eles. Em todos os novos trabalhos, a ideia principal dos textos-base (textos dos colegas) terá que ser mantida. As produções deverão ser enviadas via plataforma *Classroom* antes do encontro seguinte, que será uma semana depois. Essa atividade de retextualização ocorrerá em seis aulas de Literatura, totalizando aproximadamente 4 horas e 30 minutos, no decorrer dos meses de setembro e outubro de 2021. Durante a realização da atividade em sala de aula, os alunos poderão solicitar ajuda ao pesquisador a qualquer momento para esclarecer possíveis dúvidas, caso seja necessário. O pesquisador permanecerá em sala de aula à

disposição dos estudantes e acompanhará de perto o desenvolvimento da atividade proposta. Caso algum aluno esteja concluindo a atividade de forma extraclasse e ocorra algum problema ou surja qualquer tipo de dúvida, poderá contatar com o pesquisador Felipe Nopes pelo telefone (51) 99625-8777.

Para isso, serão usados, como exemplos, textos de diferentes gêneros extraídos de jornais, sites e redes sociais, apresentados pelo pesquisador em sala de aula e disponibilizados à turma. O uso dos textos é considerado seguro, mas é possível ocorrer alguns desconfortos, como constrangimentos ou mal-estar quando você estiver produzindo os textos propostos pelo pesquisador, causados por alguma dúvida que não se sinta à vontade de esclarecer diante dos colegas. Caso aconteça algo errado, você pode procurar o pesquisador Felipe Nopes pelo telefone (51) 99625-8777. Mas há coisas boas que podem acontecer, como oferecer ferramentas para instrumentalizá-lo(la) a aprimorar e a desenvolver a língua escrita não só para as tarefas escolares, mas para a vida, como o uso de estratégias de síntese, a adequação de estruturas sintáticas e de vocabulário, maior compreensão dos gêneros textuais, entre outras habilidades. Se você morar longe da Escola Estadual de Educação Básica Estado de Goiás, nós daremos a seus pais (ou tutores) dinheiro suficiente para transporte, para que eles também possam acompanhar a pesquisa. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não contaremos para outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser descritos na dissertação do pesquisador, mas sem identificar as pessoas que participaram dela. Sendo assim, os dados da pesquisa serão utilizados exclusivamente para os fins deste estudo, de forma a garantir o anonimato dos participantes quanto ao repasse dos dados. Quando terminarmos a pesquisa, os resultados dela serão apresentados e devolvidos pelo pesquisador aos estudantes em sala de aula, na própria escola. Se tiver alguma dúvida, você pode perguntar ao pesquisador Felipe Nopes, cujo telefone está escrito acima.

Assim, eu, _____, aceito participar da pesquisa *A retextualização em sala de aula como prática potencializadora da escrita*, que tem os objetivos acima apresentados. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar furioso. O pesquisador tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste documento, li e concordo em participar da pesquisa.

Todas as páginas deste documento deverão ser rubricadas pelo pesquisador responsável, pelo(a) participante e por seu/sua responsável legal.

Santa Cruz do Sul, ____ de _____ de 2021.

Nome do pesquisador responsável: Felipe Nopes

Assinatura do pesquisador responsável

Nome do(a) responsável pelo(a) menor: _____

Assinatura do(a) responsável pelo(a) menor

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) aluno(a),

Você está sendo convidado(a) para participar como voluntário do projeto de pesquisa intitulado *A retextualização em sala de aula como prática potencializadora da escrita*, que pretende investigar de que forma o processo de retextualização realizado em sala de aula pode contribuir para potencializar a escrita de estudantes do Ensino Médio, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). O pesquisador responsável por este projeto de pesquisa é Felipe Nopes, que poderá ser contatado a qualquer tempo através do número (51) 99625-8777.

Sua participação é possível porque você atende ao critério de inclusão previsto na pesquisa, o qual é ser estudante de uma turma do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual de Santa Cruz do Sul (RS). Sua participação consiste em escolher um gênero textual para trabalhar dentre as quatro opções apresentadas pelo pesquisador: artigo de opinião, crônica, notícia e *post*. O tema será a pandemia de Covid-19, proposto pelo pesquisador. A atividade terá início em sala de aula e poderá ser concluída de forma extraclasse. Você deverá enviar o trabalho finalizado via plataforma *Classroom* antes da aula seguinte. Nesse encontro, o pesquisador trará para a aula os textos impressos e realizará outra atividade com a turma. A ideia é que você e um(a) colega troquem os trabalhos entre si e realizem a retextualização dos trabalhos para outro gênero textual, o qual será definido por vocês. No novo trabalho, a ideia principal do texto-base (texto do(a) colega) terá que ser mantida. A produção deverá ser enviada via plataforma *Classroom* antes do encontro seguinte, que será uma semana depois. Essa atividade de retextualização ocorrerá em seis aulas de Literatura, totalizando aproximadamente 4 horas e 30 minutos, no decorrer dos meses de setembro e outubro de 2021. Durante a realização da atividade em sala de aula, você poderá solicitar ajuda ao pesquisador a qualquer momento para esclarecer possíveis dúvidas, caso seja necessário. O pesquisador permanecerá em sala de aula à disposição dos estudantes e acompanhará de perto o desenvolvimento da atividade proposta. Caso você esteja concluindo a atividade de forma extraclasse e ocorra algum problema ou surja qualquer tipo de dúvida, poderá contatar com o pesquisador Felipe Nopes pelo telefone (51) 99625-8777.

Nessa condição, é possível que alguns desconfortos aconteçam, como constrangimentos ou mal-estar que possam ocorrer quando você estiver produzindo os textos propostos pelo pesquisador, causados por alguma dúvida que não se sinta à vontade de esclarecer diante dos colegas. Por outro lado, a sua participação trará benefícios, como oferecer ferramentas para instrumentalizá-lo(la) a aprimorar e a desenvolver a língua escrita não só para as tarefas escolares, mas para a vida, como o uso de estratégias de síntese, a adequação de estruturas sintáticas e de vocabulário, maior compreensão dos gêneros textuais, entre outras habilidades.

Para sua participação nessa pesquisa, você não terá nenhuma despesa com transporte, alimentação, exames, materiais a serem utilizados ou despesas de qualquer natureza. Ao final da pesquisa, você terá acesso aos resultados através da apresentação e da devolução dos mesmos feitas pelo pesquisador em sala de aula, na própria escola.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu, _____, declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado(a), de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos aos quais serei submetido(a), dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido(a), todos acima listados. Ademais, declaro que, quando for o caso, autorizo a utilização de minha imagem e voz de forma gratuita pelo pesquisador, em quaisquer meios de comunicação, para fins de publicação e divulgação da pesquisa, desde que eu não possa ser identificado(a) através desses instrumentos (imagem e voz).

Fui, igualmente, informado(a):

- a) da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- b) da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
- c) da garantia de que não serei identificado(a) quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- d) do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
- e) da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos à minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa; e,
- f) de que se existirem gastos para minha participação nessa pesquisa, esses serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o(a) voluntário(a) da pesquisa ou seu responsável legal e outra com o pesquisador responsável. Todas as páginas deste documento foram rubricadas pelo voluntário e por seu responsável legal.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (51) 3717- 7680.

Local: Santa Cruz do Sul

Data:

Nome do pesquisador responsável: Felipe Nopes

Assinatura do pesquisador responsável

Nome e assinatura do voluntário

Nome e assinatura do responsável pela apresentação desse Termo
de Consentimento Livre e Esclarecido

APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA RESPONSABILIZADO

Prezado(a) senhor(a),

Você está sendo convidado(a) para facultar a participação de seu(sua) responsabilizado(a) como voluntário(a) do projeto de pesquisa intitulado *A retextualização em sala de aula como prática potencializadora da escrita*, que pretende investigar de que forma o processo de retextualização realizado em sala de aula pode contribuir para potencializar a escrita de estudantes do Ensino Médio, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). O pesquisador responsável por este projeto de pesquisa é Felipe Nopes, que poderá ser contatado a qualquer tempo através do telefone (51) 99625-8777.

A participação na pesquisa acima indicada de seu(sua) responsabilizado(a) é possível porque ele(a) atende ao critério de inclusão previsto na pesquisa, o qual é ser estudante de uma turma do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual de Santa Cruz do Sul (RS). A participação de seu(sua) responsabilizado(a) consiste em escolher um gênero textual para trabalhar dentre as quatro opções apresentadas pelo pesquisador: artigo de opinião, crônica, notícia e *post*. O tema será a pandemia de Covid-19, proposto pelo pesquisador. A atividade terá início em sala de aula e poderá ser concluída de forma extraclasse. O(a) seu(sua) responsabilizado(a) deverá enviar o trabalho finalizado via plataforma *Classroom* antes da aula seguinte. Nesse encontro, o pesquisador trará para a aula os textos impressos e realizará outra atividade com a turma. A ideia é que o(a) seu(sua) responsabilizado(a) e um(a) colega troquem os trabalhos entre si e realizem a retextualização dos trabalhos para outro gênero textual, o qual será definido por eles. No novo trabalho, a ideia principal do texto-base (texto do(a) colega) terá que ser mantida. A produção deverá ser enviada via plataforma *Classroom* antes do encontro seguinte, que será uma semana depois. Essa atividade de retextualização ocorrerá em seis aulas de Literatura, totalizando aproximadamente 4 horas e 30 minutos, no decorrer dos meses de setembro e outubro de 2021, e será realizada em sala de aula, na Escola Estadual de Educação Básica Estado de Goiás.

Nessa condição, é possível que alguns desconfortos aconteçam, como constrangimentos ou mal-estar que possam ocorrer quando o(a) seu(sua) responsabilizado(a) estiver produzindo os textos propostos pelo pesquisador, causados por alguma dúvida que não se sinta à vontade de esclarecer diante dos colegas. Por outro lado, a participação de seu(sua) responsabilizado(a) trará benefícios, como oferecer ferramentas para instrumentalizá-lo(la) a aprimorar e a desenvolver a língua escrita não só para as tarefas escolares, mas para a vida, como o uso de estratégias de síntese, a adequação de estruturas sintáticas e de vocabulário, maior compreensão dos gêneros textuais, entre outras habilidades.

Para a participação de seu(sua) responsabilizado(a) nessa pesquisa não haverá nenhuma despesa com transporte, alimentação, exames, materiais a serem utilizados ou despesas de qualquer natureza. Ao final da pesquisa, os participantes terão acesso aos resultados através da apresentação e da devolução dos mesmos feitas pelo pesquisador em sala de aula, na própria escola.

Assim, pelo presente Termo de Consentimento de Responsabilizado (TCR), eu, _____, declaro que autorizo a participação de meu(minha) responsabilizado(a) neste projeto de pesquisa, pois fui informado(a), de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos a que ele(a) será submetido(a), dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderá ser submetido(a), todos acima listados. Ademais, declaro que, quando for o caso, autorizo a utilização de imagem e voz de meu(minha) responsabilizado(a) de forma gratuita pelo pesquisador, em quaisquer meios de comunicação, para fins de publicação e divulgação da pesquisa, desde que ele(a) não possa ser identificado(a) através desses instrumentos (imagem e voz).

Fui, igualmente, informado(a):

- a) da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- b) da liberdade de retirar o consentimento de meu(minha) responsabilizado(a), a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de seu cuidado e tratamento;
- c) da garantia de que meu(minha) responsabilizado(a) não será identificado(a) quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- d) do compromisso de receber informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a vontade de meu(minha) responsabilizado(a) em continuar participando;
- e) da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos à saúde de meu(minha) responsabilizado(a) diretamente causados por esta pesquisa; e,
- f) de que se existirem gastos quanto à participação de meu(minha) responsabilizado(a) nessa pesquisa, esses serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o responsável pelo participante legal da pesquisa e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (51) 3717- 7680.

Local: Santa Cruz do Sul

Data:

Nome e assinatura do voluntário

Nome e assinatura do responsável pela
apresentação desse Termo de Consentimento
para Responsabilizado

APÊNDICE E

Questionário sobre Práticas de Leitura e de Escrita

**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL (UNISC)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS**

**Mestrando: Felipe Nopes
Contato: (51) 99625-8777**

Olá, alunos(as)!

Neste questionário, vocês encontrarão 20 perguntas sobre as suas atividades de leitura e de escrita no dia a dia. Respondam-nas com sinceridade e, caso seja necessário adicionar informações, escrevam no campo “Observações”, no final do questionário.

Obrigado pela colaboração!

1. Você gosta de ler?

- Não gosto.
- Gosto um pouco.
- Gosto muito.

2. Você gosta de escrever?

- Não gosto.
- Gosto um pouco.
- Gosto muito.

3. Quais dessas atividades você costuma fazer pelo menos uma vez por semana? (Pode assinalar mais de uma opção)

- Faço listas das tarefas que preciso realizar no dia seguinte.
- Uso agenda física para marcar compromissos.
- Uso a agenda do Google para marcar compromissos.
- Deixo bilhetes/*post-its* com recados para alguém de casa.
- Escrevo mensagens por meio de aplicativos para amigos e familiares.
- Escrevo e-mails para amigos ou familiares.
- Escrevo cartas para amigos ou familiares.
- Publico textos de minha autoria nas redes sociais ou em sites/blogs.
- Leio e-mails de amigos ou familiares.

- Leio correspondência impressa que chega em casa, como folhetos de propagandas, revistas de distribuição gratuita, jornais religiosos e panfletos diversos.
- Copio ou anoto receitas culinárias no caderno, no computador ou no celular.
- Copio ou anoto letras de música.
- Escrevo histórias, poesias ou letras de música de minha autoria.
- Escrevo diário pessoal.

4. Assinale uma ou mais opções de materiais impressos que você tem acesso na sua casa:

- Bíblia ou livros religiosos.
- Livros didáticos ou apostilas escolares.
- Dicionário.
- Enciclopédias.
- Catálogos.
- Jornais.
- Revistas.
- Gibis.
- Livros de receitas.
- Livros de literatura.
- Livros infantis.
- Livros técnicos ou especializados.
- Manuais de instrução.
- Não tenho nenhum desses materiais.
- Outro: _____

5. Na sua casa, você possui acesso à internet?

- Sim.
- Não.

6. Você possui celular, computador e/ou tablet?

- Sim, possuo os três.
- Somente celular.
- Somente computador.
- Somente tablet.
- Celular e computador.
- Celular e tablet.
- Computador e tablet.
- Não possuo nenhum.

7. Se você possui celular, computador e/ou tablet, o que costuma fazer quando o(s) utiliza? (Pode assinalar mais de uma opção)

- Faço atividades escolares.
- Escrevo relatórios e outros textos.
- Organizo agendas ou lista de tarefas.
- Digito dados ou informações.
- Elaboro planilhas ou monto bancos de dados.
- Consulto e pesquiso.

- Faço cursos a distância.
- Envio e recebo e-mails.
- Compro pela internet.
- Jogo ou desenho.
- Navego por diversos sites.
- Acesso as redes sociais.
- Assisto filmes e/ou séries.
- Ouço músicas e/ou assisto clipes.
- Outro: _____

8. De que forma você acessa a internet com mais frequência?

- Pelo celular.
- Pelo computador.
- Pelo tablet.
- Não acesso a internet.

9. Sua família possui assinatura digital de algum periódico (jornal ou revista)?

- Sim, somente de jornal. Qual(is)? (Responda no campo "Observações", no final do questionário)
- Sim, somente de revista. Qual(is)? (Responda no campo "Observações", no final do questionário)
- Sim, de jornal e de revista. Quais? (Responda no campo "Observações", no final do questionário)
- Não.

10. Sua família possui assinatura de jornal ou revista impressos?

- Sim, somente de jornal. Qual(is)? (Responda no campo "Observações", no final do questionário)
- Sim, somente de revista. Qual(is)? (Responda no campo "Observações", no final do questionário)
- Sim, de jornal e de revista. Quais? (Responda no campo "Observações", no final do questionário)
- Não.

11. Você costuma ler jornais impressos?

- Não costumo ler jornais.
- Sim, leio todos os dias.
- Sim, leio algumas vezes por semana.
- Sim, leio uma vez por semana.
- Leio de vez em quando.

12. Você costuma ler jornais de forma online no computador, no tablet ou no celular?

- Não costumo ler jornais online.
- Sim, leio com mais frequência no computador.
- Sim, leio com mais frequência no tablet.
- Sim, leio com mais frequência no celular.

13. Se eu lhe der um jornal impresso agora, quais partes você leria? (Pode assinalar mais de uma opção)

- A primeira página (capa).
- A última página (contracapa).
- Notícias locais.
- Notícias nacionais.
- Notícias internacionais.
- Editorial, artigos de opinião ou artigos de colunistas.
- Esportes.
- Previsão do tempo.
- Programação de TV.
- Programação de cinema, teatro, shows e exposições.
- Classificados.
- Humor, quadrinhos, passatempos e palavras-cruzadas.
- Horóscopo.
- Arte, cultura e literatura.
- Turismo e viagens.
- Informática e computadores.
- Automóveis.
- Moda e estilo.
- Saúde.
- Casa e decoração.
- Seção infantil.
- Somente as chamadas de capa e os títulos das matérias.
- Não costumo ler jornais impressos.

14. Você costuma ler revistas impressas?

- Não costumo ler revistas.
- Leio todos os dias.
- Leio algumas vezes por semana.
- Leio uma vez por semana.
- Leio de vez em quando.

15. Você costuma ler revistas de forma online no computador, no tablet ou no celular?

- Não costumo ler revistas online.
- Sim, leio no computador.
- Sim, leio no tablet.
- Sim, leio no celular.

16. Qual ou quais dos tipos abaixo de revistas você costuma ler?

- De informação semanal (Exemplo: Veja).
- De fofocas e novelas (Exemplos: Caras, Contigo, Tititi, Ana Maria).
- Femininas (Exemplos: Cláudia, Nova, Marie Claire).
- De culinária, corte e costura, tricô e crochê ou artesanato.
- Especializadas (saúde, informática, esportes, viagem).
- De religião.
- De música.

- Quadrinhos, gibi, humor.
- Não costumo ler revistas.
- Outro: _____

17. Você costuma ler livros?

- Não costumo ler livros.
- Leio menos de um livro por ano.
- Leio um ou dois livros por ano.
- Leio de três a seis livros por ano.
- Leio um livro por mês.
- Leio dois livros por mês.
- Leio mais de dois livros por mês.

18. Quando você lê para estudar, o que você costuma fazer? (Pode assinalar mais de uma opção)

- Escrevo comentários nas margens do texto.
- Sublinho partes do texto.
- Anoto as ideias mais importantes.
- Copio partes do texto.
- Faço resumos.
- Faço esquemas com as ideias principais.
- Não faço nada.
- Outro: _____

19. Quais dos tipos de texto abaixo você costuma ler para estudar? (Pode assinalar mais de uma opção)

- Livros didáticos.
- Livros técnicos, teóricos ou ensaios.
- Livros de literatura.
- Jornais.
- Revistas.
- Dicionários ou manuais de gramática.
- Enciclopédias.
- Apostilas.
- Textos ou exercícios no caderno.
- Sites.
- Outro: _____

20. Durante a aula, você costuma: (Pode assinalar mais de uma opção)

- Anotar enquanto o(a) professor(a) explica o conteúdo.
- Anotar enquanto faz trabalho ou debate em grupo.
- Copiar a matéria ou os exercícios do quadro.
- Responder questionários sobre textos de livros didáticos.
- Fazer resumos ou comentários de textos.
- Ler jornais ou revistas.
- Fazer redação ou produzir textos.
- Fazer trabalho sobre filmes ou vídeos assistidos.

- o Participar de debates.
- o Preparar e apresentar seminários.
- o Ler em voz alta.

Observações:

APÊNDICE F

Desenvolvimento das atividades com a turma

No quadro seguinte, estão descritas as atividades realizadas com a turma, divididas em etapas conforme a data de cada encontro.

Etapas		Atividades
Aula 1 (22/09/21)	Momento 1	Apresentação oral do pesquisador e da pesquisa aos alunos, convidando-os a participar.
	Momento 2	Explicação, por meio da apresentação de slides, do objetivo geral da pesquisa e das atividades que seriam desenvolvidas com a turma.
	Momento 3	Apresentação dos termos exigidos pelo CEP/Unisc (Termo de Assentimento de Menor ou Incapacitado, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termo de Consentimento para Responsabilizado) e explicação sobre o preenchimento de cada um deles.
	Momento 4	Explicação a respeito do <i>Questionário sobre Práticas de Leitura e de Escrita</i> , ressaltando a sua finalidade e solicitando aos alunos que o respondessem por meio do <i>Google Forms</i> . Posteriormente, enviamos o <i>link</i> do questionário pelo grupo da turma no <i>WhatsApp</i> e a professora de Literatura também o disponibilizou na plataforma <i>Classroom</i> .
Aula 2 (29/09/21)	Momento 1	O tema da aula foi o gênero textual crônica , iniciando com a entrega impressa da crônica <i>Quem é que reconhece alguém de máscara?</i> , de Martha Medeiros, publicada no site Gaúcha ZH em 28/05/2021, seguida de leitura individual e discussão do contexto e do vocabulário do referido texto. Essa e outras quatro crônicas da mesma autora foram disponibilizadas aos alunos na plataforma <i>Classroom</i> e enviadas pelo grupo da turma no <i>WhatsApp</i> como textos de apoio, cinco dias antes da realização da aula. Os títulos das demais crônicas são: <i>Enfim sós</i> ; <i>E se não passar?</i> ; <i>Além da vacina, só uma revolução humanista e universal nos tirará desse sufoco</i> ; e <i>Parabéns às mães pandêmicas e sua sanidade</i>

		<i>colossal.</i>
	Momento 2	Abordagem oral das características da crônica, seguida da apresentação de slides com exemplos de crônicas e sua estrutura.
	Momento 3	Entrega dos termos impressos exigidos pelo CEP/Unisc, solicitando aos estudantes que os trouxessem devidamente preenchidos e assinados (por eles e por seus responsáveis) na aula seguinte. Os documentos também foram disponibilizados aos alunos na plataforma <i>Classroom</i> .
Aula 3 (06/10/21)	Momento 1	O assunto da aula foi o gênero artigo de opinião . O encontro iniciou com a entrega impressa do texto <i>A juventude na mira da pandemia</i> , de autoria de André Sobrinho e Helena Wendel Abramo, publicado no site da Agência Fiocruz em 26/04/2021. Após a leitura individual, houve a abordagem, juntamente com os alunos, da construção dos argumentos que os autores utilizaram para defender o seu ponto de vista. Assim como esse, outros quatro artigos de opinião, de diferentes autores, foram disponibilizados aos alunos na plataforma <i>Classroom</i> e enviados pelo grupo da turma no <i>WhatsApp</i> como textos de apoio, cinco dias antes da realização da aula. Os referidos artigos são: <i>Obesidade e Covid; Máscara, um objeto ético; Sobre os protocolos das escolas; e Pandemia e meio ambiente.</i>
	Momento 2	Apresentação de slides com as principais características do artigo de opinião e sua estrutura, com exemplos de artigos mostrados tanto nos slides quanto de forma impressa, publicados nos jornais <i>Gazeta do Sul</i> e <i>Zero Hora</i> .
Aula 4 (13/10/21)	Momento 1	Nesta aula, a temática foi o gênero notícia . Os alunos leram individualmente a notícia <i>Estudo mostra que máscara reduz em 87% o risco de contágio</i> , publicada no Portal Gaz em 22/03/2021, culminando com debate sobre a sequência da narrativa e o uso da linguagem formal no texto. Essa e outras quatro notícias foram disponibilizadas aos alunos na plataforma <i>Classroom</i> e enviadas pelo grupo da turma no <i>WhatsApp</i> como textos de apoio, cinco dias antes da realização da aula. As demais notícias são: <i>Estudo confirma que assintomáticos são tão contagiosos quanto doentes Covid hospitalizados; Trabalho, território e Covid-19 em São Paulo; Menino</i>

		<i>de dois anos recebe anticorpos contra a covid-19 pela amamentação; e Terminais de ônibus têm maior risco de contaminação pelo coronavírus, mostra estudo.</i>
	Momento 2	Slides apresentados contendo exemplos de notícias publicadas em veículo impresso e na internet, assim como suas principais características e estrutura.
Aula 5 (20/10/21)	Momento 1	Análise e discussão com a turma sobre a linguagem informal e a estrutura do gênero post , resultante da leitura individual do texto <i>Tipos de covid-19: conheça 6 deles descobertos por estudo</i> , publicado no blog Sem Covid em 25/05/2021, e entregue impresso aos estudantes. Além desse <i>post</i> , outros quatro foram disponibilizados aos alunos na plataforma Classroom e enviados pelo grupo da turma no WhatsApp como textos de apoio, cinco dias antes da realização da aula, cujos títulos são: <i>Reinfecção pelo coronavírus: é possível ter?</i> ; <i>Vem vacina</i> ; <i>Comorbidades: o que são e como podem ser preocupantes?</i> ; e <i>6 lições importantes que aprendemos com a pandemia</i> .
	Momento 2	Apresentação de slides com exemplos de diferentes tipos de <i>posts</i> , sua estrutura e suas características.
	Momento 3	Entrega aos alunos, de forma impressa, das orientações para a realização da primeira atividade, que consistiu na produção textual de um dos quatro gêneros apresentados nas aulas: artigo de opinião, crônica, notícia ou <i>post</i> . O tema proposto foi <i>Pandemia de Covid-19</i> (Apêndice J).
	Momento 4	Orientação para que os alunos enviassem o texto via plataforma Classroom (para que a professora de Literatura tivesse acesso) e para o nosso e-mail, dentro do prazo de quatro dias, identificando o gênero textual escolhido.
Aula 6 (27/10/21)	Momento 1	Com os textos enviados pelos alunos em mãos, referentes à primeira atividade, os distribuímos entre o grupo de forma aleatória, a fim de que cada um recebesse o trabalho de um colega e fizesse a leitura do mesmo.
	Momento 2	Explicação, por meio da apresentação de slides, sobre o que é e como ocorre o processo de retextualização.
	Momento 3	Entrega aos alunos, de forma impressa, das orientações da segunda atividade: realizar a

		retextualização do gênero original do texto do colega para outro gênero textual, isto é, produzir um novo texto (podendo ser artigo de opinião, crônica, notícia ou <i>post</i>) e manter a ideia e as informações principais do texto-base. O tema proposto permaneceu o mesmo da atividade anterior, ou seja, <i>Pandemia de Covid-19</i> (Apêndice K).
	Momento 4	Assim como na primeira atividade, os alunos foram orientados a enviarem o texto via plataforma <i>Classroom</i> e para o nosso e-mail, desta vez no prazo de uma semana, identificando o gênero textual escolhido para o novo texto (retextualizado).

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

APÊNDICE G

Slides apresentados sobre Gêneros Textuais

Gêneros Textuais

Mestrando: Felipe Nopes

CRÔNICA

Correio Braziliense, 03/03/2019

Crônica da Revista

Por José Carlos Vieira jvcarvalho@globo.com.br

Será que vai chover?

Carnaval, carnaval, carnaval
Fico tão triste quando chega o carnaval
Eu me lembro duas noites de alegria
E recordo que perdi minha Maria

Luís Melillo

Nostalgia. Quem começa essas conversas com esse palavrão. Nostalgia, saudade do que se viveu. Mas, ultimamente, ando meio nostálgico por histórias que não vivi. Como o dia em que nasceu e se perdeu no meio de um bloco de carnaval. Argumento aberto para uma crônica de um dia cheio de chuva, entediado ou rabeiro para uma novela das seis. Sim, não tenho como escapar do menino de Cachoeira de Itapemirim, Rubem Braga: "É no meio dessa confusão alguém portar sem se despedir, fuinha. Se houvesse uma despedida talvez fosse mais triste, talvez tenha sido melhor assim, uma despedida como as vezes acontece em um bloco de carnaval — uma pessoa se perde do outro, procura por um instante e depois adere a qualquer cordão." Não te fidei? Ando nostálgico.

Neste domingo de carnaval, vou correr no Rancho da Cidade, falar sobre o botaço com o vendedor de coco, ler o **Carnê** e encostar o plantão de Maria. Mas, no botaço, deixarei algum espaço sobre nostalgia, essa sensação que deixa o gente com os olhos fundos como sistema de nojo, aquele que o gente joga uma pedra e não o ouve resgatar no lago frio e escuro.

Você pode até argumentar: "Não aguento esse seu barbaquismo, Zé". Mas não tenho escolha, sou assim mesmo. Sobre aquela onipresença lustrada/aficana? Carnêço carnêço. Podiam-me para escrever uma crônica logo nesse período em que ando meio nostálgico. Tão bem. Aqui estou,

revelando meus sentimentos. Objetividade de jornalista passa longe desse texto. O humor também. Só aquela nostalgia curda entre lenis e canções de vinil (um chavito e uma garrafa de vinho também, porque ninguém é de ferro). Um sentimento (ou um botaço de sentimento) meio confuso. Acho que nostalgia é o sócio de uma superquadrinha, como escreveu o poeta e amigo Nicolas Bile.

Rodrigo, jornalista de carnaval há quase 29 anos, grato de dizer que "é o tempo que cura o que?" Não sei, é isso mesmo. Encontrei com ele dia desses, tinha se separado havia pouco tempo

e confirmado que o ficólogo eficaz do tempo é do quejo nem sempre prevalece.

Anda guardava amargura nas palavras. Carregava no narrativo dos sonhos. Rodrigo saiu das redes sociais, estava mais enfeitado. Lendas de quinta-feira, casado a um filme no Casafunk, primeiro abraço, e disse se sentir curado do amor perdido. Havia bloqueado todos os perfis de comunicação com ele.

Ando enganado.

Basta uma luz cheia e lá estava ele telefonando número do telefone do sempre amado.

— Alô, foi daí que pediram uma pizza metade sólidão, metade saudade?

34 — **CORREIO BRASILENSE** — Brasília, domingo, 3 de março de 2019

Editoria ← Crônica da Revista

Título ← Será que vai chover?

Trecho de música (opcional) ← Carnaval, carnaval, carnaval
Fico tão triste quando chega o carnaval
Eu me lembro duas noites de alegria
E recordo que perdi minha Maria

Texto ←

Identificação do autor → Per José Carlos Viana | josecarlos@globo.com.br

Ilustração →

34 — **Cronica** — São Paulo, domingo, 3 de março de 2019

Nasce uma crônica
Luis Fernando Verissimo

A moça era bonita, se chamava Fabiola e me perguntou como nascia uma crônica. Entre outras coisas. Ela era repórter do jornal da Universidade de Ouro Preto e estava me entrevistando, tarefa que eu não desejo a ninguém, enquanto uma câmera de TV gravava tudo. Dei a resposta de sempre. Qualquer coisa pode originar uma crônica. Às vezes há um assunto em evidência que você é obrigado a comentar, às vezes é uma coisa, assim, impressionista, às vezes é pura invenção, uma frase que sugere uma história ou um cheiro no ar, um incidente banal... Os mistérios, enfim, da criação. "Não há vezes em que as idéias simplesmente não vêm?" Há, há. Acontece muito. Com os anos as idéias parecem que vão ficando cada vez mais longe, enquanto o seu poder de convocá-las diminui. Você chama e elas não se aproximam. Você grita por socorro e elas continuam longe, lixando as unhas. Você espreme o cérebro e não pinga nada. E hoje nenhum cronista que se respeite pode recorrer ao velho truque de, não tendo assunto, escrever sobre a falta de assunto. Ou desperdiçar papel caro e o tempo do leitor com um parágrafo inteiro só de introdução.

Terminada a entrevista, a moça tira um livro meu de sua bolsa. Vai pedir meu autógrafo. Mas ela mesma usa a caneta para escrever alguma coisa no livro antes de passá-lo para mim. Estranho. Ela está me dando meu próprio livro autografado por ela? Leio o que ela escreveu: "Luís: a sua braguilha está aberta". A minha braguilha estava aberta. Passei por Ouro Preto e dei toda a entrevista com o zíper da calça aberto. Naquela situação em que, na infância no meu caso, pré-zíper - nossas mães avisavam que o passarinho poderia fugir. Felizmente, meu passarinho já se resignou ao seu lugar. Nada de mais apareceu, a não ser que a câmera tenha flagrado algo.

E eu disse para a Fabíola que ali estava um exemplo de como nasce uma crônica. Eu fatalmente usaria aquilo, num dia de idéias distantes.

www.slideplayer.com.br

Características da crônica

- ✓ Texto narrativo;
- ✓ Trata de acontecimentos do cotidiano;
- ✓ Geralmente produzida para meios de comunicação como jornais, revistas, sites, e também publicada em livros;
- ✓ Situada entre o jornalismo e a literatura;
- ✓ Pode ter elementos fictícios e reais;
- ✓ Possui linguagem formal ou informal.




Artigo de opinião

A importância das lixeiras

Gostaria de parabenizar a Prefeitura por ter substituído lixeiras antigas e quebradas por novas, no centro da cidade. Fica a dica para a iniciativa se expandir, tanto no entorno quanto em outros bairros; e, claro, que o povo colabore. De modo especial, também cumprimentos à Cooperativa Municipal de Catadores de Santa Cruz do Sul (Coomcat) e ao Instituto Lixo Zero e seus representantes daqui pela realização do segundo drive-thru, ocorrido no último sábado, na Praça Getúlio Vargas. No evento, a população pôde levar seus resíduos recicláveis (incluindo eletrônicos, pilhas, óleo de cozinha saturado, entre outros materiais) para descarte correto, beneficiando não só o meio ambiente, mas também os integrantes da Cooperativa, cuja renda depende da reciclagem. Em que pese nossa cidade seja linda e tanto me orgulhe, o povo santa-cruzense tem muito a avançar no que tange à consciência ambiental. Que (ótimas) iniciativas como as mencionadas contribuam para tal!

Cristina Heidrich

Gazeta do Sul,
18/08/2021



Artigo de opinião

A importância das lixeiras

Gostaria de parabenizar a Prefeitura por ter substituído lixeiras antigas e quebradas por novas, no centro da cidade. Fica a dica para a iniciativa se expandir, tanto no entorno quanto em outros bairros; e, claro, que o povo colabore. De modo especial, também cumprimentos à Cooperativa Municipal de Catadores de Santa Cruz do Sul (Coomcat) e ao Instituto Lixo Zero e seus representantes daqui pela realização do segundo drive-thru, ocorrido no último sábado, na Praça Getúlio Vargas. No evento, a população pôde levar seus resíduos recicláveis (incluindo eletrônicos, pilhas, óleo de cozinha saturado, entre outros materiais) para descarte correto, beneficiando não só o meio ambiente, mas também os integrantes da Cooperativa, cuja renda depende da reciclagem. Em que pese nossa cidade seja linda e tanto me orgulhe, o povo santa-cruzense tem muito a avançar no que tange à consciência ambiental. Que (ótimas) iniciativas como as mencionadas contribuam para tal!

Cristina Heidrich

Gazeta do Sul,
18/08/2021

ARTIGO

A expansão dos voos regionais

Um Estado forte e competitivo precisa planejar estrategicamente os diferentes modais de transporte dos quais dispõe. Por isso, além do investimento em estradas, portos e hidrovias, o Rio Grande do Sul também tem se notabilizado pela expansão de suas linhas aéreas.

Há poucos dias, tornamo-nos o Estado campeão em opções de voos regionais – ultrapassando Bahia e Ceará. São quinze destinos oferecidos pela Azul Linhas Aéreas e que interligam o nosso interior a grandes centros urbanos. Oito deles entraram em operação no começo deste mês, com aeronaves cruzando os céus entre Porto Alegre e Alegrete, Bagé, Canela, Erechim, São Borja, Santa Rosa, Santa Cruz

do Sul e Vacaria.

Essa conquista é resultado de uma parceria entre o poder público e a iniciativa privada para viabilizar novos investimentos no setor. O Programa de Desenvolvimento da Aviação Regional (PDAR/RS) tem estimulado a participação de companhias com incentivos fiscais por número de voos ofertados. A Gol Linhas Aéreas também manifestou interesse em aderir à proposta e, em breve, dará início a quatro novas rotas comerciais.

Em paralelo, nossos aeroportos no interior estão se preparando para receber essa oferta cada vez maior de destinos. Em Passo Fundo, por exemplo, um novo terminal de passageiros e uma pista maior para pousos e decola-

gens estão entre as obras de ampliação e modernização que deverão ser entregues em fevereiro de 2022. Trata-se de um projeto de cerca de R\$ 50 milhões – entre recursos federais e estaduais – que já começa a atrair olhares de investidores para a região.

Com soluções criativas, união e muito trabalho, o modal aeroviário ganha impulso e torna o Rio Grande do Sul destaque em todo o País. As recentes e bem-sucedidas ações no setor comprovam que encurtar distâncias, facilitar negócios e aproximar pessoas é um importante caminho para a economia gaúcha decolar.

Juvir Costella

Secretário de Logística e Transportes
do Rio Grande do Sul

Gazeta do Sul,
19/08/2021

Cartola

ARTIGO

Título

A expansão dos voos regionais

Introdução

Um Estado forte e competitivo precisa planejar estrategicamente os diferentes modais de transporte dos quais dispõe. Por isso, além do investimento em estradas, portos e hidrovias, o Rio Grande do Sul também tem se notabilizado pela expansão de suas linhas aéreas.

Texto
argumenta-
tivo

Há poucos dias, tornamo-nos o Estado campeão em opções de voos regionais – ultrapassando Bahia e Ceará. São quinze destinos oferecidos pela Azul Linhas Aéreas e que interligam o nosso interior a grandes centros urbanos. Oito deles entraram em operação no começo deste mês, com aeronaves cruzando os céus entre Porto Alegre e Alegrete, Bagé, Canela, Erechim, São Borja, Santa Rosa, Santa Cruz

do Sul e Vacaria.

Essa conquista é resultado de uma parceria entre o poder público e a iniciativa privada para viabilizar novos investimentos no setor. O Programa de Desenvolvimento da Aviação Regional (PDAR/RS) tem estimulado a participação de companhias com incentivos fiscais por número de voos ofertados. A Gol Linhas Aéreas também manifestou interesse em aderir à proposta e, em breve, dará início a quatro novas rotas comerciais.

Em paralelo, nossos aeroportos no interior estão se preparando para receber essa oferta cada vez maior de destinos. Em Passo Fundo, por exemplo, um novo terminal de passageiros e uma pista maior para pousos e decola-

gens estão entre as obras de ampliação e modernização que deverão ser entregues em fevereiro de 2022. Trata-se de um projeto de cerca de R\$ 50 milhões – entre recursos federais e estaduais – que já começa a atrair olhares de investidores para a região.

Com soluções criativas, união e muito trabalho, o modal aeroviário ganha impulso e torna o Rio Grande do Sul destaque em todo o País. As recentes e bem-sucedidas ações no setor comprovam que encurtar distâncias, facilitar negócios e aproximar pessoas é um importante caminho para a economia gaúcha decolar.

Fechamento

Identificação
do autor

Juvir Costella

Secretário de Logística e Transportes
do Rio Grande do Sul

Características do artigo de opinião

- ✓ Texto dissertativo-argumentativo;
- ✓ Apresenta o ponto de vista do articulista sobre uma questão controversa;
- ✓ Aborda temas atuais que sejam relevantes para os leitores (política, economia, saúde, cultura, esporte, tecnologia etc.);
- ✓ Utiliza o poder da argumentação, defendendo, exemplificando, justificando ou desqualificando posições;
- ✓ Publicado em diversos meios de comunicação, como jornais, revistas e sites, por exemplo.



www.significados.com.br/genero-textual-diario/

Belo Horizonte, 03/03/2020

Querido diário,

Hoje foi um dia muito especial para mim! Depois de muito tempo, reencontrei minha melhor amiga, a Vanessa. Fomos fazer o que mais amávamos na nossa infância: tomar sorvete na sorveteria na esquina da nossa antiga escola.

Conversamos muito e matamos a saudade. Rimos das histórias hilárias do nosso tempo de colégio e contamos como as nossas vidas mudaram desde então. Espero muito reencontrá-la em breve e que seja um dia tão feliz como este.

Joana Lopes



www.significados.com.br/genero-textual-diario/

Belo Horizonte, 03/03/2020

Querido diário,

Hoje foi um dia muito especial para mim! Depois de muito tempo, reencontrei minha melhor amiga, a Vanessa. Fomos fazer o que mais amávamos em nossa infância: tomar sorvete na sorveteria na esquina da nossa antiga e...

Conversamos muito e falamos a saudade. Rimos das histórias hilárias do nosso tempo de colégio e contamos como as nossas vidas mudaram desde então. Espero muito reencontrá-la em breve e que seja um dia tão feliz como este.

Joana Lopes

ECONOMIA

Café aumenta quase 27% e puxa alta da cesta básica

Caroline Garcke
caroline@gazetasul.com.br

Um dos produtos mais consumidos pelos brasileiros é o protagonista da alta na cesta básica de agosto. O café moído (pacote de 500 gramas) aumentou 26,67%. A pesquisa de preços foi feita pela **Gazeta do Sul** na tarde de ontem, em cinco supermercados de Santa Cruz do Sul. São 24 produtos contabilizados, entre itens de alimentação e higiene.

O levantamento apontou que o mercado com o valor mais alto registrou uma cesta básica de R\$ 216,89, enquanto no mais em conta, o custo ficou em R\$ 175,32. Calculando as médias da cesta básica de cada estabelecimento, a alta registrada neste mês foi de 1,10%.

A média de agosto foi de R\$ 198,67, isto é, R\$ 2,18 a mais que julho, mês no qual a média



Café: alta de 26,67% no levantamento

se manteve em R\$ 196,49. A pesquisa realizada pela **Gazeta do Sul** leva em conta a lista de produtos da Associação Gaúcha de Supermercados (Agas). Entretanto, alguns estabelecimentos não trabalham com determinadas marcas, então foram consideradas e colocadas na pesquisa as mais populares.

A pesquisa é feita pela **Gazeta do Sul** em cinco supermercados de Santa Cruz do Sul

CONFIRA OS PREÇOS

Produto	Quantidade	Mais baixo	Mais alto
Achocolatado em pó	400 g	R\$ 6,39	R\$ 7,35
Arroz tipo 1	quilo	R\$ 4,89	R\$ 7,05
Açúcar refinado	quilo	R\$ 4,79	R\$ 4,79
Bolacha Maria	400 g	R\$ 5,89	R\$ 6,68
Café moído	500 g	R\$ 13,99	R\$ 15,99
Extrato de tomate	310 g	R\$ 3,39	R\$ 4,99
Farinha de trigo	quilo	R\$ 3,05	R\$ 4,78
Feijão-preto	quilo	R\$ 8,59	R\$ 9,99
Lente LIFT	litro	R\$ 2,99	R\$ 3,65
Margarina	500 g	R\$ 6,98	R\$ 8,29
Massa com ovos	500 g	R\$ 2,79	R\$ 3,99
Óleo de soja	99 ml	R\$ 8,29	R\$ 8,59
Presunto magro	quilo	R\$ 12,98	R\$ 34,90
Queijo muçarela	quilo	R\$ 24,90	R\$ 46,90
Sal	quilo	R\$ 1,49	R\$ 1,89
Ovos vermelhos	dúzia	R\$ 5,49	R\$ 8,78

Higiene e limpeza

Sabonete	85 g	R\$ 1,89	R\$ 2,99
Xampu	325 g	R\$ 8,99	R\$ 10,99
Creme dental	90 g	R\$ 3,59	R\$ 4,59
Papel higiênico	4 x 30 m	R\$ 5,75	R\$ 5,99
Água sanitária	litro	R\$ 3,99	R\$ 4,39
Detergente líquido	500 ml	R\$ 2,79	R\$ 2,58
Sabão em pó	800 g	R\$ 11,89	R\$ 14,99
Sabão em barra	400 g	R\$ 2,89	R\$ 3,99

Gazeta do Sul,
18/08/2021

Cartola ← ECONOMIA

Título ← **Café aumenta quase 27% e puxa alta da cesta básica**

Nome/ e-mail do(a) repórter ← **Caroline Garske**
carlinev@g1.com.br

Crédito/ foto/ legenda ←  **Café: alta de 26,67% no levantamento**

Um dos produtos mais consumidos pelos brasileiros é o protagonista da alta na cesta básica de agosto. O café moído (pacote de 500 gramas) aumentou 26,67%. A pesquisa de preços foi feita pela **Gazeta do Sul** na tarde de ontem, em cinco supermercados de Santa Cruz do Sul. São 24 produtos contabilizados, entre itens de alimentação e higiene.

O levantamento apontou que o mercado com o valor mais alto registrou uma cesta básica de R\$ 216,89, enquanto no mais em conta, o custo ficou em R\$ 175,32. Calculando as médias da cesta básica de cada estabelecimento, a alta registrada neste mês foi de 1,10%.

A média de agosto foi de R\$ 198,67, isto é, R\$ 2,18 a mais que julho, mês no qual a média se manteve em R\$ 196,49. A pesquisa realizada pela **Gazeta do Sul** leva em conta a lista de produtos da Associação Gaúcha de Supermercados (Agas). Entretanto, alguns estabelecimentos não trabalham com determinadas marcas, então foram consideradas e colocadas na pesquisa as mais populares.

A pesquisa é feita pela **Gazeta do Sul** em cinco supermercados de Santa Cruz do Sul

CONFIRA OS PREÇOS

Produto	Quantidade	Mais baixo	Mais alto
Achocolatado em pó	400 g	R\$ 6,39	R\$ 7,35
Arroz tipo 1	quilo	R\$ 4,89	R\$ 7,25
Açúcar refinado	quilo	R\$ 4,79	R\$ 4,79
Bolacha Maria	400 g	R\$ 5,89	R\$ 6,68
Café moído	500 g	R\$ 13,99	R\$ 15,99
Extrato de tomate	310 g	R\$ 3,39	R\$ 4,99
Farinha de trigo	quilo	R\$ 3,05	R\$ 4,78
Fenólio preto	quilo	R\$ 8,59	R\$ 9,99
Leite LHT	litro	R\$ 2,99	R\$ 3,65
Margarina	500 g	R\$ 6,98	R\$ 8,29
Massa com ovos	500 g	R\$ 2,79	R\$ 3,99
Óleo de soja	99 ml	R\$ 8,29	R\$ 8,59
Presunto magro	quilo	R\$ 17,98	R\$ 34,90
Queijo muçarela	quilo	R\$ 24,90	R\$ 46,90
Sal	quilo	R\$ 1,49	R\$ 1,89
Ovos vermelhos	dozina	R\$ 5,49	R\$ 8,78

Higiene e limpeza

Sabonete	85 g	R\$ 1,89	R\$ 2,99
Xampu	325 g	R\$ 8,99	R\$ 10,99
Creme dental	90 g	R\$ 3,59	R\$ 4,59
Papel higiênico	4 x 30 m	R\$ 5,75	R\$ 5,99
Água sanitária	litro	R\$ 3,99	R\$ 4,39
Detergente líquido	500 ml	R\$ 2,79	R\$ 2,58
Sabão em pó	800 g	R\$ 11,89	R\$ 14,99
Sabão em barra	400 g	R\$ 2,89	R\$ 3,99

Box

Cartola ← EDUCAÇÃO

Título ← **Enem 2021 já tem data para aplicação de provas impressa e digital**

Data/horário/ atualização da notícia ← 31 de maio de 2021 21:25 | Atualizado em 31 de maio de 2021 21:26

As notas do exame podem ser usadas para participar de programas como o Sistema de Seleção Unificada (Sisu), o Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies)

Por **AGÊNCIA BRASIL**

Linha de apoio

Fonte da notícia

O ministro da Educação, Milton Ribeiro, anunciou as datas das provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2021. Pelo Twitter, ele informou que as provas serão aplicadas nos dias 21 e 28 de novembro, para as versões impressa e digital.

“Conforme eu já havia anunciado dias atrás, o Enem 2021 acontecerá e será aplicado neste ano. As provas serão aplicadas nos dias 21 e 28 de novembro, para as versões impressa e digital. É isso mesmo! A mesma prova, nas mesmas datas, para as duas modalidades”, postou o ministro na rede social.

Realizado anualmente, o Enem é o maior exame para ingresso no ensino superior do país, contando com milhões de inscrições em todo o território nacional. As notas do Enem podem ser usadas para participar de programas como o Sistema de Seleção Unificada (Sisu), o Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies).

Portal Gaz,
31/05/2021

Características da notícia

- ✓ Texto jornalístico não opinativo;
- ✓ Tem por objetivo principal informar a população;
- ✓ Deve abordar um assunto relevante e real;
- ✓ Abrange diversas áreas (política, economia, saúde, cultura, esporte, tecnologia, gastronomia, moda etc.);
- ✓ Possui linguagem formal, objetiva e acessível.



Instagram da Prefeitura de Santa Cruz do Sul



portalg1 •

Coral em Fernando de Noronha forma 'emoji triste'

72.399 curtidas

portalg1 Sad and brazilian 😞 Mergulhar na região do Porto de Santo Antônio faz parte das atrações turísticas de Fernando de Noronha. E, ao registrar turistas durante um passeio, uma fotógrafa da ilha percebeu algo incomum em um coral: ele parecia um emoji triste. A foto foi feita por Roberta Viegas em uma área de naufrágio do Porto de Santo Antônio, numa profundidade de oito metros.

“No primeiro momento, achei engraçado, mas logo veio a notícia do lixo e dos fragmentos de petróleo que chegaram à ilha. Isso me fez refletir bastante sobre todo impacto ambiental que Noronha vem sofrendo, assim como o mundo todo”, disse Roberta.

O coral com carinha triste é da espécie *Siderastrea stellata*, comum na ilha, segundo a bióloga Zaira Matheus.

“Os formatos dos olhos e da boca são regiões do coral que morreram e não se recuperam mais. Mas esse coral *Siderastrea* está vivo, uma alga cresceu na área do olhinho e da boca”, afirmou a bióloga.

Para saber mais, é só acessar o #G1 ou o link na bio #Coral #FernandoDeNoronha #Mar

Ver todos os 916 comentários
Há 3 dias · Ver tradução

Instagram do Portal G1

Pizzaria do Pedaco
2 de jul. · 🌐

Sextoooo, não sei vocês, mas eu tô beeeem afim de uma pizza hoje! 😊

Eu sei que tu gostou da ideia, vem com a gente! 😊

Link e o whatsapp para pedidos na bio.

Psiiu...tele grátis para pedidos acima de R\$45,00 🍕



sextou!
Com tele grátis para pedidos acima de R\$45,00

Facebook da Pizzaria do Pedaco



prefeitura_santacruz

Curtido por severonopes e outras 913 pessoas

prefeitura_santacruz O dia 7 de agosto vai ficar marcado na vida da família Severo e de tantas outras que realizaram hoje o sonho de viver em uma casa própria e digna, com conforto e segurança. Na manhã deste sábado, moradores em uma área degradada ao lado de uma escola estadual no Bairro Santa Vitória foram os primeiros a iniciar a mudança para os loteamentos Santa Maria I e Mãe de Deus, entregues ontem em uma cerimônia.

Instagram da Prefeitura de Santa Cruz do Sul

Linguagem informal

Recursos para curtir, comentar, compartilhar e salvar o post

Linguagem formal

Pizzeria do pedaço
2 de jul. · 🌐

Sextooooo, não sei vocês, mas eu tô beeeem afim de uma pizza hoje! 🍕

Eu sei que tu gostou da ideia, vem com a gente! 🤗

Link e o whatsapp para pedidos na bio.

Psiiu...tele grátis para pedidos acima de R\$45,00 🍕

Foto ←

Uso de emojis



Recursos para curtir, comentar, compartilhar e salvar o post ←



Linguagem formal ←

Características do *post*

- ✓ Mensagem, texto, imagem, vídeo, áudio ou qualquer outro conteúdo publicado na internet, especialmente em redes sociais e *blogs*;
- ✓ Geralmente é um texto do tipo narrativo (relatos), descritivo e opinativo;
- ✓ Título simples e chamativo – se for complexo, o leitor não conseguirá captar a ideia central do *post*;
- ✓ Objetivo – o texto deve ser claro, direto e acessível ao público que se pretende atingir;
- ✓ Possui linguagem formal ou informal.

APÊNDICE H

Slides apresentados sobre Retextualização



RETEXTUALIZAÇÃO

Mestrando: Felipe Nopes

O que é retextualização?

É o processo de transformação/adaptação de um gênero textual para outro, mantendo a ideia e as informações principais do texto-base (original) no novo texto produzido.

Trata-se de um fenômeno comum no nosso cotidiano, em suas múltiplas possibilidades, podendo ser realizado tanto por meio da linguagem escrita quanto da linguagem oral.

Estratégias de retextualização

- ✓ Compreender o texto-base e a situação comunicativa;
- ✓ Identificar a ideia principal e as palavras-chave no texto-base;
- ✓ Ter conhecimento das características do gênero textual a ser retextualizado;
- ✓ Adaptar a linguagem de acordo com o novo texto;
- ✓ Organizar as informações;
- ✓ Usar os tempos verbais adequados.

ATENÇÃO! Retextualização é diferente de reescrita!

- ✓ Reescrever significa escrever de novo; escrever outra vez ou de outra maneira. (Fonte: Dicionário Michaelis Online – <https://michaelis.uol.com.br>)
- ✓ Reescrever é escrever uma nova versão com o objetivo de dar melhor forma ou corrigir possíveis erros do texto original. (Fonte: Dicionário Online de Português – www.dicio.com.br/reescrever)
- ✓ O texto reescrito mantém o mesmo gênero textual. Já o texto retextualizado possui um gênero diferente do texto-base.

APÊNDICE I

Atividade 1 – Produção de texto

Escolha um dos quatro gêneros textuais apresentados nas aulas (**crônica**, **artigo de opinião**, **notícia** e **post**) e produza um texto sobre o tema “Pandemia de Covid-19”, de acordo com as características do gênero escolhido. O texto deve ter:

- Nome completo do(a) aluno(a);
- Identificação do gênero textual escolhido;
- Título;
- Entre 20 e 30 linhas;
- Fonte: Times New Roman;
- Tamanho: 12;
- Espaçamento entre linhas: 1,5.

Importante: Depois de pronto, o arquivo deve ser salvo com o seu nome completo e enviado via plataforma *Classroom* e também para o e-mail felipenopes@hotmail.com.

Prazo para entrega: 24/10/2021 (domingo)

Qualquer dúvida, você pode entrar em contato com o mestrando Felipe Nopes pelo telefone/WhatsApp (51) 99625-8777.

Bom trabalho!

APÊNDICE J

Atividade 2 – Retextualização

Com base no trabalho recebido do(a) seu(sua) colega, faça a retextualização desse texto, ou seja, produza um novo texto sobre o mesmo tema (Pandemia de Covid-19), porém em **outro gênero textual**, que pode ser crônica, artigo de opinião, notícia ou *post*. Atenção: a ideia e as informações principais do texto-base (trabalho do(a) colega) devem ser mantidas. O texto deve ter:

- Nome completo do(a) aluno(a);
- Identificação do gênero textual escolhido para a retextualização;
- Título;
- Entre 20 e 30 linhas;
- Fonte: Times New Roman;
- Tamanho: 12;
- Espaçamento entre linhas: 1,5.

Importante: Depois de pronto, o arquivo deve ser salvo com o seu nome completo e enviado via plataforma *Classroom* e também para o e-mail felipenopes@hotmail.com.

Prazo para entrega: 03/11/2021 (quarta-feira)

Qualquer dúvida, você pode entrar em contato com o mestrando Felipe Nopes pelo telefone/WhatsApp (51) 99625-8777.

Bom trabalho!

ANEXO A**Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unisc****PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA****Pesquisador:** FELIPE NOPES**Título da Pesquisa:** A retextualização em sala de aula como prática potencializadora da escrita**Área Temática:****Versã:** 2**CAAE:** 43936821.1.0000.5343**Instituição Proponente:** Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio**DADOS DO PARECER****Número do Parecer:** 4.607.765**Apresentação do Projeto:**

A pesquisa será do tipo qualitativa, visto que a investigação dessa natureza não procura enumerar ou mensurar eventos e, geralmente, não se utiliza de instrumental estatístico para análise dos dados. Por meio do estudo qualitativo, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada (GODOY, 1995). Dentre as modalidades oferecidas pela pesquisa qualitativa, utilizaremos o Estudo de Caso, cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente e cujo foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de algum contexto da vida real (GODOY, 1995). Além disso, o Estudo de Caso contribui para compreendermos melhor os fenômenos individuais. É uma ferramenta utilizada para entendermos a forma e os motivos que levaram a determinada decisão.

O Estudo de Caso envolvido neste trabalho será desenvolvido com estudantes de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual do município de Santa Cruz do Sul (RS). Os dados serão coletados por meio da produção de textos, que será realizada pelos estudantes após o pesquisador apresentar, em sala de aula, exemplos de diferentes gêneros textuais extraídos de jornais, revistas, sites e redes sociais. Após a execução dessa atividade, os estudantes serão divididos em grupos e trocarão seus textos entre si, a fim de que realizem a retextualização de um gênero para outro gênero textual. Depois de concluída a tarefa, o pesquisador analisará, individualmente, ambos os textos produzidos pelos estudantes, atentando-se para os elementos textuais empregados por eles e, principalmente, se o gênero textual



Continuação do Parecer: 4.607.765

escolhido foi desenvolvido de forma adequada antes e depois da atividade de retextualização.
 INFORMAÇÕES RETIRADAS DO ARQUIVO INFORMAÇÕES BÁSICAS DA PESQUISA
 (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1695774.pdf, DE 15.03.2021)

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar de que forma o processo de retextualização realizado em sala de aula pode contribuir para o aprimoramento da língua escrita.

Objetivo Secundário:

- Analisar a habilidade dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental em produzir textos de diferentes gêneros a partir de temáticas definidas pelos próprios estudantes; - Avaliar a habilidade de manuseio dos alunos com os recursos da língua escrita na produção dos gêneros retextualizados; -Analisar a coerência e a coesão dos textos produzidos pelos estudantes, assim como os demais fatores envolvidos na produção textual;
- Identificar o nível de compreensão dos alunos em relação aos gêneros escolhidos para a retextualização;
- Evidenciar a importância da retextualização como atividade desenvolvida em sala de aula.

INFORMAÇÕES RETIRADAS DO ARQUIVO INFORMAÇÕES BÁSICAS DA PESQUISA
 (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1695774.pdf, DE 15.03.2021)

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos dessa pesquisa são de possíveis constrangimentos ou mal-estar que possam acontecer quando os estudantes estiverem produzindo os textos propostos pelo pesquisador, como alguma dúvida que não se sintam à vontade de esclarecer diante dos colegas. A possibilidade de ocorrer esses desconfortos é baixa, mas caso ocorram, o aluno poderá interromper a atividade ou retirar o seu consentimento, sem que ocorram prejuízos pessoais. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades diárias como conversar, tomar banho, ler etc.

Benefícios:

As práticas de retextualização no ambiente escolar podem oferecer aos estudantes ferramentas para instrumentalizá-los a aprimorar e a desenvolver a língua escrita não só para as tarefas escolares, mas para a vida, como o uso de estratégias de síntese, a adequação de estruturas sintáticas e de



Continuação do Parecer: 4.607.765

vocabulário, maior compreensão dos gêneros textuais, entre outras habilidades.

INFORMAÇÕES RETIRADAS DO ARQUIVO INFORMAÇÕES BÁSICAS DA PESQUISA
(PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1695774.pdf, DE 15.03.2021)

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de dissertação apresentado ao Mestrado em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul como tarefa integrante da disciplina de Epistemologia e Métodos de Pesquisa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosângela Gabriel

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Sabine Townsend

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações.

Recomendações:

Vide campo Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado e em condições de ser executado conforme documentos anexados à Plataforma Brasil e validados pelo CEP-UNISC.

Ressaltando que as adequações (abaixo) solicitadas foram atendidas:

1. Quanto ao documento intitulado ao TCLE (e TALE), seguem as seguintes considerações: 1.1 não apresenta a numeração nas páginas. Com o objetivo de garantir a integridade do documento, solicita-se que sejam inseridos os números de cada página, bem com a quantidade total delas, como por exemplo: "1 de X" e assim sucessivamente até a página "X de X".
- 1.2. Solicita-se que conste que todas as páginas deverão ser rubricadas pelo pesquisador responsável/pessoa por ele delegada e pelo participante/responsável legal. Identificar nominalmente ao final o pesquisador responsável. (Resolução CNS nº 466 de 2012, item IV.5.d).
- 1.3. Solicita-se que constem esclarecimentos sobre a forma de acompanhamento e assistência a que terão direito os participantes da pesquisa (Resolução CNS nº 466 de 2012, item IV.3.c).
- 1.4. A confidencialidade e o sigilo são direitos do participante de pesquisa e, para manter a eticidade na pesquisa devem ser previstos procedimentos que assegurem a confidencialidade dos dados e a privacidade, a proteção da imagem e a não Estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Desta forma, solicita-se garantir ao participante que os dados da pesquisa serão utilizados exclusivamente para os fins deste estudo, bem como assegurar o anonimato quando do repasse dos dados (Resolução CNS nº 466 de 2012, itens III.2.i e IV.3.e).



Continuação do Parecer: 4.607.765

Alerta-se o pesquisador responsável para a necessidade de realizar e encaminhar ao CEP-UNISC em julho de 2021, via Plataforma Brasil, o Relatório Parcial de Acompanhamento da Pesquisa (caso o cronograma aprovado se estenda para além desta data) ou o Relatório Final de Acompanhamento da Pesquisa (caso o cronograma aprovado não se estenda para o segundo semestre de 2021). O formulário para os relatórios está disponível no link do CEP-UNISC (<https://www.unisc.br/pt/pesquisa/comite-de-etica>), aba Documentação, Arquivo "Modelo de Relatório Parcial ou Final de Pesquisa". É o mesmo formulário para ambos os relatórios (as marcações no próprio formulário é que diferem, a depender da natureza do projeto – semestral, anual...).

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado e em condições de ser executado conforme documentos anexados à Plataforma Brasil e validados pelo CEP-UNISC.

Alerta-se o pesquisador responsável para a necessidade de realizar e encaminhar ao CEP-UNISC em julho de 2021, via Plataforma Brasil, o Relatório Parcial de Acompanhamento da Pesquisa (caso o cronograma aprovado se estenda para além desta data) ou o Relatório Final de Acompanhamento da Pesquisa (caso o cronograma aprovado não se estenda para o segundo semestre de 2021). O formulário para os relatórios está disponível no link do CEP-UNISC (<https://www.unisc.br/pt/pesquisa/comite-de-etica>), aba Documentação, Arquivo "Modelo de Relatório Parcial ou Final de Pesquisa". É o mesmo formulário para ambos os relatórios (as marcações no próprio formulário é que diferem, a depender da natureza do projeto – semestral, anual...).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1695774.pdf	15/03/2021 17:56:02		Aceito
Outros	Carta_para_resposta_de_pendencia.pdf	15/03/2021 17:53:58	FELIPE NOPES	Aceito



Continuação do Parecer: 4.607.765

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALEalteracoes.pdf	15/03/2021 17:53:26	FELIPE NOPES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEalteracoes.pdf	15/03/2021 17:53:04	FELIPE NOPES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	4_Projeto_de_pesquisa.pdf	01/03/2021 17:32:41	FELIPE NOPES	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	01/03/2021 17:11:10	FELIPE NOPES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTA CRUZ DO SUL, 23 de Março de 2021

**Assinado por:
Renato Nunes
(Coordenador(a))**

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 13, sala 1306
Bairro: Universitário **CEP:** 96.815-900
UF: RS **Município:** SANTA CRUZ DO SUL
Telefone: (51) 3717-7680 **E-mail:** cep@unisc.br

ANEXO B

Textos selecionados e disponibilizados aos participantes

ARTIGO DE OPINIÃO (1)

A juventude na mira da pandemia

Publicado em: Agência Fiocruz – 26/04/2021

Se em 2020 os idosos estavam no foco da pandemia de Covid-19, o aumento da contaminação, os casos sintomáticos e a maior ocorrência de óbitos em pessoas mais jovens colocou a juventude na mira.

Nesse contexto atual, reforçam-se os apelos aos jovens para as medidas sanitárias de prevenção. Chama a atenção o fato que, de forma latente ou explícita, tem se desenhado um retrato da juventude como a responsável pela disseminação do vírus, em função do que se percebe como um comportamento insensato, fruto de uma incapacidade de controlar impulsos por diversão. Assumem destaque as notícias de festas e baladas.

Não se nega a importância de coibir esses eventos e a necessidade de dirigir mensagens aos jovens para que sejam conscientes. No entanto, agravos à saúde devem ser lidos por um duplo registro: epidemiológico e social. Reforçados mutuamente, podem subsidiar um enfrentamento da situação com respostas mais efetivas e combinadas, considerando a desigual realidade vivida pela maioria da juventude brasileira.

O fato é que são os jovens mais pobres que vêm sendo submetidos à exposição ao coronavírus, e não somente porque se amontoam em festas. A circulação ocorre em função de sua necessidade de trabalhar, estudar e “tocar a vida”. Inclusive, apoiando os mais vulneráveis aos desdobramentos agudos da infecção.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) mostram que 70% dos jovens entre 18 e 24 anos estavam, em 2019, trabalhando ou procurando emprego. A grande maioria trabalha em situações precárias, agravadas na

pandemia, como é o caso de empregos domésticos, operadores de telemarketing, entregadores de aplicativos, “empreendedores” em serviços e comércios de rua — são os “conta própria”, que ficam, literalmente, por sua própria conta e risco; trabalhos com pouca ou nenhuma proteção, seja de seguridade social e trabalhista ou de exposição ao vírus.

Residem em moradias insalubres nas periferias urbanas e se deslocam em transportes públicos lotados. Entregadores e profissionais de saúde são, talvez, a imagem mais eloquente do papel essencial e, ao mesmo tempo, em alto risco dos jovens trabalhadores na conjuntura da pandemia. Levantamento da Fiocruz estima que, de 2 milhões de trabalhadores da saúde na linha de frente hospitalar, 38,4% estão na faixa etária de até 35 anos.

A exposição ao coronavírus pela juventude exige uma leitura mais apurada. As ciências médicas e humanas devem subsidiar as maneiras mais adequadas de veicular mensagens, tanto para a juventude quanto sobre a juventude, deslocando os riscos de uma visão caricatural que ensaia transformá-la em bode expiatório no momento crítico em que vivemos.

Os jovens não devem ser foco apenas de mensagens preventivas, mas também de auxílio de renda e proteção nas atividades econômicas em que estão inseridos e pelas quais estão sendo sobrecarregados. Mais que tudo, necessitam de uma política de saúde coordenada pela qual se possa reduzir o contágio e acelerar a vacinação para todos, com vistas à retomada segura de suas vidas, de seus “corres” e dos seus sonhos.

*André Sobrinho,
Sociólogo e coordenador da Agenda Jovem da Fiocruz*

*Helena Wendel Abramo,
Socióloga, pesquisadora e autora de livros e artigos sobre a condição juvenil*

Fonte: <https://agencia.fiocruz.br/juventude-na-mira-da-pandemia>

ARTIGO DE OPINIÃO (2)

Obesidade e Covid

Publicado em: Atlas da Saúde – 05/03/2021

Em plena pandemia, a obesidade é o principal fator de risco para a Covid-19. Significa isto que a obesidade e a Covid-19 se potenciam no dano que causam na saúde e na vida dos doentes atingidos. Com obesidade é mais fácil infetar-se com a Covid e quando tal acontece, a doença é mais grave com consequências e sequelas mais importantes. São duas doenças que se potenciam no mau sentido.

Outros fatores de risco para que um caso de Covid-19 seja grave e potencialmente mortal, ainda de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), são a idade > 60 anos e as doenças associadas: hipertensão arterial, diabetes, doenças respiratórias e doenças oncológicas. Acontece que a hipertensão e a diabetes tipo 2 estão intimamente ligadas à obesidade e estão presentes na maioria dos obesos. Cedo foi constatado, na primeira vaga da doença em outros países, como Itália e França, que os óbitos eram mais frequentes em portadores de hipertensão e diabetes, seja do tipo 1 ou 2.

As reconhecidas revistas médicas “Journal of the American Medical Association” e “Lancet” publicaram artigos demonstrando que 48% das mortes por Covid-19 ocorreram em doentes com hipertensão e/ou diabetes associados. Assim sendo, o tratamento e controle da diabetes e da hipertensão arterial permitirá que as defesas imunitárias estejam mais fortes, ou seja, terão menor risco de ter uma forma grave de Covid-19.

Porque estas doenças são muito frequentes em doentes com obesidade ou excesso de peso, a redução de peso permite igualmente uma redução importante do risco, pois leva a uma melhoria quase imediata da diabetes, da hipertensão e das dislipidemias (excesso de gorduras do sangue). Nos obesos submetidos à cirurgia bariátrica e metabólica, os benefícios são claros e incontestáveis, principalmente porque os mecanismos imunológicos dificultam o acesso do vírus e melhoram e restabelecem os mecanismos que inibem os efeitos prejudiciais do vírus da Covid-19.

Sabemos ainda que a redução de peso após cirurgia de obesidade é consistente e duradoura e, da mesma forma, o controle da diabetes e da hipertensão são inequivocamente prolongados no tempo. Ou seja, as defesas do organismo ficam mais eficazes durante anos. Portanto, os obesos operados têm risco muito menor de contrair o Coronavírus, menores taxas de internamento e mortalidade, se comparado ao seu estado de saúde antes da cirurgia bariátrica e metabólica com o consequente controle da diabetes, hipertensão e obesidade.

Para além das vacinas e dos cuidados higiénicos hoje em prática, emagrecer é mais uma garantia de manutenção do seu bem-estar sem riscos desnecessários. Neste contexto, a cirurgia bariátrica e metabólica é considerada um efeito protetor, dessa forma:

- Se você tem obesidade ou diabetes é um doente de risco, cumpre os critérios de indicação para o tratamento cirúrgico e deve considerar em tomar a decisão de se curar com cirurgia, os benefícios sobrepõem-se muitíssimo aos riscos;
- Se você tem obesidade ou diabetes e está em tratamento pré-operatório, continue esse caminho com a sua equipa multidisciplinar
- E você que já realizou a cirurgia bariátrica e metabólica, mantenha o acompanhamento com a sua equipa multidisciplinar, esta atitude contribuirá diretamente para a manutenção do seu peso e das doenças que facilitam a instalação da Covid-19.

*Dr. Rui Ribeiro – Cirurgião,
Coordenador da Unidade de Cirurgia Geral e do Centro de Doença Metabólica na
Clínica de Santo António (Portugal)*

Fonte: <https://www.atlasdasaude.pt/artigos/obesidade-e-covid>

ARTIGO DE OPINIÃO (3)

Máscara, um objeto ético

Publicado em: Brasil de Fato RS – 30/06/2021

Usar máscara não é fácil e agradável para ninguém. Assim como não é prazeroso ficar isolado, sem a convivência de amigos, familiares e a partilha do abraço, tão característica do brasileiro. Destarte, isso não é o suficiente para agir irresponsavelmente.

Para além do cômodo, do prazer e da afetividade do abraço, existem o dever e a razão. Eis porque a (possível) recomendação de não usar máscara, pelo presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, deve ser desobedecida. É um dever de o indivíduo proteger a si como um ato de amor-próprio e, ao outro, como um ato de cidadania e respeito (amor) ao próximo. É um dever imposto pela razão que requer dos sujeitos autonomia da vontade livre. O indivíduo deve desobedecer porque é mais racional, prudente, sensato e autônomo.

Usar máscara é um ato moral e ético de rebeldia da consciência livre. Não usar máscara é assumir comportamento de risco para si e para o próximo. O não uso da máscara é tão irresponsável quanto o negacionismo. Não usar máscara é negar sua eficácia na prevenção da transmissão do vírus, é negar a ciência, o conhecimento histórico acumulado, enfim, é negar o direito à saúde e à vida, pois pode levar ao acometimento dos corpos e à morte. E, portanto, é dever ético de todos garantir a preservação da vida.

O médico Dr. Cláudio Maierovitch, em depoimento à CPI da Covid-19, alertou que usar máscara “precisa ter um sentido para as pessoas: estou fazendo isso para me proteger, porque isso é o que todos devem fazer, porque isso tem sentido, porque a ciência e o conhecimento nos orientam, [...] quando isso é colocado em xeque, perde sentido e se torna obrigação”, ou seja, o dever ético dá lugar ao irracional, ao imoral, à falta de boa vontade e, conseqüentemente, à irresponsabilidade.

Um comportamento responsável deve seguir, minimamente, a razão. O dever ético é uma imposição da razão livre e autônoma e não pode deixar-se manipular

por vontades alheias irresponsáveis. Para tanto, é preciso aplicar o princípio categórico kantiano às avessas: age de tal forma que a tua ação seja contrária à dos irresponsáveis.

*Lucas Roxo,
Filósofo, professor e consultor*

Fonte: <https://www.brasildefatores.com.br/2021/06/30/artigo-mascara-um-objeto-etico>

ARTIGO DE OPINIÃO (4)

Sobre os protocolos das escolas

Publicado em: Brasil de Fato RS – 06/05/2021

É fundamental explicar que o vírus está no ar. O vírus se transmite por via respiratória, ou seja, quando respiramos, falamos, tossimos etc. As gotículas são maiores e viajam menos (mais ou menos dois metros) e os aerossóis ficam suspensos no ar e viajam mais por até 6 metros ou mais, dependendo da forma de emissão e das condições do ambiente.

Por isso, precisamos de três coisas FUNDAMENTAIS: máscara, ventilação e distanciamento.

1 - Máscara de boa qualidade bem ajustada no rosto (conforme as recomendações técnicas para adultos e crianças).

2 - Ventilação dos ambientes ou, melhor ainda, ficar ao ar livre.

3 - Distância (mínimo 1,5 metros, mas a maior que for possível).

Apenas o distanciamento, sem máscara e sem ventilação, já mostrou que não protege sozinho. A máscara colocada só em determinados momentos também não, porque os aerossóis estão no ar. Ela precisa ser usada o tempo todo, desde ANTES de entrar naquele ambiente. E uma ventilação mal feita, sem troca de ar, só espalha vírus, em vez de mandar embora as partículas.

Se o local for fechado e mal ventilado, o vírus vai ficar ali dançando no ar e o risco aumenta. Quanto mais tempo de exposição a esse ambiente e quanto mais pessoas, pior. Por isso, a entrada deve ser restrita, e outras pessoas não devem circular na escola se não for absolutamente necessário. Também nesse item se encaixam o escalonamento de horários, a identificação de quem tem mais vulnerabilidade, a redução de turmas, formação de “bolhas” e os cuidados para evitar aglomerações em áreas comuns.

Então, para avaliar se um protocolo de retorno é seguro, olhe primeiro essas três coisas. O protocolo da escola inclui e detalha esses três elementos? Se sim, é bem provável que o protocolo esteja atualizado, e você pode passar a avaliar o resto. Se não, por favor, avise à escola de que precisa revisar e buscar sempre as

informações mais atualizadas, pois as recomendações mudam quando o nosso conhecimento aumenta. (Aliás, aí vai outra dica: se o protocolo é do ano passado, já fique alerta, porque muita coisa mudou.)

Além desses três elementos, observe se há rastreamento diário de sintomas, um fluxograma bem determinado para orientação, isolamento e testagem de sintomáticos e contatos. Mas e o resto? Por que você não falou do tapetinho?

O resto, como a higiene geral e outras medidas, tem bem menos impacto. A transmissão pelas superfícies é muuuuuito menos frequente do que a respiratória. Isso quer dizer que não devemos nos preocupar com higiene? Devemos sim, como antes, ainda mais em uma escola. Lavar as mãos é um hábito importantíssimo que previne milhares de doenças. Lavar os alimentos, limpar bem as superfícies que são usadas para alimentação, sempre foi recomendado.

A Mel Markoski lembra que, em contextos de transmissão muito elevada, todos os cuidados são importantes. O problema é quando só tem o “resto”. Daí é SINAL DE ALERTA! Lavar sapatos, borrifar mochilas com álcool na entrada da escola, e outras ações desse tipo, não só tem pouquíssimo impacto se usados sem as medidas de proteção respiratória, como ainda podem dar uma falsa sensação de segurança. É muito mais importante alguém cuidar das máscaras na entrada da escola do que lavar os sapatos (a não ser para crianças pequenas que podem querer lambar o chão).

É muito mais importante explicar bem sobre os cuidados e fazer um questionário de sintomas TODOS OS DIAS do que borrifar mochilas. Acho importante que as pessoas tenham acesso à melhor informação disponível para tomarem suas decisões de forma consciente. Incluindo as condições epidemiológicas locais, o investimento em garantir a segurança de todas as pessoas que trabalham e estudam na escola e a atualização dos protocolos.

É fundamental educar para os cuidados e comunicar bem às famílias de que a pandemia não passou, o risco não acabou, e que qualquer sintoma deve ser motivo para comunicar e isolar imediatamente os contatos. Uma das condições mais importantes para a volta de qualquer atividade é uma comunidade altamente engajada nos cuidados. Como está a sua? O protocolo mais seguro que existir só funciona se for efetivamente cumprido. E quando o protocolo está desatualizado, então, às vezes ele atrapalha mais do que ajuda.

Além disso, em situações de risco muito alto, mesmo o melhor protocolo não consegue reduzir o risco a zero. Seguro, mesmo, é acabar com o vírus - e pra isso precisamos continuar pedindo por gestão da pandemia, comunicação efetiva, vacina pra todo mundo, uso universal de máscaras, distanciamento e empatia.

*Lucia Pellanda,
Reitora da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA),
professora de epidemiologia e cardiopediatra*

Fonte: <https://www.brasilefators.com.br/2021/05/06/artigo-sobre-os-protocolos-das-escolas>

ARTIGO DE OPINIÃO (5)

Pandemia e meio ambiente

Publicado em: Correio Braziliense – 19/04/2021

Estamos diante de uma semana que pode se tornar histórica. Quis o destino que coincidissem com o aniversário de 61 anos de Brasília, cidade que traz no gene arquitetônico soluções tão necessárias ao mundo. Um dia após a celebração pela capital do país, líderes mundiais estarão em conferência virtual, na quinta e sexta-feira, para tratar sobre estratégias de enfrentamento às mudanças climáticas. Que possa ser, de fato, um marco rumo à construção de uma ampla economia voltada à sustentabilidade, pois todos temos a ganhar. Do contrário, igualmente, continuaremos a sofrer duras consequências, especialmente as populações mais vulneráveis. Por isso, é inteligente e oportuno que abracemos a causa.

Surpreendentemente, na semana passada, o presidente Jair Bolsonaro, sempre tão contestado pela gestão ambiental – capitaneada pelo controverso antiministro Ricardo Salles — expressou em carta enviada ao chefe de Estado dos EUA, Joe Biden, a intenção de zerar o desmatamento ilegal no país até 2030 – desde que receba apoio internacional (milhões de dólares, para que fique claro). O objetivo é nobre, o financiamento é justo e necessário, mas há quem duvide da real capacidade do atual governo.

O primeiro motivo é óbvio e um tanto vexatório. Até agora, Ricardo Salles, que em alto e bom som explicitou o desejo de “passar a boiada” por cima do regramento ambiental, coleciona polêmicas de desserviço à sustentabilidade. Na mais recente, foi alvo de uma queixa-crime ao STF, apresentada por um delegado da Polícia Federal, por suposta proteção a madeireiros ilegais na Amazônia. Com uma personalidade desse porte à frente do Meio Ambiente, fica difícil acreditar em alguma solução verdadeira.

Há de se registrar, além disso, um tom quase chantagista do governo brasileiro ao reivindicar apoio financeiro para a proteção das florestas. O auxílio de outros países para essa missão é muito bem-vindo, mas o Brasil deveria, há muito tempo, ter assumido a tarefa de preservar esse patrimônio. Mas sob este aspecto, a

atual gestão não é a única responsável, pois as administrações passadas falharam vergonhosamente em oferecer um plano que compatibilize geração de renda e proteção ambiental. Sim, é possível. Existem práticas que demonstram — permacultura, sistemas agroflorestais, bioconstruções, agricultura urbana, etc.

A pandemia vem ressaltando a proclamada necessidade de estabelecermos uma nova dinâmica de ocupação do planeta. A sexagenária Brasília nos oferece pistas nesse caminho. Cidades com mais espaços verdes, com possibilidades de produção de alimentos e menos dependência de transporte automotivo nos ofereceriam um mundo mais seguro e saudável. Infelizmente, nossa governança (e também a população em geral) ainda não compreendeu isso. Veja o recente exemplo da horta comunitária que foi destruída no Setor Comercial Sul, sob a alegação de que servia de esconderijo para traficantes — uma evidente perversão de valores: pois prendam os criminosos e libertem as hortas! No momento, com aumento de famílias em situação de insegurança alimentar, proibir as pessoas de plantar para comer é praticamente um crime hediondo. Como são desumanos alguns dos gestores do país...

Temos no Brasil mais de 14 milhões de desempregados. Seria oportuno perceber que é possível gerar postos de trabalho e renda com a prática de uma economia voltada à sustentabilidade. Toda a população, especialmente a mais carente, teria muito a ganhar em qualidade de vida. Que a cúpula de líderes mundiais para o combate às mudanças climáticas, nesta semana, possa ser frutífera na construção de soluções práticas.

Fernando Brito

Fonte: <https://www.correiobraziliense.com.br/opiniao/2021/04/4918991-artigo-pandemia-e-meio-ambiente.html>

CRÔNICA (1)

Enfim sós

Martha Medeiros

Publicado em: NSC Total – 27/03/2020

Ela mora sozinha há muitos anos. Gosta, pois leva a vida do jeito que quer, não há ninguém em volta fiscalizando as manias. Mas sente uma ponta de inveja de lares ocupados por muita gente, famílias numerosas. Preferiria ser mais requisitada, já que são longos os momentos sem companhia. Já a ouvi reclamar de passar um dia inteiro sem escutar a própria voz. Até que veio o coronavírus e obrigou o isolamento de todos. Deixou de ser uma escolha, e sim um ato compulsório. E, para minha surpresa, ela não reclama mais, está adorando os dias de leitura, introspecção e silêncio. Mas se a rotina já era desse jeito, o que mudou?

É que agora não é só ela que está em casa, mas toda a cidade. Ela já não é diferente da maioria dos amigos. A solidão deixou de ser um problema apenas dela. É um assunto que sempre me atraiu. Acredito que ter uma relação cordial com a solidão é a saída para evitar perturbações mentais. Quem encara a solidão como uma terrível ameaça acaba comprometendo as experiências afetivas. Os vínculos se tornam asfixiantes em vez de naturais. As relações sociais tornam-se mais obrigatórias do que espontâneas. É difícil aceitar que as pessoas chegam, ficam e um dia vão embora de nossas vidas. Essa dinâmica inevitável nos obriga a passar por momentos de resguardo eventual ou prolongado, o que conduz a um encontro profundo com a gente mesmo. Para alguns, é assustador.

Não sou nenhuma ermitã e considero que ter amigos é sagrado. Lamento pelos que se encarceram numa existência sem vínculos – essa, sim, uma solidão corrosiva. Bem diferente de quem pode se dar ao luxo de passar temporadas sem contato, pois sabe que não existe distância entre os que preservam laços vitalícios. Muitas pessoas moram sós.

Quando a pandemia passar, voltarão a caminhar pelas ruas, ir a bares, ao cinema, encontrarão pessoas e continuarão sós, e não há vergonha nenhuma nisso.

Sei que conviver é fundamental, um hábito que até ajuda a imunizar: ficamos mais saudáveis ao sermos tocados, abraçados, beijados. Mas não precisamos ter nossa vida testemunhada 24 horas por dia.

Sozinhos, agimos como anjos. Não mentimos, não julgamos os outros, não agredimos ninguém. “Sozinha não há céu que me rejeite” – verso de um poema que escrevi 25 anos atrás, quando me parecia interessante esse benefício da solidão: a de impedir que fôssemos uns malas. Hoje se mente, se julga e se agride pelo Twitter, pelo Facebook. Meu verso caducou. Então, aproveitemos o cativo para valorizar as demais vantagens da solidão: autoconhecimento, paz de espírito, concentração, relaxamento. E, se conseguirmos ignorar o celular (como há 25 anos, quando ele não existia), a vantagem sublime de não sermos atazanados e de não atazanar ninguém.

Fonte: <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/martha-medeiros/enfim-sos>

CRÔNICA (2)

E se não passar?

Martha Medeiros

Publicado em: Blog Armazém de Texto – 07/11/2020

Estamos há quase quatro meses mergulhados numa pandemia que mudou nossos hábitos, nos impôs restrições, nos distanciou fisicamente e nos colocou frente a frente com nossas fragilidades. Vai ficar por isso mesmo? Quando iniciou, parecia apenas uma onda gigante e repentina. Se soubéssemos nos manter à tona, boiando sobre ela, obedientes e respeitosos diante do seu tamanho, nada de muito ruim iria nos acontecer e logo reencontraríamos a calma.

É o que vem acontecendo nos países europeus, que estão retomando as atividades cotidianas, dando um passo de cada vez. O Brasil, caótico por natureza, vai levar mais tempo, nenhuma novidade. Três, seis, dez meses? Quando teremos nossa vida de volta? Talvez nunca, não como era antes. É provável que tenhamos que assimilar que a nossa atual precariedade determinará novos modelos de conduta daqui para frente.

Lavar as mãos, usar máscara e evitar aglomerações: já estamos nos acostumando. Poderíamos nos acostumar agora com o desprestígio da ostentação e do consumismo delirante. Continuaremos comprando comida, roupas e remédios, precisaremos de um bom teto como sempre precisamos, mas nossos luxos talvez mudem – tomara que mudem. Hora de privilegiar as questões humanas, se soubermos aproveitar a oportunidade.

Não chego a falar de um renascimento espiritual, que soaria pomposo, mas acredito, sim, que a tendência é reavaliarmos nosso estilo de vida. As grandes metrópoles se tornaram zonas de contágio, e um êxodo urbano não seria má ideia: sair em busca de desintoxicação, mais atividades ao ar livre, cidades menores, menos concentração populacional.

A arte também se beneficiará desta pandemia. Não só por sua valorização evidente (o que teria sido de nós sem livros, música e filmes nesse longo

confinamento?), mas também pelo surgimento de talentos até então desconhecidos: as pessoas foram obrigadas a descobrir em si algum dom - artes manuais, gastronomia, desenho digital, colagens, fotografia, vá saber quantos outros. A expressão artística poderá ser nossa grande contribuição à humanidade: não voltaremos a ser apenas consumidores de cultura, mas fornecedores também.

Não é se apegando a símbolos de status que prestaremos homenagem à nossa sobrevivência, e sim expandindo nossa criatividade, encontrando os amigos, bebendo e comendo com eles, namorando, celebrando as sensações, não as aquisições. Utilidades práticas seguirão bem-vindas, mas as utilidades emocionais é que definirão nosso bem estar: meditação para dormir melhor, leitura para mais autoconhecimento, empatia para reduzir desigualdades. Já que esta crise é inevitável, que a gente ao menos transforme nosso espanto em sabedoria.

Fonte: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2020/11/cronica-e-se-nao-passar-martha-medeiros.html>

CRÔNICA (3)

Além da vacina, só uma revolução humanista e universal nos tirará desse sufoco

Martha Medeiros

Publicado em: Gaúcha ZH – 01/04/2021

Em determinadas cidades, o comércio pode ficar aberto; em outras, deve fechar. Em alguns países, os surtos diminuíram; em outros, foram detectadas novas variantes do vírus. Há crianças sem aulas por aqui e com aulas no hemisfério oposto. Cada ponto do planeta tem suas próprias diretrizes e demandas relacionadas à covid-19, o que me parece alarmante. Se a pandemia, como o próprio nome diz, é global, a solução para erradicá-la não teria que ser minimamente integrada também?

De que adianta um país zerar o número de contaminados se os países vizinhos são menos céleres? Perguntas sem fim, respostas inexatas. Nosso caminho para a liberdade ainda tem muitos obstáculos e dificilmente trilharemos de lá pra cá com a facilidade de antes. Só recorrendo à utopia. Tudo o que nos difere (cultural, espiritual e ideologicamente) teria que ser desconsiderado em prol de uma ambição maior: derrotar o inimigo comum. Mas, para isso, todos os países precisariam entrar em acordo, o que é fantasioso. Se nem mesmo em um prédio residencial existe unidade de pensamento entre os condôminos, como vencer a pandemia juntos, de forma planetária?

Há pressa em fabricar vacinas e distribuí-las, há pressa em produzir os próprios insumos, há pressa em fazer a economia girar, há pressa dos cidadãos em voltar a trabalhar, a estudar, a viajar, e eu observo o ranking das nações adiantadas e atrasadas nesta corrida contra o tempo e penso: estamos nos mexendo, mas ainda falta um senso de responsabilidade único e geral.

Contra o apocalipse, John Lennon deu sua receita: “Imagine todas as pessoas vivendo o presente, imagine que não haja países, nada pelo que matar ou morrer, e nenhuma religião também; imagine que não existam posses, nem ganância e fome,

imagine todas as pessoas compartilhando o mundo inteiro”. São fragmentos da canção *Imagine*, o hino dos sonhadores, que este ano completa 50 anos e que apresenta uma fórmula fora da realidade, mas sábia.

Para que o caos seja extinto sem deixar fios soltos, precisamos de uma liderança mundial que fale mais alto do que as diferenças, que coloque o bem-estar de todas as nações acima das disputas de poder. Se eu acho plausível essa trégua coletiva? Minha fé não chega a esse ponto (o Brasil, por exemplo, precisaria antes recuperar o respeito internacional), mas acredito, sim, que uma suspensão temporária de conflitos poderia fazer diferença no resgate da normalidade que tanto desejamos, e ainda nos ensinaria muito sobre os poderes da empatia e da paz. Óbvio que estou pirada, você não? Então permita-me concluir: além da vacina, só uma revolução profundamente humanista e universal nos tirará desse sufoco. O ex-beatle era viajandão, mas gênio. *All we need is love*, pra ontem.

Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/colunistas/martha-medeiros/noticia/2021/04/alem-da-vacina-so-uma-revolucao-humanista-e-universal-nos-tirara-desse-sufoco-ckmyyl1l4002f0198qu5se2n1.html>

CRÔNICA (4)

Parabéns às mães pandêmicas e sua sanidade colossal

Martha Medeiros

Publicado em: Gaúcha ZH – 07/05/2021

Todas as mães merecem beijos, mimos, afagos neste domingo, mas presto reverência, hoje, às mães que ficaram mais de um ano com crianças em casa, crianças estudando a distância, crianças sem praticar esportes, crianças sem ver os amigos, crianças que ainda não entenderam direito o que está acontecendo. Sou mãe de adultas – a essa altura, uma sorte. Se fosse mãe de pequenos, não sei se teria conseguido, talvez tivesse entrado em curto-circuito, sei lá. Que bom que as mães são fortes e seguram a barra (claro, os pais têm participação nisso, mas é maio, não agosto, aguardem sua vez).

Parabéns, mães de crianças de dois anos que providenciaram máscaras divertidas e inventaram “bailes à fantasia” em plena segunda-feira à tarde. Parabéns, mães que não puderam festejar o aniversário de cinco anos de seus pimpolhos e providenciaram encontros por Zoom com tios e primos segurando balões e assoprando velinhas. Parabéns, mães de filhos de sete anos que tiveram que lidar com a interrupção do ano letivo, com a frustração da garotada por não começar a trajetória escolar, por não socializar, por não fazer novas amizades, iniciação fundamental de todo ser humano.

Parabéns, mães de meninas que sonhavam em dançar balé, que queriam aprender a jogar tênis, que já tinham descoberto a porta da rua e tiveram que voltar para dentro de seus quartos e aguardar por um tempo indefinido. Parabéns às mães que tiveram que explicar aos filhos que existe outro tipo de cancelamento: o dos sonhos, o dos projetos, o do crescimento através das vivências fora do lar, em bairros vizinhos. Parabéns às mães que conseguiram fazer com que eles se interessassem por livros, uma escapada que trará consequências magníficas no futuro.

E o que dizer sobre aulas online? Meu respeito às mães sem opção: tiveram que sair para trabalhar, deixando os jovens alunos se virarem em frente ao computador. E também às que puderam trabalhar em home office e que arranjaram uma horinha para fazer os deveres do colégio com seus filhos desmotivados, que deram a eles explicações a fim de ajudá-los a amadurecer em meio ao caos.

Parabéns às mães de adolescentes que os seguraram em casa, que evitaram que eles aglomerassem, que tentaram proporcionar bons momentos entre quatro paredes que substituíssem os encontros da turma, as festas de 15 anos, as viagens para a praia. Parabéns às mães com imaginação, às mães com paciência, às mães que se empenharam além de seus limites, ao contrário de mães que foram desafiadas de outra forma – são muitas as que, como eu, estão há mais de ano sem ver um filho ou filha que vive fora do país.

É dia de celebrar todas as mães e sua sanidade colossal para enfrentar esse período tão enlouquecedor.

Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/colunistas/martha-medeiros/noticia/2021/05/parabens-as-maes-pandemicas-e-sua-sanidade-colossal-ckoe92rio000z0180s7argk0y.html>

CRÔNICA (5)

Quem é que reconhece alguém de máscara?

Martha Medeiros

Publicado em: Gaúcha ZH – 28/05/2021

Ela vinha caminhando em minha direção, de rabo de cavalo, óculos escuros e máscara. Graças à educação que recebi em casa, disse a ela “bom dia”, como digo a todos com quem cruzo durante uma caminhada, mesmo nunca tendo visto a criatura na vida e sabendo que depois do bom dia virá o nunca mais.

Pois então: eram oito da manhã, eu estava com os fones enterrados nos ouvidos e o pensamento do outro lado do oceano. A música vibrante ajudava a manter as passadas ritmadas do exercício e, ao cruzar por ela, ofereci meu cordial e singelo bom dia. Ela parou, olhou fixo para mim, abriu um sorrisão e respondeu: “Que bom dia, o quê? Não tá me reconhecendo?”.

Misericórdia. Não se faz isso com uma desmiolada que já escreveu meia dúzia de crônicas avisando que é péssima fisionomista e que não reconhece ninguém que não esteja em seu habitat costumeiro (sou capaz de passar reto pelo porteiro do meu prédio se o encontrar numa fila de cinema). Não bastasse, o vigoroso *Pet Sematary* dos Ramones quase impediu que eu escutasse o que a garota continuou falando depois de eu ter confessado que não a reconhecia: “Eu te atendi um ano atrás, quando tu tiveste uma contratura lombar”.

A fisioterapeuta! Por graça divina, o nome dela me veio à boca em um segundo, o que atenuou a gafe, minha reputação estava quase salva, faltava só expiar a culpa. “Desculpe, Carolina, desculpe, sou terrível mesmo, um caso perdido.” “Deixa disso, tá tudo certo, já faz um ano – e quem é que reconhece alguém de máscara?”

Pois é. Máscara. Óculos escuros. Alguns ainda complementam o disfarce com um boné. Eu nem preciso usar a distância de um ano inteiro como justificativa, a pandemia criou a armadilha perfeita. Se já não sou craque em reconhecimento facial quando a pessoa está com os olhos, o nariz e a boca à mostra, imagina agora, neste

planeta de mascarados circulando pelos parques e corredores dos supermercados (outro lugar onde pago micos dramáticos).

Mas descobri que há outros meios de identificação. Quando fui levar minha mãe para vacinar num drive-thru, eu estava de máscara e óculos escuros, dirigindo o carro. Quando chegou a vez dela, dei bom dia à enfermeira e perguntei se poderia fotografar a cena histórica. Ela olhou para mim e respondeu: “Martha?”.

Ai, Jesus. Seria uma ex-colega do colégio? Uma prima do interior? Calma, era apenas uma leitora que costuma assistir às minhas lives, tão simpática quanto a fisioterapeuta e demais pessoas normais, que reconhecem umas às outras apesar de todos os obstáculos em frente ao rosto. “Estou usando máscara e óculos escuros, como você me reconheceu?”, perguntei a ela. “Pela voz, ué.”

Dizer o quê? Bom dia.

Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/colunistas/martha-medeiros/noticia/2021/05/quem-e-que-reconhece-alguem-de-mascara-ckp89ebhb000k0180act6ezeu.html>

NOTÍCIA (1)

Estudo confirma que assintomáticos são tão contagiosos quanto doentes Covid hospitalizados

Publicado em: Atlas da Saúde – 28/05/2021



Uma investigação do Hospital Charité, em Berlim, Alemanha, que contou com mais de 25 mil participantes, mostra que as pessoas infectadas com o novo coronavírus atingem o seu pico de carga viral na garganta entre um e três dias antes dos

sintomas aparecerem.

Uma amostra normal retirada da garganta contém 2,5 milhões de cópias do genoma do vírus, mas quase 9% dos infectados têm mil milhões de cópias ou mais, de acordo com o novo estudo. O trabalho encontra um cenário explosivo: mais de um terço dos pacientes com carga viral muito elevada são assintomáticos ou têm apenas sintomas leves. Quer isto dizer que uma pessoa sem sintomas pode ser tão contagiosa quanto um doente Covid hospitalizado.

O principal autor da pesquisa, o virologista Christian Drosten, afirmou em comunicado que estes dados apoiam "a ideia de que uma minoria de pessoas infectadas causa mais contágios". Os resultados deste trabalho foram publicados esta terça-feira na revista *Science* e coincidem com as conclusões de outros estudos recentes.

Um artigo publicado no passado dia 10 de maio sugeria que 2% das pessoas infectadas transportam 90% dos vírus circulantes. A investigação incluiu 1.400 casos positivos sem sintomas, identificados na Universidade do Colorado em Boulder, EUA. Os autores, liderados pela virologista Sara Sawyer, falam de "super-super-contágios virais e, possivelmente, super-contágios". Outro estudo publicado em novembro passado descobriu na Índia que 71% das cerca de 85.000 pessoas

infectadas não transmitiram o vírus a mais ninguém. E uma análise de 1.200 casos na China descobriu, em janeiro, que 15% causaram 80% dos contágios.

O novo trabalho agora apresentado, levado a cabo pela equipa de investigação do Hospital Charité, também aborda o papel das crianças. Os investigadores não observaram grandes diferenças na carga viral de pessoas entre os 20 e os 65 anos. A quantidade de vírus foi menor em crianças com menos de cinco anos, com níveis de pelo menos 800.000 cópias do genoma coronavírus. A carga viral, no entanto, aumenta com a idade e aproxima-se do número de adultos em crianças e adolescentes mais velhos.

Além disso, esta investigação confirma ainda que a variante B.1.1.7 do coronavírus, registrada pela primeira vez em setembro de 2020 no Reino Unido e já dominante em muitos países, é mais contagiosa. A análise de 1.500 infectados com este subtipo sugere que a sua carga viral é 10 vezes maior em média, com 2,6 vezes maior infecciosidade.

Fonte: <https://www.atlasdasaude.pt/noticias/estudo-confirma-que-assintomaticos-sao-tao-contagiosos-quanto-doentes-covid-hospitalizados>

NOTÍCIA (2)

Trabalho, território e Covid-19 em São Paulo

Publicado em: Instituto Pólis – 24/05/2021

Novo estudo realizado pelo Instituto Pólis mostra que grande parte das vítimas fatais de Covid-19 em São Paulo, entre março de 2020 a março de 2021, é de profissionais que não concluíram a educação básica, e que não interromperam as atividades. De acordo com os números da pesquisa, pedreiros, empregadas domésticas e motoristas de carros de aplicativo estão entre as ocupações mais afetadas pela doença.

O estudo utilizou informações sobre os óbitos por Covid-19 na cidade de São Paulo entre março de 2020 e março de 2021. Os dados foram coletados do SIM PRO-AIM (Programa de Aprimoramento das Informações de Mortalidade), coordenado pela Secretaria de Saúde do Município de São Paulo. A partir dessas informações, o Pólis identificou 737 ocupações das vítimas, classificadas de acordo com o código CBO (Classificação Brasileira de Ocupações), e as organizou em categorias de atividades, agrupadas segundo o setor econômico, tipo de atuação, nível de exposição do trabalhador e possibilidade de trabalho remoto.

A fim de detectar características em comum das pessoas envolvidas naquelas atividades mais atingidas, também foram analisadas informações sobre a escolaridade, faixa etária, local de residência, raça e sexo das vítimas. Durante o período analisado, foram registradas 30.796 mortes por Covid-19 em São Paulo. Destes, 23.628 (76,7%) foram de pessoas que não completaram o ciclo de educação básica, ou seja, tinham 11 anos ou menos de estudo. Considerando a escolaridade das vítimas como uma proxy sobre seu padrão de renda, os dados confirmam que a mortalidade de Covid-19 é maior entre trabalhadores e trabalhadoras mais pobres.

Fonte: <https://polis.org.br/noticias/trabalho-territorio-e-covid-19-em-sao-paulo>

NOTÍCIA (3)

SANTA CATARINA

Menino de dois anos recebe anticorpos contra a Covid-19 pela amamentação

Resultado confirmou a imunização da criança contra o coronavírus e algumas de suas variantes

Publicado em: Gaúcha ZH – 01/07/2021

Um exame comprovou que uma criança de 2 anos e 2 meses adquiriu anticorpos contra a Covid-19 através da amamentação. O caso ocorreu em Tubarão, no sul de Santa Catarina. A fisioterapeuta Maryucha Miranda de Oliveira, de 38 anos, recebeu as duas doses da vacina AstraZeneca e continuou amamentando o filho, Joaquim.



Para garantir uma maior proteção ao filho, ela decidiu estender a amamentação por cerca de 20 dias depois da segunda aplicação da vacina

Maryucha Miranda / Arquivo Pessoal

Segundo informa o G1, este é um caso isolado, e teve acompanhamento médico a pedido da mãe. Na sexta-feira passada (25), um exame de anticorpos neutralizantes foi realizado com o sangue da criança — que possui uma doença autoimune caracterizada por baixos níveis de plaquetas no sangue. O resultado

confirmou a produção de anticorpos neutralizantes contra o coronavírus, inclusive para variantes do vírus.

— Foi comprovado a importância da amamentação e da vacina. Uma vacina com duas pessoas imunizadas — afirmou a mãe.

Os resultados mostram que Joaquim possui cerca de 20% dos anticorpos detectados que neutralizam as variantes do Brasil, África do Sul e do Japão. Ainda há 14,7% de atividade de anticorpos neutralizantes das cepas de Wuhan e do Reino Unido.

A mãe disse que parou de amamentar o filho 10 dias antes de realizar o exame. Segundo ela, o programado era amamentá-lo até os 2 anos de idade. Para garantir uma maior proteção ao filho, ela decidiu estender a amamentação por cerca de 20 dias depois da segunda aplicação da vacina.

— Ficamos sabendo da possibilidade de passar os anticorpos pelo leite materno, decidimos estender o mama até mais dias após a minha segunda dose que aconteceu no dia 24 de maio e fizemos o teste — disse Maryucha Miranda de Oliveira.

Segundo o Secretário de Saúde de Tubarão, o médico Daisson José Trevisol, este é o primeiro caso documentado da região.

Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2021/07/menino-de-dois-anos-recebe-anticorpos-contra-a-covid-19-pela-amamentacao-ckqkv7c9k0019013bchr6r1.html>

NOTÍCIA (4)

ALERTA AOS PASSAGEIROS

Terminais de ônibus têm maior risco de contaminação pelo coronavírus, mostra estudo

Resultados revelam que medidas para conter a propagação do vírus não estão sendo adotadas corretamente

Publicado em: Gaúcha ZH – 30/06/2021

Um estudo realizado por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) de Pernambuco revelou que os terminais de ônibus são os locais com maior risco de contaminação pelo coronavírus. Para chegar à conclusão, o trabalho, ainda na fase de *pré-print* (que não foi revisado por outros cientistas), coletou amostras de superfícies de ambientes por onde transitam muitas pessoas em Recife.

No total, a coleta se deu em seis grupos de locais: terminais de passageiros, unidades de saúde, parques públicos, mercados públicos, áreas de praia e centro de distribuição de alimentos. Deles, foram recolhidas 400 amostras de áreas que são muito tocadas por diferentes pessoas, como maçanetas, torneiras, vasos sanitários, interruptores de luz, leitores de biometria, catracas, corrimãos de escadas, entre outros. Todas foram submetidas ao exame RT-qPCR.

Os resultados dos testes mostraram que o vírus causador da covid-19 foi identificado em 97 das amostras, ou 24%. Desse total, 47 (48,7%) foram retiradas de terminais integrados de ônibus. O maior índice de contaminação foi detectado nos pontos de autoatendimento e nos corrimãos.

Em segundo lugar da lista, ficaram as áreas próximas de unidades de saúde, com 26,8% das amostras positivas. Na sequência, apareceram os parques públicos, com 14,4%, mercados públicos (4,1%), praias (4,1%) e outros lugares (2,2%).

O vírus foi encontrado predominantemente em banheiros, terminais de autoatendimento, corrimãos, playgrounds e equipamentos de ginástica ao ar livre. Entre as superfícies, as metálicas foram as mais contaminadas (46,3%), seguidas pelas plásticas (18,5%).

Lindomar Pena, pesquisador da Fiocruz Pernambuco e coordenador do estudo, destaca que o vírus detectado nos exames não estava ativo, porém, a presença indica que ele circulou pelo local.

— Em algum momento, ele esteve ativo naquele local, o que demonstra serem ambientes onde há mais gente infectada circulando — justificou à Agência Fiocruz.

Para o autor do estudo, Severino Jefferson Ribeiro, além de servirem de subsídios para as autoridades públicas, os resultados comprovam que a população não está seguindo as orientações para contenção do vírus adequadamente.

Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2021/06/terminais-de-onibus-tem-maior-risco-de-contaminacao-pelo-coronavirus-mostra-estudo-ckqjv4wez006r013brfhf2hh6.html>

NOTÍCIA (5)

CORONAVÍRUS

Estudo mostra que máscara reduz em 87% o risco de contágio

Além disso, os pesquisadores concluíram que pessoas que aderem de forma moderada a intensa ao distanciamento social têm entre 59% e 75% menos chances de contrair o vírus

Publicado em: Portal Gaz – 22/03/2021

Por João Cléber Caraméz

Mais do que uma opção pela saúde, a máscara é um símbolo de empatia, uma forma de cuidado consigo e com os outros. E ela funciona mesmo. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) realizou um estudo, em parceria com a Universidade Federal de



Márcia Frantz mantém cuidado máximo: na bolsa, leva itens de reserva e álcool gel | Foto: Alencar da Rosa

Ciências da Saúde de Porto

Alegre (Ufcspa), Universidade Federal de Pelotas (Ufpel) e Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre, que apontou a importância do item de prevenção. Os resultados sugerem que o uso reduz em 87% a chance de ser infectado pelo coronavírus.

Além disso, os pesquisadores concluíram que pessoas que aderem de forma moderada a intensa ao distanciamento social têm entre 59% e 75% menos chances de contrair o vírus. O artigo ainda será revisado por outros acadêmicos.

Porém, em Santa Cruz do Sul, basta observar o movimento dos pedestres durante alguns minutos no Centro para flagrar pessoas sem máscaras ou utilizando-as de forma errada. Mas também existem muitos bons exemplos. É o caso da professora Márcia Frantz, de 53 anos. Ela carrega duas máscaras de reserva na bolsa, onde afixou um pequeno frasco de álcool gel, como se fosse um chaveiro.

“Como tenho uma doença autoimune, me cuido ao máximo. Só saí para ir a uma consulta médica”, comentou.

Para ela, houve um relaxamento por parte da população, pelo longo período da pandemia e a falta de consideração com os outros. “Muitos são desatentos. Utilizam de forma errada. Tem que haver maior preocupação com as pessoas, principalmente as de mais idade, que poderão ter um quadro grave.”

Os mais jovens são associados às aglomerações e apresentam maior risco de contágio massivo. Contudo, há muitas pessoas conscientes nessa faixa etária. A esteticista Ellen Jordão Cunha, de 19 anos, utiliza máscara de neoprene e mantém as reservas na bolsa, assim como o tubo de álcool gel. “Eu trabalho com público e me acostumei com as medidas de prevenção. Usar máscara incomoda, mas é essencial”, sublinhou. “O ideal é escolher um modelo que seja confortável. O que não pode é ficar sem.”

Não usar pode acabar em multa

De acordo com o secretário de Segurança, Transporte e Mobilidade Urbana de Santa Cruz, Everton Oltramari, a fiscalização é constante. No último fim de semana de *lockdown*, as forças de segurança realizaram 800 abordagens para orientação do uso da máscara. Oltramari explica que uma multa é aplicada em caso de reincidência. “Estamos coibindo as aglomerações e fazendo o trabalho de orientação para que as pessoas entendam a importância do uso correto da máscara”, salienta.

O decreto municipal 10.845, divulgado na sexta-feira da semana passada, prevê multa de R\$ 678,18 para infração média, R\$ 1.695,45 para grave e R\$ 6.781,80 nos casos de infrações gravíssimas. Se a pessoa for advertida e pôr a máscara, não será multada. Se ela se recusar a colocar, receberá a multa, qualificada pelo agente fiscalizador.

O texto estabelece que a máscara precisa tapar o nariz e a boca, e deve ser utilizada na circulação em espaços públicos e privados acessíveis a pessoas, em vias públicas e no transporte coletivo.

Fonte: <https://www.gaz.com.br/estudo-mostra-que-mascara-reduz-em-87-o-risco-de-contagio/>

POST (1)

Página do Instituto Butantan no Facebook

Publicado em 29/06/2021

Vem vacina...

→ O Butantan recebe hoje da China 1 milhão de doses prontas da Coronavac para serem entregues para o Plano Nacional de Imunizações do Ministério da Saúde. A remessa das doses prontas, que vai agilizar ainda mais a distribuição para os brasileiros da vacina do Butantan contra Covid-19, faz parte dos acordos recentes com a Sinovac, nossa parceira na produção dos imunizantes.

- ✓ Na semana passada, o Butantan recebeu diretores da Sinovac para conhecer a nova fábrica de vacinas e para estreitar ainda mais a cooperação.
- ✓ Desde janeiro, o Butantan já entregou 52,2 milhões de doses da Coronavac ao Ministério da Saúde.
- ✓ É compromisso com a ciência e com a tecnologia para salvar vidas.

#Podeconfiar #ÉdoButantan #VacinadoButantan #Butantan120Anos



Fonte: <https://www.facebook.com/ButantanOficial>

POST (2)

Blog Portal Pós

Publicado em 30/04/2021

6 lições importantes que aprendemos com a pandemia

Quando o primeiro caso de coronavírus foi confirmado no Brasil, em fevereiro de 2020, ninguém imaginava que o número de infectados iria aumentar com tamanha rapidez. No entanto, pouco tempo depois, a situação se agravou em diversos países e a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou que o mundo estava vivendo uma pandemia.

Não há como negar que, diante desse acontecimento, os hábitos da população mudaram e foi necessário realizar grandes transformações na rotina para evitar a disseminação do vírus. Além disso, com este período que estamos vivendo, tivemos alguns aprendizados importantes e que podem ser levados para o resto de nossas vidas.

Afinal, o que aprendemos com a pandemia? Ao longo do texto, você vai conhecer algumas lições que a pandemia trouxe – e até mesmo se identificar com elas. Confira!

1 – Valorizar pessoas que são importantes

Para evitar a propagação do vírus, uma das principais recomendações das autoridades é ficar em casa. Diante do isolamento social, deixamos de ter contato frequente e frente a frente com nossos amigos e familiares. Os encontros passaram a ser virtuais e os abraços apertados e calorosos foram deixados de lado.

Esse distanciamento físico fez com que percebêssemos o quanto precisamos valorizar cada momento ao lado das pessoas que são importantes para nós. Por isso, a grande lição aqui é: aproveite cada minuto ao lado de quem você ama. Curta cada segundo e lembre-se que a vida não faz pausas.

2 – Cuidar da saúde mental

O Brasil está entre os países com os maiores índices de depressão da América Latina, segundo a OMS. Há também quase 19 milhões de brasileiros ansiosos. Na pandemia, a solidão pode agravar os sintomas da doença e aumentar os níveis de ansiedade em toda a população.

Além disso, as notícias mexem com o psicológico e, aqui, percebemos o quanto importante é cuidar da saúde mental para garantir o bem-estar. Para começar, tente descansar e fazer alguma atividade que lhe traga prazer. Vale cozinhar, ler um livro, assistir uma série. Tire um tempo para você. Não hesite em procurar tratamento e realizar terapias para se sentir melhor.

3 – Ter mais empatia

Aprendemos o quanto é importante ter mais empatia e, com isso, colocar-se, mesmo que minimamente, no lugar do outro. Nesses momentos, em que há muitas incertezas, é essencial estar disposto a escutar e acolher outras pessoas de forma sincera. Um simples gesto, como o uso de máscara ao se comunicar com alguém, já mostra preocupação com o próximo.

4 – Importância da adaptação

Na pandemia, a relação entre as pessoas e o trabalho se transformou. Diversas empresas e seus colaboradores tiveram que se adaptar ao novo momento e usar o *home office* como opção de continuidade às tarefas do dia a dia. Para muitos trabalhadores, essa modalidade trouxe mais qualidade de vida, conforto e flexibilidade.

Como consequência, o trabalho remoto despertou a adaptabilidade de diversas pessoas que, em um primeiro momento, tiveram que “quebrar” a rotina, conciliar ainda mais a vida pessoal com a profissional e, ao mesmo tempo, se adaptar ao fato das relações familiares estarem ainda mais próximas do seu ambiente profissional.

5 – Mais cuidado com a higiene pessoal

Outra lição importante aprendida é em relação à higiene pessoal. Uma das formas de se prevenir do coronavírus é lavar as mãos com água e sabão e, quando

não for possível, utilizar álcool em gel. Para se ter ideia, uma pesquisa realizada em março de 2020 pelo Instituto Qualibest indica que 94% dos brasileiros mudaram seus hábitos de higiene. Essas transformações ensinam a importância de realizar ações simples para proteger a saúde.

6 – Podemos arriscar mais

A pandemia também nos ensinou a aproveitar o presente, viver o hoje e não ter medo de arriscar. Quando pensamos na vida profissional, muitas vezes temos medo de sair da zona de conforto para conquistar novas oportunidades. Mas, lembre-se que só assim você conseguirá alcançar seus objetivos e crescer profissionalmente.

Fonte: <https://blog.portalpos.com.br/licoes-importantes-pandemia>

POST (3)

Blog Conexa Saúde

Publicado em 15/03/2021

Por Manoela Caldas

Comorbidades: o que são e como podem ser preocupantes?

A pandemia do coronavírus habituou a população comum a diversos termos médicos que antes não eram usados de forma casual no dia a dia, e “comorbidades” está entre eles. Desde o início da propagação da Sars-CoV-2 entre humanos, já era sabido que pacientes idosos e com comorbidades fazem parte do grupo de risco, exigindo cuidados redobrados tanto na prevenção, quanto no tratamento. Além da Covid-19, isso se repete com diversas outras enfermidades das mais diferentes naturezas.

O que são comorbidades, afinal? E por qual motivo elas são capazes de agravar o quadro do paciente doente? Siga a leitura para entender.

O que é comorbidade?

O termo comorbidade se refere a quando um paciente tem duas ou mais doenças diagnosticadas no momento da avaliação. No caso do coronavírus, uma combinação comum que coloca os pacientes em mais risco é ter asma e diabetes, por exemplo.

Existem ainda as chamadas comorbidades silenciosas – quando o paciente sofre de enfermidades sem ter o devido diagnóstico ou tratamento adequado. Como se pode imaginar, as comorbidades silenciosas são ainda mais preocupantes.

No contexto da pandemia do coronavírus, os médicos relatam que muitos dos pacientes que não faziam o tratamento adequado das comorbidades sofriam com quadros mais graves da doença do que pessoas com as mesmas doenças preexistentes que tinham acompanhamento.

Vale ressaltar que, apesar de existir uma parcela de pacientes que têm conhecimento de suas comorbidades e optam por não tratá-las, na maioria das vezes, as comorbidades silenciosas são fruto de problemas estruturais, como falta de acesso à informação e a um sistema de saúde eficiente.

Como saber se o paciente possui comorbidades?

Você com certeza já preencheu um formulário básico que te pergunta sobre um panorama geral do seu quadro clínico. Mas é evidente que, além do relato do paciente, é certo que a equipe médica deve fazer uma bateria de exames para verificar o diagnóstico, inclusive de comorbidades silenciosas.

Por que algumas comorbidades agravam doenças como a Covid-19?

Quando um paciente com enfermidades preexistentes é diagnosticado com outra doença grave, o organismo é exposto a mais um risco e, portanto, fica mais fragilizado.

Enfermidades como o câncer diminuem a imunidade do paciente, tornando-o mais suscetível a sofrer complicações até mesmo de doenças que em um indivíduo saudável passariam despercebidas, como uma gripe.

Outro caso preocupante é quando as comorbidades afetam a mesma região. O local que já é fragilizado se torna sobrecarregado, agravando a resposta do corpo à doença. É o caso da Covid-19 e da asma, já que ambas atacam as vias aéreas.

Fonte: <https://blog.conexasaude.com.br/comorbidades-o-que-sao-e-com-podem-ser-preocupantes>

POST (4)

Blog Sem Covid

Publicado em 22/06/2021

Reinfecção pelo coronavírus: é possível ter?

A reinfecção pelo coronavírus é uma questão importante e que gera dúvida na população. Confira o post e entenda se é possível se infectar novamente após já ter tido contato com o vírus!

Em meio à pandemia da Covid-19, que afetou fortemente o país, muitas dúvidas sobre o vírus ainda circulam na sociedade. A reinfecção pelo coronavírus é uma das principais questões que despertam diversas perguntas nos brasileiros. Confira o *post* e entenda se é possível se infectar novamente após já ter tido contato com o vírus.

O risco de reinfecção pelo coronavírus é real?

Sim, existe o risco de reinfecção. Mas, em um artigo publicado na revista *Lancet*, os pesquisadores Daniel Altmann e Rosemary Boyton, do Colégio Imperial de Londres, ressaltam que, apesar dos avanços na coleta de dados e análises da Covid-19, o cálculo do risco de reinfecção ainda é algo bastante complexo.

Segundo o artigo, a maioria dos indivíduos infectados durante a primeira onda da pandemia não foi diagnosticada com o teste molecular (RT-PCR) ou sorológico. Em geral, a maior parte das pessoas também não foi internada ou tratada em hospitais, o que abre uma lacuna nos registros dos bancos de dados.

Assim, para Rodrigo Molina, infectologista e professor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), as variantes da Covid-19 elevaram o risco de reinfecção. “Temos cepas que apresentam maior capacidade de transmissibilidade circulando em todo o país, principalmente a P.1 [de Manaus]. Como elas são transmitidas com mais facilidade, há um risco maior de que quem já teve a infecção possa adquirir novamente”, afirma.

Após a reinfecção os sintomas são mais brandos?

Esse aspecto ainda não possui muitos estudos sólidos para uma conclusão clara. Mas, um estudo conduzido por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) mostrou que a segunda infecção por Covid-19 pode provocar sintomas mais fortes que a primeira. Os cientistas acompanharam um grupo de 30 pessoas, entre março e dezembro de 2020, verificando, independente de quaisquer sintomas, a presença do SARS-CoV-2 por diagnóstico molecular.

Assim, o estudo mostrou que pessoas infectadas pela primeira vez com sintomas brandos ou nenhum sintoma podem não produzir uma resposta imunológica específica, ficando suscetíveis a uma segunda infecção – inclusive ocasionada pela mesma linhagem viral.

Anticorpos contra o coronavírus

A criação de anticorpos contra a Covid-19 ainda não é algo estabelecido pela comunidade científica. Grande parte dos infectados pelo vírus apresentam uma resposta de anticorpos entre o décimo e o vigésimo primeiro dia de contaminação.

Portanto, um estudo conduzido na Suécia identificou também células T específicas para o novo coronavírus em pessoas expostas à doença, mas sem anticorpos, e em pessoas com histórico de Covid-19 assintomática ou leve.

Fonte: <http://semcovid.com.br/blog/reinfeccao-pelo-coronavirus>

POST (5)

Blog Sem Covid

Publicado em 25/05/2021

Tipos de Covid-19: conheça 6 deles descobertos por estudo

Novos tipos de Covid-19 podem se manifestar de forma diferente em cada paciente infectado. Um estudo britânico descobriu o porquê.

Os novos tipos de Covid-19 podem se manifestar de forma diferente em cada paciente infectado. Em alguns casos, ocorre o que é chamado de contaminação assintomática, onde a pessoa não sente nenhum sintoma da doença. Já em outros, os efeitos do vírus no organismo são tão fortes que levam à insuficiência respiratória. Assim, um estudo conduzido por cientistas britânicos do King's College London, do Reino Unido, acredita ter encontrado uma explicação para isso: a existência de seis tipos de Covid-19. Continue a leitura e saiba quais são eles!

O estudo

A equipe liderada por Claire Steves, autora do projeto, usou dados coletados do *Covid Symptom Study App*, um aplicativo que permite aos usuários baixar e inserir informações sobre o coronavírus, desenhado em parceria pela universidade britânica e pela ZOE – empresa de ciências da saúde que usa pesquisas orientadas por dados para lidar com os problemas de saúde do mundo.

Assim, o estudo mostrou que existem seis tipos de Covid-19, cada um com seus sintomas específicos. E para entender de que maneira tais sintomas aparecem e como se relacionam com a progressão da doença, o grupo juntou dados de 1.600 usuários que tiveram Covid-19 no Reino Unido e nos Estados Unidos entre março e abril e que registraram seus sintomas no aplicativo regularmente. Depois, o programa foi novamente testado com 1.000 usuários do Reino Unido, EUA e Suécia.

Os 6 tipos de Covid-19

A análise revelou seis grupos ou agrupamentos de sintomas que surgem em momentos específicos durante a progressão da doença. Portanto, indicando seis “tipos” diferentes de Covid-19. Confira quais são:

Tipo gripe sem febre — dor de cabeça, perda de olfato, dores musculares, tosse, dor no peito, sem febre.

Tipo gripe com febre — dor de cabeça, perda de olfato, tosse, dor de garganta, rouquidão, febre, perda de apetite.

Gastrointestinal — dor de cabeça, perda de olfato, perda de apetite, diarreia, dor de garganta, dor no peito, sem tosse.

Nível 1 grave – fadiga — dor de cabeça, perda de olfato, tosse, febre, rouquidão, dor no peito, fadiga.

Nível 2 – confusão — dor de cabeça, perda de olfato, perda de apetite, tosse, febre, rouquidão, dor de garganta, dor no peito, fadiga, confusão mental, dor muscular.

Nível 3 – quadro abdominal e respiratório — dor de cabeça, perda de olfato, perda de apetite, tosse, febre, rouquidão, dor de garganta, dor no peito, fadiga, confusão mental, dor muscular, falta de ar, diarreia, dor abdominal.

Portanto, fique atento! Se estiver com algum desses sintomas, faça um teste RT-PCR para detectar o vírus da Covid-19.

Fonte: <http://semcovid.com.br/blog/tipos-de-covid-19>

ANEXO C

Textos produzidos pelos participantes (Atividade 1)

TEXTO 1

Gênero textual: Notícia

Situação da Covid-19 em meio à vacina

Segundo o site do G1, foi constatado que diversos estados do Brasil como o Amazonas, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e etc., se encontram com a situação da Covid-19 em queda, sendo eles, os estados com o percentual de pessoas vacinadas mais alto em relação à população total. As vacinas mostram-se efetivas contra a variante Delta e outras variantes de preocupação, em contrapartida, nenhuma vacina é 100% efetiva para prevenir a doença, portanto sempre haverá uma pequena proporção de pessoas com a vacinação completa que ficará doente. Atualmente, no Brasil, 153 milhões tomaram ao menos uma dose e 51% da população está totalmente imunizada, desde o começo da vacinação já contamos com 268.937.498 doses aplicadas.

A vacina é realmente eficaz?

A eficácia de uma vacina pode ser explicada pela capacidade do imunizante em garantir proteção imunológica a um determinado agente, que nesse caso é o vírus SARS-CoV-2, ela é observada em um ambiente controlado, normalmente em testes da fase 3, e é eficaz quando produz o efeito esperado. É claro que umas vacinas apresentam mais efetividade do que outras, mas todas têm mostrado fortes mecanismos para combater a Covid-19. A vacina se mostrou 100% eficaz em casos moderados e graves e 78% eficaz nos casos leves, dessa forma, ela apresenta um alto potencial de redução do número de internações. Entre elas, a Pfizer apresenta 95% de eficácia, sendo essa a primeira vacina a ser divulgada e aprovada, a Moderna apresenta 95,5%, a Sputnik V 91,6%, a Novavax 89,3%, a AstraZeneca 70%, a Janssen 66% e a Coronavac 50,4%.



TEXTO 2

Gênero textual: *Post*

Retrospectiva

O ano de 2020 iniciou-se com a notícia do aparecimento de um novo coronavírus zoonótico, que cruzou espécies para infectar populações humanas. Esse vírus, chamado de covid 19, foi identificado pela primeira vez na China, em pessoas expostas em um mercado de frutos do mar e de animais vivos.

A exemplo dos surtos causados por dois outros coronavírus respiratórios humanos que surgiram nas últimas duas décadas, o novo COVID-19 causa doença respiratória potencialmente grave em alguns indivíduos. Após o relato pelas autoridades sanitárias da China de milhares de casos confirmados e centenas de mortes atribuídas ao novo coronavírus COVID-19.

Assim como detecção de casos em diversos países, acometendo principalmente adultos acima de 60 anos, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o surto como sendo uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional.

Pandemia de coronavírus, no entanto, colocou bilhões de pessoas em compasso de espera, na expectativa pela descoberta da imunização para o novo coronavírus; em junho, um grupo de 200 cientistas estava na missão de encontrar a cura.

Bem, hoje em dia, as coisas estão melhorando, saiu a vacina, os colégios de várias regiões no Brasil reabriram novamente, com uso obrigatório de máscara, álcool em gel e o distanciamento de até 1 metro, entre higienização de cadeiras, classes, quadro, apagador, entre outros.

A China é o maior parceiro comercial do Brasil, representando aproximadamente 30% das exportações brasileiras, sendo assim, comprando produtos de proteção conta a covid 19.

TEXTO 3**Gênero textual: *Post*****Pandemia**

A pandemia do COVID-19 tem sido um grande problema não só para o Brasil, mas para outros países também, como os Estados Unidos. Acho que essa pandemia afetou muito a economia dos países, além de causar milhares de mortes em outros países.

Várias famílias brasileiras sofreram com a COVID-19, pois além de suprimentos básicos como arroz e feijão, por exemplo, ficarem muito caros, outras mercadorias subiram de preço.

Presidentes como Jair Bolsonaro e Donald Trump não se preocupavam com o vírus que trouxe grande risco para eles mesmos, pois não perceberam a seriedade da situação naquele momento e acabaram contraindo o vírus como por exemplo Jair Bolsonaro que disse que era só uma (gripezinha). Ou seja, Presidentes de uma nação como o Brasil deviam dar exemplo de usar máscara.

TEXTO 4**Gênero textual: Artigo de opinião****Pandemia de Covid-19**

Nesses tempos de Pandemia da Covid-19 um dos maiores desafios é poder ajudar a população brasileira na compreensão em relação à autoajuda emocional, de como é possível depois de tanto tempo manter a saúde mental, a resiliência, o autoconhecimento. Uma vez que o Coronavírus causou um desgaste emocional para todo mundo. É visível como a ansiedade, o medo, a raiva se tornaram ainda mais comuns no dia a dia das pessoas.

Para suprir essa demanda alta e ajudar os brasileiros na compreensão desse momento tão intenso, diversos profissionais da psicologia estão realizando acolhimentos virtuais. Além

dos cuidados profissionais, existem também as pequenas ações do cotidiano que podem contribuir nesse processo de como iniciar uma rotina mais leve, confiante e de autocuidado.

Cada pessoa deve ter em mente de que não está sozinho e que todos estamos na mesma situação. E por esse motivo cada um de nós tem que aprender a encontrar uma maneira: uma forma de lidar com este momento. Cada um de nós não pode ficar se comparando com as outras pessoas, mas sim, tentar encontrar o que mais funciona para ele.

É normal nos sentirmos tristes, assustados, ansiosos, com medo e ainda menos produtivos em nosso trabalho do que o habitual. A pandemia e o distanciamento social geram essas diversas emoções com as quais temos dificuldades de lidar. Mas temos que ter fé que novos sentimentos são esperados, e não tem como estar 100% o tempo todo.

É interessante cada um observar as suas demandas internas, pois abafar e ignorar sentimentos não é algo saudável. Temos que tentar colocar tudo o que está acontecendo no mundo em perspectiva e relacionar ao que estamos sentindo. Procurar se colocar como parte de um todo, isso nos trará autoconhecimento e facilitará a encontrar o equilíbrio da situação.

Portanto, limite o tempo ligado nas notícias, é essencial estar informado, mas são muitos processos acontecendo ao mesmo tempo, e com certeza todos são extremamente intensos. Temos que buscar fontes oficiais para que as notícias falsas não nos afetem. É necessário confiar em si mesmo e buscar dentro de si forças para seguir em frente com persistência e bom humor.

TEXTO 5

Gênero textual: Crônica

Pandemia da Covid-19 aos olhos de uma adolescente

Não é novidade para ninguém o fato de que estamos a mais de um ano vivendo de forma "anormal", depois de todo o mundo ter sido atingido de forma surpreendentemente rápida com o vírus da Covid-19 e restrições serem aplicadas, ainda não me acostumei em ver todo mundo de máscara por aí ou fazendo um grande uso de álcool em gel, e talvez eu nem me acostume com o chamado *novo normal*. De início, eu imaginei que seria algo pequeno,

coisa de um mês ou dois, e por isso me animei ao receber a notícia da escola de que ficaríamos sem aula, mas ledo engano o meu.

Foi da tela da televisão da minha casa, e através do celular que assisti o vírus evoluir e o contágio aumentar, se tornando mais letal (e contagioso) a cada dia, e minhas possibilidades de voltar a escola ou ter um convívio normal com meus amigos e parentes se tornarem cada vez mais rasas pelo fato de eu fazer parte do grupo de risco. E por mais que eu gostasse de ficar em casa, aproveitar da minha companhia sem ter tantas pessoas ao meu redor, as coisas foram se tornando chatas, e ao que se estenderam por um ano inteiro, incluindo o ano novo e meu aniversário – minhas datas favoritas – tornaram-se insuportáveis, não via a hora da vacinação começar e tudo voltar a se encaixar. E é claro, tudo poderia ter acontecido mais cedo, se nosso Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, não tivesse dispensado a venda de vacinas para o Brasil quando nos fora oferecido, que mesmo depois de milhões de óbitos pela pandemia, ainda alegava que ela não se tratava de besteira. Nunca concordei com aquilo.

Aguentar tantos meses dentro de casa, tentando não me dispersar dos estudos e deixar que ficasse constantemente abatida com problemas e a sensação de solidão não foi algo fácil, mas necessário, era meu dever ter consciência de que ignorar as recomendações médicas colocaria não só a minha vida como de outras pessoas em risco, e justamente por isso não fui contra as palavras da minha mãe quando ela ordenou que apesar de qualquer coisa eu ficasse em casa. Acho que pra uma adolescente talvez eu tenha sido bem compreensiva com tudo isso.

Não foi surpresa, mas foi consideravelmente doloroso ver todos os países começarem a vacinação e somente nós, brasileiros, continuarmos parados no lugar com casos aumentando e as restrições ainda no máximo, sabe, parecia as vezes até provocação dos outros países quando postavam vídeos de festas quando começaram a serem liberadas do outro lado do mundo, aquilo tudo parecia um sonho bem distante.

E foi como um hino de vitória quando lotes de vacinas chegaram ao país – acho que nunca me animei tanto com a ideia de me vacinar antes –, doses sendo distribuídas por entre os estados e cidades, aos poucos as pessoas sendo vacinadas, os casos graves do contágio diminuindo gradativamente com o passar dos dias, o número de óbitos tornando-se baixo, trazendo um pouco mais de alívio à população.

E a mim também, a esperança de ter o final de uma adolescência normal.

TEXTO 6**Gênero textual: Artigo de opinião****A saúde mental das pessoas na pandemia da covid-19**

A pandemia da covid-19 afetou inúmeras coisas no Brasil e no mundo, como a economia, educação, saúde e problemas sociais. Um desses vários problemas é a saúde mental das pessoas, que ficou muito comprometida devido a tudo isso que aconteceu no período da pandemia.

A pandemia agravou muito o cenário econômico e a saúde, isso fez com que muitas pessoas ficassem com medo de perderem seus empregos e sua fonte de renda, e ao mesmo tempo, com medo de ficarem doentes ou de seus familiares contraírem a doença, e na pior das hipóteses, virem a óbito.

Essas situações podem afetar seriamente o psicológico da população, gerando extrema preocupação e causando muita ansiedade nas pessoas, o que pode resultar inclusive depressão em alguns casos. Outros fatores podem se associar a esses problemas, como o lockdown, por exemplo, que manteve muitas pessoas apenas dentro de suas casas, sem poder ver seus amigos e familiares, causando assim, uma sensação de solidão.

Recentemente, com o avanço da vacina, e a diminuição de casos da covid-19, muitas pessoas ganharam um novo ânimo e se sentiram mais aliviadas, pelo fato de poderem sair mais de casa, retomar sua rotina e reencontrar seus conhecidos. Infelizmente, muitos danos são irreversíveis, mas o que deve ser feito é seguir em frente, deixando essas coisas ruins para trás e ajudando outras pessoas que também sofreram psicologicamente, a se reorganizarem mentalmente e a reconstruírem e seguirem com suas vidas.

TEXTO 7

Gênero textual: Artigo de opinião

As consequências da Covid-19

Já estamos no final de outubro de 2021 e a pandemia de Covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, continua sendo um tópico muito forte na atualidade (graças aos 243 milhões de infectados e os quase 5 milhões de mortos) e embora as vacinas estão sendo aplicadas na população mundial há meses, a doença ainda não foi vencida e deve ser levada a sério. As consequências da Covid-19 são várias, seja num âmbito econômico/político/social/cultural/histórico (como as crises econômicas em diversos países, o despreparo dos governos frente à pandemia, a falta de auxílio à população em várias nações) quanto nas mudanças de saúde do organismo (tanto mental quanto corporal). Dentre os vários riscos à saúde podemos citar: o ganho de peso, a perda de peso, o sedentarismo, a interrupção da rotina, a mudança nos padrões alimentares, os danos à saúde mental, o estresse, o aumento no tempo de exposição a telas (TV, celular, computador, tablet etc.), os distúrbios do sono, a interrupção do acompanhamento de doenças crônicas, o fechamento das escolas e a deficiência de vitamina D.

Pessoas que tiveram quadros graves da doença e foram internadas no hospital têm chance de desenvolverem sequelas, entre as mais comuns estão tosse seca, cansaço, fraqueza muscular, dor de cabeça e perda de olfato e paladar. Os sintomas podem perdurar por algumas semanas. Também há casos de problemas cardíacos, como miocardite (inflamação no músculo do coração) e pericardite (inflamação na membrana que reveste o órgão), que podem levar a sintomas como arritmias. Outra inflamação relatada por especialistas é a miosite, que acomete os músculos e provoca riscos de fraqueza aguda e generalizada.

TEXTO 8

Gênero textual: *Post*

Serviço de delivery é seguro

Com o avanço da pandemia do coronavírus o serviço de delivery está em alta, com as pessoas tendo que ficar em casa isoladas e o comércio fechado para evitar o contágio do coronavírus, as empresas precisaram achar algum modo para continuar tendo lucro e funcionando, e nada melhor do que focar nas entregas.

Além de o delivery ficar cada vez mais abrangente, ele se tornou oportunidade de trabalho para muitas pessoas. Então, segurança, conforto sem sair de casa, e sem preocupações com a Covid-19, já pensou?



TEXTO 9**Gênero textual: *Post*****Como está a pandemia no mundo**

Estamos quase há 2 anos vivendo de uma nova forma, tendo que nos readaptarmos para um bem em comum. Hoje a pandemia já está bem mais controlada em alguns lugares do mundo, e em alguns países a pandemia já não é nem mais uma realidade, não é o caso do Brasil que já teve mais de 600 mil mortes. Agora as coisas parecem estar andando para um fim...

Aqui no Rio Grande do Sul são em média 6 mortes por dia; se compararmos com as mortes no pico da pandemia, que eram de 501 mortes por dia, poderíamos dizer que as coisas estão “melhorando”. O que está sendo essencial no combate ao coronavírus são as vacinas. Que previnem sintomas mais graves aumentando nossa imunidade, a vacina é algo essencial para todos e todos devem tomar.

Muitas vacinas estão sendo aplicadas e por conta disso a taxa de morte caiu e as coisas estão voltando ao normal, as escolas já voltaram a funcionar, mas com algumas restrições, alunos e professores devem usar máscara 100% do tempo, além de janelas e portas abertas para a ventilação do ambiente. E sempre na chegada dos alunos é obrigatório o uso de álcool em gel.

O que nos ajudou muito também foi a tecnologia, com a tecnologia atual nós conseguimos nos comunicar por chamadas de vídeo, e isso foi essencial para todo mundo, já que as pessoas puderam usar para matar a saudade umas das outras, para estudos da escola e até para o fazer reuniões de trabalho. Isso com certeza absoluta ajudou muito na pandemia atual.

TEXTO 10

Gênero textual: Crônica

A pandemia Covid-19

Devido à grave pandemia, que teve início em 2019, veremos algumas informações sobre as consequências que acabou causando. Hoje em dia a forma de viver em sociedade acabou tendo algumas mudanças, para muitas pessoas o “isolamento e ao distanciamento” acabou sendo um único ponto de vista para se livrar do vírus. Acabou sendo diversos desafios que fomos vivendo durante o ano. Muitas taxas de alta transmissibilidade acabaram colocando o mundo em crise em muitos pontos de vistas.

Além disso, toda a cadeia global teve que ser alterada a favor da pandemia, para ampliar a capacidade de uma resposta. Foi necessário chamar profissionais que já estavam aposentados para conseguir antecipar a formação de estudantes de medicina e enfermagem. Profissionais do mundo todo acabaram trabalhando para poder evitar o colapso dos sistemas. Sendo assim, foi necessário ampliar leitos de UTI, e montando hospitais de campanhas, pois não estavam vencendo, devido ao número de pessoas infectadas.

O mundo estava exigindo o esforço de cada um, para que com isso conseguisse manter um distanciamento de forma segura e muito cuidado com sua higiene básica. O objetivo disso tudo era orientar tanto os profissionais de saúde, como o público geral. Esse vírus acabou se tornando muito perigoso, pois pode causar doenças respiratórias graves, essa doença já foi vista nos anos 2.000, porém ela não se elevou, então não fez um impacto tão grande como agora.

Como o covid-19 chegou há tão pouco tempo para os cientistas, pois era uma nova doença e não tinha como saber com o que estavam lidando, demorou para eles descobrirem como ela se reproduzia, mas agora com o avanço e as vacinas, que contêm anticorpos que protegem, a pandemia acabou livrando várias vidas, porém outras nem tanto, pois as pessoas acham que é brincadeira e acabam não se cuidando.

TEXTO 11**Gênero textual: Artigo de opinião****Pandemia do covid-19**

A pandemia COVID-19 mudou a realidade e o planejamento das pessoas em todo o mundo. A incerteza sobre as doenças e seu impacto na economia global afeta cada cidadão de uma maneira particular. As medidas conhecidas para combater a transmissão viral incluem consciência individual, modificação de hábitos e um desejo coletivo de se unir para derrotar o verdadeiro inimigo: Sars-CoV-2. Com o aumento progressivo e proporcional dos resultados positivos dos exames, a ocupação de leitos clínicos e intensivos apresenta uma deterioração gradativa até atingir o cenário atual. O cansaço cresce em toda a população, e a vontade de voltar ao normal ou a uma nova norma está além da capacidade de seguir todos os protocolos - o que em algumas situações pode parecer exagerado. No entanto, a solução não é individual. O problema afeta toda a sociedade. O cumprimento dos protocolos de saúde só será possível se toda a população se responsabilizar e se unir para o benefício de todos.

A cada vida que perdemos para a Covid-19, a família e os amigos sofrem. Uma equipe de profissionais de saúde está se sentindo um fracasso. E ao sair da UTI, contando os dias de quarentena ou de luto pela perda de um ente querido, todos veem pessoas reunidas em parques, bares ou salões de baile. Neste momento, sentimentos de frustração, desesperança e desespero consomem a energia e o ideal do grupo que trabalha 24 horas por dia, 7 dias por semana desde março. Os profissionais de saúde também estão cansados. Assim como a população está cansada. Alguém que perdeu alguém para a Covid-19 se arrepende de não ter ficado em casa, ir a uma festa, ter contato com um colega, trabalhar em seu local de trabalho? Não tenha essas dúvidas. Chegou a hora de unidade, responsabilidade, solidariedade e apoio coletivo.

TEXTO 12

Gênero textual: *Post*

Sera que vem vacina de spray

O Instituto do Coração do Hospital das Clínicas (InCor) solicitou autorização de testes em humanos da potencial vacina em spray contra a covid-19. Agora, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) deve avaliar os dados apresentados e, após análise, poderá liberar os estudos clínicos de Fases I e II do imunizante em formato inédito e 100% nacional. Anvisa analisa dado para autorizar teste em humanos da vacina spray contra covid 19.

Como deve ser os teste em ser humanos ?

Caso venha ser autorizado pela Anvisa os testes contra covid 19 devem ser iniciados em Janeiro de 2022. No total os estudos contrara com 280 participantes em sete grupo – sendo que seis grupos receberão doses diferentes da vacina entre si.

Para descobrir a melhor dosagem o ultimo receberá apenas um placebo, aprevisão é que aas Fases 1 e 2 de estudo clinico tenha duração de até três meses , os pesquisadores nesse período irão analisar a segurança do potencial da vacina.

Que venha nova forma de vacinação.

TEXTO 13

Gênero textual: *Notícia*

COVID-19: redução de mortes e casos

Segundo o Boletim do Observatório da Covid-19, divulgado no dia 19/08, houve uma redução de casos pela oitava semana consecutiva. Já a taxa de mortalidade diminui 0,9%, isso tem um grande avanço por causa da vacina, já que a maioria da população já ganhou pelo menos a primeira dose da vacina contra a Covid-19. O estudo do Observatório Covid-19 apontou que a circulação do vírus ainda esta alta.

O número de casos e mortes por Covid-19 foi o número mais baixo desde janeiro deste ano no Brasil. A média de óbitos chegou a 1,03 nos últimos quatorze dias, e o número de casos novos está diminuindo também. A redução desses números já está sendo observada nas últimas semanas.

TEXTO 14

Gênero textual: Artigo de opinião

Vida diferente

Em casa, confinado e com regras para sair de casa em apenas casos necessários, muitas coisas mudaram. Até agora cada dia foi e é diferente com notícias mudando a cada instante, com todas essas mudanças, a tecnologia foi um aliado, assim todos nós tivemos que nos adaptar.

Podemos dizer que o lema da pandemia seria “se adaptar às mudanças”, muitos conseguiram porém nem todos tiveram esse feito. Nessa pandemia percebemos um grande percentual de aprendizado, muitos cursos on-line e e isso fez com que muita gente perceba-se que poderiam ampliar o currículo como exemplo, eu fui atrás de uns cursos de investimentos, aprendi muita coisa nova e hoje tenho uma boa parte do dinheiro aplicado e rendendo talvez bem mais que em uma poupança normal.

Com todas essas mudanças era óbvio que não seria só coisa boa, além do fato da COVID tivemos a depressão com crescimento de 20% no Brasil isso pelo fato de talvez não ver os amigos ou deixar de fazer algo que gostasse por tanto tempo

Então no meu ponto de vista, percebi que o ser humano é forte quando quer ser feitos com que o confinamento fosse um momento de aprendizado, tivemos mais tempos para passar com nossa família, foi momentos diferentes vividos por cada um. Talvez hoje no segundo sementaste de 2021 muita gente olhe para trás e diga eu vivi a COVID e não deixei me abalar.

ANEXO D**Textos retextualizados pelos participantes (Atividade 2)****P1 - TEXTO 1****Gênero textual: Artigo de opinião****As consequências da vacina contra a Covid-19**

Depois de passar por um ano atípico e tentar reestabelecer a vida normal, enfim alguns locais estão vencendo a Covid-19. Aqui no Brasil, é o caso dos estados do Amazonas, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e outros. Mas “vencendo” pode ser vista como uma palavra muito forte e exagerada, de fato, os números da Covid-19 em queda não significa que o vírus deixou de existir, apenas que esses lugares estão indo na direção correta para isso. Algumas pessoas podem pensar que a pandemia já acabou e não importa mais os protocolos de proteção contra a Covid-19, como o uso de máscara ou o uso de álcool em gel, ou que apenas precisa de uma dose da vacina, ambas “opiniões” estão cientificamente incorretas, o vírus não sumiu, morreu ou deixou de existir e a vacina precisa da segunda dose para mostrar uma melhor eficácia e já estão discutindo a aplicação de uma terceira dose ou “dose de reforço”.

Outro ponto é que os estados acima citados são os mais altos na porcentagem de pessoas vacinadas e população total. As vacinas mostram-se efetivas contra a variante Delta e as outras variantes de preocupação, no entanto, nenhuma vacina tem 100% de eficácia para prevenir a doença, portanto sempre haverá uma pequena porção de pessoas com a vacinação completa que ficará doente. A eficácia de uma vacina pode ser explicada pela capacidade do imunizante em garantir proteção imunológica a um determinado agente, que nesse caso é o vírus SARS-CoV-2, ela é observada em um ambiente controlado, normalmente em testes da fase 3, e é eficaz quando produz o efeito esperado. É óbvio que algumas vacinas apresentam mais efetividade do que outras, mas todas têm mostrado fortes mecanismos para combater a Covid-19.

P2 - TEXTO 2

Gênero textual: Notícia

Retrospectiva Covid -19

Muitas coisas aconteceram em um ano de Coronavírus

Desde o surgimento do Coronavírus no ano de 2020, já são mais de 80 milhões de casos confirmados da Covid-19 registrados em todo o mundo, sendo que 1,7 milhões dessas pessoas foram a óbito em decorrência da infecção, segundo dados da Universidade John Hopkins. O vírus, chamado de Covid-19, foi identificado pela primeira vez na China, em pessoas expostas em mercado de frutos do mar e de animais vivos.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a pandemia já alcançou mais de 190 países. É impossível não definir o ano de 2020, o ano deste novo agente infeccioso. Um ano extremamente desafiador para os profissionais da saúde, os cientistas e, principalmente para as pessoas comuns. A Ciência por sua vez avançou muito em pouco tempo. De uma pneumonia misteriosa até as primeiras vacinas já distribuídas e feitas até o presente momento contra a Covid-19 e devido a esses avanços o mundo melhorou bastante no combate ao SARS – CoV-2.

Tem se conhecimento que os sintomas de Covid-19 são altamente variáveis, variando de nenhum a doenças com risco de morte. Atenção especial uma vez que o vírus se espalha principalmente pelo ar quando as pessoas estão perto umas das outras. E ele deixa uma pessoa infectada quando essa respira, tosse, espirra ou fala e entra em outra pessoa pela boca, nariz ou olhos. E as medidas preventivas incluem distanciamento social, uso de máscaras faciais em público, ventilação e filtragem de ar, lavagem das mãos, cobertura da boca ao espirrar e tossir, bem como, desinfecção de superfícies e monitoramento e autoisolamento para pessoas expostas ou sintomáticas.

Os números, de uma pesquisa internacional publicada pela revista Lancet, uma das mais importantes publicações científicas do planeta, e divulgados pelo Jornal Nacional, dão uma ideia de como seria o mundo hoje sem a influência e o poder das vacinas. Para se ter uma noção da relevância dos imunizantes, segundo o mesmo estudo, desde 2000, as vacinas já evitaram as mortes de pelo menos 37 milhões de crianças em 98 países de rendas média e baixa.

Atualmente, a estabilização da pandemia no Brasil deixa a impressão de que as coisas estão melhorando, mas ainda temos 6 mil casos diários e por isso precisamos de medidas efetivas para diminuir a transmissão no Brasil.

P3 - TEXTO 3

Gênero textual: Artigo de Opinião

Pandemia

A pandemia do COVID-19 tem sido um grande problema não só para o Brasil, mas para outros países também, como os Estados Unidos. Acho que essa pandemia afetou muito a economia dos países, além de causar milhares de mortes em outros países.

Várias famílias brasileiras sofreram com a COVID-19, pois além de suprimentos básicos como arroz e feijão, por exemplo, ficarem muito caros, outras mercadorias subiram de preço.

Presidentes como Jair Bolsonaro e Donald Trump não se preocupavam com o vírus que trouxe grande risco para eles mesmos, pois não perceberam a seriedade de situação na aquele momento e acabaram contraindo o vírus como por exemplo Jair Bolsonaro que disse que era só uma (gripezinha). Ou seja, Presidentes de uma nação como o Brasil deviam dar exemplo de usar máscara.

Não foi só uma crise de saúde que o país viveu e sim um grande crise sócio econômica, com está relatado, mas nosso Presidente a acha que não é nada que já passou acrise principalmente da saúde que não precisamos mais se preocupar.

Não e bem assim, já tem variantes que estão sendo descobertas, e ja esta atingindo alguns paises e já esta no Brasil, que varias amostras foram dectadas em algumas pessoas que tiveram o sintoma da doença, a poulação tem que ficar atenta e se vacinar e não ir atraz de palavras do nosso presidente que é so uma simples gripezinha.

O que acontecerá se voltar a tudo de novo, fechamento, das escolas, do comercio, salões de eventos, em geral será que estaremos preparados para mais uma crise mundial e o governo terá essa força para sustentar o povo que vai estar vulnerável a crise tanto da saúde

como sócio econômica, já pensaram nisso, não é? Mas temos que pensar será que vale apenas se ariscar já saindo comemorar antes do tempo.

P4 - TEXTO 4

Gênero textual: Notícia

Pandemia

A pandemia do COVID-19 tem sido um grande problema mundial, afetando a economia dos países causando milhares de mortes por todo o mundo. Com a economia muito afetada, os suprimentos básicos como arroz, feijão, entre outros, ficaram muito caros. Os presidentes do Brasil e dos Estados Unidos, não perceberam a gravidade da situação, não se preocupando e acabaram contraindo o vírus da COVID-19.

P5 - TEXTO 5

Gênero textual: Notícia

Momentos Diferentes – Um novo recomeço

Estamos juntos nessa, desde quando começou a COVID 19 já perdemos diversos amigos, conhecidos ou familiares. Era metade de março quando ficamos sabendo que deveríamos fechar tudo e começar o isolamento, pensamos que iria durar no máximo um mês. Hoje estamos quase completando um ano e 8 meses de altos e baixos causados pela pandemia.

É normal nos sentirmos tristes, deprimidos, assustados, ansiosos, com o distanciamento. Lutamos para manter nossas emoções no resto, devíamos ter 100% de fé o tempo todo.

Quanto mais nos conhecemos mais equilíbrio temos e na pandemia “surgiu” isso, devemos ser nossa melhor pessoa, se colocar no lugar do outro para podermos entender o que estamos passando.

Portanto ter a mente saudável é algo super importante, você vai de 0 a 100 muito mais rápido, ganha credibilidade por ser uma pessoa melhor. Podemos perceber, pelo APP Tiktok o crescimento de influencer falando tanto de se aceitar como mudar para melhor sempre. Se acha que ta gorda tenta emagrecer, se acha que ta com algo tenta mudar.

P6 - TEXTO 6

Gênero textual: *Post*

Pandemia da Covid-19 aos olhos de um jovem

Ficar em casa trancado, enquanto você vê o mundo todo desesperado e sem saber direito como que se lida com esse vírus, é apavorante. Principalmente para um jovem que acaba vendo sua vida passar em um piscar de olhos sem aproveitar NADA dela, apenas olhando para uma tela do celular ou TV, e se virando para entender os conteúdos passado pelos professores, aquele número enorme de mortes retratado na TV, como se fosse nada para algumas pessoas, quantas pessoas ainda precisam morrer para outras darem valor para a vida? Quanto tempo mais vai ter que demorar para nós podermos ter nosso cotidiano normal de volta?

Crises de ansiedade, pânico em meio há multidões e até mesmo depressão se tornaram normais nesse ano, algum desses você deve ter, eu tenho certeza. Ficar em casa e se cuidar não é difícil, difícil é você ver alguém que ama morrendo porque você não se cuidou, cuidem-se para superarmos esse vírus mais rápido.



P7 - TEXTO 7

Gênero textual: Artigo de opinião

Consequências da Covid-19

A pandemia da Covid-19 afetou inúmeras coisas no Brasil, a estimativa de infectados e mortos concorre diretamente com o impacto sobre os sistemas de saúde. Um desses vários problemas é a saúde mental das pessoas que ficou comprometida devido a tudo isso que a pandemia proporcionou, acredito eu o principal de tudo foi o isolamento

Diversos países entraram em recessão e, na avaliação de vários economistas a economia global deverá sofrer anos até se recuperar de suas perdas da crise, essa pandemia fez com que muitas pessoas ficassem com medo de perderem seus empregos e sua fonte de renda e ao mesmo tempo com medo de se infectar ou de seus familiares contraírem a doença e o pior de tudo, virem a óbito

A pandemia provocou o aumento global em distúrbios como a depressão e a ansiedade, pois essas situações podem gerar extrema preocupação causando ansiedade nas

peessoas. Veio a ocorrer no meio disso tudo o lockdown que manteve todo mundo dentro de suas casas sem poder ver seus amigo e familiares causando assim, uma sensação de solidão

Porem com a vacina, ja esta tendo um grande avanco e os casos de corona diminuiram assim as pessoas ficaram mais aliviadas, e ver seus parentes e amigos com mais tranquilidade. Porém infelizmente varios danos são irreversiveis, e temos que lembrar de o Covid não acabou 100% então temos que cuidar ainda e respeitar o uso de mascaras e sempre se higienizando

P8 - TEXTO 8

Gênero textual: *Post*

A saúde mental das pessoas piora durante a pandemia

Nesses tempos de pandemia, um dos maiores desafios está sendo ajudar a população em relação a autoajuda emocional, de como é possível depois de tanto tempo manter a saúde mental, a resiliência, o autoconhecimento, uma vez que a Covid-19 causou um desgaste emocional em todo mundo.

Com isso, vários profissionais da psicologia estão realizando acolhimentos virtuais, e além dos cuidados profissionais, existem pequenas ações do cotidiano que contribuem nesse processo de como iniciar uma rotina mais leve, confiante e de autocuidado.

Todas as pessoas devem ter em mente de que não estão sozinhas, e que todos estamos na mesma situação, e todos nós devemos achar uma maneira de lidar com essa situação, não devemos ficar nos comparando com outras pessoas, mas sim, encontrar o que mais funciona para ela.

É normal nos sentirmos tristes, assustados, ansiosos, com medo, e menos produtivos do que o habitual devido a pandemia e o isolamento social. Porém, temos que ter fé que novos sentimentos são esperados, e não há como ficar 100% o tempo todo.

Nós não devemos abafar e ignorar esses sentimentos, temos que tentar colocar tudo o que está acontecendo no mundo em perspectiva e relacionar ao que estamos sentindo. Devemos nos colocar como um todo, então nós no autoconhecemos e encontraremos o equilíbrio da situação.

Devemos também, limitar nosso tempo nas notícias, é essencial estar informado, mas com tantos acontecimentos, devemos buscar fontes oficiais para não nos afetarmos com notícias falsas. Temos que confiar em nós mesmos e buscarmos dentro de nós forças para seguir em frente com persistência e bom humor.

P9 - TEXTO 9

Gênero textual: Notícia

COVID 19

Estamos no início de dezembro de 2021 numa pandemia causada pela Covid-19 (CORONAVIROS), em média foi registrado cerca de 243 milhões de infectados e quase 5 milhões de mortos . Hoje em dia a vacina da COVID já está em uso podendo se vacinar em 2 doses.

Sendo as pessoas que tiveram contato com esse vírus estão internado em hospitais com esperança de se salvar, pessoas que tiveram alta da internação saíram com sequelas EX: cansaço, fraqueza muscular, perda de olfato e paladar, tosse seca entre outras.

Levando a sério as consequências da COVID 19 são várias seja num âmbito econômico/político/social/cultural/histórico (como as crises econômicas em diversos países, o despreparo dos governos em frente à pandemia, a falta de auxílio à população em várias nações).

Bem cerca de 55% da população do nosso país já está vacinado conta o vírus sendo que muitos pessoas discordam que a vacina é eficaz.

P10 - TEXTO 10**Gênero textual: Artigo de opinião****Delivery na Pandemia**

O delivery antes da pandemia era de 3% de faturamento mas com o começo da pandemia do Covid-19 aumentou 30% ou seja as compras por delivery multiplicaram por 10 e ganho grande importância estratégica.

Além de ajudar muitas pessoas com empregos acho que a profissão de delivery é muito importante principalmente na pandemia onde tudo está mais difícil por conta de não sair de casa e etc.

Atualmente os serviços de delivery vem aumentando gerando mais lucros com as entregas seja de alimentos produtos importados ou de itens específicos como itens de alta periculosidade como armamentos e etc.

Bom acho que o serviço de delivery muito importante.

P11 - TEXTO 11**Gênero textual: Crônica****Serviço de delivery é seguro**

Com o avanço da pandemia do coronavírus o serviço de delivery está em alta, pelo fato de tudo ter acontecido de forma tão rápida as empresas obviamente tiveram que dar um jeito de não ter tantas perdas com o lucro, e a melhor saída foi o serviço de delivery, rápido, prático e seguro. Assim, as pessoas podiam continuar consumindo seus produtos sem precisar colocar sua saúde em risco.

E não é que mesmo tendo sido uma medida tomada às pressas deu certo? foi algo que bombou, mesmo com o preço caríssimo das coisas e taxa de entrega, eu mesma cheguei a pedir várias vezes quando sentia vontade de comer algo diferente. Não sei se realmente é uma medida 100% segura, porque não temos como ter certeza de nada, mas é uma boa solução

para diminuir o contágio e as aglomerações, mas não é porque você vai receber o pedido na sua casa que precisa desprezar as normas de segurança, não seja bobo, máscara e álcool em gel são necessários até mesmo para receber o que encomendou. Mesmo com a diminuição de restrições do governo, o número de pedidos feitos virtualmente por aplicativos, para delivery não diminuiu, parece que todos já se acostumaram com essa ideia de ter a comida do seu restaurante favorito dentro de casa. E isso não é ruim não, evitamos assim ficar em lugares cheios e com pessoas desconhecidas, quanto menos contato com outras pessoas é melhor, pelo menos para que uma nova onda não chegue com tudo, e por mais que as empresas sejam aquelas que mais lucram financeiramente com isso, assim nos protegemos. Lembre-se: vacina não elimina cuidados, continue usando máscara.